

As Memórias de Sherlock Holmes

Arthur Conan Doyle

APRESENTAÇÃO

Sir Arthur Conan Doyle (1859-1930) foi médico e escritor. Sua obra contempla gêneros tão diversos quanto a ficção científica, as novelas históricas, a poesia e a não ficção. Sem dúvida, porém, seu maior reconhecimento vem dos contos e romances do detetive Sherlock Holmes e seu fiel parceiro e amigo, o dr. Watson.

Os contos nunca deixaram de ser reimpressos desde que o primeiro deles foi publicado, em 1891, e os romances foram traduzidos para quase todos os idiomas. Centenas de atores encarnaram a dupla nos palcos, no rádio e nas telas; revistas e livros sobre o detetive são lançados todo ano; fã-clubes reúnem-se com regularidade. Infinitamente imitado, parodiado e citado, Holmes já foi identificado como uma das três personalidades mais conhecidas do mundo ocidental, ao lado de Mickey Mouse e do Papai Noel.

Os doze contos que integram publicados entre dezembro de 1892 e dezembro de 1893, na *Strand Magazine*, periódico britânico que, em 1891, levou os casos e a figura do detetive ao conhecimento do grande público. Arthur Conan Doyle era um sucesso absoluto de vendas – estimou-se que seu nome na capa da revista aumentava sua circulação em 100 mil exemplares –, e pela soma sem precedentes de mil libras aceitou escrever este novo lote de contos. Mas o fantástico Sherlock se tornou um peso: “O Problema Final” revela aos leitores a luta decisiva entre Holmes e seu arquirrival, o professor Moriarty – e consta que depois disso 20 mil pessoas cancelaram suas assinaturas...

Analisando os recursos literários de Conan Doyle, temos uma narrativa que casa perfeitamente diálogo, descrição, caracterização e *timing*. A modéstia aparente de sua linguagem oculta um profundo reconhecimento da complexidade humana. E repare-se como o autor é hábil em colocar o leitor entre seus dois grandes protagonistas, “a meio caminho,” como diz John le Carré: Holmes é genial, e o leitor nunca o alcançará (e talvez nem queira); mas nem por isso deve desanimar, pois é mais perspicaz que o dr. Watson...

A presente edição traz o texto publicado na *Strand Magazine* e quarenta ilustrações originais de Sidney Paget, o clássico ilustrador das histórias do grande detetive de Baker Street.

SILVER BLAZE

“PARECE QUE TEREI mesmo de ir, Watson”, disse Holmes certa manhã quando nos sentamos para nosso desjejum.

“Ir! Para onde?”

“Para Dartmoor King’s Pyland.”

Não fiquei surpreso. Na verdade, só o que me espantava era que ele ainda não estivesse envolvido naquele caso extraordinário, a única coisa de que se falava em toda a Inglaterra. Meu companheiro passara um dia inteiro perambulando pela sala, o queixo enfiado no peito e as sobrelhas cerradas, enchendo e voltando a encher seu cachimbo com um fumo preto fortíssimo e absolutamente surdo às minhas perguntas ou observações. Novas edições de todos os jornais lhe haviam sido enviadas por nosso jornalista, para receberem apenas uma vistad’olhos e serem jogadas num canto. Contudo, por mais silencioso que ele estivesse, eu sabia perfeitamente bem sobre o que matutava. Só havia um problema perante o público capaz de desafiar seus poderes de análise: o singular desaparecimento do favorito para a Copa de Wessex e o trágico assassinato de seu treinador. Portanto, ao anunciar subitamente sua intenção de partir para o cenário do drama, ele fazia o que eu ao mesmo tempo esperava e desejava.

“Ficaria extremamente feliz em ir com você, se não for atrapalhá-lo”, disse eu.

“Meu caro Watson, você me faria um enorme favor indo comigo. E penso que não perderá seu tempo, porque o caso tem aspectos que prometem torná-lo absolutamente incomparável. Parece-me que temos justo o tempo necessário para pegar nosso trem em Paddington; durante a viagem me alongarei sobre o assunto. Ficaria muito agradecido se levasse consigo seu excelente binóculo.”

Assim foi que, cerca de uma hora mais tarde, vi-me no canto de um vagão de primeira classe, voando rumo a Exeter, enquanto Sherlock Holmes, o semblante arguto e impaciente emoldurado por seu boné de viagem com protetores para as orelhas, mergulhava rapidamente no monte de jornais novos que comprara em Paddington. Já havíamos deixado Reading para trás quando Holmes jogou o último deles embaixo do assento e me estendeu sua charuteira.

“Estamos indo numa boa marcha”, disse, olhando pela janela e relanceando seu relógio. “Nossa velocidade neste momento é de cinquenta e três milhas e meia por hora”.

“Não notei os marcos de quarto de milha”, observei.

“Eu tampouco. Mas os postes telegráficos nesta linha estão a sessenta jardas uns dos outros, e o cálculo é simples. Você prestou alguma atenção a esse assunto do assassinato de John Straker e do desaparecimento de Silver Blaze?”

“Li o que o *Telegraph* e o *Chronicle* têm a dizer.”

“Este é um daqueles casos cuja análise depende mais da arte de esquadriñar detalhes que da obtenção de novos indícios. A tragédia foi tão incomum, tão completa, de tamanha importância pessoal para tanta gente, que estamos sofrendo de um excesso de suposições, conjecturas e hipóteses. A dificuldade está em dissociar a estrutura dos fatos — fatos absolutos, inegáveis — dos embelezamentos feitos por teóricos e repórteres. Depois, tendo nos firmado sobre essa base sólida, compete-nos ver que inferências podem ser feitas e quais são os pontos específicos em torno dos quais todo o mistério gira. Na terça-feira à noite, recebi telegramas do coronel Ross, o proprietário do cavalo, e também do inspetor Gregory, que está investigando o caso, solicitando minha cooperação.”

“Terça-feira à noite!” exclamei. “Estamos na manhã de quinta-feira. Por que não viajou ontem?”

“Porque cometi uma tolice, meu caro Watson — o que, aliás, é uma ocorrência muito mais comum do que pensariam os que só me conhecem através das suas memórias. O fato é que não consegui acreditar que o cavalo mais extraordinário da Inglaterra pudesse ficar muito tempo escondido, em especial num lugar tão esparsamente habitado como o norte de Dartmoor. Passei cada hora do dia de ontem esperando ouvir que ele fora encontrado e que seu raptor era o assassino de John Straker. Mas quando uma outra manhã havia chegado e constatei que, além da detenção do jovem Fitzroy Simpson, nada havia sido feito, senti que chegara a hora de entrar em ação. Apesar disso, de certo modo, tenho a impressão de que o dia de ontem não foi desperdiçado.”

“Então elaborou uma teoria?”

“Pelo menos consegui depreender os fatos essenciais do caso. Vou enumerá-los para você, pois nada melhor para elucidar um problema que expô-lo para outra pessoa, e certamente não posso esperar sua cooperação se não lhe mostrar nossa posição inicial.”

Recostei-me nas almofadas, soltando baforadas do meu charuto, enquanto Holmes, inclinado para a frente, marcando os pontos na palma da mão esquerda com seu comprido e magro dedo indicador, fez-me um esboço dos fatos que haviam ocasionado nossa viagem.

“Silver Blaze”, disse, “é da estirpe do Isonomy e tem uma ficha tão brilhante quanto a de seu famoso ancestral. Está com cinco anos agora e arrebatou todos os prêmios do turfe para o coronel Ross, seu feliz proprietário. Até o momento da catástrofe, era o favorito absoluto para a Copa Wessex, pagando três por um. Mas, mesmo pagando tão pouco, como sempre foi um favorito absoluto em meio ao público do turfe e nunca o decepcionou, enormes somas de dinheiro foram apostadas nele. É óbvio, portanto, que há muita gente extremamente interessada em impedir que Silver Blaze esteja lá quando for dada a largada na próxima terça-feira.

“Isso foi compreendido, é claro, em King’s Pyland, onde se situa o haras de treinamento do coronel. Tomaram-se todas as precauções para vigiar o favorito. O treinador, John Straker, é um jóquei aposentado que correu com as cores do coronel Ross até ficar pesado demais. Serviu ao coronel cinco anos como jóquei e sete como treinador, sempre se provando funcionário zeloso e honesto. Tinha três rapazes sob seu comando, porque o estabelecimento era pequeno, com não mais que quatro cavalos. Toda noite um deles ficava de vigia na cocheira, enquanto os outros dormiam no celeiro. Todos os três têm excelente caráter. John Straker, que é casado, morava numa casa a cerca de cento e oitenta metros das cocheiras. Não tem filhos, mantém uma criada em casa e goza de boa situação financeira. A região é muito erma, mas menos de um quilômetro ao norte há um pequeno conjunto de casas, construído por um empreiteiro de Tavistock para pessoas doentes e outras que desejassem gozar do ar puro de Dartmoor. A própria Tavistock situa-se a pouco mais de três quilômetros a oeste, ao passo que do outro lado da charneca, também a uns três quilômetros de distância, fica o haras maior de Capleton, que pertence a Lord Backwater e é administrado por Silas Brown. Em todas as outras direções, a charneca é um completo deserto, habitado apenas por um punhado de ciganos errantes. Essa era a situação na noite da segunda-feira passada, quando a catástrofe aconteceu.

“Naquela noite, às nove horas, depois que os cavalos haviam sido exercitados e levados para beber água, como de costume, as cocheiras foram trancadas. Dois dos rapazes caminharam até a casa do treinador, onde cearam na cozinha, enquanto o terceiro, Ned Hunter, ficou de guarda. Alguns minutos depois das nove, a criada, Edith Baxter, saiu em direção às cocheiras com a ceia dele, que consistia de um prato de carneiro ao curry. Não levou nenhum líquido, porque havia uma torneira na cocheira e uma regra ditava que o rapaz de serviço só devia beber água. Tinha consigo uma lanterna, porque estava muito escuro e o caminho atravessava a charneca descampada.

“Edith Baxter encontrava-se a menos de trinta metros da cocheira quando um homem surgiu das trevas e mandou que parasse. Quando ele entrou no círculo de luz amarela projetada pela lanterna, ela viu que era uma pessoa com porte de cavaleiro, trajando um terno cinza de *tweed* e um boné de pano. Usava polainas e levava uma bengala pesada com um castão bojudo. O que mais a impressionou, contudo, foi a extrema palidez do rosto do desconhecido e o nervosismo de suas maneiras. Pareceu-lhe ter provavelmente mais de trinta anos.

“‘Pode me dizer onde estou?’ perguntou o homem. ‘Eu havia quase decidido dormir na charneca quando vi a luz da sua lanterna.’

“‘Está perto do haras de King’s Pyland’, respondeu ela.

“‘Oh, não diga! Que golpe de sorte!’ exclamou ele. ‘Pelo que soube, um cavaliço dorme lá sozinho todas as noites. Talvez seja a ceia dele que está

levando agora. Bem, tenho certeza de que a senhorita não seria orgulhosa a ponto de recusar o preço de um vestido novo, seria?" Tirou do bolso do colete um pedaço de papel branco dobrado. 'Entregue isto ao rapaz esta noite e terá o mais lindo vestido que o dinheiro pode comprar.'

"Assustada com a impetuosidade do homem, a moça correu até a janela por onde costumava entregar as refeições. Encontrou-a já aberta e Hunter abancado a uma mesinha lá dentro. Começara a lhe contar o que acontecera quando o estranho reapareceu.

"'Boa noite', disse ele, olhando pela janela. 'Queria trocar algumas palavras com você.' A moça jurou que, enquanto ele falava, notou a pontinha do papel saindo-lhe da mão fechada.

"'O que está querendo por aqui?'" perguntou o rapaz.



“Um homem surgiu das trevas.”
[Sidney Paget, *Strand Magazine*, 1892]

“Um negócio que talvez lhe renda algum dinheiro”, disse o outro. “Vocês têm dois cavalos para a Copa Wessex — Silver Blaze e Bayard. Dê-me o palpite certo e não sairá perdendo. É verdade que, pela pesagem, Bayard poderia dar ao outro cem metros de vantagem em um quilômetro e que o haras jogou seu dinheiro

nele?”

“Então é um desses malditos vendedores de informações de cocheira? Vou lhe mostrar como os tratamos em King’s Pyland.” De um salto, o rapaz correu até o outro lado da cocheira para soltar o cachorro. A moça fugiu para a casa, mas na fuga olhou para trás e viu o estranho debruçado na janela. Um minuto depois, no entanto, quando Hunter se precipitou com o cão de caça, o homem tinha desaparecido, e, embora o rapaz tenha corrido em volta de todos os prédios, não conseguiu encontrar vestígio dele.”

“Um momento”, pedi. “Teria o cavalição deixado a porta destrancada atrás de si ao sair com o cachorro?”

“Excelente, Watson, excelente!” murmurou meu companheiro. “Esse detalhe me pareceu de tal importância que enviei um telegrama para Dartmoor ontem para elucidá-lo. O rapaz trancou a porta ao sair. A janela, posso acrescentar, não era grande o bastante para dar passagem a um homem.

“Depois que os outros cavalições voltaram, Hunter mandou um bilhete ao treinador, informando-o do que acontecera. Straker ficou nervoso ao ouvir o relato, embora não pareça ter compreendido seu verdadeiro significado. De todo modo, aquilo o deixou vagamente incomodado, e Mrs. Straker, acordando à uma da manhã, deu com ele se vestindo. Em resposta às perguntas da mulher, o treinador disse que não conseguia dormir por estar preocupado com os cavalos e pretendia ir até as cocheiras ver se estava tudo em ordem. Ela lhe implorou que ficasse em casa, pois podia ouvir o tamborilar da chuva contra a janela, mas apesar dessas súplicas ele vestiu sua grande capa impermeável e saiu.

“Ao acordar, às sete da manhã, Mrs. Straker constatou que o marido ainda não voltara. Vestiu-se depressa, chamou a criada e rumou para as cocheiras. A porta estava aberta; lá dentro, viu Hunter, encolhido numa cadeira, mergulhado num estado de estupor absoluto; a baía do favorito estava vazia e não havia sinal do treinador.

“Os dois rapazes que dormiam no celeiro, sobre o quarto dos arreios, foram rapidamente despertados. Ambos tinham sono pesado e relataram nada ter ouvido durante a noite. Hunter encontrava-se obviamente sob a influência de uma droga poderosa, e como não falava coisa com coisa, deixaram-no dormindo enquanto os dois rapazes e as duas mulheres saíram à procura dos desaparecidos. Ainda tinham esperança de que o treinador, por alguma razão, tivesse levado o animal para fazer exercícios matinais; ao subir o outeiro próximo da casa, de onde se podia divisar todas as charnecas da vizinhança, porém, não conseguiram avistar nenhum sinal do favorito; perceberam contudo alguma coisa que os advertiu de que estavam em presença de uma tragédia.

“A cerca de quatrocentos metros das cocheiras, preso aos galhos de um tojo, agitava-se o sobretudo de John Straker. Imediatamente depois havia uma depressão em forma de tigela na charneca, e no fundo dela encontraram o

cadáver do infeliz treinador. Tivera a cabeça esmigalhada por um golpe violento desferido com uma arma pesada; apresentava também um ferimento na coxa: um corte longo e limpo, infligido evidentemente por um instrumento muito afiado. Estava claro, contudo, que Straker havia se defendido vigorosamente de seus agressores, pois segurava na mão esquerda uma faquinha ensanguentada até o cabo, ao passo que na direita agarrava uma gravata de seda vermelha e preta, que foi reconhecida pela criada como a usada na noite anterior pelo estranho que aparecera nas cocheiras. Hunter, ao se recobrar de seu estupor, foi também categórico quanto ao dono da gravata. Mostrou-se igualmente convicto de que o mesmo estranho, enquanto ficara de pé junto da janela, havia misturado uma droga ao seu carneiro ao curry, privando assim as cocheiras de seu vigia. Quanto ao cavalo desaparecido, na lama acumulada no fundo da cavidade fatal havia provas abundantes de que ele estava lá no momento da luta. Mas desde aquela manhã estava desaparecido, e embora uma grande recompensa tivesse sido oferecida, e todos os ciganos de Dartmoor tivessem sido alertados, não se recebera nenhuma notícia dele. Por fim, uma análise mostrou que os restos da ceia deixados pelo cavaleiro continham apreciável quantidade de ópio em pó, embora as pessoas da casa tivessem comido o mesmo prato naquela noite sem nada sofrer.

“Estes são os principais fatos do caso, despidos de toda suposição e expressos da maneira mais crua possível. Passo agora a recapitular o que a polícia fez.

“O inspetor Gregory, a quem o caso foi entregue, é um oficial de extrema competência. Se tivesse sido aquinhoado com o dom da imaginação, poderia galgar altos postos em sua profissão. Ao chegar, encontrou e deteve rapidamente o homem sobre o qual a suspeita caía naturalmente. Houve pouca dificuldade em localizá-lo, porque era extremamente conhecido nas vizinhanças. Seu nome, parece, é Fitzroy Simpson. É um homem de excelente berço e educação, que esbanjou uma fortuna no turfe e vivia agora fazendo uma tranquila e elegante corretagem nos clubes esportivos de Londres. Um exame de seus apontamentos revelou apostas num total de cinco mil libras contra o favorito. Ao ser preso, declarou que fora a Dartmoor na esperança de obter alguma informação sobre os cavalos de King's Pyland, e também sobre Desborough, o segundo favorito, a cargo de Silas Brown no haras de Capleton. Não tentou negar que agira como descrito na noite anterior, mas declarou que não tinha nenhuma intenção sinistra e desejava simplesmente obter alguma informação de primeira mão. Quando lhe mostraram sua gravata, ficou muito pálido e foi completamente incapaz de explicar a presença dela na mão do assassinado. Suas roupas molhadas mostravam que estivera exposto à tempestade da noite anterior, e sua bengala, uma Penang lawyer reforçada com chumbo, era uma arma perfeitamente capaz de, mediante golpes repetidos, ter infligido ao treinador os terríveis ferimentos que o mataram. Por outro lado, não havia nenhum ferimento em sua

pessoa, ao passo que o estado da faca na mão de Straker mostrava que pelo menos um de seus agressores devia ter a marca dela no corpo. Este é o resumo da história toda, Watson, e se você puder me dar alguma luz eu lhe serei infinitamente grato.”



“Encontraram o cadáver do infeliz treinador.”
[Sidney Paget, *Strand Magazine*, 1892]

Eu ouvira com o maior interesse o relato que Holmes me fizera, com a clareza que lhe era peculiar. Embora tivesse conhecimento da maior parte dos fatos, não havia apreciado suficientemente sua importância relativa, nem suas ligações mútuas.

“Não seria possível”, sugeri, “que o ferimento incisivo que Straker apresenta tenha sido causado por sua própria faca, nas lutas convulsivas que acompanham qualquer ferimento cerebral?”

“É mais que possível; é provável”, disse Holmes. “E nesse caso um dos principais pontos em favor do acusado desaparece.”

“Mesmo assim”, disse eu, “ainda não consigo entender qual poderia ser a teoria da polícia.”

“Suspeito que qualquer teoria que elaborem encontrará graves objeções”, retrucou meu companheiro. “A polícia imagina, suponho, que esse Fitzroy Simpson, depois de drogar o rapaz e de obter de algum modo uma cópia da chave, abriu a porta da cocheira e tirou o cavalo, com a intenção, aparentemente, de sequestrá-lo. A brida do animal desapareceu, logo esse Simpson deve tê-la colocado nele. Depois, tendo deixado a porta aberta atrás de si, levava o cavalo embora pela charneca quando o treinador o encontrou ou alcançou. Seguiu-se uma luta, naturalmente. Simpson arrebentou os miolos do treinador com sua pesada bengala, sem ser atingido pela faquinha que Straker usou para se defender; em seguida, ou o ladrão levou o cavalo para algum esconderijo secreto, ou o animal pode ter escapado durante a luta e estar vagando pelas charnecas agora. Este é o caso tal como se apresenta aos olhos da polícia, e, por mais improvável que seja, todas as outras explicações são ainda mais improváveis. Seja como for, porei a questão à prova muito brevemente quando estiver no local; até lá, realmente não vejo como poderíamos ir muito mais longe do que estamos agora.”

Já entardecia quando chegamos ao vilarejo de Tavistock, que se situa, como a broca de um escudo, no meio do enorme círculo de Dartmoor. Dois cavaleiros nos esperavam na estação — um era um homem alto, o cabelo como uma juba de leão, barba e olhos azul-claros curiosamente argutos; o outro era baixo, alerta, muito elegante e garboso, de sobrecasaca e polainas, pequenas costeletas muito bem aparadas e óculos. Este último era o coronel Ross, o conhecido esportista; o outro, o inspetor Gregory, homem que vinha fazendo seu nome rapidamente no departamento de investigação da polícia inglesa.

“Fico muito satisfeito com sua vinda, Mr. Holmes”, disse o coronel. “O inspetor aqui fez tudo que teria sido possível imaginar, mas não quero deixar pedra sobre pedra na tentativa de vingar o pobre Straker e de recuperar meu cavalo.”

“Alguma novidade?” perguntou Holmes.

“Lamento dizer que fizemos pouco progresso”, respondeu o inspetor. “Temos

um carro aberto lá fora, e, como o senhor sem dúvida gostaria de ver o lugar antes que escureça, poderíamos conversar no caminho.”

Um minuto depois estávamos todos sentados num confortável landau, chocalhando por aquele antigo e pitoresco vilarejo do Devonshire. Completamente envolvido em seu caso, o inspetor Gregory despejou sobre nós uma torrente de observações, enquanto Holmes fazia uma pergunta ou interjeição ocasional. O coronel Ross permaneceu recostado, de braços cruzados, o chapéu caído sobre os olhos, enquanto eu ouvia com interesse o diálogo dos dois detetives. Gregory formulava sua teoria, que era quase exatamente a que Holmes previra no trem.

“A rede está se fechando em torno de Fitzroy Simpson”, observou, “e, pessoalmente, acredito que ele é o nosso homem. Ao mesmo tempo, reconheço que as provas são puramente circunstanciais e que algum novo desdobramento pode perturbá-las.”

“E quanto à faca de Straker?”

“Estamos absolutamente convencidos de que ele mesmo se feriu ao cair.”

“Meu amigo dr. Watson sugeriu-me isso enquanto vínhamos. Nesse caso, isso deporá contra esse Simpson.”

“Sem dúvida alguma. Ele não tem faca nem sinal algum de ferimento. As provas contra ele são certamente muito fortes. Tinha grande interesse no desaparecimento do favorito. Pesa sobre ele a suspeita de ter envenenado o cavaliço; esteve sem dúvida ao relento durante a tempestade; estava armado com uma bengala pesada e sua gravata foi encontrada na mão do morto. Realmente acho que temos material suficiente para apresentar a um júri.”

Holmes sacudiu a cabeça. “Um advogado esperto poderia desmantelar tudo isso”, disse. “Por que tiraria o cavalo da cocheira? Se queria feri-lo, por que não fazer isso lá mesmo? Encontraram uma duplicata da chave com ele? Que boticário lhe vendeu ópio em pó? Acima de tudo, como poderia ele, um homem que não conhece o distrito, esconder um cavalo, e logo um cavalo tão excepcional? Que explicação ele mesmo dá para o papel que desejava que a criada entregasse ao cavaliço?”

“Ele diz que era uma nota de dez libras. Encontraram uma na carteira dele. Mas as outras dificuldades que o senhor levanta não são tão tremendas quanto parecem. Ele não desconhece o distrito. Hospedou-se duas vezes em Tavistock durante o verão. O ópio provavelmente foi comprado em Londres. A chave, tendo servido a seu propósito, deve ter sido jogada longe. O cavalo pode estar no fundo de um dos poços ou minas antigas que existem pela charneca.”

“Que diz ele sobre a gravata?”

“Reconhece que é dele e declara que a perdeu. Mas um novo elemento introduzido no caso pode explicar por que tirou o cavalo da cocheira.”

Holmes apurou os ouvidos.

“Encontramos vestígios que mostram que um bando de ciganos acampou na noite de segunda-feira a cerca de um quilômetro e meio do local do assassinato. Na terça já haviam ido embora. Ora, presumindo que houve algum entendimento entre Simpson e esses ciganos, não poderia ele estar lhes levando o cavalo quando foi alcançado, e não poderiam eles estar de posse do animal agora?”

“Certamente é possível.”

“Estão esquadrinhando a charneca à procura desses ciganos. Examinei também cada estrebaria e celeiro em Tavistock, e num raio de quinze quilômetros.”

“Há um outro haras de treinamento bem próximo, não é?”

“Há, e esse é um fator que certamente não devemos desprezar. Como Desborough, o cavalo deles, estava em segundo lugar nas apostas, eles tinham interesse no desaparecimento do favorito. Sabe-se que Silas Brown, o treinador, fez apostas de vulto, e não era nada amigo do pobre Straker. Mas examinamos as cocheiras e não há nada que o vincule ao caso.”

“E nada que vincule esse Simpson aos interesses do haras de Capleton?”

“Absolutamente nada.”

Holmes recostou-se na carruagem e a conversa cessou. Minutos mais tarde nosso cocheiro parou diante de uma bonita casa de tijolos vermelhos e beirais salientes, próxima da estrada. A alguma distância, do outro lado de um padoque, erguia-se um galpão de telhas cinza. Em todas as outras direções, as curvas suaves da charneca, a que samambaias murchas conferiam uma cor de bronze, estendiam-se até a linha do horizonte, quebradas apenas pelos campanários de Tavistock e por um punhado de casas a oeste, que assinalavam o haras Capleton. Saltamos todos, com exceção de Holmes, que continuou recostado, os olhos fixos no céu diante de si, inteiramente absorto em seus pensamentos. Só despertou, com forte sobressalto, quando lhe toquei o braço, e desceu da carruagem.

“Desculpe-me”, disse, virando-se para o coronel Ross, que lhe lançara um olhar um tanto surpreso. “Eu estava devaneando.” Havia em seus olhos um lampejo e em suas maneiras um alvoroço contido que me convenceram, acostumado como eu estava com seu jeito, de que ele tinha as mãos numa pista, embora eu não pudesse imaginar onde a descobrira.

“Talvez prefira ir imediatamente à cena do crime, Mr. Holmes?” perguntou Gregory.

“Acho que preferiria ficar aqui um pouco e considerar uma ou duas questões de detalhe. Straker foi trazido de volta para cá, suponho?”

“Sim, o corpo está no segundo andar. O inquérito é amanhã.”

“Ele o servia há alguns anos, não é, coronel Ross?”

“Sempre o considerei um excelente empregado.”

“Suponho que tenha feito um inventário do que ele tinha nos bolsos quando

morreu, inspetor...”

“Tenho as próprias coisas ali na sala, se quiser vê-las.”

“Gostaria muito.” Entramos todos na sala da frente e sentamo-nos em torno da mesa central, enquanto o inspetor destrancava uma caixa quadrada de metal e espalhava várias coisas diante de nós. Havia uma caixa de fósforos de cera, um toco de vela de sebo de uns cinco centímetros, um cachimbo A.D.P. de raiz de urze-branca, uma tabaqueira de pele de foca com uns quinze gramas de fumo Cavendish *long-cut*, um relógio de prata com corrente de ouro, cinco soberanos de ouro, um porta-lápis de prata, alguns papéis e uma faca com cabo de marfim e lâmina muito delicada, inflexível, com a marca “Weiss & Co., Londres”.

“Esta é uma faca muito singular”, disse Holmes, erguendo-a e examinando-a minuciosamente. “Como vejo marcas de sangue nela, suponho que foi a que encontraram na mão do morto. Watson, tenho impressão de que esta faca é do seu ramo, não?”

“É o que chamamos de faca de catarata”, respondi.

“Foi o que pensei. Uma lâmina muito delicada, destinada a trabalho muito delicado. Coisa estranha para um homem carregar consigo numa expedição rude, especialmente porque não caberia em seu bolso.”

“A ponta era protegida por um disco de cortiça que encontramos ao lado do corpo”, disse o inspetor. “A mulher dele nos contou que essa faca estivera por alguns dias sobre a penteadeira e que ele a pegara ao deixar o quarto. Era uma arma ruim, mas talvez tenha sido a melhor em que pôde pôr as mãos naquele momento.”

“É muito possível. E estes papéis?”

“Três são recibos de fornecedores de feno. Um é uma carta de instruções do coronel Ross. Este outro é uma conta de trinta e sete libras e quinze *pence* enviada por uma modista, Madame Lesurier, de Bond Street, para William Derbyshire. Segundo Mrs. Straker, Derbyshire era um amigo do marido e ocasionalmente suas cartas eram endereçadas para cá.”

“Madame Derbyshire tinha gostos um pouco dispendiosos”, observou Holmes, dando uma espiada na conta. “Vinte e dois guinéus é um preço salgado para um único figurino. Bem, parece não haver mais nada a apurar; agora podemos descer à cena do crime.”

Quando saíamos da sala, uma mulher, que estivera esperando no corredor, deu um passo adiante e agarrou a manga do inspetor. No seu rosto magro, desfigurado e aflito via-se a marca de um choque recente.

“Pegou-os? Encontrou-os?” perguntou, arquejante.

“Não, Mrs. Straker. Mas aqui está Mr. Holmes, veio de Londres para nos ajudar e faremos tudo que for possível.”



“Encontrou-os?” perguntou, arquejante.”
[Sidney Paget, *Strand Magazine*, 1892]

“Estou certo de que a conheci num *garden-party* em Plymouth pouco tempo atrás, Mrs. Straker!” disse Holmes.

“Não, senhor; está enganado.”

“Mas como! Teria podido jurar. Usava um modelo de seda bege enfeitado com plumas de avestruz.”

“Nunca tive um vestido assim, senhor”, respondeu a dama.

“Ah, isso esclarece a coisa”, disse Holmes. E com um pedido de desculpas, foi atrás do inspetor. Uma curta caminhada pela charneca nos levou à cavidade em que o corpo fora encontrado. Na beirada dela via-se o tojo em que o casaco ficara pendurado.

“Não havia nenhum vento aquela noite, pelo que entendi”, disse Holmes.

“Nenhum, mas caía uma chuva pesada.”

“Nesse caso, o sobretudo não se enganchou nesse arbusto, foi posto sobre ele.”

“Sim, estava sobre ele.”

“Isso me deixa muito intrigado. Percebo que o chão foi muito pisoteado. Sem dúvida muitos pés passaram por aqui desde segunda-feira à noite.”

“Um capacho foi posto aqui do lado, e todos ficamos sobre ele.”

“Excelente.”

“Neste saco, tenho uma das botas que Straker usou, um dos sapatos de Fitzroy Simpson e uma ferradura de Silver Blaze.”

“Meu caro inspetor, o senhor se supera!” Holmes pegou o saco e, descendo à cavidade, empurrou o capacho para uma posição mais central. Depois, deitando-se de bruços, o queixo apoiado nas mãos, fez um estudo cuidadoso da lama pisoteada diante de si. “Vejam só!” exclamou de repente.

“Que é isto?” Era um fósforo de cera, meio queimado e tão enlameado que à primeira vista parecera uma lasquinha de madeira.

“Não consigo entender como pudemos deixar de vê-lo”, disse o inspetor, com uma expressão de aborrecimento.

“Estava invisível, enterrado na lama. Só o vi porque estava à procura dele.”

“Quê? Esperava encontrar isso?”

“Pensei que não seria improvável.”

Tirou as botas do saco e comparou as impressões de cada uma com as marcas no chão. Depois subiu com dificuldade pela beira da depressão e rastejou entre as samambaias e os arbustos.

“Acho que não há mais pegadas”, disse o inspetor. “Examinei o terreno com muito cuidado, cem metros em cada direção.”

“É mesmo?” disse Holmes, levantando-se. “Eu não teria a impertinência de fazer isso de novo depois do que está dizendo. Mas gostaria de dar uma pequena caminhada pela charneca antes que escureça para estar com o terreno conhecido amanhã, e acho que vou pôr esta ferradura no bolso para me dar sorte.”

O coronel Ross, que manifestara alguns sinais de impaciência diante do método de trabalho silencioso e sistemático de meu companheiro, deu uma olhada no relógio. “Gostaria que voltasse comigo, inspetor”, disse. “Há vários pontos sobre os quais gostaria do seu conselho; em especial, acha que é nosso dever perante o público retirar o nome do nosso cavalo da lista de inscritos para a Copa?”

“Certamente não”, atalhou Holmes com firmeza. “Eu deixaria o nome ficar.”

O coronel fez um cumprimento de cabeça. “Fico muito satisfeito em ter sua opinião, senhor”, disse. “Quando terminar sua caminhada, nos encontrará na casa de Straker; poderemos ir juntos para Tavistock”

Voltou com o inspetor, enquanto Holmes e eu ficamos caminhando pela charneca. O sol começava a se pôr atrás do haras de Capleton, e a planície longa e inclinada diante de nós tingia-se de ouro, ganhando tons castanho-avermelhados mais intensos nos trechos em que as samambaias murchas e as sarças captavam a luz vespertina. Mas meu companheiro não tinha olhos para os esplendores da paisagem — estava mergulhado nos mais profundos pensamentos.

“Por aqui, Watson”, disse ele finalmente. “Podemos deixar a questão de quem matou John Straker de lado por enquanto e nos limitarmos a descobrir o que foi feito do cavalo. Ora, supondo que ele tenha fugido durante a tragédia ou depois, para onde poderia ter ido? O cavalo é um animal muito gregário. Solto, seus instintos o teriam levado ou a voltar para King’s Pyland ou a seguir para Capleton. Por que ficaria correndo desembestado pela charneca? Certamente a esta altura já teria sido visto. E por que os ciganos o sequestrariam? Essa gente sempre desaparece quando ouve falar de confusão, porque não quer ser importunada pela polícia. Ciganos não poderiam ter nenhuma esperança de vender um cavalo como esse. Correriam um risco enorme e não ganhariam nada ficando com o cavalo. Disto não há dúvida.”

“Onde está ele, então?”

“Já disse que deve ter ido para King’s Pyland ou para Capleton. Não está em King’s Pyland. Logo está em Capleton. Tomemos isto como hipótese de trabalho e vejamos ao que nos leva. Esta parte da charneca, como o inspetor observou, é muito dura e seca. Mas ela declina na direção de Capleton, e você pode ver daqui que lá adiante há uma grande depressão que devia estar muito úmida segunda-feira à noite. Se nossa suposição estiver correta, o cavalo deve ter passado por ali, e é ali que deveríamos procurar suas pegadas.”

Havíamos caminhado rapidamente durante essa conversa, e mais alguns minutos nos levaram à ravina em questão. A pedido de Holmes, desci o barranco à direita, e ele o fez à esquerda, mas antes de dar cinquenta passos, ouvi um grito e o vi acenando para mim. As pegadas de um cavalo estavam claramente delineadas na terra fofa à sua frente, e a ferradura que tirou do bolso correspondia exatamente às marcas.

“Veja o valor da imaginação”, disse Holmes. “É a única qualidade que falta a Gregory. Imaginamos o que poderia ter acontecido, agimos com base nessa suposição e descobrimos que tínhamos razão. Continuemos.”

Atravessamos a depressão pantanosa e, em seguida, quatrocentos metros de turfa seca e dura. Mais uma vez havia um declínio no terreno, e mais uma vez encontramos as pegadas. Depois as perdemos por uns oitocentos metros e

voltamos a dar com elas bem perto de Capleton. Foi Holmes quem as viu primeiro, parando para apontá-las com uma expressão de triunfo no rosto. Viam-se as pegadas de um homem ao lado das do cavalo.

“Antes o cavalo estava sozinho”, exclamei.

“Isso mesmo. Estava sozinho antes. Hum, que é isto?”

As duplas pegadas davam uma guinada brusca e tomavam a direção de King's Pyland. Holmes assobiou, e nos pusemos os dois a segui-las. Os olhos dele estavam nas pegadas, mas dei uma olhada para o lado por acaso e, para minha surpresa, vi as mesmas pegadas voltando da direção oposta.

“Ponto para você, Watson”, disse Holmes quando as mostrei para ele. “Você nos poupou uma longa caminhada que nos teria feito voltar sobre nossos próprios passos. Vamos seguir os rastros de volta.”

Não tivemos de ir longe. Eles terminavam no calçamento de asfalto que levava aos portões do haras Capleton. Quando nos aproximávamos, um cavaliário saiu correndo.

“Não queremos nenhum vadio por aqui”, disse.

“Eu só gostaria de fazer uma pergunta”, disse Holmes, enfiando os dedos no bolso do colete. “Seria cedo demais para falar com seu patrão, Mr. Silas Brown, se viéssemos aqui às cinco horas, amanhã de manhã?”

“Deus o abençoe, senhor. Se houver alguém por aqui, será o patrão, pois é sempre o primeiro a se levantar. Mas ali vem ele, para responder pessoalmente às suas perguntas. Não, senhor, eu poderia dar adeus ao meu emprego se ele me visse aceitando o seu dinheiro. Mais tarde, se o senhor quiser.”

Enquanto Sherlock Holmes guardava a meia coroa que tirara do bolso, um homem idoso com cara de poucos amigos saiu pelo portão, sacudindo um chicote na mão.

“Que é isso, Dawson! Nada de bisbilhotice! Vá cuidar do seu serviço! Que diabo querem aqui?”

“Dez minutos da sua atenção, meu bom senhor”, disse Holmes com a mais suave das vozes.

“Não tenho tempo para conversar com vagabundos. Não queremos estranhos aqui. Fora daqui, ou poderão ter um cachorro nos calcanhares.”

Holmes inclinou-se e sussurrou alguma coisa no ouvido do treinador. O homem teve um forte sobressalto e corou até as têmporas.

“É mentira!” gritou. “Uma mentira diabólica!”

“Muito bem. Devemos discutir sobre isso aqui em público ou prefere conversar em sua sala de estar?”

“Ah, entre se quiser.”

Holmes sorriu. “Não o deixarei esperando mais que alguns minutos, Watson”, disse-me. “Agora, Mr. Brown, estou inteiramente ao seu dispor.”

Passaram-se vinte minutos, e todos os tons de vermelho já se haviam

desbotado em cinza antes que Holmes e o treinador reaparecessem. Eu nunca tinha visto, em tão curto tempo, uma mudança como a que se produzira em Silas Brown. Tinha o rosto lívido, gotas de suor brilhavam sobre sua testa e suas mãos tremiam tanto que o chicote sacudia como um ramo ao vento. Suas maneiras arrogantes, de valentão, haviam desaparecido também; o homem se encolhia ao lado de meu companheiro como um cachorro com o dono.

“Suas instruções serão cumpridas. Tudo será feito”, disse ele.

“Não deve haver nenhum erro”, disse Holmes, voltando-se para encará-lo. O outro estremeceu quando leu a ameaça em seus olhos.

“Não, não. Não haverá nenhum erro. Estarei lá. Devo mudá-lo primeiro ou não?” Holmes pensou um pouco e depois caiu na risada. “Não, não mude”, disse. “Eu lhe escreverei sobre isso. Mas atenção, nada de truques, ou...”

“Oh, pode confiar em mim, pode confiar em mim!”

“Deve cuidar dele no dia como se fosse seu.”

“Pode contar comigo.”

“Sim, acho que posso. Bem, terá notícias minhas amanhã.” Deu meia-volta, ignorando a mão trêmula que o outro lhe estendia, e partimos para King's Pyland.

“Raras vezes encontrei mistura mais perfeita do valentão com o covarde e o dissimulado do que Master Silas Brown”, observou Holmes quando nos afastamos.

“Ele está com o cavalo, então?”

“Tentou convencer-me do contrário, mas descrevi para ele tão exatamente quais haviam sido suas ações naquela manhã que está certo de que eu o estava espionando. É claro que você observou que as pegadas tinham pontas peculiarmente quadradas, às quais as botas dele correspondem exatamente. Além disso, é claro, nenhum subordinado teria ousado fazer semelhante coisa. Descrevi para ele de que maneira, ao acordar antes de todos, como é seu costume, percebeu um cavalo estranho vagando na charneca. Ao sair para ir vê-lo, qual não foi seu espanto ao constatar, pela testa branca que deu nome ao favorito, que a sorte pusera em seu poder o único cavalo capaz de vencer aquele em que apostara. Depois descrevi como seu primeiro impulso fora levá-lo de volta a King's Pyland, como o diabo lhe mostrara como poderia esconder o cavalo até que a corrida terminasse, e como ele o levava de volta para Capleton e o escondera. Quando lhe contei cada detalhe, ele desistiu e pensou apenas em salvar a pele.”

“Mas os estábulos dele não foram vasculhados?”

“Oh, um velho vigarista como ele tem muitas artimanhas.”

“Mas você não tem medo de deixar o cavalo em poder dele, já que tem todo o interesse em machucá-lo?”

“Meu caro companheiro, ele tomará conta do cavalo como se fosse sua menina dos olhos. Sabe que só pode ter alguma esperança de clemência se

apresentá-lo ileso.”

“Seja como for, o coronel Ross não me deu a impressão de ser um homem propenso a mostrar muita clemência.”

“A questão não depende do coronel Ross. Sigo meus próprios métodos e só revelo o que bem entendo. Esta é a vantagem de trabalhar extraoficialmente. Não sei se você observou, Watson, mas as maneiras do coronel comigo não foram lá muito cavalheirescas. Agora estou inclinado a me divertir um pouco à custa dele. Não lhe diga nada sobre o cavalo.”

“Certamente não o faria sem a sua permissão.”

“É claro que este é um ponto de pouquíssima importância comparado à questão de quem matou John Straker.”

“E você vai se dedicar a isso?”

“Ao contrário. Voltaremos ambos para Londres no trem noturno.”

Fiquei pasmo com as palavras de meu amigo. Fazia apenas poucas horas que estávamos em Devonshire, e que ele desistisse de uma investigação que iniciara de maneira tão brilhante era-me incompreensível. Não consegui arrancar mais uma palavra dele até chegarmos à casa do treinador. O coronel e o inspetor nos esperavam na sala.

“Meu amigo e eu retornaremos a Londres pelo expresso da meia-noite”, disse Holmes. “Foi agradável respirar um pouco esse excelente ar que vocês têm aqui em Dartmoor.”

O inspetor arregalou os olhos e o coronel fez um muxoxo de escárnio.

“Então desiste de prender o assassino do pobre Straker”, disse.

Holmes deu de ombros. “Não há dúvida de que há graves dificuldades no caminho”, respondeu. “Mas tenho grandes esperanças de que seu cavalo largue na terça-feira, e aconselho-o a ter um jóquei de prontidão. Poderia lhe pedir uma fotografia de Mr. John Straker?”

O inspetor tirou uma de um envelope.

“Meu caro Gregory, você antecipa todos os meus desejos. Posso lhe pedir que espere aqui um instante? Gostaria de fazer uma pergunta à criada.”

“Devo dizer que estou bastante decepcionado com nosso consultor de Londres”, disse o coronel Ross rudemente quando meu amigo saiu da sala. “Parece-me que estamos exatamente no mesmo pé em que estávamos quando ele chegou.”

“Pelo menos o senhor tem a garantia dele de que seu cavalo vai correr”, disse eu.

“É verdade, tenho a garantia dele”, disse o coronel, sacudindo os ombros. “Preferiria ter o cavalo.”

Eu estava prestes a dar alguma resposta em defesa de meu amigo quando ele voltou à sala.

“Agora, senhores”, disse. “Estou inteiramente pronto para seguir para

Tavistock”

Quando entrávamos na carruagem, uma ideia repentina parece ter ocorrido a Holmes, porque ele se inclinou para a frente e puxou a manga da camisa de um cavalariço que segurava a porta.

“Vejo algumas ovelhas ali no padoque, quem cuida delas?” perguntou.

“Eu mesmo, senhor.”

“Notou alguma coisa de errado com elas ultimamente?”

“Bem, senhor, nada de muito importante; mas três começaram a coxear.”

Pude notar que Holmes ficou extremamente satisfeito, porque deu uma risadinha e esfregou as mãos.

“Um lance muito arriscado, arriscadíssimo”, disse, beliscando-me o braço.

“Gregory, permita que eu lhe chame a atenção para essa singular epidemia entre as ovelhas. Pode seguir, cocheiro!”

A expressão do coronel Ross ainda mostrava o mau juízo que formara da capacidade de meu companheiro, mas vi pelo rosto do inspetor que sua atenção fora vivamente despertada.

“Acha que isso é importante?” perguntou.

“Extremamente.”

“Há algum outro detalhe para o qual gostaria de chamar a minha atenção?”

“O curioso incidente do cachorro durante a noite.”

“O cachorro não fez nada durante a noite.”

“Esse foi o incidente curioso”, observou Holmes.

Quatro dias depois, Holmes e eu estávamos no trem, a caminho de Winchester, para assistir à corrida pela Copa de Wessex. Conforme combinação prévia, o coronel Ross encontrou-nos fora da estação e levou-nos em sua *drag* para a pista, além da cidade. Tinha o semblante carregado e suas maneiras foram extremamente frias.

“Não vi nem sombra do meu cavalo”, disse.

“Suponho que o reconheceria se o visse?” perguntou Holmes.

O coronel ficou furioso. “Faz vinte anos que estou no turfe e nunca me fizeram uma pergunta como esta”, exclamou. “Até uma criança reconheceria Silver Blaze, com sua testa branca e a pata dianteira direita malhada.”

“Como estão as apostas?”

“Bem, esta é a parte intrigante da história. Ontem era possível obter quinze por um, mas a cotação foi baixando, baixando, e agora mal se consegue três por um.”

“Hum!” disse Holmes. “Alguém sabe alguma coisa, isto está claro.”

Quando a *drag* parou no cercado próximo à tribuna de honra, dei uma olhada no programa para ver a lista de competidores.

Taça Wessex 50 soberanos cada *h ft*,^a com 1.000 sobs. acrescentados para

animais de quatro e cinco anos. Segundo, 300 libras, Terceiro, 200 libras. Pista nova (uma milha e cinco oitavos);

1. Negro, de Mr. Heath Newton. Boné vermelho. Jaqueta cor de canela.
2. Pugilist, do coronel Wardlaw. Boné cor-de-rosa. Jaqueta azul e preta.
3. Desborough, de Lord Backwater. Boné e mangas amarelos.
4. Silver Blaze, do coronel Ross. Boné preto. Jaqueta vermelha.
5. Iris, do duque de Balmoral. Listras amarelas e pretas.
6. Rasper, de Lord Singleford. Boné roxo. Mangas pretas.

“Retiramos nosso outro cavalo da competição e depositamos todas as nossas esperanças na sua palavra”, disse o coronel. “Mas que é isso? Silver Blaze é o favorito?”

“Cinco por quatro contra Silver Blaze!” berravam os *bookmakers*. “Cinco a quinze contra Desborough! Cinco por quatro no campo!”

“Os números estão sendo levantados”, exclamei. “Todos os seis estão lá.”

“Os seis lá? Então meu cavalo está correndo!” gritou o coronel, muito agitado. “Mas não o vejo. Minhas cores não passaram.”

“Só passaram cinco. Aquele ali deve ser ele.”

Enquanto eu falava, um robusto cavalo baio precipitou-se fora do recinto de pesagem e passou por nós a meio-galope, levando no dorso o conhecido preto e vermelho do coronel.

“Aquele não é o meu cavalo”, gritou o proprietário. “Aquele animal não tem um só pelo branco no corpo. Que diabo o senhor fez, Mr. Holmes?”

“Bem, bem, vamos ver como ele se sai”, disse meu amigo, imperturbável. Durante alguns minutos, observou com meu binóculo. “Eslêndido! Uma excelente largada!” exclamou de repente. “Lá vêm eles, fazendo a curva!”

De nossa *drag*, tivemos uma visão soberba dos seis cavalos quando vieram pela reta. Estavam tão juntos que um tapete teria coberto todos eles, mas na metade do percurso o amarelo do haras Capleton despontou na frente. Antes que passassem diante de nós, porém, Desborough afrouxou o passo, e o cavalo do coronel, arremetendo com ímpeto, ultrapassou a reta de chegada com uns bons seis corpos de vantagem sobre o rival, tendo Iris, do duque de Balmoral, ficado com um mau terceiro lugar.

“Seja lá como for, ganhei a corrida”, disse o coronel, arfando e passando a mão nos olhos. “Confesso que não estou entendendo patavina disso. Não acha que manteve seu mistério por tempo suficiente, Mr. Holmes?”

“Certamente, coronel, o senhor saberá de tudo. Vamos até lá juntos, dar uma olhada no cavalo. Cá está ele”, continuou, quando chegamos ao recinto de

pesagem, onde somente proprietários e seus amigos eram admitidos. “Basta que lave a cara e a pata dele com conhaque, e encontrará o mesmo Silver Blaze de sempre.”

“O senhor me deixou sem fôlego!”

“Encontrei-o nas mãos de um impostor e tomei a liberdade de fazê-lo correr tal como me foi enviado.”

“O senhor fez maravilhas, meu caro. O cavalo parece bem e em excelente forma. Nunca esteve melhor em sua vida. Devo-lhe mil desculpas por ter duvidado de sua capacidade. Prestou-me um grande serviço ao recuperar meu cavalo. Prestaria um maior ainda se conseguisse pôr as mãos no assassino de John Straker.”

“Fiz isso”, disse Holmes tranquilamente.

O coronel e eu olhamos para ele, espantados. “O senhor o pegou! Então onde está?”

“Está aqui.”

“Aqui! Onde?”

“Em minha companhia no presente momento.”

O coronel ficou rubro de raiva. “Reconheço perfeitamente que lhe devo um grande favor, Mr. Holmes”, disse, “mas só posso encarar o que acaba de dizer como uma piada de muito mau gosto ou um insulto.”

Sherlock Holmes riu. “Asseguro-lhe que não o associei ao crime, coronel. O verdadeiro assassino está bem atrás do senhor.” Deu um passo à frente e pousou a mão no pescoço lustroso do puro-sangue.

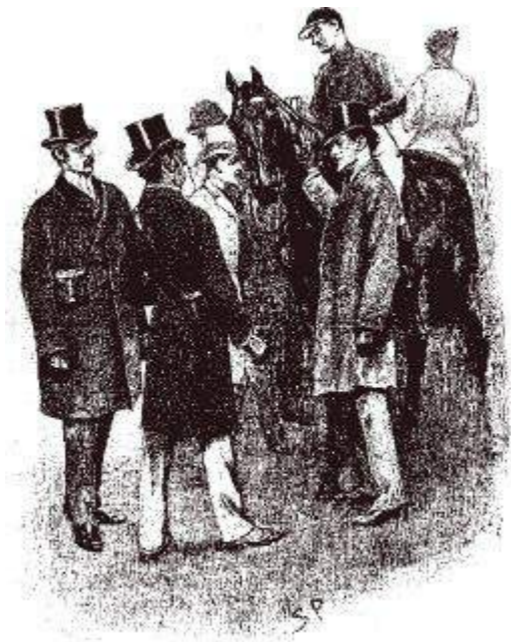
“O cavalo!” gritamos o coronel e eu.

“Isso mesmo, o cavalo. Mas talvez a culpa dele fique atenuada se eu disser que agiu em legítima defesa e que John Straker era um homem inteiramente indigno de sua confiança. Mas o sino está tocando, e como posso ganhar um pouco neste próximo páreo, devo deixar uma explicação detalhada para um momento mais oportuno.”

Tivemos o canto de um carro Pullman só para nós aquela noite, quando nosso trem rumava para Londres, e imagino que a viagem foi tão curta para o coronel Ross quanto para mim, enquanto ouvíamos nosso companheiro narrar os eventos que haviam tido lugar no haras de treinamento de Dartmoor naquela segunda-feira à noite, e os meios pelos quais ele os desenredara.

“Confesso”, disse ele, “que todas as teorias que eu havia formulado a partir das notícias dos jornais eram inteiramente errôneas. No entanto, teria sido possível ver indícios ali, se não tivessem sido encobertos por outros detalhes que obscureciam sua verdadeira significação. Fui a Devonshire com a convicção de que Fitzroy Simpson era o verdadeiro culpado, embora, é claro, visse que as provas contra ele não eram de modo algum suficientes. Foi quando estava na carruagem, assim que chegamos à casa do treinador, que a imensa relevância de

um carneiro ao curry me ocorreu. Talvez se lembrem de que eu estava distraído e continuei sentado depois que os senhores haviam saltado. Estava perplexo, pensando comigo mesmo como pudera deixar de notar uma pista tão óbvia.”



“Pousou a mão no pescoço lustroso.”
[Sidney Paget, *Strand Magazine*, 1892]

“Confesso”, disse o coronel, “que mesmo agora não vejo como isso nos ajuda.”

“Foi o primeiro elo na minha cadeia de raciocínio. Ópio em pó não é em absoluto algo sem gosto. O sabor não é desagradável, mas é perceptível. Se misturado a algum prato comum, seria indubitavelmente detectado, e a pessoa não comeria mais. Curry era o meio exato capaz de disfarçar esse gosto. Ora, seria impossível supor que esse estranho, Fitzroy Simpson, teria podido fazer com que servissem curry aquela noite à família do treinador, e seria certamente uma coincidência inimaginável que ele tivesse aparecido com ópio em pó justamente naquela noite em que o prato servido era capaz de disfarçar seu sabor. Isso é inconcebível. Portanto, Simpson fica eliminado do caso, e nossa atenção concentra-se sobre Straker e a mulher, as duas únicas pessoas que teriam podido escolher carneiro ao curry para o jantar daquela noite. O ópio foi acrescentado depois que o prato do cavaliário foi feito, porque os outros comeram a mesma coisa no jantar sem nenhum efeito nocivo. Qual deles, portanto, teria tido acesso àquele prato sem que a criada percebesse?”

“Antes de responder a esta pergunta, eu compreendia a significação do silêncio do cachorro, porque uma inferência verdadeira invariavelmente sugere outras. O incidente Simpson me mostrara que havia um cachorro nas cocheiras, e no entanto, embora alguém tivesse entrado nelas e levado um cavalo, o animal não latira o suficiente para despertar os dois rapazes no celeiro. Obviamente o visitante da meia-noite era alguém com quem o cachorro tinha muita intimidade.

“Eu já estava convencido, ou quase convencido, de que John Straker havia ido até as cocheiras a altas horas da noite e tirado Silver Blaze de lá. Com que objetivo? Com um objetivo desonesto, obviamente, pois, caso contrário, por que teria drogado seu próprio cavaliário? Mas eu não conseguia atinar com a razão desse gesto. Já houve casos em que treinadores garantiram para si grandes somas de dinheiro apostando contra seus próprios cavalos por intermédio de agentes e depois os impedindo de ganhar com alguma fraude. Às vezes é um jóquei que retarda deliberadamente o cavalo. Às vezes são meios mais seguros e mais sutis. Qual fora, nesse caso? Tive a esperança de que o conteúdo dos bolsos dele pudesse me ajudar a chegar a uma conclusão.

“E de fato ajudaram. Os senhores não devem ter esquecido a singular faca que foi encontrada na mão do morto, faca que certamente nenhum homem sensato escolheria como arma. Tratava-se, como o dr. Watson nos disse, de um tipo de faca usado para as mais delicadas operações conhecidas na cirurgia. E destinava-se a ser usada para uma operação delicada aquela noite. O senhor certamente sabe, coronel Ross, com sua ampla experiência no turfe, que é possível fazer um leve corte nos tendões de um cavalo na parte posterior do joelho, e fazê-lo de maneira subcutânea, de modo a não deixar absolutamente nenhum vestígio. Um cavalo submetido a esse procedimento passa a mancar

ligeiramente, o que se tenderia a atribuir a um esforço excessivo nos exercícios ou a um pouco de reumatismo, nunca a uma traição.”

“Patife! Canalha!” gritou o coronel.

“Temos aqui a explicação de por que John Straker quis levar o cavalo para a charneca. Um animal tão fogoso teria certamente acordado o dorminhoco de sono mais pesado quando sentisse a facada. Era absolutamente necessário fazer isso ao ar livre.”

“Fui cego!” exclamou o coronel. “Claro que foi para isso que precisou da vela e acendeu o fósforo.”

“Sem dúvida alguma. Ao examinar seus pertences, tive a sorte de descobrir não só o método do crime como até seus motivos. Como homem do mundo, coronel, o senhor sabe que ninguém anda por aí carregando as contas de outras pessoas no bolso. Em geral, já temos bastante trabalho para saldar as nossas. Concluí de imediato que Straker estava levando uma vida dupla e mantendo um segundo lar. A natureza da conta mostrava que havia uma dama no caso, e de gostos dispendiosos. Por mais liberal que o senhor seja com seus empregados, não é de se esperar que possam comprar roupas de passeio no valor de vinte guinéus para as esposas. Perguntei a Mrs. Straker sobre o vestido sem lhe revelar do que se tratava e, tendo me convencido de que ele nunca chegara às suas mãos, anotei o endereço da modista e tive a impressão de que, se a visitasse com uma fotografia de Straker, poderia descartar facilmente o mítico Derbyshire.

“Desse momento em diante tudo ficou claro. Straker havia conduzido o cavalo a uma depressão onde sua luz seria invisível. Simpson, em sua fuga, deixara a gravata cair e Straker a apanhara — com alguma ideia, talvez, de vir a usá-la para prender a perna do cavalo. Uma vez na depressão, ele se pusera ao lado do cavalo e acendera um fósforo; mas Silver Blaze, atemorizado pelo súbito clarão, e sentindo, com o estranho instinto dos animais, que se pretendia lhe fazer algum mal, investiu violentamente, e a ferradura de aço atingiu Straker em cheio na testa. Antes de fazer esse delicado serviço ele tirara sua capa impermeável, apesar da chuva, e assim sua faca, ao cair, cortou-lhe a coxa. Estou me fazendo entender?”

“Maravilhoso!” exclamou o coronel. “Maravilhoso! Parece que o senhor estava lá!”

“Meu último palpite foi, eu confesso, muito arriscado. Ocorreu-me que um homem tão esperto quanto Straker não iria empreender esse delicado corte de tendão sem um pouco de prática. Ora, com que poderia praticar? Meus olhos bateram nas ovelhas e fiz uma pergunta que, para minha grande surpresa, demonstrou que minha suposição estava correta.

“Quando voltei a Londres, visitei a modista. Ela reconheceu Straker como um excelente cliente chamado Derbyshire, que tinha uma mulher elegantíssima, com especial predileção por vestidos caros. Não tive nenhuma dúvida de que

essa mulher o afundara em dívidas até o pescoço, induzindo-o assim a seu infeliz plano.”

“O senhor explicou tudo, menos uma coisa”, exclamou o coronel. “Onde estava o cavalo?”

“Ah, fugiu e um de seus vizinhos cuidou dele. Penso que isso deve ser relevado. Ou muito me engano ou estamos no Entroncamento de Clapham, estaremos em Victoria em menos de dez minutos. Se quiser fumar um charuto em nosso apartamento, coronel, ficarei feliz em lhe dar quaisquer outros detalhes em que possa estar interessado.”

^a “*Half forfeit*”, indicando que, caso um cavalo inscrito não corra, metade do valor pago por seu proprietário será confiscada. (N.T.)

A CAIXA DE PAPELÃO

AO ESCOLHER ALGUNS CASOS típicos que ilustrem as notáveis qualidades mentais de meu amigo, Sherlock Holmes, tenho me esforçado, na medida do possível, por reproduzir aqueles que apresentem o mínimo de sensacionalismo, oferecendo ao mesmo tempo campo suficiente para seus talentos. Infelizmente, contudo, é impossível separar por completo o sensacional do criminal, e o cronista se vê num dilema: deve sacrificar detalhes essenciais a seu relato, dando assim uma falsa impressão do problema, ou usar um material que o acaso, não a escolha, lhe proporcionou? Com este curto prefácio passo às minhas anotações do que se provou ser uma cadeia de acontecimentos estranha e particularmente terrível.

Era um dia de agosto de calor escaldante. Baker Street mais parecia um forno, e a luz ofuscante do sol sobre as paredes de tijolos amarelos da casa do outro lado da rua feria os olhos. Era difícil acreditar que aquelas eram as mesmas paredes que assomavam soturnamente através dos nevoeiros do inverno. Nossas persianas estavam semicerradas, e Holmes, enroscado no sofá, lia e relia uma carta que recebera pelo correio da manhã. De minha parte, o tempo que servira na Índia me ensinara a tolerar melhor o calor que o frio, e um termômetro marcando trinta e dois graus não representava nenhum sofrimento. Mas o jornal da manhã estava inosso. O Parlamento fora suspenso. Todo o mundo estava fora da cidade e eu ansiava pelas clareiras da New Forest ou as praias de seixos de Southsea. Uma conta bancária depauperada levava-me a adiar minhas férias, e quanto a meu companheiro, nem o campo nem o mar exerciam a menor atração sobre ele. Gostava de estar no meio de cinco milhões de pessoas, com seus filamentos esticados e correndo entre elas, reagindo prontamente a cada rumor ou suspeita de crime sem solução. Não havia entre seus muitos talentos nenhum lugar para a apreciação da natureza, e a única mudança que fazia era desviar sua mente do malfeitor da cidade para seguir o da zona rural.

Achando que Holmes estava absorto demais para conversar, eu havia jogado de lado o estéril jornal e, reclinando-me em minha poltrona, caí numa vaga melancolia. De repente a voz de meu companheiro penetrou meus pensamentos.

“Você tem razão, Watson. Parece realmente uma maneira absurda de resolver uma desavença.”

“Extremamente absurda!” exclamei, e então, percebendo de repente que ele havia feito eco ao meu mais recôndito pensamento, empertiguei-me em minha poltrona e encarei-o, atônito. “Que é isso, Holmes?” exclamei. “Isso está além de qualquer coisa que eu pudesse imaginar.”

Ele deu uma boa risada de minha perplexidade.

“Lembra-se”, perguntou, “de que pouco tempo atrás, quando li para você a passagem de um conto de Poe em que um pensador rigoroso acompanha os pensamentos não formulados do companheiro, você se inclinou a ver aquilo como um mero *tour de force* do autor? Quando comentei que eu costumava fazer o mesmo constantemente, você expressou incredulidade.”

“Oh, não!”

“Talvez não com a língua, meu caro Watson, mas certamente com suas sobrancelhas. Assim, quando o vi jogar seu jornal no chão e entrar numa cadeia de pensamentos, fiquei muito feliz por ter a oportunidade de lê-la, e finalmente de penetrar nela, como prova de que estivera em ligação com você.”

Mas eu ainda não estava nem de longe satisfeito. “Na amostra que você leu para mim”, contestei, “o pensador lógico extraiu sua conclusão das ações do homem que observava. Se me lembro bem, ele tropeçou num monte de pedras, olhou para as estrelas e assim por diante. Mas eu estava sentado aqui, sossegado, na minha poltrona. Que pistas lhe posso ter dado?”

“Você comete uma injustiça consigo mesmo. Os traços fisionômicos são dados a um homem como meios de expressão de suas emoções, e os seus são servos fiéis.”

“Está querendo dizer que leu minha cadeia de pensamentos a partir de meus traços?”

“Seus traços, e especialmente seus olhos. Talvez você mesmo não se lembre como seu devaneio começou, não é?”

“Não, não me lembro.”

“Então vou lhe dizer. Depois de jogar seu jornal no chão, e esse foi o gesto que chamou minha atenção, você passou um minuto e meio com uma expressão aérea. Depois seus olhos se fixaram no seu retrato recém-emoldurado do general Gordon, e vi pela alteração do seu semblante que uma cadeia de pensamentos começara. Mas ela não foi muito longe. Seus olhos relancearam o retrato sem moldura de Henry Ward Beecher que está em cima de seus livros. Depois você deu uma olhada para a parede, e seu pensamento ficou óbvio, claro. Você estava pensando que, se estivesse emoldurado, o retrato cobriria exatamente aquele espaço nu, correspondente ao do retrato de Gordon do outro lado.”

“Você me acompanhou maravilhosamente!”

“Até essa altura eu dificilmente poderia ter me perdido. Mas nesse momento seus pensamentos voltaram para Beecher, e você olhou-o atentamente, como se estivesse analisando o caráter do homem pelos traços dele. Depois seus olhos pararam de se franzir, mas você continuou olhando para o outro lado, e seu rosto ficou pensativo. Você estava se lembrando dos episódios da carreira de Beecher. Eu sabia muito bem que não podia fazer isso sem pensar na missão que ele empreendeu a favor do Norte no tempo da Guerra Civil, pois me lembro de vê-lo expressar apaixonada indignação diante da maneira como ele foi recebido por

nostros compatriotas mais turbulentos. Aquilo o revoltava tanto que eu sabia que você não podia pensar em Beecher sem pensar nisso também. Quando, um instante depois, vi seus olhos se desviarem do retrato, suspeitei que sua mente tivesse se voltado para a Guerra Civil, e, quando observei que seus lábios se fecharam, seus olhos brilharam e suas mãos se cerraram, tive certeza de que estava realmente pensando na bravura exibida por ambos os lados naquele conflito desesperado. Mas depois, novamente, seu rosto ficou mais triste; você sacudiu a cabeça. Estava refletindo sobre a tristeza, o horror e o desperdício inútil de vidas. Sua mão se deslocou para o seu velho ferimento e um sorriso se esboçou em seus lábios, mostrando-me que lhe ocorrera o lado absurdo desse método de resolver questões internacionais. Nesse ponto, concordei com você que era absurdo, e fiquei satisfeito ao constatar que todas as minhas deduções haviam sido corretas.”

“Absolutamente!” disse eu. “E agora que você explicou, confesso que estou tão espantado quanto antes.”

“Foi algo muito superficial, meu caro Watson, eu lhe asseguro. Eu não teria chamado sua atenção para isso se você não tivesse me mostrado alguma incredulidade outro dia. Mas tenho aqui em minhas mãos um probleminha que talvez se prove de solução mais difícil que meu pequeno ensaio sobre leitura de pensamentos. Por acaso observou no jornal um curto parágrafo referente aos notáveis conteúdos de um pacote enviado pelo correio a Miss Cushing, de Cross Street, em Croydon?”

“Não, não vi nada.”

“Ah! Então você não viu! Jogue-o aqui para mim. Aqui está, sob a coluna financeira. Talvez possa ter a bondade de lê-lo em voz alta.”

Peguei o jornal que ele me jogara de volta e li o parágrafo indicado. Intitulava-se “Um pacote horripilante”.

Miss Susan Cushing, residente em Cross Street, em Croydon, foi vítima do que pode ser considerado uma brincadeira peculiarmente revoltante, a menos que algum significado sinistro venha a se provar associado ao incidente. Ontem, às duas horas da tarde, um pequeno pacote, embrulhado em papel marrom, foi entregue ali pelo carteiro. Dentro havia uma caixa de papelão cheia de sal grosso. Ao esvaziá-la, Miss Cushing encontrou, para seu horror, duas orelhas humanas, aparentemente cortadas havia muito pouco tempo. A caixa havia sido enviada de Belfast, pelo serviço de encomendas, na manhã anterior. Não há indicação quanto ao remetente, e a questão parece ainda mais misteriosa porque Miss Cushing, uma senhora solteira de cinquenta anos, sempre levou uma vida muito reclusa e tem tão poucos conhecidos ou correspondentes que é um acontecimento raro para ela receber alguma coisa pelo correio. Alguns anos atrás, no entanto, quando morava em Penge, ela alugou quartos em sua

casa para três jovens estudantes de medicina, dos quais teve de se livrar por causa de seus hábitos barulhentos e irregulares. Na opinião da polícia, esse ultraje pode ter sido perpetrado contra Miss Cushing por esses rapazes, que lhe guardavam rancor e esperavam assustá-la mandando-lhe essas reliquias de suas salas de dissecação. A teoria parece ganhar alguma probabilidade pelo fato de que um desses estudantes provinha do norte da Irlanda e, pelo que Miss Cushing acreditava, de Belfast. Nesse ínterim, o assunto está sendo ativamente investigado. O caso está a cargo de Mr. Lestrade, um dos mais inteligentes de nossos oficiais detetives.

“Não há mais nada no *Daily Chronicle*”, disse Holmes, quando terminei. “Agora, quanto ao nosso amigo Lestrade. Recebi um bilhete dele esta manhã, em que diz:

Este caso me parece fazer muito o seu gênero. Temos grandes esperanças de elucidá-lo, mas tivemos uma pequena dificuldade em encontrar alguma coisa a partir da qual trabalhar. Telegrafamos, é claro, para o correio de Belfast, mas um grande número de volumes foi despachado naquele dia e eles não têm como identificar esse em particular ou se lembrar do remetente. Foi usada uma caixa de meia libra de tabaco doce, o que não nos ajuda em nada. A teoria do estudante de medicina ainda me parece a mais plausível, mas se o senhor puder dispor de algumas horas, eu ficaria muito feliz em ir vê-lo. Estarei em casa ou na delegacia o dia todo.

“Que me diz disto, Watson? É capaz de vencer este calor e dar um pulo em Croydon comigo contando com a remota possibilidade de um caso para seus anais?”

“Estou ansioso por ter alguma coisa para fazer.”

“Então terá. Toque a campainha para pedir suas botas e diga-lhes para chamar um fiacre. Estarei de volta em um momento, vou só trocar meu roupão e encher minha charuteira.”

Caiu uma pancada de chuva quando estávamos no trem e o calor era muito menos opressivo em Croydon que na cidade. Holmes havia enviado um telegrama, de modo que Lestrade, com o mesmo vigor, o mesmo garbo e a mesma cara de doninha de sempre, nos esperava na estação. Uma caminhada de cinco minutos levou-nos a Cross Street, onde Miss Cushing residia.

Era uma rua muito longa de casas de tijolos de dois pavimentos, muito bem-arrumadinhas, com degraus de pedras caídas e pequenos grupos de mulheres bisbilhotando nas portas. Na metade da rua, Lestrade parou e bateu a uma porta, que foi aberta por uma criadinha. Miss Cushing estava na sala da frente, onde fomos introduzidos. Era uma mulher de semblante plácido, com olhos grandes e

meigos, o cabelo grisalho caindo-lhe sobre as têmporas dos dois lados. Tinha no colo uma sobrecoberta, em que trabalhava, e a seu lado, sobre um tamborete, uma cesta de fios de seda coloridos.

“Elas estão lá fora, na latrina, aquelas coisas medonhas”, disse ela, quando Lestrade entrou. “Quero que as tire daqui de uma vez por todas.”

“É o que farei, Miss Cushing. Só as mantive aqui até que meu amigo, Mr. Holmes, as visse na sua presença.”

“Por que na minha presença, senhor?”

“Ele poderia desejar lhe fazer alguma pergunta.”

“De que adianta me fazer perguntas, quando estou lhe dizendo que não sei absolutamente nada sobre isso?”

“A senhora está certa”, disse Holmes, com suas maneiras tranquilizadoras. “Não tenho nenhuma dúvida de que já se aborreceu mais do que o suficiente com esse assunto.”

“De fato, senhor. Sou uma mulher sossegada e vivo uma vida reclusa. É novidade para mim ver meu nome nos jornais e ter a polícia na minha casa. Não quero aquelas coisas aqui, Mr. Lestrade. Se desejar vê-las, tem de ir à latrina.”

Era um pequeno barracão no quintal estreito. Lestrade entrou e saiu com uma caixa de papelão amarela, um pedaço de papel marrom e um barbante. Havia um banco no fim da trilha e sentamo-nos ali enquanto Holmes examinava, um a um, os artigos que Lestrade lhe entregara.

“O barbante é sumamente interessante”, observou ele, segurando-o à luz e cheirando-o. “Que acha deste barbante, Lestrade?”

“Foi revestido com alcatrão.”

“Precisamente. É um pedaço de barbante alcatroado. Sem dúvida notou também que Miss Cushing cortou o cordão com uma tesoura, como se pode ver pelo duplo corte de cada lado. Isto é importante.”

“Não vejo onde está a importância.”

“A importância está no fato de que o nó foi deixado intacto, e este nó é de um caráter peculiar.”

“Está muito bem-amarrado. Já fiz uma anotação sobre isso”, disse Lestrade num tom complacente.

“O cordão não nos diz mais nada”, disse Holmes, sorrindo, “agora vejamos o embrulho. Papel marrom, com um nítido cheiro de café. Como? O senhor não notou? Acho que não pode haver dúvida quanto a isto. Endereço escrito com letras bastante irregulares. ‘Miss S. Cushing, Cross Street, Croydon.’ Foi usada uma caneta de ponta grossa, provavelmente uma J, com tinta muito inferior. A palavra ‘Croydon’ foi primeiro escrita com um ‘i’, depois transformado em ‘y’. O pacote foi portanto enviado por um homem — a letra é nitidamente masculina — de educação limitada e pouco familiarizado com a vila de Croydon. Até agora, tudo bem! A caixa é amarela, caixa de meia libra de tabaco doce, sem nenhuma

particularidade, exceto duas marcas de polegar no canto esquerdo inferior. Está cheia de sal grosso do tipo usado para preservar couros e para outros fins comerciais dos mais grosseiros. E dentro dela temos estes singularíssimos artigos.”

Enquanto falava, pegou as duas orelhas e, pondo uma tábua sobre os joelhos, examinou-as minuciosamente. Lestrade e eu, debruçados um de cada lado dele, espiávamos alternadamente aquelas pavorosas relíquias e o rosto pensativo e ansioso de nosso companheiro. Finalmente ele as devolveu à caixa e deixou-se ficar ali por algum tempo em profunda meditação.

“Os senhores observaram, é claro”, disse por fim, “que as orelhas não são um par.”

“Sim, percebi. Mas se isto fosse uma brincadeira de estudantes, feita a partir de salas de dissecação, seria tão fácil para eles mandar orelhas desencontradas quanto um par.”

“Precisamente. Mas isto não é uma brincadeira.”

“Tem certeza?”

“Há fortes indícios contra essa hipótese. Corpos em salas de dissecação são injetados com fluido conservante. Estas orelhas não têm o menor sinal disso. Além do mais, são frescas. Foram cortadas fora com um instrumento pouco afiado, o que dificilmente aconteceria se isso tivesse sido obra de um estudante. Por fim, fenol ou uma bebida alcoólica destilada seriam os conservantes que ocorreriam à mente médica, certamente não sal grosso.

“Repito que não há nenhuma brincadeira aqui, estamos investigando um crime grave.”

Um arrepio me percorreu enquanto eu ouvia as palavras de meu companheiro e via a implacável gravidade que lhe endurecera os traços. Esse exame preliminar brutal parecia prenunciar um horror estranho e inexplicável por trás de tudo aquilo. Lestrade, no entanto, sacudiu a cabeça como um homem não de todo convencido.



“Examinou-as minuciosamente.”
[Sidney Paget, *Strand Magazine*, 1893]

“Há objeções à teoria da brincadeira, sem dúvida”, disse; “mas há razões muito mais fortes contra a outra. Sabemos que esta mulher levou uma vida extremamente tranquila e respeitável em Penge e aqui nos últimos vinte anos. Ela mal se afastou de casa por um dia inteiro durante esse tempo. Sendo assim, por que cargas-d’água um criminoso lhe mandaria as provas de sua culpa, especialmente quando, a menos que seja uma atriz consumada, ela compreende tão pouco do caso quanto nós?”

“Este é o problema que nos cabe resolver”, Holmes respondeu, “e de minha parte começarei presumindo que meu raciocínio está correto e que um duplo assassinato foi cometido. Uma dessas orelhas é de mulher, pequena, delicadamente formada, e furada para um brinco. A outra é de um homem, queimada de sol, descolorada e também furada. Essas duas pessoas estão presumivelmente mortas, ou a esta altura já teríamos ouvido as suas histórias. Hoje é sexta-feira. O pacote foi despachado quinta-feira de manhã. A tragédia, portanto, aconteceu quarta-feira, ou terça, ou antes. Se as duas pessoas foram assassinadas, quem, se não o assassino, teria mandado este indício de seu trabalho para Miss Cushing? Podemos dar por certo que a pessoa que enviou o pacote é o

homem que queremos. Mas ele devia ter uma razão muito forte para enviar este pacote a Miss Cushing. Que razão seria essa? Só podia ser comunicar a ela que o ato fora perpetrado; ou, quem sabe, afligi-la. Mas nesse caso ela sabe de quem se trata. Será que sabe? Duvido. Se soubesse, por que teria chamado a polícia? Poderia ter enterrado as orelhas, e ninguém saberia de nada. É o que ela teria feito se tivesse desejado acobertar o criminoso. Mas se não quer acobertá-lo, devia ter dado o nome dele. Há aqui um emaranhado que temos de deslindar.” Ele estivera falando numa voz alta, rápida, fitando a cerca do jardim sem vê-la, mas de repente, pôs-se de pé e rumou para a casa.

“Tenho algumas perguntas a fazer a Miss Cushing”, disse.

“Neste caso, posso deixá-lo aqui”, disse Lestrade, “porque tenho outro probleminha para cuidar. Acho que não há mais nada que eu queira saber de Miss Cushing. O senhor me encontrará na delegacia.”

“Daremos uma passada lá a caminho da estação”, respondeu Holmes. Um momento depois ele e eu estávamos de volta à sala da frente, onde a impassível dama continuava trabalhando calmamente em sua sobrecoberta. Pousou-a no colo quando entramos e fitou-nos com seus olhos azuis, francos e perscrutadores.

“Estou convencida”, disse ela, “de que houve um engano e de que nunca se pretendeu enviar o pacote para mim, em absoluto. Disse isto várias vezes para o cavalheiro da Scotland Yard, mas ele simplesmente ri de mim. Não tenho nenhum inimigo neste mundo, até onde sei; por que alguém faria uma brincadeira dessa comigo?”

“Estou chegando à mesma opinião, Miss Cushing”, disse Holmes, tomando um lugar ao lado dela. “Penso que isso é mais do que provável...” Fez uma pausa, e fiquei surpreso, quando lhe lancei uma olhadela, ao notar que estava contemplando com singular concentração o perfil da dama. Por um instante, foi possível ver um misto de surpresa e satisfação em seu semblante ansioso, mas, assim que ela deu uma espiada para descobrir a causa do seu silêncio, Holmes voltou a ficar sério como sempre. Eu mesmo observei atentamente o cabelo puxado e grisalho dela, sua touca impecável, seus pequenos brinco de ouro, seus traços plácidos; mas não consegui descobrir nada que pudesse explicar a evidente vibração de meu companheiro.

“Há uma ou duas perguntas...”

“Ah! Estou exausta de perguntas!” exclamou Miss Cushing, impaciente.

“A senhora tem duas irmãs, acredito.”

“Como descobriu?”

“No instante mesmo em que entrei nesta sala, observei aquele retrato de um grupo de três damas sobre o aparador da lareira; uma delas é evidentemente a senhora mesma, e são todas tão parecidas que não poderia haver dúvida quanto ao parentesco.”

“Sim, tem toda razão. Aquelas são minhas irmãs, Sarah e Mary.”

“E aqui ao meu lado vejo um outro retrato, tirado em Liverpool, de sua irmã mais moça na companhia de um homem que parece ser um camareiro de bordo, pelo uniforme. Observo que ela estava solteira na ocasião.”

“O senhor observa com grande rapidez?”

“É o meu ofício.”

“Bem, está completamente certo. Mas ela se casou com Mr. Browner alguns dias depois. Ele estava numa companhia sul-americana quando essa fotografia foi feita, mas gostava tanto de minha irmã que não suportava afastar-se por tanto tempo e se transferiu para os barcos de Londres e Liverpool.”

“Ah, o *Conqueror*, talvez?”

“Não, o *May Day*, quando tive notícia dele pela última vez. Jim veio aqui uma vez me visitar. Isso foi antes de ter quebrado a promessa; mas depois ele passou a beber sempre que estava em terra, e um pouco de bebida o tornava completamente, flagrantemente louco. Ah! Foi um mau dia aquele em que tocou de novo num copo. Primeiro rompeu comigo, depois brigou com Sarah, e agora que Mary parou de escrever não sabemos como andam as coisas com eles.”

Era evidente que Miss Cushing abordara um assunto que a comovia profundamente. Como a maioria das pessoas que levam uma vida solitária, era tímida no início, mas terminava por se tornar extremamente comunicativa. Contou-nos muitos detalhes sobre seu cunhado, o camareiro, e depois, divagando sobre o assunto de seus antigos inquilinos, os estudantes de medicina, fez-nos um longo relato de seus delitos, dando-nos seus nomes e os de seus hospitais. Holmes ouviu tudo atentamente, lançando uma pergunta aqui e ali.

“Sobre sua segunda irmã, Sarah”, disse. “Por que, sendo ambas senhoras solteiras, não moram juntas?”

“Ah! O senhor não conhece o gênio de Sarah, ou isso não o espantaria mais. Tentei, quando cheguei a Croydon, e conseguimos ficar juntas até cerca de dois meses atrás, quando tivemos de nos separar. Não quero dizer uma palavra contra minha própria irmã, mas que era sempre intrometida e difícil de agradar, era.”

“A senhora disse que ela brigou com seus parentes de Liverpool.”

“Brigou, e em certa época foram muito amigos. Ela chegou a ir morar lá para ficar perto deles. E agora não tem uma palavra dura o bastante para Jim Browner. Nos últimos seis meses que passou aqui, não falava de outra coisa senão de seu costume de beber e seu modo de vida. Desconfio que ele a surpreendera metendo o bico onde não era chamada e lhe dissera poucas e boas, e que foi aí que o desentendimento começou.”

“Muito obrigado, Miss Cushing”, disse Holmes, levantando-se e fazendo uma vênia. “Sua irmã Sarah mora, acho que disse, em New Street, em Wallington? Até logo, e sinto muito que tenha sido perturbada em razão de um caso com que, como a senhora diz, nada tem a ver.”

Um fiacre passava quando saímos e Holmes o chamou.

“A que distância estamos de Wallington?” perguntou.

“Cerca de um quilômetro e meio apenas, senhor.”

“Ótimo. Suba, Watson. Precisamos malhar o ferro enquanto está quente. Por mais simples que o caso pareça, há um ou dois detalhes muito instrutivos associados a ele. Quando passar por uma agência telegráfica, dê uma parada, cocheiro.”

Holmes enviou um curto telegrama e passou o resto do percurso reclinado no carro, o chapéu puxado sobre o nariz para evitar o sol no rosto. Nosso cocheiro parou diante de uma casa não muito diferente daquela que acabáramos de deixar. Meu companheiro mandou-o esperar e já estava com a mão na maçaneta quanto a porta se abriu e um rapaz sério, vestido de preto e com um chapéu reluzente, apareceu na soleira.

“Miss Cushing está em casa?” Holmes perguntou.

“Miss Sarah Cushing está extremamente doente”, respondeu o jovem. “Desde ontem está sofrendo de sintomas cerebrais de grande gravidade. Como seu conselheiro médico, não posso assumir a responsabilidade de permitir que alguém a visite. Eu lhe recomendaria voltar dentro de dez dias.” Calçou as luvas, fechou a porta e desceu à rua.

“Bem, se não podemos, não podemos”, disse Holmes alegremente.

“Talvez ela não pudesse, ou não quisesse lhe dizer muita coisa.”

“Não quero que ela me diga coisa alguma. Só queria dar uma olhada nela. Mas tenho a impressão de que consegui tudo que desejava. Leve-nos para algum hotel decente, cocheiro, onde possamos almoçar; em seguida daremos uma passada na delegacia para ver nosso amigo Lestrade.”

Fizemos os dois uma agradável refeição, durante a qual Holmes não falou de outra coisa senão violinos, narrando com grande entusiasmo como havia comprado, por cinquenta e cinco xelins, de um corretor judeu em Tottenham Court Road, seu próprio Stradivarius, que valia no mínimo quinhentos guinéus. Isso o levou a Paganini, e ficamos uma hora bebericando uma garrafa de clarete enquanto ele me contava caso após caso sobre esse homem extraordinário. A tarde já ia muito avançada e a luminosidade ofuscante e quente do sol já se amenizara num brando fulgor quando nos vimos na delegacia. Lestrade nos esperava à porta.

“Um telegrama para o senhor, Mr. Holmes”, disse.

“Ah! É a resposta!” Abriu-o, passou-lhe os olhos e enfiou-o no bolso. “Está tudo bem”, disse.

“Descobriu alguma coisa?”

“Descobri tudo!”

“Quê?” Lestrade encarou-o, espantado. “Está brincando!”

“Nunca estive tão sério em minha vida. Um crime chocante foi cometido, e acho que agora o desvendei em todos os seus detalhes.”

“E o criminoso?”

Holmes rabiscou algumas palavras nas costas de um cartão de visitas seu e o jogou para Lestrade.

“O nome é esse”, disse. “O senhor não conseguirá detê-lo antes de amanhã à noite, no mínimo. Eu preferiria que não mencionasse meu nome em ligação com o caso, pois só gosto de me associar a crimes cuja solução apresente alguma dificuldade. Vamos, Watson.” Saímos juntos da delegacia, deixando Lestrade ainda fitando com uma expressão deliciada o cartão que Holmes lhe jogara.

“O caso”, disse Sherlock Holmes quando conversamos aquela noite, fumando nossos charutos, em nossos aposentos de Baker Street, “é um desses em que, como nas investigações que você relatou sob os títulos *Um estudo em vermelho* e *O signo dos quatro*, fomos obrigados a raciocinar de trás para diante, dos efeitos para as causas. Escrevi para Lestrade, pedindo-lhe que nos forneça os detalhes que ainda nos faltam, e que ele só obterá depois de pôr as mãos no homem. Podemos estar bastante seguros de que o fará, pois embora seja absolutamente desprovido de raciocínio, ele é tenaz como um buldogue depois que compreende o que tem de fazer; na verdade, foi essa tenacidade que o levou aos altos escalões da Scotland Yard.”

“Então seu caso não está completo?”

“Está razoavelmente completo, quanto ao essencial. Sabemos quem é o autor desse ato revoltante, embora uma das vítimas ainda nos escape. Você chegou, é claro, às suas próprias conclusões.”

“Esse Jim Browner, o camareiro num barco de Liverpool, é o homem de quem você suspeita, suponho?”

“Oh! É mais do que uma suspeita.”

“Apesar de tudo, não consigo ver nada além de indicações muito vagas.”

“Para mim, ao contrário, nada poderia ser mais claro. Deixe-me lembrar os passos principais. Abordamos o caso de início, como você se lembra, com a mente absolutamente vazia, o que é sempre uma vantagem. Não tínhamos nenhuma teoria pré-formada. Estávamos simplesmente ali para observar e fazer inferências a partir de nossas observações. Que vimos primeiro? Uma dama muito plácida e respeitável, que parecia inteiramente inocente de qualquer segredo, e um retrato que me mostrou que ela tinha duas irmãs mais novas. Ocorreu-me instantaneamente a ideia de que a caixa podia ter sido enviada para alguma delas. Pus a ideia de lado como algo que poderíamos refutar ou confirmar a qualquer momento. Em seguida fomos para o quintal, como você se lembra, e vimos os singularíssimos conteúdos da caixinha amarela.

“O barbante era da qualidade usada no reparo de velas nos navios, e de imediato um bafejo de maresia se fez perceptível em nossa investigação. Quando observei que o nó era de um tipo muito usado por marinheiros, que o pacote fora enviado de um porto e que a orelha masculina era furada, o que é

muito mais comum entre marinheiros do que entre os homens que vivem em terra firme, fiquei absolutamente convencido de que todos os atores da tragédia seriam encontrados entre homens do mar.

“Quando passei a examinar o endereçamento do pacote, observei que ele destinava a Miss S. Cushing. Ora, a irmã mais velha seria, é claro, Miss Cushing, e embora ‘S’ fosse a inicial de seu prenome, podia ser a do de alguma irmã também. Nesse caso, deveríamos começar nossa investigação a partir de uma base inteiramente diversa. Assim, entrei na casa com a intenção de elucidar esse ponto. Quando eu estava prestes a assegurar Miss Cushing de que estava convencido de que houvera um engano, como você deve se lembrar, detive-me de repente. O que houve foi que eu havia acabado de ver algo que me encheu de surpresa e que, ao mesmo tempo, estreitou imensamente o campo de nossa pesquisa.

“Como médico você sabe perfeitamente, Watson, que nenhuma outra parte do corpo humano varia tanto quanto a orelha. Cada orelha é em geral inteiramente característica, e difere de todas as outras. No *Anthropological Journal* do ano passado, você encontrará duas breves monografias de minha lavra sobre o assunto. Eu havia, portanto, examinado as orelhas da caixa com os olhos de um especialista, e registrara cuidadosamente suas peculiaridades anatômicas. Imagine então qual não foi minha surpresa quando, ao olhar para Miss Cushing, percebi que a orelha dela correspondia exatamente à orelha feminina que eu tinha acabado de analisar. A semelhança era tal que não podia ser atribuída a mera coincidência. Havia o mesmo encurtamento do pavilhão, a mesma curva larga do lobo superior, a mesma convolução da cartilagem interna. Em todos os aspectos essenciais, tratava-se da mesma orelha.

“Claro que percebi de imediato a enorme importância dessa observação. Era evidente que a vítima era um parente, e provavelmente um parente muito chegado de Miss Cushing. Comecei a conversar com ela sobre sua família, e, como você se lembra, ela logo mencionou alguns detalhes extremamente valiosos.

“Em primeiro lugar, o nome de sua irmã era Sarah, e o endereço dela havia sido, até recentemente, aquele mesmo, de modo que ficava patente como o erro ocorrera e a quem o pacote se destinava. Depois ouvimos sobre esse camareiro de bordo, casado com a terceira irmã, e ficamos sabendo que em certa época houvera tanta intimidade entre ele e Miss Sarah que esta chegara a se mudar para Liverpool de modo a estar perto dos Browners, mas depois uma briga os separara. Essa briga interrompera toda a comunicação entre eles havia alguns meses, de modo que, se Browners tivesse querido endereçar um pacote para Miss Sarah, o teria feito sem dúvida para seu antigo endereço.

“Nesse ponto o caso havia começado a se desenredar de uma maneira maravilhosa. Tínhamos ficado sabendo da existência desse camareiro, um

homem impulsivo, de paixões fortes — lembre-se de que jogou fora um emprego muito superior para poder ficar mais perto da mulher —, sujeito, também, a acessos ocasionais de intensa bebedeira. Tínhamos motivos para crer que sua mulher havia sido assassinada, e que um homem — presumivelmente um homem do mar — havia sido assassinado ao mesmo tempo. À primeira vista pensa-se em ciúme, é claro, como motivo do crime. Mas por que teriam essas provas do ato sido enviadas a Miss Sarah Cushing? Provavelmente porque durante sua residência em Liverpool ela ajudara de algum modo a provocar os acontecimentos que haviam levado à tragédia. Você observará que esse serviço de barcos faz escalas em Belfast, Dublin e Waterford; assim, presumindo-se que Browner tivesse cometido o crime e depois embarcado imediatamente em seu vapor, o *May Day*, Belfast seria o primeiro lugar em que poderia despachar seu terrível pacote.

“Nesse estágio, uma segunda solução era obviamente possível, e embora eu a julgasse extremamente improvável estava decidido a elucidá-la antes de seguir adiante. Um amante frustrado poderia ter matado Mr. e Mrs. Browner, e a orelha masculina podia pertencer ao marido. Havia muitas objeções graves a essa teoria, mas ela era concebível. Assim, enviei um telegrama a meu amigo Algar, na força de Liverpool, e lhe pedi que descobrisse se Mrs. Browner estava em casa e se Browner partira no *May Day*. Fomos então para Wellington, visitar Miss Sarah.

“Eu estava curioso, em primeiro lugar, para ver até que ponto a orelha da família se reproduzira nela. Depois, é claro, essa senhora podia nos dar informações muito importantes, mas não tinha muita esperança de que o faria. Devia ter ouvido falar do caso da véspera, já que toda Croydon estava em polvorosa com o assunto, e somente ela teria podido compreender para quem o pacote se destinava. Se tivesse desejado ajudar a justiça, provavelmente já teria se comunicado com a polícia. No entanto, era claramente nosso dever vê-la, e lá fomos nós. Descobrimos que a notícia da chegada do pacote — porque a doença dela datava desse momento — a afetara de tal maneira que produzira uma febre cerebral. Ficou mais claro do que nunca que ela compreendera seu pleno significado, mas igualmente claro que teríamos de esperar algum tempo para obter alguma ajuda de sua parte.

“A verdade, no entanto, era que não precisávamos de sua ajuda para nada. As respostas estavam à nossa espera na delegacia, para onde pedi a Algar que as enviasse. Nada poderia ser mais conclusivo. A casa de Mrs. Browner estava fechada havia mais de três dias, e os vizinhos pensavam que ela viajara para visitar parentes. Confirmara-se nos escritórios da companhia de barcos que Browner partira a bordo do *May Day*, que, pelos meus cálculos, chegará ao Tâmis amanhã à noite. Ao chegar, ele será recebido pelo obtuso mas resolutivo Lestrade, e não tenho nenhuma dúvida de que seremos inteirados de todos os

detalhes que ainda nos faltam.”

Sherlock Holmes não se decepcionou em suas expectativas. Dois dias mais tarde recebeu um polpudo envelope, que continha uma breve carta do detetive e um documento datilografado de várias páginas em papel ofício.

“Lestrade o pegou, sim, senhor”, disse Holmes, dando-me uma olhada. “Talvez lhe interesse saber o que ele diz

MEU CARO MR. HOLMES

Em conformidade com o plano que nós havíamos feito para pôr à prova nossas teorias [“Esse ‘nós’ é ótimo, não é, Watson?”], dirigi-me ao Albert Dock ontem às 18h e subi a bordo do S.S. *May Day*, pertencente à Liverpool, Dublin, and London Steam Packet Company. Mediante indagações, descobri que havia a bordo um camareiro chamado James Browner e que ele se comportara durante a viagem de uma maneira tão extraordinária que o capitão fora obrigado a dispensá-lo do serviço. Descendo à sua cabine, encontrei-o sentado numa arca com a cabeça enterrada nas mãos, balançando-se para a frente e para trás. É um sujeito grande, forte, escanhoado e muito moreno — lembra Aldridge, aquele que nos auxiliou no caso da lavanderia falsa. Deu um pulo quando comecei a lhe falar, e cheguei a levar meu apito aos lábios para chamar uns dois homens da polícia fluvial que estavam ali perto, mas ele pareceu perder toda a coragem e estendeu as mãos muito tranquilamente para as algemas. Nós o trouxemos para a cadeia, e sua arca também, porque pensamos que podia haver nela algo de incriminador; mas, fora uma grande faca afiada, como a que a maioria dos marinheiros tem, não encontramos nada suspeito. Pensamos, contudo, que não teremos necessidade de mais provas, pois, ao ser levado à presença do inspetor na delegacia, ele pediu para dar um depoimento, que, é claro, foi registrado, tal como o fez, por nosso estenógrafo. O texto foi datilografado em três vias, uma das quais lhe mando em anexo. O caso se revela extremamente simples, como sempre achei que seria, mas devo lhe agradecer por me auxiliar em minha investigação. Atenciosamente,

G. LESTRADE

“Hum! Foi realmente uma investigação extremamente simples”, comentou Holmes; “mas não me parece que ele a encarava sob esse ângulo quando veio nos procurar. Seja como for, vejamos o que Jim Browner tem a dizer por si mesmo. Este é seu depoimento, tal como prestado perante o inspetor Montgomery na delegacia de polícia de Shadwell, e tem a vantagem de ser *ipsis litteris*.

“Se tenho alguma coisa a declarar? Sim, tenho muito a dizer. Preciso pôr tudo isso para fora. Podem me enforcar, ou podem me deixar em paz. Para mim não

tem a menor importância o que façam. Digo-lhes que não preguei o olho desde que fiz aquilo, e não acredito que jamais volte a dormir. Às vezes é o rosto dele, mas em geral é o dela. Nunca estou sem um ou outro diante de mim. Ele parece zangado e taciturno, mas ela tem uma espécie de surpresa na face. Sim, a pobrezinha deve ter ficado surpresa quando viu a morte num rosto em que antes nunca vira senão amor por ela.



“Estendeu as mãos muito tranquilamente.”
[Sidney Paget, *Strand Magazine*, 1893]

“Mas foi tudo culpa de Sarah, e possa a maldição de um condenado cair sobre ela e fazer-lhe o sangue apodrecer nas veias. Não é que eu queira me inocentar. Sei que voltei a beber, que fui um animal. Mas ela teria me perdoado;

teria ficado tão junto de mim quanto a corda da caçamba se aquela mulher não tivesse enlameado o nosso lar. Porque Sarah Cushing me amava — essa foi a raiz da história toda —, e me amou até que seu amor virou ódio violento, quando soube que, para mim, uma apara de unha da minha mulher valia mais que seu corpo e sua alma.

“Eram três irmãs. A mais velha era apenas uma boa mulher, a segunda era um demônio e a terceira, um anjo. Quando me casei, Sarah tinha trinta e três anos e Mary, vinte e nove. Estávamos felizes como dois pombinhos quando montamos nossa casa juntos e em toda Liverpool não havia mulher melhor que minha Mary. Convidamos então Sarah a passar uma semana conosco, e a semana se esticou em um mês, uma coisa levou a outra e ela acabou morando conosco.

“Eu era fita azul naquela época; estávamos economizando um dinheirinho e tudo caminhava às mil maravilhas. Meu Deus, quem teria pensado que as coisas chegariam a este ponto? Quem teria sonhado com isto?

“Eu costumava passar os fins de semana em casa com muita frequência, e às vezes, quando o navio ficava retido para ser carregado, eu tinha uma semana inteira de folga de uma vez. Assim, convivia muito com minha cunhada, Sarah. Ela era uma bela mulher, alta, de cabelo preto, ativa e resoluto, tinha um porte orgulhoso e seus olhos pareciam faiscar. Mas quando minha Mary estava lá ela nem existia para mim; isto eu juro por Deus, cuja misericórdia espero.

“Algumas vezes ela me dera a impressão de que gostava de ficar a sós comigo, ou de me induzir a dar uma caminhada a seu lado, mas eu nunca tinha visto mal nisso. Uma noite, porém, tive de abrir os olhos. Cheguei do navio e minha mulher tinha saído, mas Sarah estava em casa. «Onde está Mary?» perguntei. «Ah, saiu para pagar algumas contas.» Impaciente, fiquei andando de um lado para outro da sala. «Não pode ficar feliz por cinco minutos sem Mary, Jim?» perguntou ela. «Não é nada lisonjeiro para mim você não se contentar com minha companhia por um tempo tão curto.» «Está tudo bem, minha cara», respondi, estendendo-lhe minha mão de uma maneira gentil, mas ela, imediatamente, a segurou nas suas, que queimavam como se ela estivesse com febre. Olhei-a nos olhos e li tudo neles. Ela não precisou falar, nem eu tampouco. Fechei a cara e puxei minha mão. Ela ficou ao meu lado em silêncio por um instante, depois levantou a mão e deu-me uma batidinha no ombro. «Calma, velho Jim!» disse, e saiu correndo da sala, com uma risadinha zombeteira.

“Bem, daquele dia em diante Sarah me odiou com todo o seu coração, e ela é uma mulher com grande capacidade de odiar. Fui um tolo de deixá-la continuar morando conosco — um completo idiota —, mas nunca disse uma palavra a Mary porque sabia que aquilo a magoaria. As coisas continuaram mais ou menos como antes, mas passado um certo tempo comecei a achar que havia alguma coisa de diferente na própria Mary. Ela, que sempre havia sido tão confiante e

tão inocente, agora havia se tornado esquisita e desconfiada, querendo saber onde eu havia estado e o que estivera fazendo, de quem eram as cartas que recebia, o que eu tinha nos bolsos e mil desatinos desse tipo. A cada dia ficava mais esquisita e irritável, e brigávamos o tempo todo por nada. Eu estava muito intrigado com tudo aquilo. Sarah passou a me evitar, mas ela e Mary tornaram-se inseparáveis. Agora entendo que ela estava tramando, intrigando e envenenando a mente de minha mulher contra mim, mas eu estava cego como uma porta e não fui capaz de compreender coisa alguma na época. Rompi então minha abstinência e comecei a beber de novo, mas acho que nunca teria feito isso se Mary tivesse continuado a ser a mesma de sempre. Com isso ela passou a ter uma razão para desgostar de mim, e a distância entre nós tornou-se cada vez maior. Depois aquele Alec Fairbairn entrou na história, e as coisas ficaram muito piores.

“Foi para ver Sarah que ele foi à nossa casa pela primeira vez, mas logo passou a ser para nos visitar, porque era um homem cativante e fazia amigos onde quer que fosse. Era um sujeito vistoso e elegante, vestido na última moda e de cabelos ondulados, que vira meio mundo e sabia falar do que vira. Era uma companhia agradável, não nego, e, para um marinheiro, tinha maneiras surpreendentemente polidas, de modo que acho que deve ter havido um tempo em que frequentava mais o tombadilho do que o castelo de proa. Durante um mês esse sujeito entrou e saiu da minha casa e nunca me passou pela cabeça que suas maneiras suaves, finórias, poderiam representar algum mal. Depois, finalmente, alguma coisa despertou minha desconfiança, e desse dia em diante nunca mais tive paz.

“Foi uma coisa à toa. Cheguei em casa inesperadamente e, quando entrei porta adentro, vi um brilho de boas-vindas no rosto de minha mulher. Quando ela viu quem era, porém, o brilho desapareceu e ela desviou o olhar com uma expressão de desapontamento. Aquilo foi o bastante para mim. Se o tivesse visto naquele instante, eu o teria matado, pois quando me enraiveço perco completamente a cabeça. Vendo o brilho diabólico nos meus olhos, Mary correu para mim e agarrou meu braço. « Não, Jim, não faça isso! » disse. « Onde está Sarah? » perguntei. « Na cozinha », respondeu. « Sarah », disse eu, entrando, « esse Fairbairn está proibido de voltar a pôr o pé nesta casa. » « Por quê? » perguntou ela. « Porque isto é uma ordem minha. » « Oh! » exclamou ela. « Se meus amigos não são bons o bastante para esta casa, eu também não sou. » « Faça o que bem entender », respondi, « mas se esse Fairbairn aparecer aqui mais uma vez, vou lhe mandar uma orelha dele de lembrança. » Acho que ela ficou apavorada com minha expressão, porque não abriu mais a boca e na mesma tarde deixou a minha casa.

“Bem, não sei se foi pura crueldade dessa mulher, ou se ela pensou que poderia me virar contra minha esposa estimulando-a a se comportar mal. Seja como for, ela se instalou numa casa a apenas duas ruas de distância da minha e

passou a alugar quartos para marinheiros. Fairbairn costumava se hospedar lá, e Mary aparecia para tomar chá com a irmã e com ele. Não sei com que frequência ela ia, mas um dia eu a segui e quando cheguei à porta Fairbairn fugiu pelo muro do quintal, o poitrão. Jurei à minha mulher que a mataria se a encontrasse de novo na companhia dele e levei-a de volta comigo, soluçando e tremendo, branca como uma folha de papel. Não havia mais nenhum vestígio de amor entre nós. Eu podia ver que ela tinha ódio e medo de mim, e nas ocasiões em que isso me impelia a beber, ela me desprezava também.

“Bem, Sarah constatou que não podia ganhar a vida em Liverpool e foi embora, ao que eu saiba, para morar com a irmã em Croydon. Em casa, as coisas seguiram mais ou menos na mesma toada. Então veio esta última semana, e toda a desgraça e ruína.

“Foi assim. Havíamos partido no *May Day* para uma viagem redonda de sete dias, mas como um barril cedeu e deslocou uma de nossas chapas, tivemos de retornar ao porto por doze horas. Deixei o navio e fui para casa, pensando na surpresa que faria à minha mulher e esperando que ela ficasse contente de me rever tão depressa. Tinha esse pensamento na cabeça quando entrei em minha própria rua; nesse instante um fiacre passou por mim, e lá estava ela, sentada ao lado de Fairbairn, os dois tagarelando e rindo, sem sequer se lembrar da minha existência enquanto eu os contemplava da calçada.

“Vou lhes dizer que, palavra de honra, desse momento em diante não respondi mais por mim mesmo, e quando penso no que aconteceu tudo me parece um sonho confuso. Eu vinha bebendo muito ultimamente, e as duas coisas juntas me perturbaram totalmente a cabeça. Sinto alguma coisa latejando na minha cabeça agora, como um martelo, mas naquela manhã tinha a impressão de ter as cataratas do Niágara inteiras retumbando e zumbindo nos meus ouvidos.

“Bem, dei meia-volta e corri atrás do carro. Tinha uma pesada bengala de carvalho na mão, e digo aos senhores que de início minha vista ficou vermelha; à medida que corria, porém, recobri a esperteza e me deixei ficar um pouco para trás para vê-los sem ser visto. Eles não demoraram a saltar na estação ferroviária. Como havia uma grande multidão em torno da bilheteria, consegui chegar bem perto deles sem ser visto. Compraram passagens para New Brighton. Fiz o mesmo, mas entrei no terceiro vagão atrás deles. Ao chegarmos, eles foram caminhar pelo passeio público e me mantive a uma distância de no máximo cem metros deles. Finalmente os vi alugar um barco a remo e sair para um passeio, pois o dia estava muito quente e certamente pensaram que estaria mais fresco na água.

“Foi como se me tivessem sido entregues em mãos. Havia um pouco de cerração e não se conseguia ver mais de algumas centenas de metros. Aluguei um barco para mim e saí atrás deles. Eu podia ver a sombra do barco deles, mas estavam avançando quase tão rapidamente quanto eu e deviam estar a mais de

um bom quilômetro e meio da praia quando os alcancei. A neblina era como uma cortina à nossa volta, com nós três no meio. Meu Deus, será que algum dia esquecerei as caras que fizeram quando viram quem estava no barco que se aproximava deles? Ela gritou. Ele praguejou como um louco e investiu contra mim com um remo, pois deve ter visto a morte nos meus olhos. Esquivei-me e dei-lhe uma bengalada que lhe esmagou a cabeça como um ovo. Eu a teria poupado, talvez, apesar da minha loucura, mas ela o abraçou, bradou por ele, chamando-o « Alec ». Um novo golpe e ela caiu deitada ao lado dele. Nesse momento eu estava como uma fera selvagem que tivesse provado sangue. Se Sarah estivesse lá, juro, teria tido a mesma sorte que eles. Puxei minha faca e... bem, é isso! Já falei o bastante. Senti uma espécie de alegria perversa quando pensei em como Sarah se sentiria quando recebesse aqueles sinais do que sua intromissão provocara. Depois amarrei os corpos ao barco, arrombei uma tábua e fiquei ali até que afundaram. Sabia muito bem que o dono pensaria que eles haviam perdido o rumo na neblina e sido impelidos para alto-mar. Arrumei-me, voltei à praia e embarquei no meu navio sem que ninguém suspeitasse do que se passara. Naquela noite fiz o pacote para Sarah Cushing e no dia seguinte o despachei de Belfast.



“Os senhores ouviram toda a verdade. Podem me enforcar, ou fazer o que quiserem comigo, mas não conseguirão me castigar mais do que já fui castigado. Não consigo fechar os olhos sem ver aqueles dois rostos me fitando, me encarando como o fizeram quando meu barco irrompeu através da neblina. Eu os matei depressa, mas eles estão me matando pouco a pouco; e se eu tiver de suportar isso por mais uma noite, estarei louco ou morto antes do amanhecer. Não vai me pôr numa cela sozinho, não é, senhor? Por piedade, não ponha, e possa o senhor ser tratado em seu dia de agonia como me tratar agora.”

“Qual é o significado disto, Watson?” disse Holmes solenemente, ao soltar o papel. “Que objetivo é servido por este círculo de desgraça, violência e medo? Isso tem de tender para algum fim, do contrário nosso universo é regido pelo acaso, o que é impensável. Mas que fim? Este é o grande e perene problema de cuja solução a razão humana está tão longe como sempre.”

A FACE AMARELA

AO PUBLICAR ESTES breves relatos baseados nos muitos casos em que os singulares dons de meu companheiro transformaram-me no ouvinte de dramas estranhos, e até no ator de alguns deles, é mais do que natural que me detenha mais em seus sucessos que em seus fracassos. E isso não tanto no interesse de sua reputação — porque, na realidade, era quando Sherlock Holmes estava numa situação desesperada que sua energia e versatilidade pareciam mais admiráveis —, mas porque, com muita frequência, nos casos em que fracassou ninguém mais teve êxito, e a história ficou para sempre sem uma conclusão. Vez por outra, contudo, ocorreu que, mesmo ali onde ele errou, a verdade acabou sendo descoberta. Tenho anotações de uma meia dúzia de casos desse tipo; a história da segunda mancha e esta que passo a narrar são as duas que apresentam as características de maior interesse.

Sherlock Holmes era uma pessoa que raramente praticava exercício por amor ao exercício. Conheci poucos homens capazes de maior esforço muscular, e ele foi sem dúvida um dos mais excelentes boxeadores de seu peso que já vi; mas o esforço físico sem objetivo parecia-lhe perda de energia, e raramente se agitava a menos que isso servisse a algum objetivo profissional. Nesse caso, era absolutamente incansável e diligente. Diante disso, é notável que se mantivesse em forma, mas sua dieta era geralmente a mais frugal e seus hábitos, simples no limiar da austeridade. Exceto pelo uso de cocaína, não tinha vícios, e só recorria à droga como um protesto contra a monotonia da existência quando os casos eram escassos e os jornais desinteressantes.

Um dia, no início da primavera, mostrou-se relaxado a ponto de ir dar uma caminhada comigo no Parque, onde os primeiros brotos de um verde pálido despontavam nos olmos e as folhas quintuplas dos castanheiros mal começavam a eclodir de seus ramos úmidos. Perambulamos juntos por ali umas duas horas, a maior parte do tempo em silêncio, como convém a dois homens que se conhecem intimamente. Eram quase cinco horas quando regressamos a Baker Street.

“Com licença, senhor”, disse nosso mensageiro, ao abrir a porta. “Esteve aqui um cavalheiro perguntando pelo senhor.”

Holmes lançou-me um olhar de censura. “É no que dão seus passeios à tarde!” disse. “Então esse cavalheiro foi embora?”

“Sim, senhor.”

“Não o convidou para entrar?”

“Convidei, senhor. Ele entrou.”

“Quanto tempo esperou?”

“Meia hora, senhor. Era um homem muito inquieto, não parou de andar de um lado para outro o tempo todo que passou aqui. Como eu estava esperando do lado de fora, junto à porta, podia ouvi-lo. Finalmente ele saiu pelo corredor, gritando: ‘Esse homem não vai chegar nunca?’ Usou estas palavras mesmo, senhor. ‘Espere só um pouco mais’, respondi. ‘Então vou esperar ao ar livre, porque estou me sentindo meio sufocado’, disse ele. ‘Voltarei logo.’ E lá se foi, de repente; nada do que eu disse foi capaz de segurá-lo.”

“Bem, você fez o que podia”, disse Holmes, enquanto entrávamos em nossa sala. “Mas isso é muito desagradável, Watson. Estou precisadíssimo de um caso, e, a julgar pela impaciência do homem, parece que esse era importante. Olhe só! Esse cachimbo sobre a mesa não é o seu. Ele deve tê-lo esquecido. Um bom e velho cachimbo de raiz de urze-branca, com um tubo longo do que os donos de tabacaria chamam de âmbar. Quantas boquilhas de âmbar verdadeiro haverá em Londres? Há quem ache que a presença de uma mosca no âmbar prova que é genuíno. Ora, introduzir moscas falsas em âmbar falso chega a ser um ramo especial de negócio. Bem, o homem devia estar muito perturbado para esquecer um cachimbo que evidentemente estima tanto.”

“Como sabe que o estima muito?”

“Bem, eu calcularia o custo original do cachimbo em sete xelins e seis *pence*. Agora veja, ele foi consertado duas vezes, uma vez no tubo de madeira e uma vez no âmbar. Esses dois consertos, feitos, como pode observar, com ligaduras de prata, devem ter custado mais que o próprio cachimbo. O sujeito só pode estimar muito este cachimbo, se prefere remendá-lo a comprar um novo com o mesmo dinheiro.”

“Mais alguma coisa?” perguntei, porque Holmes estava virando o cachimbo na mão e contemplando-o com sua peculiar maneira pensativa.

Ele o levantou e deu-lhe batidinhas com seu comprido e magro dedo indicador, como um professor que dissertasse acerca de um osso.

“Cachimbos são por vezes de extraordinário interesse”, disse. “Nada tem mais individualidade, exceto talvez relógios e cadarços de sapato. Neste caso, contudo, os indícios não são nem muito acentuados, nem muito importantes. O proprietário é obviamente um homem musculoso, canhoto, com dentes excelentes, de hábitos descuidados e sem nenhuma necessidade de fazer economia.”

Meu amigo lançou essas informações como se nada fossem, mas vi que estava de olho em mim para ver se eu acompanhara seu raciocínio.

“Você acha que um homem deve ser rico se fuma um cachimbo de sete xelins?” perguntei.

“Isto é mistura Grosvenor, que custa oito *pence* a onça”, Holmes respondeu, batendo um pouco de fumo na palma da mão. “Como ele poderia obter um tabaco excelente por metade do preço, não tem necessidade de fazer economia.”

“E os outros pontos?”

“Ele tem o costume de acender seu cachimbo em lâmpadas e bicos de gás. Você pode ver que este está bastante queimado de um lado. É claro que um fósforo não teria podido fazer isso. Por que haveria um homem de encostar a chama de um fósforo num lado de seu cachimbo? Mas não se pode acendê-lo numa lâmpada sem queimar o forninho. E o chamuscado está todo no lado direito do cachimbo. Disto concluo que ele é canhoto. Segure seu cachimbo junto à lâmpada e veja com que naturalidade você, sendo destro, encosta o lado esquerdo na chama. Poderia fazer diferente uma vez ou outra, mas não constantemente. Este foi sempre segurado dessa maneira. Além disso, ele mordeu fundo o seu âmbar. É preciso um sujeito musculoso, forte, e com bons dentes, para fazer isso. Mas, se não me engano, ouço os passos dele na escada; vamos ter algo mais interessante que seu cachimbo para estudar.”

Um instante depois nossa porta se abriu e um jovem alto entrou na sala. Estava discretamente vestido, com um terno cinza-escuro, e tinha um chapéu de feltro de abas largas na mão. Eu lhe daria uns trinta anos, embora na realidade tivesse alguns anos mais.

“Perdoem-me”, disse com algum embaraço; “suponho que devia ter batido. Sim, é claro que devia ter batido. O fato é que estou um pouco perturbado, e os senhores devem atribuir tudo a isso.” Passou a mão na testa como se estivesse um pouco zozno e depois mais caiu do que se sentou numa cadeira.

“Posso ver que faz uma ou duas noites que não dorme”, disse Holmes, com suas maneiras serenas, afáveis. “Isso põe os nervos à prova mais do que trabalho, e mais até do que prazer. Por favor, como eu poderia ajudá-lo?”

“Quería seu conselho, senhor. Não sei o que fazer, e toda a minha vida parece estar destruída.”

“Deseja contratar-me como detetive consultor?”

“Não só isso. Quero sua opinião como um homem judicioso – um homem do mundo. Quero saber o que devo fazer em seguida. Espero em Deus que possa me dizer.”

Ele falava em arrancos breves, abruptos e espasmódicos, e eu tinha a impressão de que falar lhe era muito penoso e de que, o tempo todo, sua vontade estava dominando suas inclinações.

“É algo muito delicado”, continuou. “Não é agradável falar de nossos negócios particulares com estranhos. Parece-me horrível discutir a conduta da minha própria mulher com dois homens que nunca vi antes. Mas tenho de ir até onde me for possível, e preciso de conselho.”

“Meu caro Mr. Grant Munro...” começou Holmes.

Nosso visitante deu um pulo da cadeira. “Quê?” gritou. “Sabe o meu nome?”

“Se quiser manter-se incógnito”, disse Holmes sorrindo, “eu lhe sugeriria que deixasse de escrever seu nome no forro de seu chapéu, ou então que vísasse a copa na direção da pessoa com quem está falando. Eu ia dizer que meu amigo e

eu já ouvimos muitos segredos estranhos nesta sala e tivemos a boa sorte de tranquilizar muitas almas inquietas. Acredito que poderemos fazer o mesmo pelo senhor. Poderia lhe pedir, já que o fator tempo pode se provar importante, que me forneça sem mais delongas os fatos de seu caso?”

Nosso visitante passou de novo a mão na testa, como se aquilo lhe parecesse terrivelmente difícil. Eu podia ver por todos os seus gestos, suas expressões, que era um homem reservado, autossuficiente, com uma ponta de orgulho em seu caráter, mais propenso a ocultar suas dores que a expô-las. Então subitamente, fazendo um gesto impetuoso com o punho fechado, como alguém que resolve se despir de toda reserva, começou.

“Os fatos são estes, Mr. Holmes”, disse. “Sou um homem casado, faz três anos agora. Durante esse tempo minha mulher e eu nos amamos muitíssimo e fomos o mais feliz dos casais. Nunca tivemos um desentendimento, nem um só, em pensamento, palavras ou atos. Mas agora, desde a segunda-feira passada, surgiu de repente uma barreira entre nós, e penso que há alguma coisa na vida e no pensamento dela de que tenho tão pouco conhecimento como se ela fosse uma estranha com quem cruzo na rua. Algo mudou entre nós, e quero saber por quê.



“Nosso visitante deu um pulo da cadeira.”
[Sidney Paget, *Strand Magazine*, 1893]

“Antes de continuar, porém, preciso enfatizar que Effie me ama, Mr. Holmes. Que não paire nenhuma dúvida sobre isso. Ela me ama profundamente, e agora mais do que nunca. Sei disso. Sinto isso. Não quero discutir a esse respeito. Um homem pode perceber muito facilmente quando uma mulher o ama. Mas há esse segredo entre nós, e nunca poderemos ser os mesmos até que ele seja

revelado.”

“Por obséquio, conte-me os fatos, Mr. Munro”, disse Holmes com uma ponta de impaciência.

“Vou lhe contar o que sei sobre a história de Effie. Ela era viúva quando a conheci, embora muito jovem — tinha apenas vinte e cinco anos. Seu nome então era Mrs. Hebron. Ela partiu para os Estados Unidos quando bem jovem e morou na cidade de Atlanta, onde se casou com esse Hebron, um advogado com boa clientela. Tiveram um filho, mas houve uma epidemia de febre amarela no lugar e o marido e o filho morreram ambos da doença. Vi o atestado de óbito dele. Desgostosa dos Estados Unidos, ela voltou para viver com uma tia solteira na cidadezinha de Pinner, no Middlesex. Devo mencionar que o marido a deixara em boa situação; ela ficou com um capital de cerca de cinco mil e quatrocentas libras, tão bem investido por ele que rendia em média cerca de 7%. Fazia apenas seis meses que ela estava em Pinner quando a conheci; apaixonamo-nos e algumas semanas depois estávamos casados.

“Como eu sou um negociante de lúpulo e tenho uma renda de setecentas ou oitocentas libras, vimo-nos numa situação confortável e alugamos uma ótima casa por oitenta libras ao ano em Norbury. Nosso pequeno povoado é muito rústico, considerando-se que fica tão perto da cidade. Temos uma estalagem e duas casas um pouco acima da nossa, e um chalé simples do outro lado do campo fronteiro à nossa casa; fora isso, não há casa nenhuma até que se percorra metade do caminho para a estação. Meus negócios levavam-me à cidade em certas estações, mas no verão, quando tinha menos coisas a fazer, minha mulher e eu éramos tão felizes quanto se poderia desejar em minha casa de campo. Acredite-me, nunca houve uma sombra entre nós até esse maldito problema começar.

“Preciso lhe dizer uma coisa antes de continuar. Quando nos casamos, minha mulher transferiu todos os seus bens para mim — muito contra a minha vontade, pois eu via o quanto isso seria inconveniente se as coisas fossem mal com meus negócios. Mas ela quis assim, e assim foi feito. Bem, cerca de seis semanas atrás ela me disse:

“Jack, quando você recebeu meu dinheiro, disse que se algum dia eu precisasse de alguma quantia, bastaria lhe pedir.”

“Certamente”, respondi. ‘É tudo seu.’

“Bem”, disse ela, ‘quero cem libras.’

“Fiquei um pouco espantado com isso, porque imaginara que era simplesmente um vestido novo, ou algo do gênero, que ela poderia estar desejando.

“Para que diabos?”

“Oh”, respondeu ela, num tom brincalhão, ‘você disse que era apenas meu banqueiro, e banqueiros, você sabe, nunca fazem perguntas.’

“Se está falando sério, claro que terá o dinheiro.”

“Sim, estou falando sério.”

“E não vai me contar para que o quer?”

“Algum dia, talvez, mas não agora, Jack.”

“Assim, tive de me contentar com isso, embora fosse a primeira vez que um segredo se interpunha entre nós. Dei-lhe um cheque e não pensei mais no assunto. Pode ser que isso nada tenha a ver com o que aconteceu posteriormente, mas achei que não devia deixar de mencioná-lo.

“Bem, como lhe disse, há um chalé não muito longe de nossa casa. Apenas um campo nos separa dele, mas para chegar lá é preciso tomar a estrada e depois virar numa senda. Logo além dele há um lindo bosquezinho de pinheiros, e eu gostava muito de passear por ali, pois árvores são sempre criaturas amistosas. Fazia oito meses que o chalé estava vazio, o que era uma pena, porque é uma bonita construção de dois pavimentos, com uma varanda no velho estilo, rodeada de madressilvas. Muitas vezes eu ficava ali parado, pensando que linda casinha de campo ele daria.

“Bem, na tarde de segunda-feira passada eu fazia um passeio por aqueles lados quando dei com um carroção vazio subindo a senda e vi um monte de tapetes e objetos no gramado junto à varanda. Estava claro que finalmente o chalé fora alugado. Passei por ele, pensando que tipo de gente era aquela que iria morar tão perto de nós. Enquanto olhava, percebi de repente que um rosto me observava de uma das janelas do segundo andar.

“Não sei o que havia naquele rosto, Mr. Holmes, mas ele me provocou um arrepio espinha abaixo. Como estava a certa distância, não pude distinguir os traços, mas havia algo de anormal e inumano naquela face. Essa foi a impressão que tive, e adiantei-me rapidamente para ver mais de perto a pessoa que me observava. Quando me movi, porém, a face desapareceu subitamente, tão subitamente que me pareceu que havia sido puxada para a escuridão do quarto. Fiquei cinco minutos ali, refletindo sobre o episódio e tentando analisar minhas impressões. Não sabia ao certo se aquele rosto era de um homem ou de uma mulher. Estivera muito longe de mim para isso. O que mais me impressionara, porém, fora a sua cor. Era lívido, de um amarelo fosco, e tinha uma dureza, uma rigidez chocantemente artificial. Fiquei tão perturbado que decidi dar uma olhada melhor nos novos moradores do chalé. Aproximei-me e bati à porta, que foi imediatamente aberta por uma mulher alta, descarnada, com um semblante carrancudo, ameaçador.

“O que você quer?” perguntou, com um sotaque do norte.

“Sou seu vizinho, moro ali”, disse, meneando a cabeça em direção à minha casa. ‘Pelo que vejo, acabam de se mudar, portanto pensei que se pudesse lhes ser de utilidade em alg...’

“Ah! Se precisarmos de alguma coisa, pediremos”, disse ela, e bateu a porta

na minha cara. Aborrecido com a recusa grosseira, dei meia-volta e fui para casa. No resto do dia, por mais que tentasse pensar em outras coisas, minha mente teimava em retornar àquela aparição na janela e à rudeza da mulher. Decidi não dizer nada sobre isso à minha esposa, porque ela é uma pessoa nervosa, extremamente tensa, e eu não tinha desejo algum de fazê-la partilhar a desagradável impressão produzida em mim. Comentei com ela, no entanto, antes de adormecer, que o chalé estava ocupado agora, ao que não deu nenhuma resposta.

“Em geral tenho um sono muito pesado. Costumava-se brincar, na minha família, dizendo que nada jamais poderia me acordar durante a noite. No entanto, naquela noite particular, por alguma razão — não sei se foi ou não o ligeiro nervosismo produzido por minha pequena aventura —, meu sono foi muito mais leve do que de costume. Semi-imerso em meus sonhos, tive uma vaga consciência de que havia alguma coisa acontecendo no quarto, e pouco a pouco me dei conta de que minha mulher havia se vestido e estava pondo a capa e o chapéu. Meus lábios se entreabriram para murmurar algumas sonolentas palavras de surpresa ou reprovação diante daquela toaleta extemporânea, quando de repente meus olhos entreabertos deram com seu rosto, iluminado pela luz da vela, e o pasmo me calou. Effie tinha uma expressão que eu nunca vira antes — uma expressão que eu a supunha incapaz de assumir. Mortalmente pálida e com a respiração acelerada, olhava furtivamente para a cama enquanto prendia a capa, para ver se estava me perturbando. Em seguida, pensando que eu ainda dormia, esgueirou-se sem barulho do quarto; um instante depois, ouvi um rangido agudo que só podia vir das dobradiças da porta da frente. Sentei-me na cama e bati os nós dos dedos na cabeceira para me assegurar de que estava mesmo acordado. Em seguida tirei meu relógio de debaixo do travesseiro. Eram três horas da manhã. Que diabos poderia minha mulher estar fazendo na estrada deserta às três horas da manhã?

“Fiquei ali uns vinte minutos, dando tratos à bola e tentando encontrar alguma explicação possível. Quanto mais eu pensava, mais extraordinário e inexplicável aquilo parecia. Eu continuava perplexo quando ouvi a porta se fechar suavemente de novo e os passos de minha mulher subindo a escada.

“Onde foi que você se meteu, Effie?” perguntei quando ela entrou.

“Ela teve um forte sobressalto e soltou uma espécie de grito sufocado, e esse sobressalto e grito me perturbaram mais do que todo o resto, pois revelavam uma culpa indescritível. Minha mulher sempre tivera uma natureza franca, aberta, e deu-me um calafrio vê-la entrando furtivamente em seu próprio quarto e estremecendo ao ouvir a voz do próprio marido.

“‘Está acordado, Jack!’ exclamou, com um riso nervoso. ‘Ora, pensava que nada podia acordá-lo.’

“‘Onde você esteve?’ perguntei, mais severamente.

“Não me admira que esteja surpreso”, disse ela, e pude ver que seus dedos tremiam enquanto desatava a capa. ‘Ora, não me lembro de jamais ter feito uma coisa como esta antes em toda a minha vida. O fato é que me senti como se estivesse sufocando e tive um grande desejo de respirar um pouco de ar puro. Realmente penso que teria desmaiado se não tivesse saído. Passei alguns minutos junto da porta e agora sinto-me perfeitamente bem de novo.’

“Durante todo o tempo em que me contava essa história, ela não olhou uma vez sequer na minha direção e sua voz estava muito diferente do habitual. Ficou evidente para mim que dizia uma falsidade. Não disse nada em resposta, mas virei a cabeça para a parede, triste, a mente cheia com mil dúvidas e desconfianças maldosas. Que estava minha mulher escondendo de mim? Onde estivera ela durante aquela estranha expedição? Senti que não teria paz enquanto não soubesse, mas ao mesmo tempo relutava em lhe fazer novas perguntas depois que me dissera uma falsidade. Durante todo o resto da noite eu me virei e revirei, formulando teoria após teoria, uma mais improvável que a outra.

“Devia ter ido à City aquele dia, mas minha mente estava perturbada demais para que eu tivesse condições de prestar atenção a assuntos de negócio. Minha mulher parecia igualmente angustiada, e eu podia ver, pelas olhadelas indagativas que não parava de me lançar, que compreendia que eu não acreditara na sua explicação e já não sabia o que fazer. Mal trocamos uma palavra durante o desjejum, mas imediatamente depois eu saí para uma caminhada — queria poder refletir sobre a questão ao ar fresco da manhã.

“Fui até o Palácio de Cristal, passei uma hora nos jardins e estava de volta a Norbury à uma hora. Como, por acaso, meu caminho me fez passar pelo chalé, parei um instante para olhar as janelas e ver se podia vislumbrar o estranho rosto que me observara na véspera. Enquanto permanecia ali parado, imagine minha surpresa, Mr. Holmes, quando a porta se abriu de repente e minha mulher saiu.

“Fiquei mudo de assombro ao vê-la; mas minhas emoções não eram nada comparadas às que se revelaram na face dela quando nossos olhos se encontraram. Por um instante ela pareceu desejar enfiar-se de novo na casa; depois, vendo que qualquer dissimulação seria absolutamente inútil, avançou, com uma face muito branca e olhos assustados que desmentiam o sorriso que tinha nos lábios.

“Ah, Jack”, disse, ‘acabo de entrar para ver se podia ser de alguma utilidade para nossos novos vizinhos. Por que me olha assim, Jack? Está zangado comigo?’

“Então foi aqui que veio durante a noite.’

“Que quer dizer?”

“Você veio aqui. Tenho certeza. Quem são essas pessoas, para você visitá-las numa hora como aquela?”

“Não estive aqui antes.’

“Como pode me dizer o que sabe ser falso?” exclamei. ‘Até sua voz muda

quando você fala. Quando foi que já tive algum segredo para você? Vou entrar nesse chalé e tirar esse assunto a limpo.’

“‘Não, Jack, não, pelo amor de Deus!’ disse ela, arfando, em incontrolável emoção. Depois, quando eu me aproximava da porta, me agarrou pela manga e me puxou para trás com uma força convulsiva.

“‘Imploro que não faça isso, Jack’, exclamou. ‘Juro que lhe contarei tudo algum dia, mas só desgraça poderá acontecer se você entrar nesse chalé.’ Depois, quando tentei me desvencilhar dela, agarrou-se a mim, suplicando freneticamente.

“‘Confie em mim, Jack!’ gritou. ‘Confie em mim só desta vez. Nunca terá motivo para se arrepender. Sabe que não teria um segredo para você se não fosse para seu próprio bem. São nossas vidas que estão em jogo. Se vier para casa comigo, tudo ficará bem. Se entrar à força naquele chalé, tudo estará terminado entre nós.’

“‘Havia tal veemência, tal desespero em suas maneiras que essas palavras me detiveram e fiquei parado, indeciso, diante da porta.

“‘Confiarei em você sob uma condição, e somente sob essa condição’, disse eu por fim. ‘É que este mistério termine a partir deste momento. Você está livre para preservar seu segredo, mas tem de me prometer que não haverá mais visitas noturnas, mais nenhuma ação que não seja do meu conhecimento. Estou disposto a esquecer o que se passou se prometer que nada disso se repetirá no futuro.’



“‘Confie em mim, Jack!’ gritou.”
[Sidney Paget, *Strand Magazine*, 1893]

“‘Eu tinha certeza de que você confiaria em mim’, exclamou ela com um grande suspiro de alívio. ‘Será exatamente como quer. Venha... ah, vamos para casa.’”

“Ainda me puxando pela manga, ela me levou para longe do chalé. Enquanto caminhávamos, dei uma olhada para trás, e lá estava aquela face lívida,

amarela, espiando-nos da janela de cima. Que relação poderia haver entre essa criatura e minha mulher? Ou como poderia a mulher grosseira, rude, que eu vira na véspera estar vinculada a ela? Era um enigma estranho, e eu sabia que minha mente não voltaria a encontrar descanso até que o desvendasse.

“Durante dois dias, depois disso, não sei, e minha mulher pareceu submeter-se lealmente à nossa combinação, pois, até onde sei, também não pôs o pé fora de casa uma só vez. No terceiro dia, contudo, tive ampla prova de que sua promessa solene não era suficiente para subtraí-la da influência secreta que a afastava do seu marido e do seu dever.

“Eu fora à cidade aquele dia, mas voltara pelo trem das 14h40 e não pelo de 15h36, que costumo tomar. Quando entrei em casa, a criada correu ao vestibulo com um rosto assustado.

“‘Onde está a senhora?’ perguntei.

“‘Acho que saiu para dar uma caminhada.’

Minha mente encheu-se de desconfiança imediatamente. Corri ao segundo andar para me assegurar de que ela não estava em casa. Ao fazê-lo, olhei por acaso por uma das janelas de cima, e vi a criada com quem acabara de falar correndo pelo campo na direção do chalé. Compreendi então exatamente, é claro, o que tudo aquilo significava. Minha mulher fora para lá e pedira à criada para chamá-la caso eu voltasse. Tremendo de raiva, desci e saí correndo, decidido a pôr aquele assunto em pratos limpos de uma vez por todas. Vi minha mulher e a criada virem correndo de volta pela senda, mas não parei para falar com elas. O segredo que lançava uma sombra sobre a minha vida encontrava-se no chalé. Jurei que, acontecesse o que acontecesse, não haveria mais segredo. Ao chegar, nem bati à porta – girei a maçaneta e me precipitei no corredor.

“Tudo estava tranquilo e silencioso no térreo. Na cozinha, uma chaleira assobiava no fogo, e um grande gato preto dormia, enroscado em sua cesta; mas não havia sinal da mulher que eu vira antes. Corri a outro cômodo, mas estava igualmente deserto. Subi então às pressas, mas o que encontrei foram dois outros cômodos vazios, desertos. Não havia ninguém na casa toda. Os móveis e os quadros eram do tipo mais comum e vulgar, exceto no quarto em cuja janela eu vira a face estranha. Esse era confortável e elegante, e todas as minhas desconfianças decuplicaram quando vi, no aparador da lareira, uma cópia de uma fotografia de corpo inteiro de minha mulher, tirada a meu pedido apenas três meses atrás.

“Fiquei lá tempo suficiente para me assegurar de que a casa estava absolutamente vazia. Depois fui embora, sentindo no coração um peso que nunca experimentara antes. Minha mulher acorreu ao vestibulo quando entrei em casa; mas eu, ferido e irritado demais para falar com ela, segui direto para meu gabinete. Mas ela me seguiu, e entrou, antes que eu pudesse fechar a porta.

“‘Sinto muito ter quebrado minha promessa, Jack’, disse ela; ‘mas se você

conhecesse todas as circunstâncias, tenho certeza de que me perdoaria.’

“Conte-me tudo, então.’

“Não posso, Jack, não posso.’

“Enquanto não me disser quem está morando naquele chalé e para quem você deu aquela fotografia, não pode haver nenhuma confiança entre nós’, disse eu, e, dando-lhe as costas, saí de casa. Isso foi ontem, Mr. Holmes; desde então não voltei a vê-la, nem sei nada mais sobre essa estranha história. É a primeira sombra que se interpõe entre nós, e abalou-me tanto que não sei o que deveria fazer. Subitamente, esta manhã, ocorreu-me que o senhor era o homem para me aconselhar, assim vim correndo à sua procura e me ponho inteiramente em suas mãos. Se há algum ponto que não deixei claro, por favor, interrogue-me. Mas, acima de tudo, diga-me logo o que devo fazer porque este sofrimento é mais do que posso suportar.”

Holmes e eu tínhamos ouvido com o mais profundo interesse esse relato extraordinário, pronunciado à maneira espasmódica, interrompida, de um homem sob a influência de emoções extremas. Meu companheiro permaneceu em silêncio por algum tempo, o queixo na mão, perdido em pensamentos.

“Diga-me”, disse por fim, “poderia jurar que foi o rosto de um homem que viu à janela?”

“Todas as vezes que o vi, estava a alguma distância do chalé, de modo que me é impossível saber.”

“O senhor parece, no entanto, ter ficado desagradavelmente impressionado por ele.”

“Parecia de uma cor antinatural, e havia uma rigidez estranha nos traços. Quando me aproximei, desapareceu abruptamente.”

“Quanto tempo faz que sua mulher lhe pediu cem libras?”

“Quase dois meses.”

“Já viu alguma vez uma fotografia do primeiro marido dela?”

“Não; houve um grande incêndio em Atlanta logo depois que ele morreu e todos os seus papéis foram destruídos.”

“Mas apesar disso ela tinha a certidão de óbito. O senhor disse que a viu.”

“Sim; ela obteve uma cópia após o incêndio.”

“Encontrou alguma vez alguém que a tivesse conhecido nos Estados Unidos?”

“Não.”

“Alguma vez ela falou em voltar lá?”

“Não.”

“Ou recebeu cartas de lá?”

“Não.”

“Muito obrigado. Gostaria de refletir um pouco sobre o assunto agora. Se o chalé tiver sido permanentemente abandonado, poderemos ter alguma dificuldade. Se, por outro lado, como me parece mais provável, os moradores

foram alertados de sua aproximação e saíram antes que o senhor entrasse, ontem, poderão estar de volta agora e elucidaríamos tudo isso facilmente. Permita-me aconselhá-lo, portanto, a retornar a Norbury e a examinar as janelas do chalé de novo. Se tiver razões para acreditar que está habitado, não tente entrar à força; mande-nos um telegrama. Em menos de uma hora meu amigo e eu estaremos com o senhor, e poderemos esclarecer toda essa questão em muito pouco tempo.”

“E se continuar vazio?”

“Nesse caso, iremos lá amanhã, e discutiremos o caso com o senhor. Até logo; mas, sobretudo, não se exaspere até saber que realmente tem motivo para tanto.

“Temo que esse seja um caso grave, Watson”, disse meu companheiro, depois de conduzir Mr. Grant Munro à porta. “Que ideia fez dele?”

“Deu-me uma impressão ruim”, respondi.

“Isso. Ou muito me engano, ou há chantagem envolvida nessa história.”

“E quem é o chantagista?”

“Bem, deve ser a criatura que ocupa o único quarto confortável da casa e tem a fotografia dela sobre sua lareira. Palavra, Watson, há algo de muito atraente nessa face lívida à janela, e eu não teria perdido este caso por nada neste mundo.”

“Tem uma teoria?”

“Tenho, uma teoria provisória. Mas ficarei surpreso se não se mostrar correta. O primeiro marido dessa mulher está naquele chalé.”

“Por que acha isso?”

“De que outra maneira explicar sua ansiedade frenética em impedir que o segundo marido entre lá? Os fatos, como os interpreto, são mais ou menos estes: essa mulher casou-se nos Estados Unidos. Seu marido desenvolveu algumas qualidades abomináveis; ou, quem sabe, contraiu alguma doença repugnante, tornando-se leproso ou imbecil? Ela acaba fugindo dele, volta para a Inglaterra, muda de nome e começa, segundo pensa, uma vida nova. Está casada há três anos e acredita que sua posição é inteiramente segura, tendo mostrado ao marido a certidão de óbito de um homem cujo nome assumira, quando de repente seu paradeiro é descoberto pelo primeiro marido; ou, podemos também supor, por alguma mulher inescrupulosa que se associou ao doente. Eles escrevem para a mulher e ameaçam vir para cá e denunciá-la. Ela pede cem libras e tenta comprá-los. Apesar disso eles vêm, e quando o marido menciona casualmente para a mulher que há novos moradores no chalé, ela intui de alguma maneira que são seus perseguidores. Espera até que o marido adormeça e corre até lá para tentar convencê-los a deixá-la em paz. Não obtendo sucesso, volta lá na manhã seguinte, e seu marido a encontra, como nos contou, quando saía. Ela lhe promete então não voltar ali, mas dois dias depois a esperança de se livrar daqueles pavorosos vizinhos foi forte demais e ela fez mais uma tentativa,

levando consigo a fotografia que provavelmente lhe fora pedida. No meio dessa entrevista, a criada entrou correndo para dizer que o patrão chegara em casa, diante do que a mulher, sabendo que ele rumaria diretamente para o chalé, fez os moradores saírem a toda pressa pela porta dos fundos, para se refugiarem provavelmente no pinheiral, que foi mencionado como próximo dali. Assim, ele encontrou o lugar deserto. Ficarei muito surpreso, entretanto, se ainda continuar vazio quando ele fizer seu reconhecimento hoje à tarde. Que pensa da minha teoria?”

“É tudo suposição.”

“Mas pelo menos leva em conta todos os fatos. Quando chegarem ao nosso conhecimento novos fatos que não possam ser cobertos por ela, haverá tempo de sobra para reconsiderá-la. Não podemos fazer mais nada até recebermos uma mensagem de nosso amigo em Norbury.”

Não precisamos esperar muito tempo. A mensagem chegou assim que havíamos terminado nosso chá. “O chalé continua habitado”, dizia. “Vi a face de novo à janela. Esperarei o trem das sete e não tomarei nenhuma medida até que cheguem.”

Ele nos esperava na plataforma quando descemos do trem, e pudemos ver à luz das lâmpadas da estação que estava muito pálido e palpitava de nervosismo.

“Ainda estão lá, Mr. Holmes”, disse, apertando com força o braço de meu amigo. “Vi luzes no chalé quando cheguei. Vamos esclarecer isso de uma vez por todas.”

“Nesse caso, qual é o seu plano?” perguntou Holmes, enquanto caminhávamos pela estrada escura, margeada por árvores.

“Vou entrar à força e ver com meus próprios olhos quem está na casa. Quero que os senhores estejam ambos lá como testemunhas.”

“Está mesmo decidido a fazer isso, apesar da advertência de sua mulher de que seria melhor para o senhor não desvendar esse mistério?”

“Sim, estou decidido.”

“Bem, acho que está certo. Qualquer verdade é melhor que uma dúvida indefinida. Convém irmos imediatamente. É claro que, legalmente, estaremos cometendo uma infração; mas acho que vale a pena.”

Era uma noite muito escura e uma chuva fina começou a cair quando saímos da estrada principal para tomar uma senda estreita, profundamente sulcada, com sebes dos dois lados. Mr. Grant Munro avançou impacientemente, contudo, e nós o seguimos aos tropeços tão bem quanto pudemos.

“Lá estão as luzes da minha casa”, murmurou, apontando para uma luz fraca entre as árvores. “E aqui o chalé em que vou entrar.”

Fizemos uma curva na senda enquanto ele falava, e demos com a construção bem ao nosso lado. Uma réstia amarela no piso negro em frente à casa mostrava que a porta não estava inteiramente fechada, e uma janela do segundo

pavimento encontrava-se intensamente iluminada. Ao olharmos, vimos uma mancha escura movendo-se contra a persiana.

“Lá está aquela criatura!” exclamou Grant Munro. “Os senhores podem ver por si mesmos que há alguém ali. Agora me sigam, e logo saberemos tudo.”

Aproximamo-nos da porta; subitamente, porém, uma mulher emergiu da sombra e parou na faixa de luz dourada projetada pela lâmpada. Não pude ver seu rosto na escuridão, mas tinha os braços estendidos numa atitude de súplica.

“Pelo amor de Deus, não faça isso, Jack!” gritou ela. “Tive o pressentimento de que você viria esta noite. Pense melhor, meu querido! Confie em mim novamente, e nunca terá motivo para se arrepender.”

“Fiquei em você por tempo demais, Effie”, exclamou ele, duramente. “Solte-me! Deixe-me passar. Meus amigos e eu vamos resolver este problema definitivamente!” Empurrou-a para um lado e o seguimos de perto. Quando ele abriu a porta, uma velha foi correndo se plantar diante dele e tentou barrar-lhe a passagem, mas ele a lhe empurrou e um instante depois estávamos todos na escada. Grant Munro correu para o quarto iluminado no segundo andar, e entramos logo atrás.

Era um aposento confortável, bem mobiliado, com duas velas ardendo sobre a mesa e duas sobre o aparador da lareira. Num canto, debruçada sobre uma escrivaninha, estava o que parecia ser uma menininha. Tinha o rosto voltado para outro lado quando entramos, mas pudemos ver que usava um vestido vermelho e luvas brancas e longas. Quando se voltou para nós, dei um grito de surpresa e horror. A face que nos mostrou era da mais estranha palidez e os traços eram absolutamente desprovidos de qualquer expressão. Um instante depois o mistério foi explicado. Holmes, com uma risada, passou a mão atrás das orelhas da criança, uma máscara despregou-se de seu rosto e apareceu uma negrinha cor de carvão, com todos os seus dentes brancos rebrilhando, achando graça de nossos semblantes espantados. Cai na gargalhada, compartilhando o divertimento dela; mas Grant Munro continuou de olhos arregalados, a mão no pescoço.

“Meu Deus!” exclamou. “Qual pode ser o significado disto?”

“Vou lhe contar o significado disto”, exclamou a senhora, entrando no quarto com uma fisionomia orgulhosa, resoluta. “Você me obrigou, contra a minha vontade, a lhe dizer, e agora devemos ambos chegar à melhor solução para isto. Meu marido morreu em Atlanta. Minha filha sobreviveu.”

“Sua filha?”

Ela puxou um grande medalhão de prata do seio. “Você nunca viu isto aberto.”

“Pensei que não se abria.”

Ela tocou uma mola e uma tampa se abriu. Dentro havia um retrato de um homem notavelmente bem-apeado, de ar inteligente, mas com sinais inconfundíveis de sua ascendência africana.

“Esse é John Hebron, de Atlanta”, disse a dama, “o mais nobre homem que já andou pela face da terra. Cortei meus vínculos com minha raça para me casar com ele, e enquanto viveu, nunca me arrependi disso por um só instante. Para nosso infortúnio, nossa filha puxou à família dele, não à minha. Isso é comum nesses casamentos, e a pequena Lucy é muito mais escura do que o pai jamais foi. Mas, escura ou clara, é minha menininha querida, o tesouro da sua mãe.” A essas palavras, a criaturinha atravessou o quarto correndo e aninhou-se no vestido da dama. “Quando a deixei nos Estados Unidos”, ela continuou, “foi apenas porque sua saúde era frágil e a mudança lhe teria podido fazer mal. Ela foi confiada aos cuidados de uma fiel escocesa que antes havia sido nossa criada. Nunca, nem por um instante, passou-me pela cabeça renegá-la como minha filha. Mas então o destino o pôs em meu caminho, Jack aprendi a amá-lo e temi contar-lhe sobre minha filha. Deus me perdoe, tinha medo de perdê-lo e não tive coragem de lhe contar. Tive de escolher entre vocês dois e, na minha fraqueza, dei as costas à minha filhinha. Durante três anos escondi de você a existência da menina, mas tinha notícias dela pela ama e sabia que tudo ia bem. Finalmente, contudo, fui tomada por um desejo avassalador de rever a minha filha. Lutei contra ele, mas em vão. Embora conhecesse o perigo, decidi mandar trazê-la, ainda que fosse apenas por algumas semanas. Enviei cem libras para a ama, para que ela pudesse vir como uma vizinha, sem parecer ter qualquer relação comigo. Levei minhas precauções a tal ponto que lhe dei ordem para manter a criança em casa durante o dia e cobrir seu rostinho e suas mãos de modo a impedir que, mesmo que alguém pudesse vê-la à janela, houvesse mexericos sobre a presença de uma criança negra nas vizinhanças. Se tivesse sido menos cuidadosa talvez tivesse sido mais sensata, mas estava semienlouquecida com medo de que você descobrisse a verdade.

“Você foi o primeiro a me contar que o chalé estava ocupado. Eu deveria ter esperado pela manhã, mas fiquei alvoroçada demais para dormir e acabei saindo furtivamente, sabendo como é difícil despertá-lo. Mas você me viu sair e esse foi o começo de minhas dificuldades. No dia seguinte você poderia ter me forçado a lhe contar meu segredo, mas, nobremente, deixou de tirar proveito de sua situação de superioridade. Três dias depois, contudo, a ama e a criança só conseguiram escapar por pouco pela porta dos fundos quando você invadiu a casa pela frente. Agora você finalmente sabe de tudo, e eu lhe pergunto: que será de nós, minha filha e eu?” Apertou as mãos e esperou uma resposta.

Passaram-se dois longos minutos antes que Grant Munro quebrasse o silêncio, e quando a resposta veio, foi tal que gosto de recordá-la. Ele ergueu a garotinha, beijou-a, e em seguida, ainda com ela no colo, estendeu a outra mão para a mulher e virou-se para a porta.

“Podemos conversar sobre isso mais confortavelmente em casa”, disse. “Não sou um homem muito bom, Effie, mas acho que sou melhor do que você

supunha.”



“Ele ergueu a garotinha.”
[Sidney Paget, *Strand Magazine*, 1893]

Holmes e eu os seguimos pela senda, e quando chegamos à estrada meu amigo puxou-me pela manga.

“Penso que seremos mais úteis em Londres que em Norbury.”

Não disse mais nenhuma palavra sobre o caso até tarde, naquela noite, quando estava se dirigindo para seu quarto, a vela acesa na mão.

“Watson, se alguma vez você tiver a impressão de que estou ficando um

pouco confiante demais em meus poderes, ou me aplicando menos a um caso do que ele merece, por gentileza sussurre 'Norbury' ao meu ouvido, e lhe serei infinitamente grato."

O CORRETOR

POUCO DEPOIS DO MEU CASAMENTO eu havia comprado uma clínica no distrito de Paddington. O velho Mr. Farquhar, de quem a adquiri, tivera outrora uma excelente clientela, mas sua idade e uma doença da natureza da dança de são vito que sofreu haviam-na reduzido muito. Compreensivelmente, o público segue o princípio de que quem se propõe a tratar outras pessoas deve estar sadio, e olha de esguelha os poderes curativos do homem cujo próprio caso parece além do alcance de seus remédios. Assim, à medida que meu predecessor se debilitou sua clientela encolheu, até que, quando lhe comprei o consultório, seu rendimento caíra de mil e duzentas libras por ano para pouco mais de trezentas. Mas eu tinha confiança em minha própria juventude e energia e estava convencido de que em muito poucos anos minha clínica seria tão florescente como nunca.

Durante três meses após assumir o consultório, fiquei muito concentrado no trabalho e pouco vi meu amigo Sherlock Holmes, pois estava ocupado demais para visitar Baker Street e ele raramente ia a algum lugar exceto por razões profissionais. Assim, numa manhã de junho, quando lia o *British Medical Journal* após o desjejum, fiquei surpreso ao ouvir um toque da campainha seguido pela voz alta, um pouco estridente, de meu antigo companheiro.

“Ah, meu caro Watson”, disse ele, entrando na sala, “estou encantado em vê-lo. Mrs. Watson recuperou-se plenamente de todos os pequenos sobressaltos associados à sua aventura do *Signo dos quatro*, espero?”

“Muito obrigado, estamos ambos muito bem”, disse eu, apertando-lhe afetuosamente a mão.

“Espero também”, continuou ele, sentando-se na cadeira de balanço, “que as responsabilidades da clínica médica não tenham obliterado por completo o interesse que você costumava dedicar aos nossos pequenos problemas dedutivos.”

“Ao contrário”, respondi; “ontem à noite mesmo andei relendo minhas velhas anotações, classificando alguns de nossos resultados.”

“Espero que não considere sua coleção encerrada?”

“Em absoluto. Não há nada que deseje tanto quanto ter mais algumas daquelas experiências.”

“Hoje, por exemplo?”

“Claro; hoje, se você quiser.”

“Mesmo se for preciso ir a Birmingham?”

“Certamente, se você quiser.”

“E a clientela?”

“Atendo a do meu vizinho quando ele se ausenta. Ele está sempre disposto a saldar a dívida.”

“Ah! Nada poderia ser melhor!” disse Holmes, reclinando-se na cadeira e lançando-me um olhar penetrante sob as pálpebras semicerradas. “Percebo que andou adoentado ultimamente. Esses resfriados de verão são sempre um pouco penosos.”



“Nada poderia ser melhor!’ disse Holmes.”
[Sidney Paget, *Strand Magazine*, 1893]

“Semana passada um forte resfriado me prendeu em casa por três dias. Pensei, porém, que não aparentava mais nenhum vestígio dele.”

“De fato. Parece notavelmente saudável.”

“Como soube do resfriado, então?”

“Meu caro, você conhece os meus métodos.”

“Deduziu-o, então?”

“Certamente.”

“E do quê?”

“Dos seus chinelos.”

Baixei os olhos para os chinelos novos de verniz que usava. “Como diabos...” comecei, mas Holmes respondeu à minha pergunta antes que eu a formulasse.

“Seus chinelos são novos”, disse. “Com certeza você não os tem há mais de

duas semanas. As solas que neste momento deixa à minha vista estão ligeiramente chamuscadas. Por um momento pensei que podiam ter se molhado e se queimado ao secar. Mas perto do salto há um pequeno círculo de papel com uma marca ilegível do vendedor. A umidade certamente teria removido isso. Portanto, você esteve sentado com os pés esticados para o fogo, o que um homem dificilmente faria, mesmo num mês de junho tão chuvoso como este, se estivesse gozando de plena saúde.”

Como todos os raciocínios de Holmes, a coisa, depois de explicada, pareceu a própria simplicidade. Ele leu esse pensamento em meus traços e seu sorriso teve uma ponta de amargura.

“Acho que faço uma tolice ao explicar”, disse. “Resultados sem causa são muito mais impressionantes. Então, pronto para ir a Birmingham?”

“Certamente. Qual é o caso?”

“Você ouvirá tudo sobre ele no trem. Meu cliente está lá fora num *four-wheeler*. Pode ir imediatamente?”

“Num instante.” Rabisquei um bilhete para meu vizinho, corri lá em cima para explicar o assunto à minha mulher e juntei-me a Holmes na soleira.

“Seu vizinho é médico?” perguntou ele, lendo a placa de bronze.

“Comprou uma clínica, como eu.”

“Clientela antiga?”

“Tem a mesma idade da minha. Os dois consultórios foram abertos assim que o prédio foi construído.”

“Ah, nesse caso você ficou com o melhor dos dois.”

“Acho que sim. Mas como sabe?”

“Pelos degraus, meu rapaz. Os seus estão muito mais gastos que os dele. Mas esse cavalheiro no carro de aluguel é meu cliente, Mr. Hall Pycroft. Permita que o apresente a você.”

“Fustigue seu cavalo, cocheiro, pois temos justo o tempo para pegar nosso trem.”

O homem diante do qual me vi era um jovem bem-constituído, de aspecto saudável, uma fisionomia franca, honesta, e um bigodinho amarelo bem-aparado. Usava uma cartola lustrosa e um sóbrio e elegante terno preto, o que o fazia parecer o que era — um dinâmico jovem da City, da classe dos rotulados de *cockneys*, mas que nos dá nossos excelentes regimentos de Voluntários e produz mais excelentes atletas e esportistas que qualquer grupo humano nestas ilhas. Seu rosto redondo, corado, era naturalmente cheio de jovialidade, mas os cantos da boca me pareceram caídos, numa expressão um pouco cômica de sofrimento. Mas foi só quando estávamos num vagão de primeira classe e já em plena viagem para Birmingham que pude saber que problema o levava a procurar Sherlock Holmes.

“Temos agora pela frente um percurso ininterrupto de setenta minutos”,

observou Holmes. “Quero que conte ao meu amigo, Mr. Hall Pycroft, sua interessantíssima experiência, exatamente como a contou para mim, ou com mais detalhes ainda, se possível. Interessa-me ouvir a sucessão dos eventos novamente. É um caso, Watson, que pode se provar de grande importância, ou de nenhuma, mas que pelo menos apresenta aquelas características incomuns e extravagantes que lhe são tão caras quanto a mim. Agora, Mr. Pycroft, não voltarei a interrompê-lo.”

Nosso jovem companheiro fitou-me com um lampejo nos olhos.

“O pior da história”, disse, “é que nela eu me revelei um perfeito palerma. Claro que pode dar tudo certo e não vejo como poderia ter agido de outra maneira; mas se eu tiver perdido o meu emprego sem ter conseguido nada em troca, vou sentir que pateta eu fui. Não sou muito bom para contar histórias, dr. Watson, nunca fui.

“Eu tinha um emprego na Coxon & Woodhouse’s, de Draper Gardens, mas eles foram atingidos no começo da primavera por aquele problema do empréstimo venezuelano e deram com os burros n’água. Eu havia passado cinco anos com eles e quando a falência foi decretada o velho Coxon me deu uma excelente carta de recomendação, mas, é claro, todos nós, os corretores, fomos despedidos, os vinte e sete. Tentei aqui, tentei ali, mas havia muitos outros sujeitos na mesma situação que eu, e fiquei muito tempo no ora veja. Ganhava três libras por semana na Coxon’s e havia economizado umas setenta, mas não demorei a acabar com elas. Por fim já estava desesperado, sem saber como arranjar envelopes ou selos para responder aos anúncios. Tinha gasto minhas botas subindo escadas de escritório e parecia estar tão longe de conseguir um emprego como sempre.

“Finalmente soube que havia uma vaga na Mawson & Williams’, a grande firma corretora de Lombard Street. Sei que o E.C. não é bem sua especialidade, mas posso lhe dizer que essa é provavelmente a firma mais próspera de Londres. O anúncio deveria ser respondido somente por carta. Enviei minha carta de recomendação e minha candidatura ao emprego, mas sem a menor esperança de consegui-lo. Na volta do correio recebi uma resposta, dizendo que se eu comparecesse na segunda-feira seguinte poderia assumir minhas novas funções, contanto que minha aparência fosse satisfatória. Ninguém sabe como essas coisas são feitas. Há quem diga que o gerente simplesmente enfia a mão na pilha de cartas e fica com a primeira que pega. De todo modo, aquela era a minha vez e não tenho do que reclamar. O salário era uma libra maior e as obrigações, mais ou menos as mesmas que eu tinha na Coxon’s.

“Agora vem a parte esquisita do negócio. Eu morava em Hampstead, em Potter’s Terrace nº 17. Naquela noite, depois que me haviam prometido o cargo, eu estava fumando quando minha senhoria apareceu com um cartão de visita em que estava impresso: ‘Arthur Pinner, agente financeiro’. Eu nunca ouvira esse

nome antes, e não podia imaginar o que ele queria comigo, mas, é claro, pedi a ela que o fizesse subir. Ele entrou — um homem de estatura mediana, cabelo escuro, olhos escuros e barba preta, com um quê de judaico no nariz. Tinha maneiras enérgicas e falava de modo incisivo, como um homem que conhece o valor do tempo.

“Mr. Hall Pycroft, acredito?” disse.

“Sim, senhor”, respondi, e empurrei uma cadeira na sua direção.

“Empregado até há pouco na Coxon & Woodhouse?”

“Sim, senhor.”

“E agora no quadro da Mawson’s.”

“Exatamente.”

“Bem”, disse ele, ‘o fato é que ouvi algumas histórias realmente extraordinárias sobre sua competência financeira. Lembra-se de Parker, o gerente da Coxon’s? Ele não se cansa de elogiá-lo.’

“É claro que fiquei satisfeito ao ouvir isso. Sempre fui muito ativo no escritório, mas nunca havia sonhado que falavam sobre mim daquela maneira na City.

“Tem boa memória?” perguntou ele.

“Satisfatória”, respondi modestamente.

“Por acaso se manteve em contato com o mercado enquanto ficou desempregado?”

“Sim, li a Lista da Bolsa de Valores todas as manhãs.”

“Ora, isso mostra verdadeira diligência!” exclamou ele. ‘É assim que se prospera! Não se incomoda que eu o ponha à prova, não é? Vejamos! Como estão as Ayshires?’

“Cento e cinco a cento e cinco e um quarto.”

“E a New Zealand Consolidated?”

“Cento e quatro.”

“E as British Broken Hills?”

“Sete a sete e seis.”

“Maravilhoso!” gritou ele, levantando as mãos. ‘Isto corresponde perfeitamente a tudo que ouvi. Meu rapaz, meu rapaz, o senhor é bom demais para ser um corretor na Mawson’s!’

“Essa efusão deixou-me bastante espantado, como podem imaginar. ‘Bem’, respondi, ‘outras pessoas não me têm numa conta tão alta quanto o senhor parece ter, Mr. Pinner. Enfrentei uma luta bastante dura para conseguir esse emprego e estou muito satisfeito por tê-lo.’

“Vamos, homem, deve se elevar muito acima disso. Essa não é sua verdadeira esfera. Vou lhe dizer a que vim. O que tenho a oferecer é muito pouco diante da sua capacidade, mas não se compara ao que a Mawson’s oferece. Deixe-me ver! Quando começa na Mawson’s?”

“Segunda-feira.”

“Ah! Ah! Acho que me arrisco a apostar que o senhor não porá o pé lá.”

“Não irei à Mawson’s?”

“Não, senhor. Nesse dia será o gerente de negócios da Franco-Midland Hardware Company, Limited, com cento e trinta e quatro filiais nas cidades e aldeias da França, sem contar uma em Bruxelas e uma em San Remo.”

“Isso me tirou o fôlego. ‘Nunca ouvi falar dela’, respondi.

“Muito provavelmente não. Ela tem atuado de maneira muito discreta porque o capital é inteiramente fechado — é uma coisa boa demais para ser aberta à participação pública. Meu irmão, Harry Pinner, está ingressando no conselho diretor após ter sido designado diretor administrativo. Ele sabia que estou muito enfronhado nas coisas aqui e me pediu para escolher um sujeito adequado — um homem jovem e empreendedor, com muita garra. Parker falou a seu respeito e isso me trouxe diretamente aqui. Só podemos lhe oferecer miseráveis quinhentas libras para começar...”

“Quinhentas libras por ano!” gritei.

“Só isso no começo, mas o senhor terá a considerável comissão de 1% sobre todos os negócios feitos pelos agentes, e pode acreditar que isso somará mais que o seu salário.”

“Mas não entendo nada de ferragens.”

“Deixe disso, meu rapaz, o senhor entende de números.”

“Meus ouvidos zumbiam, eu mal conseguia ficar sentado na cadeira. Mas de repente um pequeno calafrio de dúvida me percorreu.

“Devo ser franco com o senhor”, disse. “A Mawson me paga apenas duzentas, mas a firma é segura. Realmente, sei tão pouco sobre sua companhia que...”

“Ah, rapaz esperto, esperto!” exclamou ele numa espécie de êxtase. “É exatamente o homem que nos convém! Não se deixa engambelar, e com toda razão. Pois bem, aqui está uma nota de cem libras; se pensa que podemos fazer negócio, basta enfiá-la no bolso como um adiantamento do seu salário.”

“É muita generosidade da sua parte”, disse eu. “Quando devo assumir minhas novas funções?”

“Esteja em Birmingham amanhã à uma hora”, respondeu. “Tenho aqui em meu bolso um bilhete que deve levar para o meu irmão. O senhor o encontrará na Corporation Street, 126B, onde se situam os escritórios provisórios da companhia. Claro que ele precisará confirmar sua contratação, mas, cá entre nós, dará tudo certo.”

“Realmente, nem sei como lhe agradecer, Mr. Pinner”, falei.

“Não há de quê, meu rapaz. O senhor só recebeu o que merece. Há uma ou duas coisinhas — meras formalidades — que preciso combinar com o senhor. Há uma folha de papel ali ao seu lado. Por favor, escreva nela: « Estou plenamente disposto a trabalhar como gerente de negócios na Franco-Midland Hardware

Company, Limited, por um salário mínimo de quinhentas libras.»’

“Fiz o que pedia e ele pôs o papel no bolso.

“Há mais um detalhe”, disse ele. ‘Que pretende fazer com relação à Mawson’s?’

“Na minha alegria, eu me esquecera por completo da Mawson’s. ‘Vou escrever, abrindo mão do cargo’, respondi.

“É precisamente o que não quero que faça. Tive um desentendimento a seu respeito com o gerente da Mawson’s. Fui lá perguntar sobre o senhor e ele foi muito desagradável; acusou-me de tentar induzi-lo a abandonar a firma e esse tipo de coisa. Acabei perdendo as estribeiras: «Se querem bons funcionários, deveriam pagar-lhes bem», disse eu. «Ele vai preferir nosso salário, ainda que pequeno ao seu», disse ele. «Aposto cinco libras que, ao receber minha proposta, os senhores aqui nunca mais terão notícias dele.» «Fechado!» respondeu ele. «Nós o tiramos da sarjeta e ele não nos deixará tão facilmente.» Estas foram exatamente as palavras dele.’

“O patife descarado!’ gritei. ‘Nunca o vi mais gordo na minha vida. Por que deveria ter alguma consideração por ele? Se o senhor prefere que eu não escreva, certamente não o farei.’

“Ótimo! Isto é que é promessa!’ exclamou ele, levantando-se. ‘Bem, estou encantado por ter conseguido um homem tão bom para meu irmão. Aqui está seu adiantamento de cem libras e aqui está a carta. Tome nota do endereço, Corporation Street, 126B, e lembre-se: estará sendo esperado amanhã à uma hora. Boa noite, e que o senhor possa ter toda a fortuna que merece!’

“Que eu me lembre, foi praticamente só isso que se passou entre nós. Pode imaginar, dr. Watson, como fiquei satisfeito diante de um golpe de sorte tão extraordinário? Passei metade da noite acordado, congratulando-me, e no dia seguinte parti para Birmingham num trem que me deixaria lá bem antes da hora em que devia me apresentar. Levei minha mala para um hotel em New Street e em seguida parti para o endereço que me fora dado.

“Eu estava um quarto de hora adiantado, mas pensei que isso não faria diferença. O número 126B era uma passagem entre duas lojas grandes que levava a uma escada de pedra em caracol. Por ela tinha-se acesso a muitos apartamentos, alugados como escritórios para companhias ou profissionais liberais. Os nomes dos ocupantes estavam pintados lá embaixo, na parede, mas em nenhum lugar se lia Franco-Midland Hardware Company, Limited. Passei alguns minutos com o coração na boca, perguntando a mim mesmo se tudo aquilo havia ou não sido um logro muito bem-planejado, quando um homem surgiu da escada e dirigiu-se a mim. Era muito parecido com o sujeito que eu vira na noite anterior, o mesmo talhe e a mesma voz, mas estava escanhoado e seu cabelo era mais claro.

“É Mr. Hall Pycroft?’ perguntou.

“Sim.?”



“Um homem surgiu da escada e dirigiu-se a mim.”
[Sidney Paget, *Strand Magazine*, 1893]

“Ah, estava à sua espera, mas o senhor está um pouquinho adiantado. Recebi um recado de meu irmão esta manhã, em que ele lhe tece veementes elogios.”

“Estava justamente procurando os escritórios.”

“Não mandamos pintar nosso nome ainda, pois só alugamos estas instalações provisórias semana passada. Suba comigo e conversaremos sobre tudo.”

“Subi atrás dele uma escada muito alta e bem lá em cima, entre o forro e o telhado, havia duas salinhas empoeiradas e vazias, sem tapetes nem cortinas, onde entramos. Eu havia imaginado um grande escritório, com mesas reluzentes e fileiras de funcionários, como estava acostumado a ver, e acho que encarei muito desabridamente as duas cadeiras de pinho e uma mesinha que, com um livro-razão e uma cesta de lixo, compunham todo o mobiliário.

“Não fique desanimado, Mr. Pycroft”, disse meu novo conhecido, vendo minha fisionomia desconsolada. “Roma não foi feita num dia, e temos muito dinheiro atrás de nós, embora ainda não nos preocupemos com escritórios elegantes. Por favor, sente-se e dê-me a carta que trouxe.”

“Entreguei-a e ele a leu com muita atenção.

“Ao que parece o senhor causou profunda impressão em meu irmão Arthur”, disse, “e sei que ele é um juiz muito sagaz. Ele conhece Londres como a palma da mão, sabe; e eu, Birmingham; mas desta vez vou seguir o conselho dele. Por favor, considere-se definitivamente contratado.”

“Quais são minhas funções?” perguntei.

“Ao fim e ao cabo o senhor vai administrar o grande depósito em Paris, que inundará de louça inglesa as lojas de cento e trinta e quatro agentes na França. A compra será realizada dentro de uma semana; nesse ínterim, o senhor permanecerá em Birmingham e nos prestará serviços.”

“Como?”

“Em resposta, ele tirou um grande livro vermelho de uma gaveta.

“Isto é um catálogo de Paris”, disse, “com as atividades após os nomes das pessoas. Quero que leve isto para casa com o senhor e copie todos os nomes de todos os vendedores de ferragens, com seus endereços. Tê-los será de extrema utilidade para mim.”

“Mas não há listas classificadas?” sugeri.

“Não são confiáveis. O sistema deles é diferente do nosso. Faça o que estou pedindo e entregue-me as listas até segunda-feira ao meio-dia. Bom dia, Mr. Pycroft. Se continuar mostrando zelo e inteligência, encontrará na companhia um bom patrão.”

“Voltei para o hotel com o grande livro debaixo do braço e sentimentos muito conflitantes no peito. Por um lado, estava definitivamente contratado e tinha cem libras no bolso; por outro, o aspecto dos escritórios, a ausência de nome na parede e de outros detalhes que impressionariam um homem de negócios haviam me deixado uma sensação ruim quanto à situação de meus empregadores. Mas como, acontecesse o que acontecesse, eu tinha o meu dinheiro, pus-me a trabalhar. Passei o domingo trabalhando arduamente e mesmo assim, na segunda-feira, só havia chegado ao H. Fui ter com meu empregador, encontrei-o

no mesmo cômodo desguarnecido e ouvi dele a instrução para continuar trabalhando até quarta-feira e então voltar lá. Como na quarta-feira a tarefa continuava incompleta, perseverei até sexta-feira — isto é, ontem. Fui então levar meu trabalho para Mr. Harry Pinner.

“Muito obrigado”, disse ele, ‘lamento ter subestimado a dificuldade da tarefa. Esta lista me será de grande valia.’

“Tomou algum tempo”, disse eu.

“E agora”, disse ele, ‘quero que o senhor me faça uma lista das lojas de móveis, porque todas elas vendem louça.’

“Muito bem.’

“E pode passar aqui amanhã à noite, às sete, para me contar como vai indo o trabalho. Não se extenuie. Umás duas horas no Day’s Music Hall à noite não lhe fariam nenhum mal após sua labuta.’ Riu enquanto falava, e vi com um arrepio que seu segundo dente do lado esquerdo havia sido muito mal obturado com ouro.”

Sherlock Holmes esfregou as mãos de prazer e olhei espantado para o nosso cliente.

“O senhor tem razão em ficar surpreso, dr. Watson, mas o que aconteceu foi o seguinte”, disse ele. “Quando eu estava conversando com o outro sujeito em Londres, na hora em que ele riu com minha decisão de não ir à Mawson’s, notei por acaso que tinha um dente obturado exatamente dessa maneira. Nos dois casos o lampejo do ouro chamou-me a atenção, entende? Quando combinei isso com o fato de que os dois tinham a mesma voz e o mesmo talhe, e de que as únicas diferenças entre eles eram as que podiam ser produzidas por uma lâmina de barbear ou uma peruca, não pude ter nenhuma dúvida de que se tratava do mesmíssimo homem. Claro que se espera que dois irmãos se pareçam, mas não que tenham o mesmo dente obturado da mesma maneira. Ele se despediu de mim, e vi-me na rua, a cabeça em polvorosa. Voltei ao meu hotel, enfiei a cabeça numa bacia de água fria e tentei refletir sobre aquela situação. Por que ele me mandara de Londres para Birmingham? Por que fora à minha procura lá, para início de conversa? E por que tinha escrito uma carta para si mesmo? Aquilo tudo era demais para mim, eu não conseguia entender patavina. Então, de repente, ocorreu-me que o que era um enigma para mim poderia ser muito claro para Mr. Sherlock Holmes. Foi o tempo de ir até Londres pelo trem noturno, procurá-lo esta manhã e trazer os senhores comigo para Birmingham.”

Houve uma pausa depois que o corretor concluiu o relato de sua surpreendente experiência. Em seguida Sherlock Holmes piscou-me o olho, recostando-se nas almofadas com uma expressão satisfeita, embora crítica, como um *connoisseur* que acaba de tomar o primeiro gole de um vinho de safra muito especial.

“Bastante bom, não é, Watson?” perguntou-me. “Há pontos nela que me

agradam. Acho que você concordará que uma entrevista com Mr. Arthur Harry Pinner nos escritórios temporários da Franco-Midland Hardware Company, Limited, será uma experiência muito interessante para nós dois.”

“Mas como podemos fazer isso?” perguntei.

“Oh, é muito fácil”, disse Hall Pycroft alegremente. “Os senhores são dois amigos meus que estão à procura de emprego, e o que poderia ser mais natural do que eu levá-los para conversar com o diretor administrativo?”

“Naturalmente! É claro!” disse Holmes. “Gostaria de dar uma olhada no cavalheiro e ver se posso entender o joguinho dele. Que qualidades tem o senhor, meu amigo, que poderiam tornar seus serviços tão preciosos? Ou quem sabe...” Dito isto, começou a roer as unhas e a olhar pela janela com uma expressão vazia, e mal conseguimos lhe arrancar mais uma palavra até que estávamos em New Street.

ÀS SETE HORAS, aquela noite, caminhávamos, os três, por Corporation Street rumo aos escritórios da companhia.

“Não adianta chegar antes da hora”, disse nosso cliente. “Ao que parece, ele só chega lá para me encontrar; o lugar fica deserto até a hora que ele marca.”

“Isso é sugestivo”, observou Holmes.

“Olhem, não lhes disse?” exclamou o corretor. “Ali vai ele andando à nossa frente.”

Apontou para um homenzinho franzino, louro e bem-vestido que andava apressado do outro lado da rua. Enquanto o observávamos, ele avistou um menino que apregoava a última edição do jornal vespertino e, correndo por entre os fiacres e ônibus, comprou-lhe um jornal. Em seguida, apertando-o na mão, entrou por uma porta adentro.

“Lá vai ele!” exclamou Hall Pycroft. “É para os escritórios da companhia que está indo. Venham comigo e vou resolver isso da maneira mais fácil possível.”

Seguindo-o, subimos cinco andares, até nos encontrarmos diante de uma porta entreaberta, na qual nosso cliente bateu. “Entre”, disse uma voz lá de dentro, e penetramos numa sala vazia, desguarnecida como Hall Pycroft descrevera. À única mesa sentava-se o homem que víamos na rua, com seu jornal vespertino aberto diante de si; quando levantou os olhos para nós, tive a impressão de que nunca vira semblante com tamanha expressão de pesar, e de alguma coisa além de pesar — um horror como poucos homens experimentam na vida. Sua testa brilhava de suor, as faces tinham a brancura fosca da barriga de um peixe e os olhos estavam ariscos e arregalados. Ele olhou para seu funcionário como se não conseguisse reconhecê-lo, e, pelo espanto estampado no rosto de nosso guia, pude ver que aquela não era em absoluto a aparência costumeira de seu patrão.

“Parece doente, Mr. Pinner!” exclamou ele.

“É verdade, não estou muito bem”, respondeu o outro, fazendo um esforço óbvio para se recompor e lambendo os lábios secos antes de falar. “Quem são estes cavalheiros que trouxe com o senhor?”

“Um é Mr. Harris, de Bermondsey, e o outro é Mr. Price, desta cidade”, disse nosso corretor, sem titubear. “São amigos meus e cavalheiros de experiência, mas faz algum tempo que estão desempregados e pensaram que talvez o senhor possa encontrar uma vaga para eles na companhia.”

“É muito possível! Muito possível!” exclamou Mr. Pinner, com um sorriso forçado. “Sim, não tenho dúvida de que poderemos fazer alguma coisa pelos senhores. Qual é a sua área, Mr. Harris?”

“Sou contador”, disse Holmes.

“Ah, sim, vamos precisar de algum profissional do gênero. E a sua, Mr. Price?”

“Sou escrivão”, respondi.

“Tenho grandes esperanças de que a companhia possa absorvê-los. Eu os informarei sobre isso assim que chegarmos a alguma conclusão. E agora peço que se retirem. Pelo amor de Deus, deixem-me sozinho!”

Estas últimas palavras foram gritadas, como se ele tivesse perdido de súbito, e por completo, o controle que evidentemente estava impondo a si mesmo. Holmes e eu trocamos um olhar e Hall Pycroft deu um passo em direção à mesa.



“Levantou os olhos para nós.”
[Sidney Paget, *Strand Magazine*, 1893]

“Esquece, Mr. Pinner, que estou aqui a seu chamado e para receber suas orientações”, disse.

“Sem dúvida, Mr. Pycroft, sem dúvida”, recomeçou ele num tom mais calmo. “Pode esperar aqui um momento e nada impede seus amigos de esperarem com o senhor. Estarei à sua inteira disposição em três minutos, se posso abusar tanto da sua paciência.” Levantou-se com um ar muito amável, e, fazendo-nos uma vênha, entrou por uma porta na outra ponta da sala, fechando-a atrás de si.

“E agora?” cochichou Holmes. “Estará escapulindo de nós?”

“Impossível”, respondeu Pycroft.

“Por quê?”

“Essa porta leva para um cômodo interior.”

“Sem saída?”

“Nenhuma.”

“Está mobiliado?”

“Ontem estava vazio.”

“Então que diabo ele pode estar fazendo? Há alguma coisa que não consigo

entender nesta história. Se já vi um homem enlouquecido de terror na minha vida, o nome dele é Pinner. Por que cargas-d'água estaria em tamanho pânico?"

"Desconfia que somos detetives", sugeri.

"É isso", exclamou Pycroft.

Holmes sacudiu a cabeça. "Ele não ficou pálido. Estava pálido quando entramos na sala. É bem provável que..."

Suas palavras foram interrompidas por nítidas pancadas vindas da direção da porta que dava para dentro.

"Por que diabos ele está batendo na própria porta?" exclamou o corretor.

As pancadas recomeçaram, muito mais altas. Todos nós grudamos os olhos, cheios de expectativa, na porta fechada. Dando uma olhada em Holmes, vi seu rosto ficar rígido; ele se inclinou para a frente em intenso nervosismo. Em seguida, subitamente, ouvimos um gorgolejo surdo e um forte martelar num madeiramento. Num impulso, Holmes saltou do outro lado da sala e empurrou a porta. Estava trancada por dentro. Seguindo seu exemplo, jogamo-nos sobre ela com todo o nosso peso. Uma dobradiça quebrou, depois a outra, e a porta foi abaixo com um estrondo. Entramos correndo e vimo-nos no cômodo interno.

Estava vazio.

Mas só nos enganamos por um instante. Num canto, o canto mais próximo da sala que havíamos deixado, havia uma segunda porta. Holmes saltou sobre ela e abriu-a com um empurrão. Havia um paletó e um colete jogados no chão, e de um gancho atrás da porta, com seus próprios suspensórios em volta do pescoço, pendia o diretor administrativo da Franco-Midland Hardware Company. Tinha os joelhos encolhidos, a cabeça caída sobre o corpo num ângulo aflitivo e as batidas de seus calcanhares contra a porta produziam o ruído que interrompera nossa conversa. Imediatamente segurei-o pela cintura e o levantei-o, enquanto Holmes e Pycroft desatavam as fitas elásticas que haviam desaparecido entre as pregas lívidas de pele. Em seguida o carregamos para a outra sala e o deixamos deitado, o rosto cor de ardósia, os lábios roxos inflando e murchando a cada alento — uma pavorosa ruína do que havia sido cinco minutos antes.

"Que acha, Watson?" perguntou Holmes.

Debrucei-me sobre o homem e examinei-o. O pulso estava fraco e intermitente, mas a respiração se alongava, e um leve frêmito das pálpebras deixava entrever o globo ocular branco embaixo.

"Foi por um triz", disse eu, "mas vai viver. Abram a janela e deem-me a garrafa de água." Abri seu colarinho, derramei a água fria sobre seu rosto e ergui e abaixei-lhe os braços até que ele inspirou lenta, naturalmente.

"Agora é só uma questão de tempo", falei, afastando-me dele.

Holmes permaneceu junto à mesa, as mãos enfiadas nos bolsos da calça, o queixo sobre o peito.

"Suponho que devemos chamar a polícia agora", disse ele; "mas confesso que

gostaria de lhes apresentar um caso completo quando vierem.”

“É um mistério total para mim”, exclamou Pycroft, coçando a cabeça. “Para que diabos quiseram me trazer até aqui, e depois...”

“Ora! Tudo isso está bastante claro”, atalhou Holmes, impaciente. “A questão é este último movimento repentino.”

“Entende o resto, então?”

“Parece-me bastante óbvio. Que diz você, Watson?”

Dei de ombros. “Devo confessar que estou perplexo.”

“Ah, mas não resta dúvida de que, considerando-se os acontecimentos, eles só podem apontar de início para uma conclusão.”

“Como você os interpreta?”

“Bem, a coisa toda gira em torno de dois pontos. O primeiro é o pedido feito a Pycroft de uma declaração por escrito de que ingressara no serviço dessa absurda companhia. Percebem como isso é sugestivo?”

“Confesso que não estou entendendo.”

“Bem, para que quiseram que ele a fizesse? Não no interesse dos negócios, porque esses acordos costumam ser verbais e não havia nenhuma razão objetiva para que esta fosse uma exceção. O senhor não vê, meu jovem amigo, que eles estavam muito ansiosos para ter uma amostra da sua letra e não tinham outra maneira de consegui-la?”

“Mas por quê?”

“Naturalmente. Por quê? Quando tivermos resposta para isso teremos feito algum progresso com nosso probleminha. Por quê? Só pode haver uma razão plausível. Alguém queria aprender a imitar sua caligrafia e primeiro precisava obter uma amostra dela. E agora, se passamos para o segundo ponto, vemos que um lança luz sobre o outro. Esse ponto é o pedido que Pinner lhe fez de que não renunciasse a seu emprego, deixando o gerente dessa importante firma perfeitamente convencido de que um Mr. Hall Pycroft, a quem ele nunca vira, estava prestes a assumir seu cargo segunda-feira de manhã.”

“Meu Deus!” exclamou nosso cliente, “fui cego como uma toupeira!”

“Agora entende a importância da caligrafia. Suponha que aparecesse no seu lugar alguém com uma letra completamente diferente daquela com que o senhor se candidatou ao emprego — claro que o jogo terminaria ali. Mas no intervalo o patife havia aprendido a imitar a sua letra, portanto sua posição estava segura, pois ninguém na firma, ao que presumo, jamais pusera os olhos no senhor.”

“Absolutamente ninguém”, gemeu Pycroft.

“Muito bem. Claro que era da máxima importância evitar que mudasse de ideia, como também evitar que entrasse em contato com alguém que pudesse lhe contar que havia um homônimo seu trabalhando na Mawson's. Assim, brindaram-no com um belo adiantamento e despacharam-no para as Midlands, onde lhe deram trabalho suficiente para impedi-lo de ir a Londres, onde poderia

ter acabado com o joguinho deles. Tudo isto está bastante claro.”

“Mas por que esse homem teria fingido ser o irmão de si mesmo?”

“Ora, isso também está bastante claro. Evidentemente eles são apenas dois nesse jogo. O outro está encarnando o senhor na firma. Este aqui, depois de atuar como seu contratador, achou que não poderia lhe arranjar um patrão sem admitir uma terceira pessoa na trama. Essa ideia o desagradava extremamente. Mudou sua aparência tanto quanto pôde e confiou que a semelhança que o senhor fatalmente notaria seria atribuída ao parentesco. E de fato, não tivesse sido o feliz acaso da obturação de ouro, suas desconfianças provavelmente nunca teriam sido despertadas.”

Hall Pycroft brandiu os punhos fechados no ar. “Meu Deus!” gritou. “Enquanto eu me deixei tapear dessa maneira, que anda o outro Hall Pycroft aprontando na Mawson’s? Que devemos fazer, Mr. Holmes? Diga-me o que fazer!”

“Devemos telegrafar para a Mawson’s.”

“Eles fecham às doze nos sábados.”

“Não faz mal; pode haver algum porteiro ou servente...”

“Ah, isso mesmo; eles mantêm um guarda permanente por causa do valor dos títulos que guardam. Lembro-me de ouvir falar disso na City.”

“Ótimo, vamos telegrafar para lá e ver se está tudo bem, e se um corretor com o seu nome está trabalhando lá. Isto está bastante claro; o que não entendo é por que, ao nos ver, um dos trapaceiros teria instantaneamente rumado para o outro cômodo e se enforcado.”



“Pycroft brandiu os punhos fechados no ar.”
[Sidney Paget, *Strand Magazine*, 1893]

“O jornal!” rosou uma voz atrás de nós. O homem estava se sentando, lívido e cadavérico, com olhos que revelavam o recobrar da consciência e mãos que esfregavam nervosamente a larga faixa vermelha que ainda lhe envolvia o pescoço.

“O jornal! É claro!” gritou Holmes, num paroxismo de excitação, “Que idiota eu fui! Pensei tanto na nossa aparição que o jornal nem me passou pela cabeça. Com certeza o segredo deve estar nele.” Abriu-o sobre a mesa e um grito de triunfo brotou de seus lábios. “Veja isto, Watson! É um jornal de Londres, uma das primeiras edições do *Evening Standard*. Aqui está o que queremos. Dê uma olhada nas manchetes: ‘Crime na City. Assassinato na Mawson & William’s. Tentativa de roubo gigantesco. Captura do criminoso.’ Tome, Watson, estamos todos igualmente ansiosos por ouvir, então, tenha a bondade, leia em voz alta para nós.”

Pela posição que a matéria ocupava no jornal, parecia que aquele fora o acontecimento mais importante na cidade. Ela dizia:

Uma tentativa desesperada de roubo, culminando na morte de um homem e na captura do criminoso, ocorreu esta tarde na City. Faz algum tempo que a Mawson & William’s, a famosa firma corretora, é guardiã de títulos cujo valor total é consideravelmente superior a um milhão de libras esterlinas. O gerente estava tão consciente da responsabilidade que pesava sobre ele em consequência dos grandes interesses em jogo que cofres dos modelos mais recentes foram empregados, e um vigia armado passou a permanecer dia e noite no prédio. Verificou-se que semana passada um novo corretor, chamado Hall Pycroft, foi contratado pela firma. Ao que se constatou, essa pessoa não era outro senão Beddington, o famoso falsário e arrombador, que, com seu irmão, foi libertado há pouco, depois de um período de cinco anos de trabalhos forçados. Por meios que ainda não estão claros, ele conseguiu obter, sob um nome falso, essa posição oficial na firma e utilizou-a para conseguir moldes de várias fechaduras e um completo conhecimento da posição da caixa-forte e dos cofres.

No sábado, os funcionários da Mawson’s costumam deixar o trabalho ao meio-dia. Assim, o sargento Tuson, da Polícia da City, ficou bastante surpreso ao ver um cavalheiro com uma bolsa de viagem descer os degraus à uma hora e vinte minutos. Desconfiado, o sargento seguiu o homem e, com a ajuda do policial Pollock, conseguiu detê-lo, após a mais desesperada resistência. Ficou claro de imediato que um ousado e gigantesco roubo fora cometido. Bônus ferroviários americanos no valor de quase cem mil libras e grande quantidade de certificados provisórios de subscrição de ações de minas e outras companhias foram encontrados na bolsa.

Quando o prédio foi examinado, encontrou-se o corpo do infeliz vigia, dobrado em dois e enfiado no maior dos cofres, onde não teria sido descoberto até segunda-feira de manhã, não tivesse sido a pronta ação do sargento Tuson. O crânio do homem fora estilhaçado por um golpe desferido por trás com um atizador. Ficou evidente que Beddington conseguira entrar mentindo ter

esquecido alguma coisa e, tendo matado o vigia, pilhou rapidamente o cofre grande e saiu com seu butim. Até onde se pôde apurar por enquanto, seu irmão, que geralmente trabalha com ele, não participou deste serviço, embora a polícia esteja investigando ativamente seu paradeiro.

“Bem, podemos poupar um pouco de trabalho à polícia nesse sentido”, disse Holmes, dando uma olhadela na figura abatida que se encolhia junto da janela. “A natureza humana é uma estranha mistura, Watson. Como vê, até um vilão e assassino pode inspirar tamanha afeição que seu irmão tenta se suicidar ao saber que ele está perdido. Seja como for, só podemos ter uma conduta. O médico e eu ficaremos vigiando, Mr. Pycroft, se fizer a gentileza de ir chamar a polícia.”

A TRAGÉDIA DO *GLORIA SCOTT*

“TENHO ALGUNS PAPÉIS AQUI”, disse meu amigo Sherlock Holmes numa noite de inverno, cada um de nós sentado de um lado da lareira, “em que realmente me parece que valeria a pena você dar uma espiada, Watson. Estes são os documentos relativos ao extraordinário caso do *Gloria Scott*, e esta, a mensagem cuja leitura matou de horror o juiz de paz Trevor.”

Ele tirara de uma gaveta um pequeno cilindro embaçado e, destampando-o, entregou-me um curto bilhete rabiscado na metade de uma folha de papel cor de ardósia.

A temporada de caça ainda não terminou. O guarda Hudson, nós acreditamos, contou os animais; tudo conferiu. Agora corra lá depressa e se puder salve as raposas; sua venda em vida é lucrativa.

Quando levantei os olhos, após ler esta enigmática mensagem, Holmes estava dando uma risadinha da cara que eu fazia.

“Você parece um pouquinho aturdido”, disse.

“Não consigo entender como esta mensagem pôde inspirar horror. Parece-me mais absurda que qualquer outra coisa.”

“É muito provável. Mas o fato é que o leitor, um velho robusto e sacudido, caiu morto quando a leu, como se tivesse levado uma coronhada.”

“Você atíça minha curiosidade”, disse eu. “Mas por que falou há pouco que havia razões muito particulares para que eu estudasse esse caso?”

“Porque foi o primeiro com que me envolvi.”

Eu tentara muitas vezes arrancar de meu companheiro os primeiros estímulos que o haviam levado à investigação criminal, mas nunca o pegara antes num estado de ânimo comunicativo. Dessa vez ele se debruçou em sua poltrona e espalhou os documentos sobre os joelhos. Depois acendeu seu cachimbo e ficou algum tempo fumando e revirando-os.

“Nunca me ouviu falar de Victor Trevor?” perguntou. “Foi o único amigo que fiz durante os dois anos que passei na faculdade. Nunca fui um sujeito muito sociável, Watson, sempre gostando de ficar sossegado nos meus aposentos, desenvolvendo meus próprios metodozinhos de pensamento, de modo que jamais convivi muito com meus colegas. Como, afora a esgrima e o boxe, eu não era um grande apreciador de esportes e como minha linha de estudos era bem diferente da dos outros rapazes, não tinha nenhum ponto de contato com eles. Trevor foi o único com quem travei relações, e isso graças a um acidente: o bull-terrier dele abocanhou-me o tornozelo uma manhã quando eu ia para a capela.

“Foi uma maneira prosaica de formar uma amizade, mas eficaz. Fiquei dez dias de molho e Trevor costumava aparecer e pedir notícias minhas. No início era só um minuto de conversa, mas logo suas visitas se alongaram, e antes do fim do período já éramos grandes amigos. Ele era um sujeito franco, vigoroso, cheio de entusiasmo e energia, o exato oposto de mim na maioria dos aspectos; mas tínhamos alguns interesses em comum e quando descobri que, como eu, não tinha amigos, isso nos uniu. Finalmente, ele me convidou para ir à casa do seu pai em Donnithorpe, em Norfolk, e aceitei sua hospitalidade durante um mês nas férias longas.

“O velho Trevor, claramente um homem de certa fortuna e consideração, era juiz de paz e proprietário de terras. Donnithorpe é um vilarejo logo ao norte de Langmere, no condado dos Broads. A casa era uma construção em estilo antigo, espalhada, com vigas de carvalho; uma bela alameda ladeada por limeiras conduzia à entrada. Os pântanos propiciavam uma excelente caça ao pato, havia ótimos locais para pescaria, uma biblioteca pequena mas seleta, deixada, pelo que entendi, por um ex-morador, e um cozinheiro tolerável, de modo que só um homem muito rabugento não teria passado um mês agradavelmente ali.

“Trevor pai era viúvo, e meu amigo, seu único filho.

“Houvera uma filha, fiquei sabendo, mas morrera de difteria durante uma visita a Birmingham. O pai me interessou ao extremo. Era um homem de pouca cultura, mas cheio de uma energia rude, tanto física quanto mentalmente. Não lera praticamente livro algum, mas viajara muito, vira muito do mundo e se lembrava de tudo que aprendera. Na aparência, era um homem atarracado e robusto, com basta cabeleira grisalha e um olhar intenso nas raiais da ferocidade. Era conhecido, no entanto, pela bondade e caridade na região e destacava-se pela brandura das sentenças que emitia no tribunal.

“Uma noite, pouco após minha chegada, quando tomávamos um copo de porto depois do jantar, o jovem Trevor começou a falar sobre aqueles hábitos de observação e inferência que eu já organizara num sistema, embora ainda não avaliasse o papel que desempenhariam na minha vida. Evidentemente, o velho pensou que o filho estava exagerando em sua descrição de um ou dois de meus feitos triviais.

“‘Vamos lá, Mr. Holmes’, disse, rindo gostosamente, ‘sou um excelente objeto de exame; veja se consegue deduzir alguma coisa a meu respeito.’

“‘Não será muito, receio’, respondi. ‘Poderia sugerir que o senhor tem sentido medo de sofrer um ataque pessoal nos últimos doze meses.’

“O sorriso apagou-se nos seus lábios e ele me encarou muito surpreso.

“‘Bem, é verdade’, respondeu. ‘Você sabe, Victor’, virando-se para o filho, ‘quando desbaratamos aquele bando de caçadores ilegais eles juraram nos matar; e Sir Edward Hoby de fato já sofreu uma agressão. Desde então sempre me precavi. Mas não faço ideia de como o senhor sabe disso.’

“‘Tem uma bengala muito elegante’, respondi. ‘Pela inscrição, observei que não a possuí há mais de um ano. Mas deu-se a algum trabalho para perfurar o castão e derramar chumbo derretido no orifício, transformando-a assim numa arma poderosa. Raciocinei que não tomaria uma precaução como essa a menos que tivesse algum perigo a temer.’

“‘Mais alguma coisa?’ perguntou ele, sorrindo.

“‘Lutou muito boxe na juventude.’

“‘Acertou mais uma vez. Como sabe disso? Será que fiquei com o nariz um pouco torto?’

“‘Não’, respondi. ‘São suas orelhas. Têm o achatamento e o espessamento peculiares que distinguem o boxeador.’

“‘Mais alguma coisa?’

“‘Pelas suas calosidades, vejo que escavou muito.’

“‘Ganhei todo o meu dinheiro em minas de ouro.’

“‘Esteve na Nova Zelândia.’

“‘Certo de novo.’

“‘Visitou o Japão.’

“‘É verdade.’

“‘E esteve estreitamente associado com alguém cujas iniciais eram J.A.; mais tarde, ansiou por esquecer essa pessoa completamente.’

“Mr. Trevor levantou-se devagar, fixou em mim seus grandes olhos azuis com uma expressão estranha, irritada, e ato contínuo tombou sobre a mesa, a cabeça em meio às cascas de nozes que se espalhavam sobre a toalha, inteiramente sem sentidos.

“Você pode imaginar, Watson, como o filho dele e eu ficamos chocados. Mas o ataque não durou muito. Quando abrimos seu colarinho e borrifamos a água de uma das lavandas no seu rosto, ele arfou uma ou duas vezes e se sentou.

“‘Ah, rapazes!’ disse, forçando um sorriso. ‘Espero não os ter assustado. Embora pareça forte, há um ponto fraco em meu coração e não é preciso muita coisa para me derrubar. Não sei como consegue fazer isso, Mr. Holmes, mas tenho a impressão de que todos os detetives reais ou imaginários seriam crianças nas suas mãos. Essa é a sua vocação, senhor; acredite nas palavras de um homem que viu alguma coisa do mundo.’

“E essa recomendação, com a avaliação exagerada de minha capacidade que a prefaciou, foi, acredite ou não, Watson, a primeira coisa que me fez sentir que eu poderia transformar em profissão o que até aquele instante não passara do mais simples *hobby*. Naquele momento, contudo, eu estava preocupado demais com o súbito mal-estar de meu anfitrião para pensar em qualquer outra coisa.

“‘Espero não ter dito nada que o magoasse’, disse eu.

“‘Bem, tocou-me sem dúvida num ponto bastante sensível. Posso lhe perguntar como sabe e quanto sabe?’ Falava agora num tom de brincadeira, mas

ainda tinha uma expressão de terror no fundo dos olhos.

“Nada mais simples”, respondi. “Quando arregaçou a manga para puxar aquele peixe para o barco, vi as letras J.A. tatuadas na dobra do seu cotovelo. Ainda eram legíveis, mas estava perfeitamente claro por sua aparência borrada e pela pele manchada em volta que haviam sido feitos esforços para apagá-las. Ficou óbvio, portanto, que essas iniciais foram de alguém que outrora lhe foi muito próximo e que mais tarde quis esquecer.”

“Que olho o senhor tem!” exclamou com um suspiro de alívio. “Está absolutamente correto. Mas não vamos falar disso. De todos os fantasmas, os dos nossos antigos amores são os piores. Vamos fumar um charuto tranquilamente na sala de bilhar.”

“Desse dia em diante, em meio a toda a sua cordialidade, havia sempre uma ponta de desconfiança nas maneiras de Mr. Trevor em relação a mim. Até o filho dele notou. ‘Você pregou um tal susto no meu pai’, disse-me, ‘que ele nunca mais saberá ao certo o que sabe ou não.’ O juiz não queria demonstrar isso, tenho certeza, mas era um sentimento tão forte que se revelava em cada gesto seu. Acabei ficando tão convencido de que o estava constringendo que decidi encerrar minha visita. Na véspera mesmo de minha partida, contudo, ocorreu um incidente que viria a se provar importante.

“Estávamos os três sentados no gramado, em cadeiras de jardim, tomando um banho de sol e admirando a vista através dos Broads, quando a criada se aproximou para dizer que havia um homem à porta desejando falar com Mr. Trevor.

“Como ele se chama?” perguntou meu anfitrião.

“Não quis dizer.”

“O que quer, então?”

“Diz que o senhor o conhece e que deseja apenas lhe falar um instante.”

“Traga-o aqui.” Um momento depois apareceu um sujeitinho mirrado, de andar trôpego e maneiras servis. Vestia um paletó aberto, manchado de alcatrão na manga, camisa xadrez vermelha e preta, calças de zuarte e botas pesadas muito gastas. No rosto fino e astuto, queimado de sol, estampava-se um sorriso permanente e tinha as mãos enrugadas semifechadas, de uma maneira peculiar aos marinheiros. Quando avançou pelo gramado, encurvado, Mr. Trevor deixou escapar uma espécie de soluço e, pulando da cadeira, correu para a casa. Num momento estava de volta, e senti um cheiro forte de conhaque quando passou por mim.

“Posso fazer alguma coisa pelo senhor, meu velho?” perguntou.

“O marinheiro continuou fitando-o, os olhos franzidos e o mesmo sorriso arreganhado no rosto.

“Não me conhece?” perguntou.

“Ah! Ora veja, é com certeza o Hudson!” exclamou Mr. Trevor num tom

de surpresa.

“‘Ele mesmo, senhor’, disse o marinheiro. ‘Veja só, há mais de trinta anos que não o vejo. Cá está o senhor, na sua casa, e eu continuo comendo minha carne salgada tirada da barrica.’

“‘Ora, verá que não esqueci os velhos tempos’, exclamou Mr. Trevor, e, caminhando em direção ao marinheiro, disse-lhe alguma coisa em voz baixa. ‘Vá até a cozinha’, continuou em voz alta, ‘e lhe darão alguma coisa para comer e beber. Não tenho dúvida de que vou lhe arranjar uma colocação.’

“‘Muito obrigado, senhor’, disse o marinheiro, levando a mão à testa. ‘Acabo de servir dois anos num cargueiro de oito nós, sem rota fixa, e ainda por cima com a tripulação desfalcada; agora quero um descanso. Pensei que poderia conseguir isso ou com Mr. Beddoes ou com o senhor.’

“‘Ah!’ exclamou Mr. Trevor. ‘Sabe onde Mr. Beddoes está?’

“‘Graças a Deus, senhor, sei onde estão todos os meus velhos amigos’, disse o sujeito, com um sorriso sinistro, e foi para a cozinha atrás da criada. Mr. Trevor resmungou alguma coisa para nós sobre ter viajado no mesmo navio que o homem quando voltava para as minas; em seguida, deixando-nos no gramado, entrou na casa. Uma hora depois, quando entramos, nós o encontramos desacordado de tão bêbado no sofá da sala de jantar. Todo esse incidente deixou-me na mente uma impressão muito ruim e, no dia seguinte, não lamentei partir de Donnithorpe; sentia que minha presença devia estar sendo uma fonte de embaraço para meu amigo.



“‘Ele mesmo, senhor’, disse o marinheiro.”

[Sidney Paget, *Strand Magazine*, 1893]

“Tudo isso ocorreu durante o primeiro mês das férias longas. Fui para meus aposentos em Londres, onde passei sete semanas desenvolvendo alguns experimentos em química orgânica. Um dia, contudo, quando o outono já estava bem avançado e as férias perto de terminar, recebi um telegrama de meu amigo implorando-me que voltasse a Donnithorpe; dizia estar extremamente necessitado de meu conselho e auxílio. Claro que larguei tudo e segui para o norte novamente.

“Ele foi me buscar na estação com o *dog-cart* e percebi num relance que os dois últimos meses lhe haviam sido muito penosos. Estava magro, parecia atormentado e perdera as maneiras ruidosas e alegres que antes o notabilizavam.

“‘Meu pai está morrendo’, foram suas primeiras palavras.

“‘Impossível!’ exclamei. ‘Que aconteceu?’

“‘Apoplexia. Choque nervoso. A vida dele esteve por um fio ontem o dia todo. Não sei se o encontraremos vivo.’

“Como pode imaginar, Watson, fiquei horrorizado com essa notícia

inesperada.

“Qual foi a causa disso?”

“Ah, essa é a questão. Suba, conversaremos no caminho. Lembra-se daquele sujeito que apareceu numa tarde, na véspera do dia em que você nos deixou?”

“Perfeitamente.”

“Sabe quem deixamos entrar em nossa casa naquele dia?”

“Não faço ideia.”

“O Demônio, Holmes!” exclamou ele.

“Fitei-o, espantado.

“Isso mesmo; era o Demônio em pessoa. Não tivemos uma hora de paz desde então — nem uma. Meu pai nunca mais ergueu a cabeça desde aquela tarde, e agora sua vida lhe está sendo arrancada, seu coração está destruído, tudo por causa desse maldito Hudson.”

“Mas que poder esse homem tem?”

“Ah, isso é o que eu daria tudo para saber. O velho juiz, tão indulgente e caridoso! Como poderia ter caído nas garras de um facinora como aquele? Mas estou muito satisfeito por você ter vindo. Confio muito em seu julgamento e tirocínio, sei que você me dará os melhores conselhos.”

“Corríamos pela estrada rural branca e plana, com um longo trecho dos Broads cintilando à nossa frente à luz avermelhada do crepúsculo. Vimos um bosque à nossa esquerda e dali já pude divisar as chaminés altas e o mastro que marcavam a residência do fidalgo.

“Meu pai fez do sujeito seu jardineiro”, disse meu companheiro. “Depois, não satisfeito, promoveu-o a mordomo. A casa parecia estar à mercê dele; metia-se em toda parte e fazia o que bem entendia. As criadas queixavam-se de suas bebedeiras e de seu linguajar torpe. Papai aumentou os salários de todos os outros para compensá-los pelo aborrecimento. O sujeito pegava o barco e a melhor espingarda de meu pai e se regalava com caçadas. Tudo isso com um ar tão zombeteiro, malicioso, insolente que eu o teria esmurrado vinte vezes se fosse um homem da minha idade. Vou lhe contar, Holmes, tive de exercer um enorme controle sobre mim mesmo durante todo esse tempo, e agora me pergunto se não teria sido melhor ter cedido um pouco mais a meus impulsos.

“Bem, as coisas foram de mal a pior conosco, e esse animal, Hudson, foi ficando cada vez mais intrometido, até que um dia, por fim, quando deu uma resposta insolente a meu pai na minha presença, agarrei-o pelos ombros e o pus fora da sala. Ele se retirou furtivamente, com o rosto lívido e dois olhos malévolos em que se liam mais ameaças do que sua língua podia fazer. Não sei o que se passou entre meu pobre pai e ele depois disso, mas no dia seguinte papai foi até mim e me perguntou se eu poderia pedir desculpas a Hudson. Recusei-me, como você pode imaginar, e perguntei-lhe como podia tolerar que aquele miserável tomasse tantas liberdades com ele e com seus empregados.

“« Ah, meu filho » , respondeu meu pai, « falar é muito fácil, porém você não sabe a situação em que estou. Mas saberá, Victor; vou cuidar para que saiba, aconteça o que acontecer! Você não pensaria mal do seu próprio pai, não é?» Estava muito comovido e passou o dia todo fechado no gabinete, onde pude ver pela janela que estava muito ocupado, escrevendo.

“Naquela noite aconteceu algo que para mim representou um grande alívio: Hudson declarou que iria nos deixar. Entrou na sala de jantar quando estávamos ali sentados depois do jantar e anunciou sua intenção na voz rouca de um homem semiembriagado.

“« Estou farto de Norfolk » , disse. « Vou para a casa de Mr. Beddoes, em Hampshire. Ele ficará tão satisfeito em me ver quanto os senhores ficaram, eu garanto.»

“« Não está indo embora aborrecido, não é, Hudson?» perguntou meu pai com uma humildade que fez meu sangue ferver.

“« Não me pediram desculpas » , disse ele, emburrado, olhando-me de esguelha.

“« Victor, você vai admitir que foi bastante grosseiro com nosso prezado amigo » , disse papai, virando-se para mim.

“« Ao contrário, acho que nós dois demonstramos extraordinária paciência com ele.»

“« Ah, acha mesmo?» rosou Hudson. « Muito bem, companheiro. Veremos!» Saiu da sala e, meia hora depois, da casa, deixando meu pai num estado de nervos deplorável. Noite após noite eu o vi andando para cá e para lá no seu quarto, e foi exatamente quando começava a recobrar a confiança que o golpe foi finalmente desferido.

“Como?” perguntei, ansioso.

“De uma maneira absolutamente extraordinária. Ontem à tarde meu pai recebeu uma carta com o carimbo de Fordingbridge. Leu-a, levou as duas mãos à cabeça e pôs-se a correr pela sala em pequenos círculos, como um homem que tivesse perdido o juízo. Quando finalmente consegui fazê-lo sentar no sofá, tinha a boca e as pálpebras repuxadas de um lado e vi que sofrera um derrame. O dr. Fordham foi vê-lo imediatamente e o pusemos na cama; mas a paralisia espalhou-se e ele não deu nenhum sinal de recobrar a consciência; acho que dificilmente o encontraremos vivo.”

“Você me horroriza, Trevor!” exclamei. “Mas que poderia haver nessa carta, para provocar um efeito tão terrível?”

“Nada. É aí que está o inexplicável. A mensagem era absurda e corriqueira. Ah, meu Deus, o que eu temia aconteceu!”

“Disse estas palavras quando fazíamos a curva da alameda e víamos, à luz declinante do dia, que todas as persianas da casa haviam sido baixadas. Quando corríamos para a porta, o semblante de meu amigo convulsionado pela dor, um

cavaleiro vestido de preto saiu.

“Quando aconteceu, doutor?” perguntou Trevor.

“Quase imediatamente depois que saiu.”

“Recobrou a consciência?”

“Por um instante antes do fim.”

“Alguma mensagem para mim?”

“Apenas que os papéis estão na gaveta do fundo do armário japonês.”

“Meu amigo subiu com o médico até o quarto do morto, enquanto fiquei no gabinete, virando e revirando todo aquele caso na minha cabeça e sentindo-me mais deprimido que nunca em minha vida. Qual era o passado desse Trevor, pugilista, viajante, garimpeiro, e como ele se pusera nas mãos daquele marinheiro sarcástico? Por que, também, teria desmaiado diante de uma alusão às iniciais semiapagadas que tinha no braço e morrido de pavor ao receber uma carta de Fordingbridge? Lembrei-me então de que Fordingbridge fica em Hampshire e de que aquele Mr. Beddoes que o marinheiro fora visitar, e presumivelmente chantagear, também parecia morar nesse condado. A carta, portanto, poderia ter sido enviada por Hudson, o marinheiro, dizendo que revelara o segredo culposos que parecia existir, ou por Beddoes, avisando o antigo aliado de que essa revelação era iminente. Até aí as coisas pareciam bastante claras. Mas como podia essa carta ser banal e absurda como a descrevera o filho? Com certeza ele não a compreendera. Nesse caso, devia ser um daqueles códigos secretos engenhosos que querem dizer uma coisa embora pareçam dizer outra. Eu tinha de ver essa carta. Se houvesse nela um significado oculto, tinha certeza de que conseguiria extrai-lo. Fiquei ali durante uma hora, refletindo sobre o caso no escuro, até que por fim uma criada chorosa entrou com uma lâmpada. Logo depois entrou meu amigo Trevor, pálido, mas sereno; trazia na mão estes mesmos papéis que tenho no colo. Sentou-se diante de mim, puxou a lâmpada para a beirada da mesa e entregou-me um curto bilhete escrito, como vê, numa única folha de papel cinzento. ‘A temporada de caça ainda não terminou. O guarda Hudson, nós acreditamos, contou os animais; tudo conferiu. Agora corra lá depressa e se puder salve as raposas; sua venda em vida é lucrativa.’

“Acho que, quando li esta mensagem, minha fisionomia ficou tão perplexa quanto a sua agora há pouco. Em seguida eu a reli com toda a atenção. Evidentemente era como eu pensara: devia haver um segundo significado enterrado sob aquela estranha combinação de palavras. Ou, quem sabe, palavras como ‘animais’ ou ‘raposas’ tinham um sentido previamente combinado? Nesse caso esse seria um sentido arbitrário, e não seria possível deduzi-lo de maneira alguma. Entretanto, eu relutava em acreditar nessa possibilidade, e a presença da palavra ‘Hudson’ parecia mostrar que o assunto da mensagem era o que eu havia adivinhado e que o bilhete vinha de Beddoes, não do marinheiro. Tentei lê-lo de trás para a frente, mas a combinação ‘lucrativa é vida’ não era estimulante.

Depois tentei palavras alternadas, mas nem ‘A de ainda’, nem ‘temporada caça não’ prometiam lançar alguma luz sobre aquilo.

“Um instante depois, porém, a chave do enigma estava em minhas mãos: vi que todas as terceiras palavras a começar da primeira dariam uma mensagem perfeitamente capaz de levar o velho Trevor ao desespero.



“A chave do enigma estava em minhas mãos.”

[Sidney Paget, *Strand Magazine*, 1893]

“Era uma mensagem curta e lacônica, como li naquele momento para meu companheiro:

A caça terminou. Hudson contou tudo. Corra e salve sua vida.

“Victor Trevor enterrou o rosto nas mãos trêmulas. ‘Deve ser isso, suponho,’ disse. ‘Isso é pior que a morte, pois significa desonra também. Mas qual é o significado desses « animais» e dessas « raposas»?’

“Não significa nada para a mensagem, mas poderia significar muito para nós

se não tivéssemos nenhum outro meio de descobrir o remetente. Como vê, ele começou escrevendo «A ... caça ... terminou», e assim por diante. Em seguida, para satisfazer a chave de código pré-combinada, teve de inserir duas palavras quaisquer em cada espaço. Naturalmente, deve ter usado as primeiras que lhe vieram à cabeça, e, se houve tantas relacionadas a caça entre elas, pode-se ter razoável certeza de que é um caçador entusiasta ou interessado na preservação dos animais. Sabe alguma coisa sobre esse Beddoes?

“Sim, agora que você menciona isso”, disse ele, “lembro que meu pobre pai costumava receber um convite dele para caçar em suas reservas todos os outonos.”

“Então ele é sem dúvida o autor deste bilhete!” eu disse. “Só nos resta descobrir qual era esse segredo que dava ao marinheiro Hudson tamanho poder sobre esses dois homens abastados e respeitados.”

“Ah, Holmes! Temo que esse segredo envolva pecado e vergonha!” exclamou meu amigo. “Mas não terei segredos para você. Aqui está a declaração que meu pai redigiu quando soube que Hudson representava um perigo iminente. Encontrei-a no armário japonês, como ele disse ao médico. Pegue-a e leia-a para mim, porque não tenho forças nem coragem para lê-la eu mesmo.” No envelope estava escrito, como vê: ‘Alguns detalhes da viagem do brigue *Gloria Scott*, desde sua partida de Falmouth no dia 8 de outubro de 1855 até sua destruição na Lat. N 15° 20'; Long. W 25° 14' em 6 de dezembro.’ Tem forma de carta e diz o seguinte:

“Meu querido filho, agora que a desonra iminente começa a obscurecer os últimos anos de minha vida, posso escrever com toda a verdade e sinceridade que não é o terror da lei, não é a perda de minha posição no condado, nem minha queda aos olhos de todos que me conheceram que me dilacera; é o pensamento de que você venha a se envergonhar de mim — você que me ama e raras vezes, espero, teve razão para sentir senão respeito por mim. Mas se o golpe que de há muito me ameaça for desferido, desejo que você leia isto, que possa saber diretamente de mim até que ponto fui culpado. Por outro lado, se tudo correr bem (que Deus Todo-Poderoso o permita!), se por acaso este papel não tiver sido destruído e vier a cair nas suas mãos, eu suplico por tudo quanto lhe é mais sagrado, pela memória de sua falecida mãe e pelo amor que existiu entre nós, que o jogue no fogo e nunca mais volte a pensar nele.

“Portanto, se seus olhos passaram a ler esta linha, sei que já terei sido denunciado e arrastado de minha casa, ou, como é mais provável — pois você sabe que meu coração é fraco —, estarei com a língua selada para sempre pela morte. Em qualquer dos casos, não é mais tempo para o sigilo e cada palavra que lhe direi é a pura verdade; juro pela salvação de minh'alma.

“Meu nome, querido filho, não é Trevor. Na juventude, fui James Armitage, e agora você pode entender que choque foi para mim, algumas semanas atrás,

ouvir de seu colega palavras que pareciam sugerir que ele surpreendera meu segredo. Foi como Armitage que ingressei numa casa bancária de Londres, e como Armitage fui condenado por violar as leis de meu país e sentenciado a deportação para uma colônia penal. Não me julgue com demasiada severidade, meu filho. Era uma dessas chamadas dívidas de honra que eu tinha de pagar, e usei um dinheiro que não me pertencia para fazê-lo, na certeza de poder restituí-lo antes que houvesse qualquer possibilidade de sua falta ser detectada. Mas fui vítima do mais pavoroso golpe de má sorte. Não recebi o dinheiro com que contava e um exame prematuro das contas expôs meu desfalque. O caso poderia ter sido tratado com leniência, mas as leis eram ministradas com mais severidade trinta anos atrás, e no dia mesmo em que completava vinte e três anos vi-me acorrentado como um criminoso, com outros trinta e sete sentenciados, nos porões do brigue *Gloria Scott*, com destino à Austrália.

“Era o ano de 1855, quando a Guerra da Crimeia estava no auge e os antigos navios destinados ao transporte de criminosos condenados vinham sendo muito usados para transportar tropas no mar Negro. O governo via-se obrigado, portanto, a lançar mão de embarcações menores e menos adequadas para despachar seus prisioneiros. O *Gloria Scott* fora usado no comércio do chá chinês, mas era uma embarcação antiquada, de proa pesada e muito larga que havia sido eliminada pelos novos clíperes. Era um barco de quinhentas toneladas e, além de seus trinta e oito prisioneiros e de uma tripulação de vinte e seis pessoas, transportava dezoito soldados, um capitão, três imediatos, um médico, um capelão e quatro carcereiros. Ao todo, eram quase cem almas a bordo quando zarpamos de Falmouth.

“Entre as celas, em vez das grossas divisórias de carvalho usuais em navios para o transporte de sentenciados, havia tabiques muito finos e frágeis. Meu vizinho do lado da popa era um homem que me chamara a atenção quando fomos levados para o cais. Jovem, tinha um rosto claro e glabro, um nariz comprido e fino e maxilares vigorosos. De porte altivo e andar arrogante, fazia-se notar sobretudo por sua altura extraordinária. Acho que a cabeça de nenhum de nós lhe chegava ao ombro e tenho certeza de que não devia medir menos de 1,98 metro. Era estranho ver um semblante cheio de energia e resolução entre tantos outros tristes e fatigados. Vê-lo foi para mim como uma fogueira numa nevasca. Assim, fiquei satisfeito ao constatar que era meu vizinho e mais satisfeito ainda quando, na calada da noite, ouvi um sussurro junto do meu ouvido e descobri que ele conseguira abrir um buraco na tábua que nos separava.

“«Olá, companheiro!» disse. «Qual é o seu nome e por que está aqui?»

“Respondi e perguntei por minha vez com quem estava falando.

“«Sou Jack Prendergast», respondeu, «e, juro por Deus, logo você vai aprender a abençoar meu nome.»

“Lembrei-me de que ouvira falar do caso dele, pois havia causado enorme

sensação em todo o país algum tempo antes da minha própria prisão. Era um homem de boa família e grande capacidade, mas de hábitos incuravelmente viciosos, que, por meio de um engenhoso sistema de fraudes, conseguira arrancar imensas somas de dinheiro dos maiores comerciantes de Londres.

“« Ah! Lembra-se do meu caso?» perguntou, orgulhoso.

“« Lembro-me muito bem.»

“« Nesse caso, talvez se recorde de algo estranho associado a ele.»

“« O quê?»

“« Eu tinha quase um quarto de milhão, não é?»

“« Foi o que me disseram.»

“« Mas nada foi recuperado, não é?»

“« Não.»

“« Bem, onde supõe que esteja o saldo?»

“« Não faço a menor ideia.»

“« Exatamente entre meu polegar e meu indicador », ele exclamou. « Por Deus, tenho mais libras no meu nome que você tem cabelos na cabeça. E quando o sujeito tem dinheiro, meu filho, e sabe como usá-lo e distribuí-lo, pode fazer qualquer coisa. Ora, você não considera provável que um homem que poderia fazer qualquer coisa vá gastar as calças sentado no porão malcheiroso, infestado de ratos e insetos, deste velho caixão bolorento de um barco de cabotagem chinês, não é? Não, senhor, um homem como esse vai cuidar de si mesmo, e vai cuidar dos amigos. Pode apostar! Agarre-se a ele, e pode jurar que ele o carregará consigo.»

“Assim era seu estilo de conversa, e de início pensei que era palavrório vazio; depois de certo tempo, porém, quando tinha me posto à prova e me feito jurar com toda a solenidade possível, fez-me compreender que realmente havia um plano para conquistar o comando do barco. Uma dúzia de prisioneiros havia tramado tudo antes de embarcar; Prendergast era o líder, e seu dinheiro, a força motriz.

“« Tenho um sócio », explicou, « um homem excelente, de absoluta confiança. Ele está com o dinheiro, e onde você pensa que se encontra neste momento? Meu amigo, ele é nada menos que o capelão deste navio! Embarcou de paletó preto, os papéis em ordem, e dinheiro bastante em seu baú para comprar todo o mundo da quilha à gávea. A tripulação está com ele, corpo e alma. Consegui comprá-los no atacado com desconto à vista, e fez isso antes mesmo que fossem contratados. Ganhou dois carcereiros e Mereer, o segundo imediato, e conseguiria pôr no bolso o próprio capitão, se achasse que valia a pena.»

“« Que temos de fazer, então?» perguntei.

“« Que acha?» perguntou ele. « Vamos deixar os casacos de alguns desses soldados mais vermelhos do que ao sair da alfaiataria.»

“« Mas estão armados », objetei.

“« E nós também estaremos, meu rapaz. Há um par de pistolas para cada filho da mãe de nós, e se não quisermos dominar este navio, com a tripulação nos apoiando, deveríamos ser todos mandados para um internato de moças. Converse com seu companheiro da esquerda hoje à noite e veja se é de confiança.»

“Foi o que fiz, e descobri que meu outro vizinho era um rapaz em situação muito parecida com a minha, condenado por falsificação. Chamava-se Evans, mas posteriormente mudou de nome, como eu, e hoje é um homem próspero no sul da Inglaterra. Mostrou-se disposto a participar da conspiração, vendo nela o único meio que tínhamos para nos salvar. Assim, antes que tivéssemos cruzado a baía somente dois prisioneiros ignoravam o segredo. Um era débil mental e não ousamos confiar nele, o outro estava sofrendo de icterícia e não poderia ter nenhuma utilidade para nós.

“Desde o início não havia realmente nada que nos impedisse de assumir o controle do navio. A tripulação era um punhado de malfeitores, escolhidos a dedo para o serviço. O falso capelão costumava ir às nossas celas nos exortar, levando uma maleta preta supostamente cheia de folhetos; visitava-nos com tanta frequência que no terceiro dia cada um de nós tinha escondido no pé da cama uma lima, um par de pistolas, meio quilo de pólvora e vinte balas. Dois dos carcereiros eram agentes de Prendergast e o segundo imediato era seu braço direito. Só tínhamos contra nós o capitão, dois imediatos, dois carcereiros, o tenente Martin com seus dezoito soldados e o médico. Por mais seguros que estivéssemos, porém, decidimos não negligenciar nenhuma precaução e promover nosso ataque de repente, à noite. Ele aconteceu, no entanto, mais depressa do que esperávamos, da seguinte maneira:

“Uma noite, mais ou menos na nossa terceira semana de viagem, o médico desceu para ver um prisioneiro doente. Ao apoiar a mão no pé do beliche do homem, sentiu o relevo das pistolas. Se tivesse ficado quieto poderia ter frustrado todo o nosso plano; mas, sendo um sujeitinho nervoso, deu um grito de surpresa e ficou tão pálido que o doente percebeu o que se passara e o agarrou. Antes que pudesse dar o alarme, o médico foi amordaçado e amarrado ao leito. Ele deixara destrancada a porta que levava ao convés e saímos correndo por ela. As duas sentinelas foram abatidas a tiros, bem como um cabo que surgira correndo para ver o que acontecia. Havia outros dois soldados na porta do restaurante, mas seus mosquetes não deviam estar carregados, porque não deram um só tiro e foram abatidos quando tentavam calar suas baionetas. Em seguida corremos para o camarote do comandante, mas quando empurramos a porta ouvimos uma explosão lá dentro, e lá estava ele com a cabeça sobre a carta do Atlântico alfinetada à mesa, enquanto o capelão segurava uma pistola fumegante. Os dois imediatos haviam sido ambos detidos pela tripulação e todo o assunto parecia estar resolvido.

“O restaurante era a cabine seguinte. Corremos para lá e caímos nos sofás, todos falando ao mesmo tempo, enlouquecidos pela sensação de estarmos livres novamente. A cabine era forrada de armários e Wilson, o falso capelão, arrombou um deles e tirou uma dúzia de garrafas de xerez. Quebramos os gargalos das garrafas, entornamos a bebida em copos e mal demos um primeiro gole quando de repente, sem aviso, ouvimos tiros de mosquete e o salão ficou tão enfumaçado que não conseguíamos ver o outro lado da mesa. Quando a fumaça se dissipou, o lugar parecia um açougue. Wilson e mais oito contorciam-se uns sobre outros no chão; até hoje sinto náuseas quando me lembro do sangue misturado ao xerez naquela mesa. Ficamos tão intimidados por essa visão que acho que teríamos desistido de tudo, não tivesse sido Prendergast. Berrando como um touro, ele correu para a porta com todos os que tinham sobrado vivos no seu calcanhar. O tenente estava na popa com dez de seus homens. As claraboias sobre o salão tinham ficado entreabertas e eles haviam atirado em nós pelas frestas. Avançamos sobre eles antes que pudessem recarregar suas armas; resistiram bravamente, mas conseguimos levar a melhor e em cinco minutos tudo estava encerrado. Meu Deus! Teria havido algum matadouro como aquele navio? Prendergast, mais parecendo um demônio enfurecido, agarrava os soldados como se fossem crianças e os jogava borda fora, vivos ou mortos. Um sargento, embora horripelmente ferido, conseguiu nadar por um tempo surpreendente, até que alguém lhe deu o tiro de misericórdia, estourando-lhe os miolos. Quando a luta terminou, não restava um só de nossos inimigos, exceto os carcereiros, os imediatos e o médico.



“O capelão segurava uma pistola fumegante.”
[Sidney Paget, *Strand Magazine*, 1893]

“Foi por causa deles que a grande briga se armou. Muitos de nós estávamos satisfeitos em recobrar nossa liberdade e não tínhamos nenhum desejo de ter assassinatos pesando na consciência. Uma coisa era derrubar soldados com mosquetes na mão, outra assistir a homens indefesos serem mortos a sangue-frio. Oito de nós, cinco sentenciados e três marinheiros, dissemos que não queríamos saber daquilo. Mas não houve como demover Prendergast e os que estavam com ele. Só ficaríamos em segurança, afirmava ele, se fizéssemos um trabalho limpo, e dizia-se decidido a não deixar escapar ninguém capaz de dar com a língua nos dentes no banco das testemunhas. Por pouco partilhamos a sorte daqueles prisioneiros, mas finalmente Prendergast declarou que, se quiséssemos, poderíamos pegar um bote e partir. Agarramo-nos imediatamente à proposta, pois já estávamos nauseados com toda aquela carnificina e tínhamos visto que as coisas podiam ficar ainda piores. Cada um de nós recebeu um traje de

marinheiro, um barril de água e duas barricas, uma de carne de vaca salgada e uma de biscoitos, e uma bússola. Prendergast jogou-nos um mapa, e, depois de nos dizer que éramos marinheiros náufragos de um navio que fora a pique na Lat. 15° e Long. 25° W, cortou a amarra e nos deixou partir.

“Chego agora à parte mais surpreendente de minha história, querido filho. Durante o levante os marinheiros haviam arriado a verga mais baixa do mastro de proa, mas agora ergueram-na de novo e, como soprava um vento leve do norte e do leste, o brigue começou a se afastar lentamente de nós. Nosso bote se erguia e descia ao sabor das ondas longas e suaves, e Evans e eu, que éramos os mais instruídos do grupo, sentamo-nos nas escotas para calcular nossa posição e planejar para que costa rumaríamos. Era um problema difícil, porque Cabo Verde estava cerca de quinhentas milhas ao norte de nós e a costa africana, cerca de setecentas milhas a leste. No frígido dos ovos, como o vento soprava mais forte para o norte, pensamos que Serra Leoa poderia ser melhor e tomamos aquela direção. A essa altura só as velas e o mastro do brigue eram visíveis a estibordo de nós. De repente, quando o observávamos, vimos uma densa nuvem negra de fumaça erguer-se e formar como que uma árvore monstruosa sobre ele na linha do horizonte. Segundos depois ouvimos um estrondo como o de um trovão, e quando a fumaça se dissipou não havia vestígio do *Gloria Scott*. Imediatamente invertemos a direção do bote e remamos de volta, com toda a energia, para o lugar onde a névoa, ainda pairando sobre a água, marcava o local da catástrofe.

“Levamos uma hora para chegar lá, e de início tememos ter chegado tarde demais para salvar alguém. Um bote despedaçado e muitos caixotes e fragmentos de vergas subindo e descendo nas ondas nos mostravam onde a embarcação fora a pique, mas não havia sinal de vida. Já voltávamos, desesperançados, quando ouvimos um grito de socorro e vimos, a alguma distância, um homem deitado sobre um destroço. Tratamos de puxá-lo para o bote e descobrimos que se tratava de um jovem marinheiro chamado Hudson. O rapaz estava tão queimado e exausto que não conseguiu nos fazer nenhum relato do que acontecera até a manhã seguinte.

“Ao que parecia, depois que deixamos o brigue, Prendergast e seu bando haviam começado a matar os cinco prisioneiros restantes; os dois carcereiros haviam sido fuzilados e jogados no mar e o terceiro imediato tivera a mesma sorte. Em seguida Prendergast descera ao porão e cortara o pescoço do infeliz médico com as próprias mãos. Só sobrara o primeiro imediato, homem de muita coragem e vigor. Quando viu o condenado aproximar-se dele com a faca ensanguentada na mão, desvencilhou-se das cordas que o amarravam, e que de algum modo conseguira afrouxar, correu pelo convés e se enfiou no porão.

“Uma dúzia de sentenciados desceu atrás dele com suas pistolas e deu com ele sentado, uma caixa de fósforos na mão, em cima de um barril de pólvora

aberto, um dos cem que o brigue transportava, jurando que mandaria tudo pelos ares se lhe encostassem um dedo. Um instante depois ocorreu a explosão, embora Hudson pensasse que fora causada pela bala maldirigida de um dos sentenciados, não pelo fósforo do imediato. Mas, qualquer que tivesse sido a causa, aquele foi o fim do *Gloria Scott* e da escória que assumira seu comando.

“Esta foi, em poucas palavras, meu querido filho, a terrível história em que me envolvi. No dia seguinte fomos recolhidos pelo brigue *Hotspur*, com destino à Austrália, cujo capitão não teve dificuldade em acreditar que éramos os sobreviventes de um navio de passageiros que naufragara. O navio de transporte de sentenciados *Gloria Scott* foi dado como perdido no mar pelo Almirantado e nunca vazou uma só palavra sobre seu verdadeiro destino. Depois de uma excelente viagem o *Hotspur* nos desembarcou em Sidney, Evans e eu trocamos de nome e rumamos para as minas, onde, entre as multidões de todas as nações ali reunidas, não tivemos nenhuma dificuldade em perder nossas identidades anteriores.

“Não preciso contar o resto. Prosperamos, viajamos, voltamos para a Inglaterra como colonos ricos e compramos propriedades rurais. Por mais de vinte anos levamos vidas pacíficas e úteis, e esperávamos que nosso passado estivesse enterrado para sempre. Imagine então meus sentimentos quando, no marinheiro que apareceu em nossa casa, reconheci imediatamente o homem que fora salvo do naufrágio. Ele encontrara a nossa pista de alguma maneira e decidira viver à custa de nosso medo. Você compreenderá agora por que me esforcei para me manter em paz com ele, e se solidarizará em alguma medida com o medo que sinto, agora que ele se afastou de mim para ir à procura de sua outra vítima com ameaças na boca.”

“Abaixo, estava escrito, numa letra tão tremida que mal era legível: ‘Beddoes escreveu em código dizendo que H. contou tudo. Senhor, tende piedade de nós!’

“Esta foi a narrativa que li aquela noite para o jovem Trevor, e penso, Watson, que, dadas as circunstâncias, ela foi dramática. O rapaz, inconsolável, foi plantar chá no Terai, onde, pelo que ouvi dizer, está prosperando. Quanto ao marinheiro e a Beddoes, não se teve mais qualquer notícia dos dois desde o dia em que o bilhete de advertência foi escrito. Ambos desapareceram completa e absolutamente. Como nenhuma queixa foi registrada na polícia, parece que Beddoes confundira uma ameaça com um fato. Hudson havia sido visto rondando pelas vizinhanças e a polícia se convenceu de que ele havia liquidado Beddoes e fugido. De minha parte, acredito que aconteceu exatamente o contrário. Parece-me muito provável que Beddoes, levado ao desespero, e acreditando já ter sido traído, tenha se vingado de Hudson e fugido do país com todo o dinheiro em que conseguiu pôr as mãos. Estes são os fatos do caso, doutor, e se forem de alguma valia para sua coleção, saiba que estão a seu inteiro dispor.”

O RITUAL MUSGRAVE

UMA ANOMALIA QUE SEMPRE me impressionou no caráter do meu amigo Sherlock Holmes era que, embora em seus métodos de pensamento fosse tão ordeiro e sistemático quanto um homem pode ser, e embora também gostasse de se vestir com discreta e meticulosa correção, era em seus hábitos pessoais um homem terrivelmente desmazelado, capaz de levar um companheiro de apartamento ao desespero. Não que eu mesmo seja convencional sob esse aspecto, em absoluto. A luta caótica no Afeganistão, vindo coroar uma disposição naturalmente boêmia, tornou-me mais relaxado do que convém a um médico. Mas no meu caso há um limite, e quando encontro um homem que guarda os charutos no balde de carvão, o tabaco na biqueira de um chinelo persa e sua correspondência não respondida transfixada com um canivete exatamente no centro do aparador da lareira, começo a me sentir a personificação da ordem. Sempre sustentei, também, que o tiro ao alvo era sem dúvida um passatempo para o ar livre; mas quando Holmes, num de seus estados de espírito esquisitos, aboletava-se numa poltrona com uma centena de cartuchos Boxer e passava a adornar a parede oposta com um patriótico V.R. desenhado a bala, eu tinha a forte impressão de que nem a atmosfera nem a aparência da sala eram muito favorecidas.

Nossos aposentos estavam sempre cheios de substâncias químicas e relíquias criminais, que sempre conseguiam se meter em cantos improváveis, vindo a aparecer na mantigueira ou em lugares ainda menos desejáveis. Mas meu grande tormento eram os papéis dele. Holmes tinha horror a destruir documentos, especialmente aqueles associados a seus casos progressos, mas só uma vez em um ou dois anos reunia energia para indexá-los e organizá-los; porque, como mencionei em algum ponto destas memórias desordenadas, os arroubos de energia apaixonada com que ele levava a cabo os feitos notáveis a que seu nome está associado eram seguidos por reações de letargia, durante as quais ficava deitado com seu violino e seus livros, mal se mexendo, exceto do sofá para a mesa. Assim, mês após mês, seus papéis acumulavam-se, até que em todos os cantos da sala empilhavam-se montes de manuscritos que não deviam ser queimados de maneira alguma e não podiam ser removidos senão por seu dono. Numa noite de inverno, quando estávamos juntos ao pé do fogo, arrisquei-me a sugerir-lhe que, como acabara de colar recortes em seu álbum, poderia dedicar as duas horas seguintes a tornar nossa sala um pouco mais habitável. Não podendo negar que meu pedido era justo, ele se dirigiu com uma expressão muito pesarosa para o seu quarto, do qual logo retornou arrastando um grande baú de folha de flandres atrás de si. Colocou-o no centro da sala, sentou-

se num tamborete diante de si e abriu a tampa. Pude ver que uma terça parte do baú já estava cheia de papéis atados com fita vermelha em diferentes maços.

“Há um bom número de casos aqui, Watson”, disse ele, lançando-me um olhar malicioso. “Acho que, se você soubesse tudo que tenho nesta caixa, me pediria para tirar algumas coisas daqui, ao invés de guardar outras.”

“Então esses são os registros de seus primeiros trabalhos?” perguntei. “Muitas vezes desejei ter anotações desses casos.”

“Isso mesmo, meu rapaz, todos estes casos foram investigados prematuramente, antes que meu biógrafo aparecesse para me glorificar.” Ergueu maço após maço, de uma maneira terna, acariciante. “Nem todos foram bem-sucedidos, Watson”, disse. “Mas há alguns probleminhas muito interessantes entre eles. Aqui está o registro do assassinato Tarleton, e o caso de Vamberry, o negociante de vinhos, e a aventura da velha russa, e o singular caso da mula de alumínio, bem como o relato completo do caso de Ricoletti do pé deformado e sua abominável mulher. E aqui — vejam só! Há algo de realmente um pouco inusitado.”

Enfiou o braço no fundo do baú e pescou uma caixinha de madeira, de tampa corrediça, como as usadas para guardar brinquedos de crianças. Tirou de dentro um pedaço de papel amassado, uma chave de bronze de modelo antiquado, uma cavilha de madeira com uma bola de cordão amarrada a ela e três discos de metal velhos e enferrujados.

“Bem, meu caro, que acha destas coisas?” perguntou, sorrindo da minha expressão.

“É uma coleção curiosa.”

“Muito curiosa; e a história que a envolve vai lhe parecer ainda mais curiosa.”



“É uma coleção curiosa.”
[Sidney Paget, *Strand Magazine*, 1893]

“Então essas relíquias têm uma história?”

“Não só têm história, são históricas.”

Sherlock Holmes pegou-as uma a uma e pôs-as na borda da mesa. Depois se sentou novamente em sua cadeira e contemplou-as com um brilho de satisfação nos olhos.

“Estas coisas”, disse, “são tudo o que me restou para me recordar do episódio do Ritual Musgrave.”

Eu o ouvi mencionar o caso mais de uma vez, embora nunca tivesse conseguido obter os detalhes. “Gostaria muito que me contasse essa história”, disse eu.

“E deixasse esta desordem como está?” provocou-me. “Seu espírito de ordem não pode ser muito violentado, Watson. Mas gostaria que você acrescentasse este caso aos seus anais, pois ele tem alguns aspectos que o tornam absolutamente único nos registros criminais deste país, ou, acredito eu, de qualquer outro. Uma

coletânea de meus feitos banais que não incluísse um relato deste singularíssimo caso seria certamente incompleta.

“Talvez você se lembre de como a história do *Gloria Scott* e minha conversa com o infeliz homem cuja sina lhe contei fizeram-me pensar pela primeira vez na profissão que vim a abraçar. Você me vê agora, quando meu nome se tornou conhecido em toda parte e quando todos em geral, tanto no público quanto na força oficial, me reconhecem como um supremo tribunal de apelação em casos duvidosos. Quando você me conheceu, na época do caso que imortalizou em *Um estudo em vermelho*, eu já granjeara uma clientela considerável, embora não muito lucrativa. Assim, dificilmente pode imaginar como as coisas foram árduas no começo e quanto tempo tive de esperar antes de fazer algum progresso.

“Quando me mudei para Londres, tinha aposentos em Montague Street, bem perto do Museu Britânico, e ali eu esperava, preenchendo minhas horas vagas excessivamente abundantes com o estudo de todos aqueles ramos da ciência que poderiam me tornar mais eficiente. Volta e meia me aparecia um caso, principalmente mediante a apresentação de ex-colegas, porque durante meus últimos anos na universidade se falara muito sobre mim e meus métodos. O terceiro desses casos foi o do Ritual Musgrave, e é ao interesse despertado por essa singular cadeia de eventos e às importantes questões que se revelaram estar em jogo que atribuo meu primeiro passo decisivo rumo à posição que hoje ocupo.

“Reginald Musgrave cursara a mesma faculdade que eu e mantínhamos relações superficiais. Ele não era em geral muito querido entre os estudantes, embora, a meu ver, o que se tomava por orgulho era na realidade uma tentativa de disfarçar uma excessiva timidez natural. Era um homem de aparência extremamente aristocrática; magro, de nariz adunco e olhos grandes, tinha maneiras lânguidas mas muito corteses. Na verdade, era o herdeiro de uma das mais antigas famílias do reino, embora pertencesse a um dos ramos mais moços, que se separara dos Musgrave do norte em algum momento do século XVI e se estabelecera no oeste de Sussex, onde a mansão senhorial de Hurlstone talvez seja a mais antiga construção habitada do condado. Alguma coisa do lugar onde nascera parecia aderir ao homem, e nunca contemplei seu rosto pálido e vívido ou o aprumo de sua cabeça sem associá-lo às arcadas cinzentas e às janelas com mainel e todas as veneráveis ruínas de um castelo feudal. De vez em quando entabulávamos uma conversa, e posso lembrar que ele expressou mais de uma vez intenso interesse em meus métodos de observação e inferência.

“Passei quatro anos sem vê-lo, até que, numa manhã, ele entrou em meu quarto em Montague Street. Mudara pouco, estava vestido como um rapaz elegante — sempre fora um pouquinho dândi — e conservava as mesmas maneiras serenas e suaves que o distinguiam no passado.

“‘Como tem passado, Musgrave?’ perguntei, depois de um cordial aperto de

mãos.

“Provavelmente soube da morte do meu pobre pai”, respondeu. ‘Faleceu há cerca de dois anos. Desde então, é claro, tive de administrar a propriedade de Hurlstone, e, como sou também representante do meu distrito, tenho andado muito ocupado. Mas fui informado, Holmes, de que você está empregando para fins práticos aqueles poderes com que costumava nos assombrar.’

“‘É verdade’, respondi, ‘tenho vivido de expedientes.’

“‘Estou encantado em ouvir isto, pois seu conselho me seria extremamente valioso no momento. Aconteceram algumas coisas muito estranhas em Hurlstone, e a polícia não conseguiu lançar nenhuma luz sobre o assunto. É realmente um caso dos mais extraordinários e inexplicáveis.’

“Pode imaginar com que paciência eu o ouvia, Watson, pois a oportunidade pela qual estivera ansiando durante todos aqueles meses de inação parecia estar por fim ao meu alcance. No fundo do meu coração, eu acreditava que poderia ter sucesso onde outros fracassavam e agora tinha a chance de me pôr à prova.

“‘Por favor, conte-me os detalhes’, pedi.

“Reginald Musgrave sentou-se diante de mim e acendeu o cigarro que eu lhe estendera.

“‘Precisa saber’, disse, ‘que, embora solteiro, tenho de manter uma criadagem considerável em Hurlstone, pois é uma casa antiga e espalhada que requer muito serviço. Tenho também uma reserva de caça, e nos meses do faisão geralmente recebo um grupo de convidados, de modo que não posso ter poucos empregados. Ao todo são oito criadas, a cozinheira, o mordomo, dois lacaios e um mensageiro. O jardim e as cocheiras, é claro, têm um pessoal à parte.

“‘Desses criados, o que estava há mais tempo a nosso serviço era Brunton, o mordomo. Ele era um jovem mestre-escola desempregado quando meu pai o admitiu; homem de grande energia e caráter, logo se tornou indispensável na casa. Era bem-educado, elegante, com uma esplêndida frente, e embora tenha passado vinte anos conosco ainda não pode ter mais de quarenta agora. Com suas qualidades pessoais e seus talentos extraordinários, pois fala várias línguas e toca praticamente todos os instrumentos musicais, é assombroso que tenha se contentado por tanto tempo com semelhante posição, mas suponho que a considerava confortável e não tinha energia para promover nenhuma mudança. O mordomo de Hurlstone é sempre lembrado por todos que nos visitam.

“‘Mas esse paradigma tinha um defeito. É um bocadinho Don Juan, e você pode imaginar que esse não é um papel de desempenho muito difícil para um homem como ele num tranquilo distrito rural. Quando estava casado, tudo corria bem, mas desde que ficou viúvo tem nos causado um problema atrás do outro. Alguns meses atrás, acreditamos que logo voltaria a sossegar, pois ficou noivo de Rachel Howells, nossa segunda criada, mas depois rompeu com ela e tomou-se de amores por Janet Tregellis, filha do chefe dos guarda-caças. Rachel, que é

uma ótima moça, mas de um inflamável temperamento galês, sofreu um ataque agudo de febre cerebral e anda pela casa agora — ou pelo menos andava até ontem — como uma sombra de si mesma. Esse foi o primeiro drama que enfrentamos em Hurlstone, mas logo nossa atenção foi desviada por um segundo, e este teve como preâmbulo a desonra e a demissão do mordomo Brunton.

“Foi assim que tudo aconteceu. Eu disse que o homem era inteligente, e foi essa inteligência que causou sua ruína, pois parece lhe dar uma curiosidade insaciável acerca de coisas que não lhe dizem respeito em absoluto. Eu não tinha ideia de até onde isso o levaria até que o mais simples acidente abriu-me os olhos.

“Disse que a casa é espalhada. Numa noite da semana passada — na noite de terça-feira, para ser mais exato —, vi que não conseguiria adormecer, tendo cometido a tolice de tomar uma xícara de café preto forte depois do jantar. Tentei conciliar o sono até duas da manhã, mas então senti que seria impossível adormecer; assim, levantei-me e acendi a vela com intenção de retomar a leitura de um romance. Mas, como havia deixado o livro na sala de bilhar, vesti meu roupão e saí para pegá-lo.

“Para chegar à sala de bilhar, tive de descer um lance de escada e depois cruzar a ponta de um corredor que leva à biblioteca e à sala de armas. Pode imaginar minha surpresa quando olhei para esse corredor e vi um clarão que saía da porta aberta da biblioteca. Eu mesmo apagara a luz e fechara a porta antes de ir me deitar. Naturalmente, pensei logo em ladrões. Os corredores de Hurlstone sempre foram muito decorados com troféus e armas antigas; peguei uma machadinha de batalha de uma parede e, deixando minha vela para trás, avancei pelo corredor na ponta dos pés e espiei pela porta aberta.

“Era Brunton, o mordomo, que estava na biblioteca. Vi-o sentado, inteiramente vestido, numa espreguiçadeira. Com uma tira de papel que lembrava um mapa sobre os joelhos e a fronte debruçada, apoiada na mão, parecia imerso em profundos pensamentos. Ali fiquei, mudo de espanto, contemplando-o da escuridão. Uma vela fina na beira da mesa espalhava uma luz débil, mas suficiente para me mostrar que ele estava inteiramente vestido. De repente, ele se levantou e, indo até uma secretária num canto, destrancou-a e puxou uma das gavetas. Dali tirou um papel e, retornando ao seu assento, abriu-o junto da vela, na borda da mesa, e começou a estudá-lo com minuciosa atenção. Fui tomado de tal indignação diante desse calmo exame de nossos documentos de família que dei um passo adiante, e Brunton, levantando os olhos, deu comigo no vão da porta. Pulou em pé, o rosto lívido de medo, e enfiou no peito o papel semelhante a um mapa que estudava quando cheguei.

“«Muito bem!» exclamei. «É assim que retribui a confiança que depositamos em você! Deixará meu serviço amanhã.»

“Ele se inclinou, parecendo um homem completamente arrasado, e passou

furtivamente por mim sem uma palavra. A vela continuava sobre a mesa, e à sua luz olhei para ver que papel era aquele que Brunton tirara da secretária. Para minha surpresa, ele não tinha nenhuma importância, não passando de uma cópia das perguntas e respostas do velho e singular costume chamado Ritual Musgrave. Trata-se de uma espécie de cerimônia peculiar a nossa família, pela qual todos os Musgrave passam há séculos ao chegar à maioridade — algo de interesse privado e talvez de alguma importância para o arqueólogo, como nossos brasões e escudos de armas, mas sem absolutamente nenhuma utilidade prática.’



“Ele pulou em pé.”
[Sidney Paget, *Strand Magazine*, 1893]

“Seria melhor retornarmos a esse papel mais tarde”, atalhei.

“Se considerar realmente necessário”, respondeu ele com alguma hesitação. “Mas retomo minha narrativa; tranquei de novo a secretária, usando a chave que Brunton deixara, e virara-me para sair quando, para meu espanto, vi que ele voltara e estava diante de mim.

“« Mr. Musgrave », exclamou numa voz rouca de emoção, « não posso suportar a desonra. Sempre me orgulhei de estar acima da posição que ocupava, e a desonra me mataria. Meu sangue cairá sobre sua cabeça, senhor — sim, cairá —, se me levar ao desespero. Se não pode me manter depois do que se passou, então, pelo amor de Deus, permita que eu lhe dê um aviso prévio e saia dentro de um mês, como se fosse por minha livre vontade. Isso eu poderia suportar, Mr. Musgrave, mas não ser expulso diante de todas as pessoas que conheço tão bem.»

“« Você não merece muita consideração, Brunton », respondi. « Sua conduta foi infame. No entanto, como passou muito tempo com a família, não tenho nenhum desejo de desonrá-lo publicamente. Um mês talvez seja demais. Fique mais uma semana, e apresente a razão que desejar para sua saída.»

“« Só uma semana, senhor? » exclamou, desesperado. « Quinze dias — por favor, ao menos quinze dias! »

“« Uma semana », repeti, « e dê-se por tratado com muita complacência.»

“Ele se esgueirou, o rosto enfiado no peito, como um homem destruído, enquanto eu apagava a vela e voltava ao meu quarto.

“Durante os dois dias seguintes, Brunton cuidou de seus afazeres com grande desvelo. Não fiz nenhuma alusão ao que se passara, e esperei com alguma curiosidade para ver como encobriria sua desonra. Na terceira manhã, porém, ele não se apresentou após o desjejum, como era seu costume, para receber minhas instruções para o dia. Ao sair da sala de jantar, dei com Rachel Howells, a criada. Como lhe contei, ela se recuperara havia pouco de uma doença e estava parecendo tão deploravelmente pálida e abatida que a repreendi por estar trabalhando.

“« Deveria estar na cama », disse-lhe. « Retome suas obrigações quando estiver mais forte.»

“Ela me olhou com uma expressão tão estranha que comeci a desconfiar que seu cérebro fora afetado.

“« Já estou forte o bastante, Mr. Musgrave », disse ela.

“« Veremos o que diz o médico », respondi. « Trate de parar de trabalhar agora, e quando subir, diga a Brunton que quero vê-lo.»

“« O mordomo desapareceu », disse ela.

“« Desapareceu? Mas como? »

“« Desapareceu. Ninguém sabe dele. Não está no quarto. Ah, é isso, ele desapareceu — desapareceu! » Caiu de costas contra a parede soltando risadas estridentes, enquanto eu, horrorizado com aquele súbito ataque histérico, corria para a campainha para pedir ajuda. A moça foi levada para o seu quarto, ainda gritando e soluçando, enquanto eu indagava por Brunton. Não havia dúvida de que desaparecera. Sua cama não fora desfeita, ninguém o vira desde que fora para seu quarto na noite anterior; no entanto, era difícil entender como tinha

podido sair da casa, pois tanto as janelas quanto as portas haviam sido encontradas trancadas de manhã. Suas roupas, seu relógio e até seu dinheiro estavam no seu quarto, mas o terno preto que costumava usar desaparecera. Seus chinelos também haviam desaparecido, mas as botas tinham ficado. Para onde, então, teria o mordomo Brunton podido ir no meio da noite, e onde poderia estar naquele momento?

“Procuramos, é claro, na casa e em suas dependências, mas não havia vestígio dele. Como disse, a velha casa é um labirinto, especialmente a ala original, hoje praticamente desabitada; mas vasculhamos cada cômodo e porão sem descobrir o menor sinal do desaparecido. Parecia-me inacreditável que ele tivesse podido ir embora abandonando todos os seus pertences, mas onde poderia estar? Chamei a polícia local, mas de nada adiantou. Chovera na noite anterior, e foi em vão que examinamos o gramado e as trilhas em volta de toda a casa. As coisas estavam nesse pé quando um novo acontecimento desviou nossa atenção do mistério original.

“Rachel estava tão doente havia dois dias, ora delirante, ora histérica, que uma enfermeira fora chamada para cuidar dela durante a noite. Na terceira noite depois do desaparecimento de Brunton, a enfermeira, achando que sua paciente estava num sono tranquilo, caiu num cochilo na poltrona; ao despertar, de madrugada, encontrou a cama vazia, a janela aberta e nenhum sinal da doente. Não foi difícil descobrir que rumo ela tomara pois, começando sob a sua janela, pudemos seguir facilmente suas pegadas pelo gramado até a borda de um lago, onde desapareciam, perto do caminho de cascalho que leva para fora da propriedade. Nesse local o lago tem dois metros e meio de profundidade e você pode imaginar o que sentimos ao ver que a trilha da pobre demente terminava na borda dele.

“Mandamos buscar dragas de imediato, é claro, na tentativa de recuperar os restos; mas não conseguimos encontrar nem sinal do corpo. Por outro lado, trouxemos à tona um objeto dos mais inesperados: um saco de linho contendo uma massa de metal velho, enferrujado e descolorido e vários seixos ou pedras de vidro fosco. Esse estranho achado foi tudo que pudemos obter do lago, e embora tenhamos feito todas as buscas e indagações possíveis ontem, continuamos sem saber nada da sorte de Rachel Howells ou de Richard Brunton. A polícia do condado não sabe o que fazer e vim procurá-lo como um último recurso.”

“Você pode imaginar, Watson, com que ansiedade eu ouvira essa extraordinária sequência de eventos e tentara decifrá-los, encontrando algum fio comum a que todos pudessem estar ligados. O mordomo sumira. A criada sumira. A criada amava o mordomo, mas depois passara a odiá-lo. Tinha sangue galês, era impetuosa e passional. Ficara fora de si imediatamente após o desaparecimento dele. Havia jogado no lago um saco com um estranho

conteúdo. Esses eram todos fatores a considerar, e no entanto nenhum deles atingia propriamente o coração da matéria. Qual era o ponto de partida daquela cadeia de eventos? Ali residia a ponta dessa linha emaranhada.

“Preciso ver aquele papel, Musgrave”, disse eu. “O papel que seu mordomo achou que valia a pena examinar, mesmo correndo o risco de perder o emprego.”

“É uma coisa bastante absurda, esse nosso ritual”, ele respondeu. “Mas tem pelo menos o encanto da antiguidade para justificá-lo. Tenho aqui uma cópia das perguntas e respostas, se quiser dar uma olhada.”

“Entregou-me exatamente este papel aqui, Watson. Este é o estranho catecismo a que todo Musgrave devia se submeter ao chegar à maioridade. Vou ler para você as perguntas e respostas, como estão aqui:

“De quem era?

“Daquele que se foi.

“Quem a terá?

“Aquele que virá.

“Qual era o mês?

“O sexto a partir do primeiro.

“Onde estava o sol?

“Sobre o carvalho.

“Onde estava a sombra?

“Sob o olmo.

“Como se contavam os passos?

“Norte por dez e por dez, leste por cinco e por cinco, sul por dois e por dois, oeste por um e por um, e então debaixo.

“Que devemos dar por ela?

“Tudo que temos.

“Por que devemos dar?

“Em razão da confiança’.

“O original não tem data, mas está na grafia de meados do século XVII”, observou Musgrave. “Temo, contudo, que isso não o ajude muito na solução desse mistério.”

“Pelo menos”, disse eu, “nos proporciona um outro mistério, e me parece que este é ainda mais interessante que o primeiro. Pode ser que a solução de um se prove a solução do outro. Você vai me desculpar, Musgrave, se eu lhe disser que, a meu ver, seu mordomo era homem muito inteligente, com mais argúcia do que dez gerações de seus senhores.”

“Não estou conseguindo acompanhá-lo”, disse Musgrave. “O papel não me parece ter nenhuma importância prática.”

“Mas a mim parece imensamente prático, e imagino que Brunton era da mesma opinião. Provavelmente ele já o vira antes daquela noite em que você o

surpreendeu.’

“É muito possível. Não fazemos nenhum esforço para escondê-lo.’

“Ele desejava apenas, imagino, refrescar a memória depois dessa última ocasião. Pelo que entendi, estava com algum tipo de mapa ou carta, que comparava com o manuscrito, e que enfiou no bolso quando você apareceu.’

“É verdade. Mas que podia ele ter a ver com esse nosso velho costume de família, e que significa esse palavreado?’

“Não me parece que teremos muita dificuldade em descobrir’, respondi; ‘com sua permissão, tomarei o primeiro trem para Sussex e me aprofundarei um pouco mais na matéria *in loco*.’

“Na mesma tarde estávamos ambos em Hurlstone. Como você já deve ter visto retratos ou lido descrições desse famoso solar antigo, vou me limitar a dizer que tem a forma de um L, o braço longo sendo a parte mais moderna e o mais curto o núcleo antigo, a partir do qual o outro se desenvolveu. Sobre a porta baixa, com uma pesada padieira, que fica no centro dessa parte antiga, está cinzelada a data, 1607, mas os especialistas estão de acordo em considerar que as traves e a alvenaria são muito mais antigas. No século passado, as paredes muito grossas e as janelas minúsculas dessa parte haviam levado a família a construir a nova ala, e a antiga era usada agora quando muito como depósito e adega. Um parque esplêndido, com belas árvores antigas, cercava a casa, e o lago a que meu cliente se referira ficava próximo da alameda, a cerca de duzentos metros da casa.

“Eu já estava convencido, Watson, de que não havia três mistérios diferentes ali, mas apenas um, e que se eu fosse capaz de interpretar corretamente o Ritual Musgrave teria nas mãos a pista que me levaria à verdade com relação ao mordomo Brunton e também à criada Howells. Foi para ele, portanto, que canalizei todas as minhas energias. Por que estava aquele empregado tão ansioso por dominar aquela velha fórmula? Evidentemente porque via nela alguma coisa que escapara a todas aquelas gerações de fidalgos rurais e da qual esperava obter alguma vantagem pessoal. Que era aquilo, portanto, e como afetava seu destino?’

“Ficara perfeitamente óbvio para mim, ao ler o ritual, que aquelas medidas deviam se referir a algum ponto a que o resto do documento aludia, e que se pudéssemos descobrir que ponto era esse teríamos meio caminho andado na decifração do segredo que os antigos Musgrave haviam considerado necessário proteger de maneira tão curiosa. Para começar, dois guias nos haviam sido dados, um carvalho e um olmo. Quanto ao carvalho, não podia haver dúvida alguma. Bem em frente à casa, no lado esquerdo do caminho, erguia-se um patriarca entre os carvalhos, uma das árvores mais magníficas que já vi.

“Essa árvore estava ali quando seu ritual foi redigido?’ perguntei quando passamos por ela.

“Muito provavelmente já estava aí na época da Conquista Normanda’, respondeu ele. ‘Tem sete metros de circunferência.’

“Aquele era com certeza um de meus pontos fixos.

“Têm algum olmo antigo?”

“Havia um muito velho ali adiante, mas foi atingido por um raio dez dias atrás e cortamos o toco.’

“Pode encontrar o lugar em que ficava?”

“Ah, claro que sim.’

“Não há outros olmos?”

“Nenhum, mas muitas faias.’

“Gostaria de ver o lugar onde ele crescia.’

“Tínhamos ido até lá num *dog-cart*, e meu cliente levou-me imediatamente, antes mesmo de entrarmos na casa, à cicatriz no gramado onde o olmo crescera. Ficava quase a meio caminho entre o carvalho e a casa. Minha investigação parecia estar progredindo.

“Suponho que seja impossível saber que altura tinha o olmo, não?”

“Posso dá-la a você agora mesmo. Tinha dezenove metros e meio.’

“Como ficou sabendo disso?” perguntei.

“Quando meu antigo preceptor me ensinava trigonometria, sempre me passava exercícios que envolviam a medida de alturas. Quando garoto, calculei a altura de cada árvore e de cada construção na propriedade.’

“Era um golpe de sorte inesperado. Meus dados estavam chegando mais rapidamente do que eu teria podido esperar.

“Diga-me”, perguntei, “seu mordomo já lhe fez essa pergunta alguma vez?”

“Reginald Musgrave olhou-me assombrado. ‘Você me faz lembrar’, respondeu, ‘de fato, Brunton perguntou-me sobre a altura da árvore alguns meses atrás, em conexão com alguma pequena discussão com o cavaliário.’

“Era uma notícia excelente, Watson, pois me mostrava que eu estava no caminho certo. Olhei para o sol. Estava baixo no céu, e calculei que em menos de uma hora ele estaria exatamente acima dos galhos mais altos do velho carvalho. Uma condição mencionada no ritual estaria então preenchida. A sombra do olmo devia significar a extremidade da sombra, de outro modo o tronco teria sido escolhido como guia. Eu tinha, portanto, de descobrir onde a ponta da sombra cairia quando o sol estivesse exatamente sobre o carvalho.”

“Deve ter sido difícil, Holmes, já que o olmo não estava mais lá.”

“Bem, pelo menos eu sabia que se Brunton conseguira, eu conseguiria também. Além disso, não havia nenhuma dificuldade real. Fui com Musgrave a seu gabinete e entalhei para mim esta cavilha, a que amarrei este comprido barbante, com um nó a cada metro. Depois peguei duas extensões de vara de pescar que perfaziam exatamente 1,80 metro e voltei com meu cliente para o lugar onde o olmo estivera. O sol acabara de roçar o topo do carvalho. Finquei a vara na vertical, marquei a direção da sombra e medi-a. Tinha 2,70 metros de comprimento.

“O cálculo agora, é claro, era simples. Se uma vara de 1,80 metro projetava uma sombra de 2,70 metros, então uma árvore de 19,5 metros projetaria uma de 29,25 metros, e o traço de uma seria, é claro, o da outra. Medi a distância, o que me levou quase à parede da casa, e cravei uma cavilha nesse ponto. Pode imaginar meu contentamento, Watson, quando, a menos de cinco centímetros de minha cavilha, vi uma depressão cônica no chão. Sabia que era a marca feita por Brunton em suas mensurações, e que continuava na pista dele.

“A partir desse ponto, comecei a contar passos, tendo antes verificado os pontos cardeais com minha bússola de bolso. Dez passos para o norte com cada pé me levaram para a frente em paralelo à casa, e novamente marquei meu ponto com uma cavilha. Depois contei cuidadosamente cinco passos para leste e dois para o sul. Isso me levou exatamente à soleira da velha porta. Dois passos para oeste agora significaram que eu tinha de avançar dois passos pelo corredor com piso de pedra — esse era o lugar indicado pelo ritual.

“Nunca me senti tão desapontado, Watson. Por um momento tive a impressão de que devia haver algum erro radical no meu cálculo. O sol poente batia de cheio no piso do corredor, e eu podia ver que as velhas e gastas lajes cinzentas de que ele era revestido estavam muito bem cimentadas umas às outras e certamente não haviam sido movidas fazia muitos e muitos anos. Brunton não andara trabalhando ali. Dei batidas no piso, mas ele produzia o mesmo som em todo lugar e não havia nenhum sinal de rachadura ou fenda. Felizmente Musgrave, que começava a entender o sentido de meus procedimentos e agora estava tão entusiasmado quanto eu, pegou seu manuscrito para conferir meus cálculos.

“«E então debaixo!» exclamou. ‘Você omitiu o «debaixo».’

“Eu havia pensado que isso significava que deveríamos cavar, mas de repente percebi que estava errado. ‘Então há um porão aqui debaixo?’ exclamei.

“‘Há, e tão velho quanto a casa. Vamos descer por esta porta.’

“Descemos uma escada de pedra em caracol e meu companheiro, riscando um fósforo, acendeu um lampião pousado num barril no canto. Num instante ficou óbvio que finalmente chegáramos ao lugar certo, e que não éramos as únicas pessoas a visitá-lo nos últimos tempos.

“O porão fora usado como depósito de madeira, mas a lenha, que evidentemente estivera espalhada pelo chão, encontrava-se agora empilhada dos lados, de modo a deixar um espaço limpo no meio. Nesse espaço havia uma laje grande e pesada com uma argola de ferro enferrujada no centro; a ela estava preso um grosso cachecol xadrez.

“‘Meus Deus!’ gritou meu cliente, ‘é o cachecol de Brunton. Sou capaz de jurar que o vi com ele. Que andou o patife fazendo aqui?’

“Por sugestão minha, foi solicitada a presença de dois policiais do condado, e em seguida tentei erguer a pedra puxando-a pelo cachecol. Só consegui movê-la

ligeiramente, e foi com a ajuda de um dos policiais que finalmente fui capaz de deslocá-la para um lado. Em seu lugar, escancarou-se um buraco negro que todos nós examinamos, enquanto Musgrave, ajoelhado na borda, baixava o lampião.

“Uma pequena câmara, de cerca de 2,10 metros por 1,20 abria-se diante de nós. De um lado dela havia uma arca baixa de madeira presa com tiras de latão, cuja tampa estava levantada, com esta chave de feitio curiosamente antiquado projetando-se da fechadura. Por fora, estava envolta em grossa camada de poeira; a umidade e os vermes haviam carcomido a madeira e uma colônia de fungos lívidos vicejava no interior. Vários discos de metal — aparentemente moedas antigas — como estes que tenho na mão espalhavam-se pelo fundo da arca; não havia mais nada dentro dela.

“Naquele momento, contudo, não nos interessamos pela velha arca, porque tínhamos os olhos fixos no que se amontoava ao lado dela. Era um homem de terno preto, agachado, a testa caída sobre a borda da arca e os braços estendidos dos dois lados dela. A postura levava todo o sangue estagnado para o rosto e ninguém teria podido reconhecer aquela face disforme, cor de fígado; mas a altura, a roupa e o cabelo foram suficientes para mostrar ao meu cliente, quando levantamos o corpo, que se tratava de fato de seu mordomo desaparecido. Fazia alguns dias que estava morto, mas não exibia nenhum ferimento ou contusão que indicasse como encontrara seu horrível fim. Depois que seu corpo foi levado do porão, continuamos nos confrontando com um problema quase tão espinhoso quanto aquele com que começáramos.

“Confesso que até aquela altura, Watson, eu estava decepcionado com minha investigação. Ao encontrar o lugar a que o ritual se referia, acreditei que resolveria o problema; mas agora estava lá, e aparentemente tão longe quanto sempre de saber o que a família havia ocultado com tão rebuscadas precauções. É verdade que eu havia lançado luz sobre o destino de Brunton, mas agora tinha de descobrir como ele encontrara esse destino e que papel a mulher desaparecida havia desempenhado no caso. Sentei-me num barrilete a um canto e refleti cuidadosamente sobre toda a questão.



“Era um homem.”
[Sidney Paget, *Strand Magazine*, 1893]

“Você conhece meus métodos nesses casos, Watson. Ponho-me no lugar do homem, e, depois de ter estimado sua inteligência, tento imaginar como eu mesmo teria procedido nas mesmas circunstâncias. Nesse caso a questão foi simplificada pelo fato de Brunton ter uma inteligência realmente de primeira ordem, de modo que não precisei fazer nenhuma concessão para a equação

pessoal, como dizem os astrônomos. Ele sabia que alguma coisa valiosa estava escondida. Havia determinado o local. Descobriu que a pedra que o cobria era simplesmente pesada demais para que um homem a removesse sem ajuda. Que faria em seguida? Não podia obter ajuda de fora, mesmo que tivesse alguém em quem pudesse confiar, sem destrancar portas e com isso correr considerável risco de ser descoberto. O melhor seria, se pudesse, encontrar auxílio dentro de casa. Mas quem poderia chamar? A moça fora devotada a ele. É sempre difícil para um homem compreender que pode finalmente ter perdido o amor de uma mulher, por mais que a tenha tratado mal. Tentaria fazer as pazes com a moça Howells, mediante algumas atenções, e depois a envolveria como sua cúmplice. Iriam juntos ao porão durante a noite, e suas forças unidas bastariam para levantar a pedra. Até aí eu podia acompanhar as ações dos dois como se as tivesse realmente visto.

“Mas para duas pessoas, sendo uma delas mulher, deve ter sido difícil levantar aquela pedra. Um corpulento policial de Sussex e eu não tínhamos achado o trabalho fácil. Que teriam feito para facilitá-lo? Provavelmente o que eu mesmo teria feito. Levantei-me e examinei atentamente as diferentes achas de madeira espalhadas pelo chão. Quase imediatamente topei com o que esperava. Um pedaço de cerca de noventa centímetros de comprimento tinha uma endentação muito acentuada numa ponta, enquanto vários estavam achatados dos lados, como se tivessem sido comprimidos por um peso considerável. Evidentemente, enquanto erguiam a laje, iam enfiando achas de madeira na fresta, até que finalmente, quando a abertura estava grande o bastante para lhes dar passagem, quiseram mantê-la assim com uma tora colocada de comprido, que podia sem dúvida ter ficado endentada na parte de baixo, já que todo o peso da laje a pressionaria contra a borda da outra pedra. Até aí, eu continuava em terreno firme.

“E agora, como proceder para reconstituir aquele drama da meia-noite? Claramente, só um deles teria podido introduzir-se no buraco, e foi Brunton. A moça deve ter esperado em cima. Brunton destrancou então a arca, entregou a ela o conteúdo — presumivelmente, já que não foi possível encontrá-lo — e em seguida — que aconteceu em seguida?

“Que vingança adormecida teria subitamente explodido em chamas na alma dessa celta apaixonada, quando viu o homem que a enganara — a enganara, talvez, muito mais do que suspeitamos — em seu poder? Fora por acaso que a madeira escorregara e a pedra fechara Brunton no que se tornara seu sepulcro? Teria a única culpa dela sido o silêncio quanto ao que lhe ocorrera? Ou teria um golpe repentino de sua mão removido o suporte, fazendo a laje cair no seu lugar? Fosse como fosse, eu tinha a impressão de ver a figura dessa mulher ainda se agarrando a seu tesouro, correndo desabalada escada acima, talvez com os gritos abafados atrás de si ressoando em seus ouvidos, junto com as batidas de mãos

frenéticas contra a laje de pedra que mataria sufocado seu amante infiel.

“Esse era o segredo de seu rosto lívido, seus nervos abalados, seus acessos de riso histérico na manhã seguinte. Mas que havia na arca? Que fizera ela com isso? É claro que esse conteúdo devia ser o metal velho e os seixos que meu cliente dragara do lago. Ela os jogara lá na primeira oportunidade, para eliminar o último vestígio de seu crime.

“Passei vinte minutos imóvel ali, pensando sobre a questão. Musgrave continuava com um semblante muito pálido, balançando seu lampião e perscrutando o buraco.

“‘Isto aqui são moedas de Carlos I’, disse ele, segurando o punhado tirado de dentro da arca. ‘Como vê, estávamos certos ao fixar a data do nosso ritual.’

“‘Talvez encontremos mais uma coisa de Carlos I’, exclamei, quando, de repente, ocorreu-me o sentido provável das duas primeiras perguntas do ritual. ‘Deixe-me examinar o conteúdo do saco que você pescou do lago.’

“Subimos ao seu gabinete e ele pôs o entulho diante de mim. Podia compreender que ele atribuísse pouca importância àquelas coisas ao olhar para elas, pois o metal estava quase preto e as pedras sem brilho e foscas. Quando esfreguei uma delas na minha manga, porém, começou a cintilar no côncavo escuro de minha mão. O metal tinha a forma de um anel duplo, mas fora encurvado e torcido, perdendo a forma original.

“‘Você deve ter em mente’, disse eu, ‘que o partido realista conseguiu resistir na Inglaterra mesmo depois da morte do rei, e que quando seus membros finalmente fugiram, é provável que tenham deixado muitos de seus bens mais valiosos enterrados atrás de si, com a intenção de voltar para buscá-los em tempos mais pacíficos.’

“‘Meu ancestral, Sir Ralph Musgrave, foi um proeminente Cavalier e o braço direito de Carlos II em suas perambulações’, disse meu amigo.

“‘Ah, não me diga!’ respondi. ‘Bem, penso que isso realmente nos dá o último elo que nos faltava. Devo congratulá-lo por entrar na posse, ainda que de maneira bastante trágica, de uma relíquia de grande valor intrínseco, mas de maior importância ainda como curiosidade histórica.’

“‘Mas do que se trata?’ perguntou ele, espantado.

“‘Trata-se de nada menos que a antiga coroa dos reis da Inglaterra.’

“‘A coroa!’

“‘Precisamente. Considere o que o ritual diz. Quais são as palavras? «De quem era? Daquele que se foi.» Isso foi depois da execução de Carlos. Em seguida, «Quem a terá? Aquele que virá», isto é, Carlos II, cujo advento já era previsto. A meu ver, não pode haver dúvida de que este diadema estragado e disforme cingiu um dia a fronte dos Stuart reais.’

“‘E como foi parar no lago?’

“‘Ah, esta é uma pergunta que vamos levar algum tempo para responder.’ Em

seguida delinee para ele toda a longa cadeia de suposições e provas que havia construído. Quando terminei minha narrativa, o crepúsculo se encerrara e a lua brilhava no céu.

“Mas por que então a coroa não foi entregue a Carlos quando ele retornou?” perguntou Musgrave, enfiando a relíquia de volta em seu saco de linho.

“Ah, você está pondo o dedo no único ponto que talvez nunca consigamos elucidar. É provável que o Musgrave que guardava o segredo tenha morrido nesse intervalo, e que, por um descuido, tenha deixado este guia para seu descendente sem lhe explicar seu significado. Desde aquele dia até hoje ele passou de pai para filho, até que finalmente chegou ao alcance de um homem que desvendou seu segredo e perdeu a vida na aventura.”

“Esta é a história do Ritual Musgrave, Watson. Eles guardam a coroa lá em Hurlstone — embora tenham tido de enfrentar alguns embaraços legais e de pagar considerável soma antes de obterem permissão para conservá-la. Tenho certeza de que, se mencionar meu nome, ficarão felizes em mostrá-la a você. Da mulher, nunca mais se teve notícia; é de todo provável que tenha fugido da Inglaterra, levando a memória de seu crime para alguma terra além-mar.”

OS FIDALGOS DE REIGATE

FOI ALGUM TEMPO ANTES que a saúde de meu amigo, Mr. Sherlock Holmes, se recobrasse do esgotamento causado por sua exaustiva atividade na primavera de 1887. Toda a questão da Companhia Países Baixos-Sumatra e das intrigas colossais do barão Maupertuis está muito fresca na mente do público e é associada demais à política e às finanças para ser assunto apropriado para esta série de histórias. Ela levou no entanto, de maneira indireta, a um problema singular e complexo, que deu ao meu amigo oportunidade de demonstrar o valor de uma nova arma entre as muitas com que move sua batalha da vida inteira contra o crime.

Consultando minhas anotações, vejo que foi no dia 14 de abril que recebi um telegrama de Lyon informando-me que Holmes estava doente e encontrava-se acamado no Hotel Dulong. Em menos de vinte e quatro horas eu estava à sua cabeceira, aliviado por constatar que nada havia de temível em seus sintomas. Até sua constituição de ferro, contudo, ficara abalada sob a pressão de uma investigação que se estendera por dois meses, período durante o qual nunca trabalhara menos de quinze horas por dia e, mais de uma vez, como me assegurou, virara cinco noites seguidas. O resultado triunfante de sua labuta não pôde poupá-lo de uma reação após esforços tão insanos, e isso num momento em que toda a Europa aclamava seu nome e seu quarto estava literalmente forrado até a altura dos tornozelos de telegramas de congratulações. Encontrei-o nas garras da mais negra depressão. Nem o conhecimento de que triunfara onde a polícia de três países fracassara, e de que levara a melhor, em tudo e por tudo, sobre o maior trapaceiro da Europa era suficiente para arrancá-lo de sua prostração nervosa.

Três dias depois estávamos de volta a Baker Street, mas ficou evidente que meu amigo se beneficiaria enormemente de uma mudança de ares, e a ideia de uma semana no campo durante a primavera exercia grande atração sobre mim também. Meu velho amigo coronel Hayter, que estivera sob meus cuidados médicos no Afeganistão, alugara uma casa perto de Reigate, em Surrey, e me convidara várias vezes para lhe fazer uma visita. Na última ocasião, observara que se meu amigo quisesse ir comigo ficaria muito satisfeito em lhe estender sua hospitalidade. Precisei de um pouco de diplomacia, mas quando Holmes compreendeu que se tratava da casa de um homem solteiro e que poderia gozar da mais plena liberdade, concordou com meu plano, e uma semana depois de nossa volta a Londres estávamos sob o teto do coronel. Hayter era um velho e excelente soldado, que vira muito do mundo e logo, como eu esperara, descobriu que ele e Holmes tinham muito em comum.

Na noite de nossa chegada, estávamos sentados na sala das armas do coronel depois do jantar, Holmes estendido no sofá, enquanto Hayter e eu examinávamos seu pequeno arsenal de armas de fogo.

“A propósito”, disse Hayter de repente, “vou levar uma dessas pistolas comigo para cima, para o caso de termos um alarme.”

“Um alarme!” exclamei.

“Sim, tivemos um sobressalto nesta região ultimamente. O velho Acton, um dos magnatas do nosso condado, teve sua casa invadida segunda-feira passada. Não houve grande prejuízo, mas os sujeitos ainda estão soltos.”

“Nenhuma pista?” perguntou Holmes, com um olhar malicioso para o coronel.

“Por enquanto, nenhuma. Mas é um caso insignificante, um de nossos delitos rurais sem importância, que devem parecer pequenos demais para a sua atenção, Mr. Holmes, depois desse grande caso internacional.”

Holmes rechaçou o cumprimento com um gesto, embora seu sorriso lhe mostrasse que ele o agradara.

“Houve alguma característica de interesse?”

“Creio que não. Os ladrões saquearam a biblioteca, mas não conseguiram grande coisa.

“A sala toda foi virada de cabeça para baixo, gavetas arrombadas e armários vasculhados, e o resultado foi que não desapareceu nada além de um volume desirmanado do Homero de Pope, dois castiçais prateados, um peso para cartas de marfim, um pequeno barômetro de carvalho e um rolo de barbante.”

“Que sortimento extraordinário!” exclamei.

“Oh, os sujeitos evidentemente passaram a mão em tudo que conseguiram.”

Holmes resmungou do sofá.

“A polícia do condado deveria levar isso a sério”, disse. “Ora, sem dúvida é óbvio que...”

Mas levantei um dedo, em sinal de advertência.

“Está aqui para descansar, meu caro amigo. Pelo amor de Deus, não comece a se envolver num novo problema quando seus nervos estão em frangalhos.”

Holmes sacudiu os ombros, lançando um olhar de cômica resignação para o coronel, e a conversa desviou-se para canais menos perigosos.

Quis o destino, porém, que toda a minha prudência profissional fosse inútil, pois na manhã seguinte o problema se impôs a nós de tal maneira que foi impossível ignorá-lo, e nossa visita ao campo tomou um rumo que nenhum de nós teria podido prever. Tomávamos o nosso desjejum quando o mordomo do coronel entrou correndo, sem sombra de sua habitual compostura.

“Soube da novidade, senhor?” perguntou, ofegante. “Na casa dos Cunningham, senhor!”

“Roubo?” exclamou o coronel, sua xícara de café no ar.

“Assassinato!”

O coronel assobiou. “Meu Deus! Mas quem foi morto? O juiz de paz ou o filho?”

“Nenhum dos dois, senhor. Foi William, o cocheiro. Um tiro no coração, senhor, e nunca mais disse uma palavra.”

“Mas quem atirou nele?”

“O ladrão, senhor. Saiu correndo como uma bala e desapareceu. Tinha acabado de entrar pela janela da copa quando William deu com ele e perdeu a vida defendendo a propriedade do patrão.”

“A que horas?”

“Foi ontem à noite, senhor, mais ou menos à meia-noite.”

“Ah, nesse caso daremos um pulo lá daqui a pouco”, disse o coronel, retornando serenamente a seu desjejum. “É um caso desagradável”, acrescentou, depois que o mordomo saiu; “o velho Cunningham é o fidalgo mais importante destas redondezas e também um sujeito muito decente. Vai ficar desolado com isso, pois o homem estava a serviço dele há anos e era um bom empregado. Evidentemente são os mesmos canalhas que invadiram a casa de Acton.”

“E roubaram aquela singularíssima coleção”, disse Holmes, pensativo.

“Precisamente.”

“Hum! Este talvez se revele o caso mais simples do mundo; mesmo assim, à primeira vista é um pouco intrigante, não é? Seria de esperar que uma quadrilha de ladrões que atua na zona rural variasse o cenário de suas operações e não arrombasse duas casas no mesmo distrito em poucos dias. Quando falou ontem à noite em tomar precauções, lembro que passou vagamente pela minha cabeça que esta era provavelmente a última paróquia na Inglaterra para a qual ladrão ou ladrões tenderiam a voltar sua atenção; o que mostra que tenho muito a aprender.”

“Suponho que seja alguém daqui mesmo”, disse o coronel. “Nesse caso, é claro, as casas de Acton e Cunningham seriam as melhores para roubar, pois são de longe as maiores por estas bandas.”

“E as mais ricas?”

“Bem, deveriam ser; mas há anos as duas vêm enfrentando um processo legal que sugou o sangue de ambas, calculo. O velho Acton reivindica a posse da metade da propriedade de Cunningham, e os advogados gastam prodigamente com o caso.”

“Se for um patife local, não deveria haver muita dificuldade em capturá-lo”, disse Holmes com um bocejo. “Tudo bem, Watson, não pretendo me intrometer.”

“O inspetor Forrester, senhor”, anunciou o mordomo, abrindo a porta.

O oficial, um rapaz vigoroso, de expressão viva, entrou na sala. “Bom dia,

coronel”, disse. “Não quero invadir sua casa, mas ouvi falar que Mr. Holmes, de Baker Street, está aqui.”

O coronel mostrou meu amigo com um gesto e o inspetor fez uma vênia.

“Pensamos que talvez o senhor pudesse dar uma olhada no caso, Mr. Holmes.”

“O destino está contra você, Watson”, disse ele, rindo. “Estávamos conversando sobre o assunto quando o senhor chegou, inspetor. Talvez possa nos dar alguns detalhes.” Quando ele se recostou em sua cadeira com a atitude que eu conhecia tão bem, vi que o caso era sem salvação.

“Não tínhamos nenhuma pista no roubo da casa de Acton. Mas desta vez temos muitas para seguir, e não há dúvida de que foi o mesmo bando nos dois casos. Viram o homem.”

“Ah!”

“Sim, senhor. Mas ele fugiu como um raio depois que aquele tiro que matou o pobre William Kirwan foi disparado. Mr. Cunningham o viu da janela de seu quarto, e Mr. Alec Cunningham o viu do corredor dos fundos. Faltava um quarto para meia-noite quando o alarme foi dado. Mr. Cunningham acabara de se deitar, e Mister Alec fumava um cachimbo em seu quarto de vestir. Ambos ouviram William, o cocheiro, gritar por socorro, e Mister Alec desceu correndo para ver o que estava acontecendo. A porta dos fundos estava aberta, e ao chegar ao pé da escada ele viu dois homens se engalfinhando do lado de fora. Um deles deu um tiro, o outro caiu, e o assassino atravessou o jardim correndo e pulou a cerca viva. Mr. Cunningham, olhando pela janela de seu quarto, viu o sujeito chegar à rua, mas o perdeu de vista imediatamente. Mister Alec parou para ver se podia ajudar o homem agonizante, e assim o patife pôde escapar. Além do fato de que tinha uma estatura mediana e vestia uma roupa escura, não temos nenhuma pista pessoal, mas estamos investigando energicamente e se for um estranho logo o encontraremos.”

“Que estava esse William fazendo lá? Ele disse alguma coisa antes de morrer?”

“Nem uma palavra. Morava no pavilhão com a mãe, e como era um sujeito muito leal, acreditamos que foi até a casa para ver se estava tudo em ordem por lá. Esse caso Acton, é claro, deixou todo o mundo alerta. O ladrão devia ter acabado de arrombar a porta — a fechadura foi forçada — quando William investiu contra ele.”

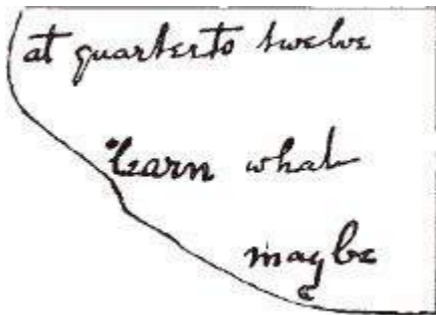
“Dissera alguma coisa para a mãe antes de sair?”

“É uma senhora muito idosa e surda; não é possível obter nenhuma informação dela. O choque a deixou apalermada, mas tenho a impressão de que nunca foi muito esperta. Mas há um pormenor muito importante. Dê uma espiada nisto!”

Tirou de uma agenda um pedacinho de papel rasgado e o abriu sobre o joelho.

“Isto foi encontrado entre o dedo indicador e o polegar do morto. Parece ser um fragmento rasgado de uma folha maior. Observe que a hora mencionada em cima é exatamente a hora que o próprio sujeito morreu. Como vê, o assassino pode ter arrancado dele o resto da folha ou ele pode ter arrancado esse fragmento do assassino. Dá a impressão de que o bilhete marcava um encontro.”

Holmes pegou o pedaço de papel, cujo fac-símile está reproduzido aqui.



“Supondo que um encontro foi marcado”, continuou o inspetor, “passa a ser concebível, é claro, a teoria de que esse William Kirwan, por mais que tivesse a reputação de ser um homem honesto, talvez estivesse em conluio com o ladrão. Pode ter ido ao encontro dele, talvez até o tenha ajudado a arrombar a porta, e depois podem ter se desentendido.”

“Esta escrita é de extraordinário interesse”, disse Holmes, que estivera examinando o bilhete com intensa concentração. “São águas muito mais profundas do que eu pensava.” Enterrou a cabeça nas mãos, enquanto o inspetor sorria ao ver o impacto de seu caso sobre o famoso especialista de Londres.

“Sua última observação”, disse Holmes um pouco depois, “quanto à possibilidade de ter havido um entendimento entre o ladrão e o empregado, e de este ter sido um bilhete que um enviou ao outro para marcar um encontro, é uma suposição engenhosa e não de todo impossível. Mas esta caligrafia sugere...” Enterrou de novo a cabeça nas mãos e permaneceu alguns minutos na mais profunda reflexão. Quando levantou o rosto, fiquei surpreso ao ver que estava corado, e os olhos tão brilhantes quanto antes da doença. Pulou de pé com toda a sua antiga energia.

“Sabem do que mais? Gostaria de dar uma olhada com calma nos detalhes deste caso. Há algo nele que me fascina extremamente. Se me permitir, coronel, deixarei meu amigo Watson e o senhor, e darei uma volta com o inspetor para pôr à prova uma ou duas ideiaszinhas que me ocorrem. Estarei de volta em meia hora.”

Uma hora e meia havia se passado quando o inspetor voltou sozinho.

“Mr. Holmes está andando para cima e para baixo no campo lá fora”, disse. “Quer que nós quatro vamos até a casa juntos.”

“À casa de Mr. Cunningham?”

“Sim, senhor.”

“Para quê?”

O inspetor encolheu os ombros. “Não sei bem. Cá entre nós, tenho a impressão de que Mr. Holmes ainda não se recuperou inteiramente de sua doença. Está se comportando de uma maneira muito esquisita, e mostra-se muito nervoso.”

“Acho que não precisa se alarmar”, respondi. “Em geral, constato que há método em sua loucura.”

“Seria também possível dizer que há loucura em seu método”, murmurou o inspetor. “Mas como ele está aflito para começar, coronel, o melhor é irmos já, se o senhor estiver pronto.”

Encontramos Holmes andando para cima e para baixo no campo, o queixo abaixado sobre o peito e as mãos enfiadas nos bolsos das calças.

“O caso fica cada vez mais interessante”, disse. “Sua viagem ao campo foi sem dúvida um sucesso, Watson. Passei uma manhã encantadora.”

“Esteve na cena do crime, suponho?”

“Estive; o inspetor e eu fizemos um pequeno reconhecimento juntos.”

“Descobriram alguma coisa?”

“Bem, vimos algumas coisas muito interessantes. Vou lhes contar o que fizemos enquanto caminhamos. Em primeiro lugar, vimos o corpo daquele infeliz. Certamente morreu de um ferimento a bala, como foi relatado.”

“Tinha dúvidas quanto a isso?”

“Oh, é bom pôr tudo à prova. Nossa inspeção não foi inútil. Em seguida tivemos uma conversa com Mr. Cunningham e seu filho, que souberam indicar exatamente o lugar em que o assassino passara pela cerca viva do jardim em sua fuga. Isso foi de grande interesse.”

“Naturalmente.”

“Depois demos uma olhada na mãe do pobre sujeito. Mas não conseguimos obter nenhuma informação dela, pois está muito velha e combalida.”

“E qual foi o resultado de suas investigações?”

“A convicção de que esse foi um crime muito peculiar. Talvez nossa visita agora possa contribuir para torná-lo menos obscuro. Penso que ambos

concordamos, inspetor, que o fragmento de papel na mão do morto, em que a própria hora de sua morte está escrita, é de extrema importância.”

“Ele deveria nos dar uma pista, Mr. Holmes.”

“Ele efetivamente nos dá uma pista. Quem quer que tenha escrito aquele bilhete foi o homem que tirou William Kirwan da cama àquela hora. Mas onde está o resto daquela folha de papel?”

“Examinei o chão com muito cuidado na esperança de encontrá-lo”, disse o inspetor.

“Foi rasgado da mão do morto. Por que estaria uma pessoa tão ansiosa por se apoderar dele? Porque isso a incriminava. E que faria com ele? Muito provavelmente o enfiaria no bolso, sem notar que uma ponta dele fora agarrada pelo cadáver. Se pudéssemos encontrar o resto daquela folha, é óbvio que teríamos feito um grande progresso na solução do mistério.”

“Sim, mas como encontrar o bolso do criminoso antes de agarrar o criminoso?”

“Bem, bem, valeu a pena pensar sobre isso. Depois há mais um ponto óbvio. O bilhete foi enviado para William. O homem que o escreveu não foi o mesmo que o levou, do contrário, é claro, poderia ter dado seu próprio recado verbalmente. Nesse caso, quem levou o bilhete? Ou ele teria chegado pelo correio?”

“Fiz indagações”, disse o inspetor. “William recebeu uma carta ontem pelo correio da tarde. O envelope foi destruído por ele.”

“Excelente!” exclamou Holmes, dando uma batida nas costas do inspetor. “Conversou com o carteiro. É um prazer trabalhar com o senhor. Bem, cá está o pavilhão, e se quiser subir, coronel, eu lhe mostrarei a cena do crime.”

Passamos pelo bonito chalé onde o homem assassinado morava e subimos por uma alameda ladeada por carvalhos até a bela casa antiga, em estilo Rainha Ana, com a data de Malplaquet gravada na padieira da porta. Seguindo Holmes e o inspetor, contornamos a casa até chegar ao portão lateral, separado por um jardim da cerca viva que acompanhava a estrada. Havia um guarda postado na porta da cozinha.

“Abra a porta”, pediu Holmes. “Vejam, foi naqueles degraus ali que o jovem Mr. Cunningham ficou e viu os dois homens lutando exatamente neste lugar onde estamos. Mr. Cunningham pai estava àquela janela — a segunda à esquerda — e viu o sujeito escapar precisamente à esquerda daquele arbusto. O filho também viu. Ambos têm absoluta certeza por causa do arbusto. Em seguida Mister Alec saiu correndo da casa e ajoelhou-se junto do ferido. O solo é muito duro, como veem, e não há nenhuma marca para nos guiar.” Enquanto ele falava, dois homens se aproximaram pela trilha do jardim, tendo dobrado o ângulo da casa. Um era um homem idoso, com um rosto forte, rugas marcadas e olhos fundos; o outro, um rapaz bonito, cuja expressão inteligente e risonha e roupas vistosas

contrastavam estranhamente com o assunto que nos levava ali.

“Então ainda está por aí?” perguntou ele a Holmes. “Pensei que vocês, londrinos, nunca falhassem. Afinal, não parecem ser tão rápidos assim.”

“Ah! Tem de nos dar um tempinho”, respondeu Holmes, de bom humor.

“Vai mesmo precisar disso”, disse o jovem Alec Cunningham. “Pelo que vejo, não temos absolutamente nenhuma pista.”

“Há somente uma”, respondeu o inspetor. “Pensamos que se conseguíssemos ao menos encontrar... Céus! Que está acontecendo, Mr. Holmes?”

O rosto de meu pobre amigo assumira de repente a mais aflitiva expressão. Os olhos rolaram para cima, os traços retorceram-se em agonia e, com um gemido contido, ele caiu de bruços no chão. Horrorizados diante desse ataque tão súbito e grave, nós o carregamos para a cozinha, onde ficou deitado numa grande cadeira e respirou pesadamente por alguns minutos. Finalmente, muito envergonhado, pedindo desculpas por sua fraqueza, levantou-se.

“Watson pode lhes dizer que acabo de me recobrar de uma doença grave”, explicou. “Estou sujeito a esses ataques nervosos repentinos.”

“Devemos mandá-lo para casa em minha carruagem?” perguntou Cunningham pai.

“Bem, já que estou aqui, há um ponto de que gostaria de me assegurar. Podemos verificá-lo muito facilmente.”

“Que é?”

“Bem, parece-me que é possível que esse pobre William tenha chegado não antes, mas depois que o ladrão entrou na casa. Os senhores parecem dar como certo que, embora a porta estivesse arrombada, o ladrão não chegou a entrar.”

“Parece-me que isso é perfeitamente óbvio”, disse Mr. Cunningham, gravemente. “Ora, meu filho Alec ainda não fora se deitar e teria certamente ouvido alguém se movendo pela casa.”

“Onde ele estava?”

“Eu estava fumando em meu quarto de vestir.”

“Qual é a janela de lá?”

“A última à esquerda, ao lado da de meu pai.”

“As lâmpadas dos dois estavam ambas acesas, não é?”

“Sem dúvida.”

“Há alguns pontos muito singulares aqui”, disse Holmes, sorrindo. “Não é extraordinário que um ladrão — e um ladrão que teve alguma experiência anterior — invadisse deliberadamente uma casa num momento em que podia ver pelas lâmpadas que duas pessoas da família ainda estavam de pé?”

“Ele devia ter muito sangue-frio.”

“Bem, é claro que se o caso não fosse estranho não teríamos sido impelidos a lhe pedir uma explicação”, disse o jovem Mister Alec. “Mas quanto à sua ideia de que o homem havia roubado a casa antes de William se atracar com ele, ela

me parece um completo absurdo. Não teríamos encontrado o lugar em desordem e sentido falta das coisas que ele teria levado?”



“Céus! Que está acontecendo?”
[Sidney Paget, *Strand Magazine*, 1893]

“Depende do que fosse”, disse Holmes. “Deve se lembrar de que estamos

lidando com um ladrão muito peculiar, que parece trabalhar de uma maneira muito própria. Veja, por exemplo, que coisas estranhas ele pegou na casa de Acton — que foi mesmo? Um rolo de barbante, um peso de cartas e não sei que outras bugigangas.”

“Bem, estamos inteiramente nas suas mãos, Mr. Holmes”, disse o velho Cunningham. “Tudo que o senhor ou o inspetor sugira será certamente feito.”

“Em primeiro lugar”, disse Holmes, “gostaria de oferecer uma recompensa — vinda do senhor, porque a polícia levaria algum tempo antes de chegar a um acordo quanto ao valor, e essas coisas não podem ser feitas com demasiada rapidez. Fiz um modelo aqui, se não se incomoda de assiná-lo. Cinquenta libras é mais do que o bastante, acho eu.”

“Eu daria quinhentas de bom grado”, disse o juiz de paz, pegando a tira de papel e o lápis que Holmes lhe estendia. “Mas isto não está correto”, acrescentou, passando os olhos no documento.

“Escrevi muito apressado.”

“Veja, começa dizendo: ‘Tendo em vista que, por volta de um quarto para a uma na madrugada de terça-feira, foi feita uma tentativa’, e assim por diante. Na verdade, era um quarto para meia-noite.”

Esse erro deixou-me com pena de Holmes, porque sabia como se aborrecia com um deslize desse tipo. Sua especialidade era a precisão com relação aos fatos, mas sua doença recente o abalara e esse pequeno acidente, por si só, era o bastante para me mostrar que ele ainda estava longe de uma plena recuperação. Ele ficou obviamente embaraçado por um instante, enquanto o inspetor erguia as sobranceiras e Alec Cunningham caía na risada. Mas o velho cavaleiro corrigiu o erro e devolveu o papel a Holmes.

“Mande imprimi-lo o mais rápido possível”, disse. “Sua ideia me parece excelente.”

Holmes guardou o papel cuidadosamente na carteira.

“E agora”, disse, “seria ótimo que revistássemos a casa juntos para verificar se realmente, afinal de contas, esse ladrão excêntrico não levou alguma coisa.”

Antes de entrar, Holmes examinou a porta que fora forçada. Era evidente que um formão ou faca forte havia sido enfiado, e a fechadura forçada para trás com o instrumento. Podíamos ver as marcas na madeira onde ele fora empurrado.

“Então não usam barras?” perguntou.

“Nunca nos pareceu necessário.”

“Não têm um cachorro?”

“Temos, mas está preso do outro lado da casa.”

“A que horas os empregados se deitam?”

“Por volta das dez.”

“Pelo que entendi, William também costumava estar na cama a essa hora?”

“Sim.”

“É singular que nessa noite particular estivesse de pé. Agora, ficaríamos muito agradecidos se tivesse a bondade de nos mostrar toda a casa, Mr. Cunningham.”

Um corredor com piso de pedra, do qual saíam as cozinhas, levava por uma escada de madeira diretamente ao segundo pavimento da casa. Dava num patamar em frente a uma segunda escada, mais ornamental, que subia do vestibulo fronteiro. Esse patamar dava acesso à sala de estar e a vários quartos de dormir, inclusive os de Mr. Cunningham e do filho. Holmes caminhava devagar, observando atentamente a arquitetura da casa. Por sua expressão, eu sabia que estava numa pista quente, mas não tinha a menor ideia da direção a que suas inferências o levavam.

“Meu caro senhor”, disse Mr. Cunningham com certa impaciência, “isto é com certeza desnecessário. Ali está o meu quarto na ponta da escada e depois dele o do meu filho. Julgue por si mesmo se o ladrão teria podido subir aqui sem nos perturbar.”

“Acho que deve recomeçar e descobrir uma nova pista”, disse o filho com um sorriso bastante malicioso.

“Ainda assim, devo lhes pedir que tenham um pouco mais de paciência comigo. Gostaria, por exemplo, de ver até que ponto as janelas dos quartos dão vista para a frente. Este é o do seu filho, acho eu” — abriu a porta — “e aquele, presumo, é o quarto de vestir em que ele fumava quando foi dado o alarme. Para onde dá a janela de lá?” Atravessou o quarto, empurrou a porta de comunicação e deu uma espiada no outro cômodo.

“Espero que esteja satisfeito agora”, disse Mr. Cunningham com aspereza.

“Muito obrigado; penso que vi tudo que desejava.”

“Então, se for realmente necessário, podemos entrar no meu quarto.”

“Se não for muito incômodo.”

O juiz de paz deu de ombros e nos conduziu a seu quarto, um cômodo mobiliado com simplicidade e banal. Quando o atravessávamos em direção à janela, Holmes recuou até que ele e eu fôssemos os últimos do grupo. Perto do pé da cama, havia uma mesinha quadrada sobre a qual se viam um prato com laranjas e uma garrafa d’água. Quando passamos por ela, Holmes, para meu indizível espanto, inclinou-se na minha frente e derrubou tudo de propósito.

O vidro se partiu em mil pedaços e as frutas rolaram para todos os cantos do quarto.

“Veja o que você fez, Watson”, disse ele, friamente. “Molhou todo o tapete.”

Abaixei-me, um tanto confuso, e comecei a catar as frutas, compreendendo que por alguma razão meu companheiro desejava que eu assumisse a culpa. Os outros fizeram o mesmo e puseram a mesa de pé novamente.

“Como?” gritou o inspetor. “Onde é que ele se meteu?”

Holmes desaparecera.

“Esperem aqui um instante”, disse o jovem Alec Cunningham. “O sujeito é maluco, na minha opinião. Venha comigo, pai, vamos ver para onde ele foi!”

Sairam a toda a pressa do quarto, deixando o inspetor, o coronel e eu olhando uns para os outros.

“Palavra, estou inclinado a concordar com o senhor Alec”, disse o oficial. “Pode ser o efeito dessa doença, mas tenho a impressão de que...”

Suas palavras foram interrompidas por um grito repentino: “Socorro! Socorro! Assassino!” Com um arrepio, reconheci a voz do meu amigo. Corri desabaladamente do quarto para o patamar. Os gritos, que haviam se reduzido a sons roucos, desarticulados, vinham do primeiro quarto que havíamos visitado. Entrei como um raio e passei ao quarto de vestir contíguo. Os dois Cunningham estavam debruçados sobre o corpo prostrado de Sherlock Holmes, o mais jovem apertava-lhe o pescoço com as duas mãos, enquanto o mais velho parecia estar torcendo um de seus pulsos. Num instante nós três os havíamos arrancado dele, e Holmes levantou-se cambaleando, muito pálido e evidentemente exausto.

“Prenda estes homens, inspetor”, arquejou.

“Sob que acusação?”

“A de assassinar o cocheiro deles, William Kirwan.”

O inspetor fitou-o, perplexo. “Ora vamos, Mr. Holmes”, disse por fim. “Tenho certeza que não quer dizer realmente que...”

“Ora, homem, olhe para as caras deles!” Holmes se limitou a gritar.

Nunca, certamente, eu vira uma confissão de culpa mais clara em semblantes humanos. O homem mais velho parecia entorpecido e atordoado, com uma expressão carregada, soturna em seu rosto fortemente marcado. O filho, por outro lado, perdera todo aquele jeito lampeiro e desenvolto que o caracterizara e a ferocidade de um animal selvagem brilhava nos seus olhos escuros, distorcendo seus bonitos traços. Sem dizer nada, o inspetor foi até a porta e tocou seu apito. Dois de seus guardas atenderam ao chamado.

“Não tenho alternativa, Mr. Cunningham”, disse. “Acredito que tudo isto se provará um erro absurdo, mas o senhor pode ver que... Ah, largue isso!” Deu um golpe com a mão, e o revólver que o homem mais jovem estava no ato de engatilhar caiu com estrépito no chão.

“Guarde isso”, disse Holmes, pondo rapidamente o pé sobre a arma. “Vai lhe ser útil no julgamento. Mas era isto aqui que realmente queríamos.” Levantou um pedaço de papel amassado.

“O resto da folha!” exclamou o inspetor.

“Precisamente.”



“Debruçados sobre o corpo prostrado de Sherlock Holmes.”
[Sidney Paget, *Strand Magazine*, 1893]

“Onde estava isso?”

“Onde eu tinha certeza de que estaria. Vou lhe explicar tudo daqui a pouco. Penso, coronel, que o senhor e Watson podem voltar agora; estarei com os dois dentro de, no máximo, uma hora. O inspetor e eu precisamos ter uma conversinha com os prisioneiros, mas certamente me terão de volta para o

almoço.”

Sherlock Holmes cumpriu a palavra e por volta de uma hora juntou-se a nós na sala de fumar do coronel. Estava acompanhado por um cavalheiro, um homenzinho idoso que me foi apresentado como Mr. Acton, aquele cuja casa fora o cenário do primeiro roubo.

“Quis que Mr. Acton estivesse presente enquanto demonstro este pequeno caso para os senhores”, disse Holmes, “pois é natural que ele tenha grande interesse pelos detalhes. Parece-me, meu caro coronel, que vai se arrepender da hora em que recebeu em sua casa um andorinhão-das-tormentas como eu.”

“Ao contrário”, respondeu o coronel, cordialmente. “Considero um grande privilégio ter a oportunidade de estudar seus métodos de trabalho. Confesso que ultrapassam em muito minhas expectativas e que me sinto inteiramente incapaz de entender como chegou às suas conclusões. Até agora não vi o vestígio de uma pista.”

“Temo que minha explicação o decepcione, mas sempre tive o hábito de não esconder nenhum de meus métodos, seja de meu amigo Watson ou de qualquer pessoa que manifeste um interesse inteligente por eles. Antes, porém, como fiquei bastante abalado com a agressão que recebi no quarto de vestir, acho que vou me servir de um gole do seu conhaque, coronel. Minhas forças foram muito exigidas ultimamente.”

“Tenho certeza de que não sofreu mais nenhum daqueles ataques nervosos.”

Sherlock Holmes deu uma boa gargalhada. “Chegaremos a isso na hora certa”, disse. “Vou lhes apresentar uma explicação do caso na devida ordem, mostrando-lhes os vários pontos que me nortearam em minha decisão. Por favor, interrompam-me se alguma inferência não estiver perfeitamente clara para os senhores.

“É da mais alta importância na arte da detecção ser capaz de identificar, numa série de fatos, quais são incidentais e quais são vitais. De outro modo, podemos dissipar nossa energia e atenção em vez de concentrá-las. Ora, neste caso não houve em minha mente a mais ligeira dúvida, desde o início, de que a chave de toda a questão devia ser procurada no pedaço de papel encontrado na mão do morto.

“Antes de falar sobre isto, quero chamar a atenção para o fato de que, se o relato de Alec Cunningham estivesse correto e se o assaltante, depois de atirar em William Kirwan, tivesse fugido *instantaneamente*, é óbvio que não podia ter sido ele que arrancara o papel da mão do morto. Mas se não fora o assaltante, só podia ter sido o próprio Alec Cunningham, pois no momento em que o velho desceu já havia vários empregados na cena. É um ponto simples, mas o inspetor o deixara escapar porque tinha começado com a suposição de que aqueles fidalgos rurais nada tinham a ver com o assunto. Ora, faço questão de nunca ter nenhuma ideia pré-formada e de seguir docilmente os fatos, aonde quer que me

levem. Assim, já no primeiro estágio da investigação, vi-me olhando um pouco de esguelha para o papel desempenhado por Mr. Alec Cunningham.

“Fiz então um exame muito cuidadoso do pedaço de papel que o inspetor nos apresentara. Ficou claro para mim de imediato que ele fazia parte de um documento dos mais extraordinários. Aqui está ele. Podem observar agora algo de muito notável nele?”

“Tem um aspecto muito irregular”, disse o coronel.

“Meu caro senhor”, exclamou Holmes, “não pode haver a menor dúvida de que isso foi escrito por duas pessoas, alternando-se a cada palavra. Se eu chamar sua atenção para os *t* vigorosos do “*at*” e “*to*” e lhes pedir que os comparem com os *t* hesitantes de “*quarter*” e “*twelve*”, reconhecerão o fato imediatamente. Uma análise muito breve deve lhes permitir distinguir com toda confiança as palavras escritas pela mão mais firme daquelas traçadas pela mais fraca.”

“Meus Deus, é claro como o dia!” exclamou o coronel. “Por que diabos dois homens escreveriam uma carta dessa maneira?”

“Obviamente tratava-se de algum negócio ilícito, e um dos homens, que desconfiava do outro, fez questão de que os dois participassem igualmente de tudo que fosse feito. E, entre os dois homens, está claro que aquele que escreveu o “*at*” e o “*to*” era o cabeça.”

“Como chegou a isso?”

“Poderíamos deduzir isso do mero caráter de uma letra comparada com a outra. Mas temos razões mais seguras para fazer essa suposição. Se examinarmos este fragmento com atenção, chegarão à conclusão de que o homem de mão mais firme escreveu todas as suas palavras primeiro, deixando espaços para o outro preencher. Esses espaços nem sempre foram suficientes, e podem ver que o segundo homem teve de espremer seu “*quarter*” para inseri-lo entre o “*at*” e o “*to*”, o que mostra que estas últimas já estavam escritas. O homem que escreveu todas as suas palavras primeiro foi sem dúvida aquele que planejou esse negócio.”

“Excelente!” exclamou Mr. Acton.

“Mas muito superficial”, disse Holmes. “Chegamos agora, contudo, a um detalhe de importância. Talvez ignorem que a dedução da idade de um homem a partir de sua caligrafia é uma arte que foi levada a considerável precisão por especialistas. Em casos normais, é possível situar um homem em sua verdadeira década com tolerável certeza. Digo casos normais, porque doença e fraqueza física reproduzem os sinais da velhice, mesmo quando o sujeito é jovem. Neste caso, vendo a letra segura, firme de um e a aparência bastante débil da outra, que ainda conserva sua legibilidade, embora os *t* tenham começado a perder seu traço, podemos dizer que um era um rapaz e o outro um homem de idade avançada sem ser positivamente decrepito.”

“Excelente!” exclamou Mr. Acton novamente.

“Há um outro aspecto, no entanto, mais sutil e de maior interesse. Há algo em comum entre estas letras. Elas pertencem a parentes consanguíneos. Isso pode ficar mais patente para os senhores nos *e gregos*, mas para mim há muitos pequenos detalhes que indicam a mesma coisa. Não tenho dúvida alguma de que é possível descobrir um maneirismo de família nestas duas amostras de caligrafia. Só estou lhes dando agora, é claro, os principais resultados de meu exame do papel. Há vinte e três outras deduções que seriam de maior interesse para especialistas que para os senhores. Todas elas tendem a aprofundar, em minha mente, a impressão de que os Cunningham, pai e filho, foram os autores desta carta.

“Tendo chegado a isso, meu passo seguinte foi, é claro, examinar os detalhes do crime e ver até que ponto poderiam nos ajudar. Fui até a casa com o inspetor e vi tudo que havia para ser visto. O ferimento a bala do morto fora, como fui capaz de determinar com absoluta certeza, causado por um revólver à distância de um pouco mais de quatro metros. Não havia mancha de pólvora nas roupas. Evidentemente, portanto, Alec Cunningham mentira ao dizer que os dois homens estavam lutando quando o tiro foi disparado. Mais uma vez, pai e filho concordavam quanto ao lugar onde o homem escapara para a estrada. Acontece que naquele ponto há uma vala bastante larga, úmida no fundo. Como não havia vestígio de pegada nessa vala, tive certeza absoluta de que os Cunningham haviam mentido de novo e de que não houvera absolutamente nenhum homem desconhecido na cena.

“Em seguida tive de considerar o motivo desse crime singular. Para chegar a isso tentei, antes de mais nada, descobrir a razão do primeiro roubo na casa de Mr. Acton. Captei, por alguma coisa que o coronel nos contou, que havia um processo em andamento entre Mr. Acton e os Cunningham. É claro que me ocorreu de imediato que haviam invadido sua biblioteca, Mr. Acton, com a intenção de se apossar de algum documento que podia ser de importância no caso.”

“Exatamente”, disse Mr. Acton, “não pode haver dúvida quanto às intenções deles. Tenho o mais líquido e certo direito à metade da propriedade atual deles, e se tivessem encontrado um único papel — que, felizmente, estava no cofre de meus advogados —, teriam sem dúvida invalidado nossa demanda.”

“Aí está!” disse Holmes, sorrindo. “Foi uma tentativa perigosa, imprudente, em que tenho a impressão de perceber a influência do jovem Alec. Não tendo encontrado nada, tentaram desviar as suspeitas fazendo com que parecesse se tratar de um assalto comum, e assim levaram tudo em que puderam pôr as mãos. Tudo isso está bastante claro, mas ainda havia muita coisa obscura. O que eu queria, acima de tudo, era obter a parte desaparecida do bilhete. Tinha certeza de que Alec a arrancara da mão do morto, e quase certeza de que a enfiara no bolso do roupão. Onde mais poderia ter posto aquilo? A única questão era se

continuava lá. Valia a pena fazer um esforço para descobrir, e foi com esse objetivo que entramos na casa.

“Os Cunningham se reuniram a nós, como certamente se lembram, junto da porta da cozinha. Era da máxima importância, é claro, que não fossem lembrados da existência desse papel, ou o destruiriam de imediato. O inspetor estava prestes a lhes revelar a importância que atribuíamos a ele quando, graças ao mais feliz dos acasos, fui derrubado por uma espécie de ataque e assim mudei o rumo da conversa.”

“Céus!” exclamou o coronel, rindo. “Está querendo dizer que toda nossa piedade foi desperdiçada e seu ataque uma impostura?”

“Falando como profissional, foi admiravelmente bem-feito”, exclamei, olhando espantado para esse homem que estava sempre me desconcertando com algum novo aspecto de sua astúcia.

“É uma arte de grande utilidade”, disse ele. “Quando me recobri, consegui, mediante um estratagema que talvez não tenha deixado de ser engenhoso, fazer o velho Cunningham escrever a palavra “*twelve*” de modo a poder compará-la com o “*twelve*” escrito no papel.”

“Ah, como fui idiota!” exclamei.

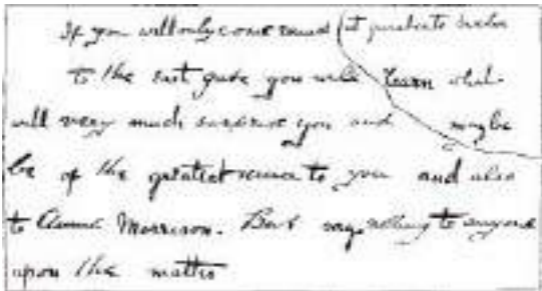
“Percebi que você se apiedou de mim em razão de minha fraqueza”, disse Holmes, rindo. “Lamento ter lhe causado a comiseração que sei que sentiu. Em seguida subimos juntos para o segundo andar, e depois de entrar no quarto e ver o roupão pendurado atrás da porta, usei o estratagema de derrubar a mesa para ocupar a atenção deles por um instante e voltei para examinar os bolsos. Mas eu mal tinha pegado o papel, que estava num deles, como eu esperara, quando os dois Cunningham me agarraram, e acredito realmente que teriam me assassinado no ato, não tivesse sido o pronto socorro dos senhores. Até agora sinto o aperto das mãos do rapaz no pescoço, e o pai torceu-me o punho na tentativa de arrancar-me o papel da mão. Perceberam que eu devia saber tudo sobre ele, e a súbita transição da absoluta segurança para a completa perdição os deixou inteiramente desatinados.

“Tive uma conversinha com o velho Cunningham depois sobre o motivo do crime. Mostrou-se bastante afável, embora o filho parecesse um perfeito demônio, pronto a estourar os próprios miolos ou os de qualquer outra pessoa se pudesse passar a mão no seu revólver. Quando Cunningham viu que a acusação contra ele era tão forte, perdeu toda a coragem e confessou tudo. Parece que William havia seguido secretamente os patrões na noite em que invadiram a casa de Mr. Acton e, tendo ganhado assim poder sobre os dois, passara a chantageá-los sob ameaças de denúncia. Mas jogar esse tipo de jogo com um homem como Mr. Alec era perigoso. Foi sem dúvida um golpe de gênio da parte dele ver no temor de ladrões que convulsionava a região uma oportunidade de se ver livre, de uma maneira plausível, do homem que o ameaçava. William foi atraído e

morto; e se eles tivessem se apoderado do bilhete inteiro e prestado um pouco mais de atenção aos detalhes das versões que contaram, é muito possível que nenhuma suspeita tivesse jamais sido levantada.”

“E o bilhete?” perguntei.

Sherlock Holmes pôs diante de nós o papel abaixo.^a



If you will only come round (it is quite late) to the east gate you will receive what will very much surprise you and maybe be of the greatest service to you and also to Annie Morrison. But say nothing to anyone upon this matter

“É muito parecido com o que eu esperava”, disse ele. “Ainda não sabemos, é claro, quais podem ter sido as relações entre Alec Cunningham, William Kirwan e Annie Morrison. O resultado mostra que a armadilha foi habilmente armada. Tenho certeza de que os senhores se deliciarão com os sinais de hereditariedade que aparecem nos *p* e nas voltas dos *g*. A ausência de pingos nos *i* da letra do velho é também extremamente característica. Penso, Watson, que nosso tranquilo repouso no campo foi um indubitável sucesso, e voltarei sem dúvida muito revigorado para Baker Street amanhã.”

^a “Se for a um quarto para a meia-noite ao portão leste, saberá de uma coisa que o surpreenderá muito e pode ser da maior utilidade para você e também para Annie Morrison. Mas não diga nada a ninguém sobre o assunto. (N.T.)

O CORCUNDA

NUMA NOITE DE VERÃO, alguns meses após meu casamento, eu estava sentado ao pé da minha lareira, fumando um último cachimbo e cabeceando sobre um romance, pois tivera um dia de trabalho exaustivo. Minha mulher já subira, e o ruído da tranca da porta do vestibulo, algum tempo antes, me dissera que os empregados também já haviam se recolhido. Eu me levantara da poltrona e batia as cinzas do meu cachimbo quando ouvi de repente o toque da campainha.

Olhei o relógio. Faltava um quarto para meia-noite. Não podia ser uma visita em hora tão tardia. Um paciente, é claro, e talvez um que passaria a noite toda no meu consultório. Com uma careta, fui ao vestibulo e abri a porta. Para meu espanto, dei com Sherlock Holmes no patamar.

“Ah, Watson”, disse ele, “estava com a esperança de que não seria tarde demais para pegá-lo acordado.”

“Meu caro amigo, entre, por favor.”

“Parece surpreso, e não é de admirar! Aliviado, também, suponho! Hum! Então ainda fuma a mistura Arcadia dos seus tempos de solteiro? Essa cinza fofa no seu paletó é inconfundível. É fácil perceber que você teve o costume de usar uma farda, Watson; nunca passará por um civil puro-sangue enquanto conservar o hábito de manter seu lenço na manga. Pode me hospedar por esta noite?”

“Com prazer.”

“Você me disse que tinha aposentos de solteiro para um, e vejo que não está recebendo a visita de nenhum cavalheiro no momento. Pelo menos é o que diz sua chapeleira.”

“Vou me sentir encantado se ficar.”

“Muito obrigado. Então vou ocupar um gancho vazio. Lamento ver que você teve um operário britânico em casa. Nenhum entupimento, espero?”

“Não, o gás.”

“Ah! Ele deixou duas marcas de tachas das suas botas no seu linóleo, exatamente onde a luz bate. Não, obrigado, comi alguma coisa em Waterloo, mas fumarei um cachimbo com você com prazer.”

Passei-lhe minha tabaqueira, ele se sentou em frente a mim e fumou durante algum tempo em silêncio. Sabendo que só um assunto de importância o teria levado a me procurar àquela hora, esperei pacientemente até que se decidisse a abordá-lo.

“Vejo que, profissionalmente, você tem andado bastante ocupado”, disse, lançando-me um olhar arguto.

“É verdade, tive um dia agitado”, respondi. “Posso parecer muito tolo a seus

olhos”, acrescentei, “mas realmente não sei como deduziu isso.”

Holmes deu uma risadinha consigo mesmo.

“Tenho a vantagem de conhecer seus hábitos, meu caro Watson”, disse. “Quando sua ronda é curta você vai a pé, e quando é longa, usa um *hansom*. Como noto que suas botas, embora usadas, não estão de maneira alguma sujas, não posso duvidar de que você anda agora ocupado o suficiente para justificar o *hansom*.”

“Excelente!” exclamei.

“Elementar”, disse ele. “É um desses casos em que a pessoa que raciocina pode produzir um efeito que parece notável aos olhos do vizinho porque este deixou de perceber o pequeno detalhe que foi a base da dedução. O mesmo pode ser dito, meu caro amigo, do efeito de algumas dessas suas pequenas narrativas, que é inteiramente falso, uma vez que depende do fato de você nunca revelar ao leitor alguns fatores do problema. Mas no momento estou na posição desses leitores, pois detenho nesta mão vários fios de um dos mais estranhos casos que alguma vez desnortearam o cérebro de um homem; no entanto, faltam-me mais um ou dois, indispensáveis para que minha teoria se complete. Mas eu os terei, Watson, eu os terei!” Seus olhos se iluminaram e um leve rubor brotou em suas faces magras. Por um instante suspendera-se o véu que encobria sua natureza ardente, intensa; mas só por um instante. Quando o olhei novamente, seu rosto reassumira a impassibilidade de um pele-vermelha, que levava tantos a considerá-lo uma máquina e não um ser humano.

“O problema apresenta características de interesse”, disse ele; “posso até dizer características de excepcional interesse. Já examinei a matéria e creio que já avisto a solução. Se pudesse me acompanhar nesse último passo, poderia me prestar um serviço considerável.”

“Seria um prazer.”

“Poderia ir a Aldershot amanhã?”

“Não tenho dúvida de que Jackson atenderia meus clientes.”

“Ótimo. Quero tomar o trem que sai às 11h10 de Waterloo.”

“Isso me daria tempo.”

“Nesse caso, se não está com muito sono, vou lhe fazer um esboço do que aconteceu e do que nos resta fazer.”

“Estava solento quando você chegou, mas agora estou completamente desperto.”

“Vou resumir a história até onde é possível fazê-lo sem omitir nenhum elemento vital. É possível mesmo que você já tenha lido algum relato da matéria. É o suposto assassinato do coronel Barclay, do Royal Mallows, em Aldershot que estou investigando.”

“Não soube de nada sobre o assunto.”

“Por enquanto não despertou muita atenção, exceto localmente. Os fatos se

passaram há apenas dois dias. Em síntese, são os seguintes:

“O Royal Malloys é, como você sabe, um dos mais famosos regimentos irlandeses do Exército Britânico. Fez maravilhas tanto na Crimeia quanto no Motim, e desde essa época se distinguiu em todas as ocasiões possíveis. Até segunda-feira à noite era comandado por James Barclay, um destemido veterano que começou como soldado raso, foi promovido a oficial por sua bravura na época do Motim e chegou ao comando do regimento em que outrora carregou um mosquete.

“O coronel Barclay havia se casado quando era sargento, e sua mulher, cujo nome de solteira era Miss Nancy Devoy, era filha de um sargento reformado do mesmo corpo. Houve portanto, como se pode imaginar, um pequeno atrito social quando o jovem casal (pois ainda eram jovens) se viu em seu novo ambiente. Ao que parece, contudo, eles se adaptaram rapidamente e, pelo que soube, Mrs. Barclay foi sempre muito querida entre as senhoras do regimento, assim como o marido entre seus colegas oficiais. Posso acrescentar que ela era uma mulher de grande beleza, e que até hoje, mais de trinta anos após seu casamento, conserva uma aparência admirável.

“A vida em família do coronel Barclay parece ter sido muito feliz. O major Murphy, a quem devo a maior parte das informações que obtive, assegura-me que nunca ouviu falar de nenhum desentendimento entre o casal. Ele pensa que, em geral, Barclay era mais devotado à mulher que esta a ele. O coronel ficava profundamente incomodado quando tinha de se afastar dela por um dia. Ela, por outro lado, embora amorosa e leal, era menos impetuosa. Mas eles eram vistos no regimento como o próprio modelo de um casal de meia-idade. Absolutamente nada em suas relações predispunha as pessoas para a tragédia que se seguiria.

“Quanto ao coronel Barclay, parecia ter alguns traços de caráter singulares. De ordinário, era um velho soldado bem-disposto e jovial, mas em certas ocasiões mostrava-se vingativo e capaz de considerável violência. Esse aspecto de sua natureza, contudo, parece nunca ter se voltado contra a mulher. Outro fato que impressionara o major Murphy e três de cada cinco dos outros oficiais com quem conversei era a espécie singular de depressão que se apossava dele de vez em quando. Como o expressou o major, o sorriso muitas vezes desaparecia de seus lábios, como arrancado por mão invisível, quando ele participava da algazarra e das brincadeiras no rancho. Por dias a fio, permanecia mergulhado na mais profunda depressão. Isso e uma ligeira superstição eram os únicos traços inusitados de seu caráter observados por seus colegas oficiais. A última peculiaridade assumia a forma de uma intolerância a ser deixado a sós, principalmente depois que a noite caía. Esse traço pueril numa natureza de notável virilidade dera margem muitas vezes a comentários e conjecturas.

“O primeiro batalhão do Royal Malloys (que é o antigo 117º) está estacionado em Aldershot há alguns anos. Os oficiais casados moram fora do quartel e o

coronel residiu durante todo esse tempo numa casa chamada 'Lachine', a uns oitocentos metros do Acampamento Norte. A casa é cercada por um grande terreno, mas do lado oeste fica a não mais que trinta metros da estrada principal. Um cocheiro e duas criadas compõem a criadagem. Eram estes, com o dono e a dona da casa, os únicos moradores de Lachine, pois os Barclay não tinham filhos nem costumavam receber hóspedes.

"Passo agora ao que ocorreu em Lachine entre nove e dez horas da noite da segunda-feira passada.

"Mrs. Barclay, que era membro da Igreja Católica Romana, desenvolvera grande interesse na criação da Guilda de São Jorge, formada em conexão com a capela de Watt Street com o objetivo de fornecer roupas usadas aos pobres. Naquela noite, às oito horas, realizara-se um encontro dessa guilda, e Mrs. Barclay jantara depressa para poder comparecer. Ao sair de casa, o cocheiro a ouviu fazer algum comentário banal para o marido e garantir-lhe que logo estaria de volta. Foi então chamar Miss Morrison, uma jovem senhora que mora na casa ao lado, e as duas partiram juntas para a sua reunião. Esta durou quarenta minutos e às nove e quinze Mrs. Barclay voltou para casa, depois de deixar Miss Morrison em sua porta ao passar.

"Há em Lachine um aposento usado como sala de estar durante o dia. Tem uma grande porta de vidro de dois batentes que se abre para um gramado de uns trinta metros de largura; este é separado da estrada principal apenas por uma mureta encimada por uma grade de ferro. Foi para essa sala que Mrs. Barclay se dirigiu ao chegar. As persianas não estavam baixadas, porque a sala raramente era usada à noite, mas a própria Mrs. Barclay acendeu a lâmpada e em seguida tocou a campainha, pedindo a Jane Stewart, a copeira, que lhe levasse uma xícara de chá, o que estava em total desacordo com seus hábitos usuais. O coronel estava na sala de jantar, mas, percebendo que a mulher voltara, foi se juntar a ela na sala de estar. O cocheiro viu-o cruzar o vestibulo para entrar nela. Nunca mais voltou a ser visto com vida.

"O chá que fora pedido foi levado ao fim de dez minutos; mas a criada, ao se aproximar da porta, ficou surpresa por ouvir as vozes dos patrões em furiosa alteração. Bateu, sem receber nenhuma resposta, e até girou a maçaneta, mas constatou que a porta estava trancada por dentro. Muito naturalmente, correu para contar à cozinheira, e as duas mulheres, com o cocheiro, foram até o vestibulo e ficaram ouvindo a discussão, que continuava. Todos concordaram que se ouviam duas vozes, a do coronel Barclay e a da sua mulher. As palavras de Barclay eram controladas e abruptas e os ouvintes nada conseguiam discernir. As da senhora, por outro lado, eram extremamente rancorosas, e quando ela elevava a voz, podiam ser claramente ouvidas. 'Covarde!' repetia ela volta e meia. 'Que fazer agora? Que fazer agora? Devolva-me a vida. Nunca haverei de respirar o mesmo ar que você de novo! Covarde! Covarde!' Esses foram

fragmentos da conversa, que terminou num grito súbito e pavoroso do homem, com um ruído de algo que se quebra e um berro estridente da mulher. Convencido de que alguma tragédia ocorrera, o cocheiro jogou-se contra a porta e tentou forçá-la, enquanto um grito se sucedia a outro do lado de dentro. Porém ele não conseguiu arrombar a porta e as criadas estavam perturbadas demais para pensar em ajudá-lo. Mas de repente ele teve uma ideia, e saiu correndo pela porta do vestíbulo e, contornando a casa, foi para o gramado para o qual se abria a ampla janela à francesa. Como um lado da janela estava aberto, o que, pelo que entendi, era bastante usual durante o verão, ele entrou sem dificuldade na sala. A dona da casa havia parado de gritar e estava estendida num sofá, desacordada, enquanto, os pés suspensos sobre o braço de uma poltrona e a cabeça no chão perto de um canto do guarda-fogo, o infeliz soldado jazia morto numa poça do próprio sangue.

“Naturalmente, o primeiro pensamento do cocheiro, ao constatar que nada podia fazer pelo seu patrão, foi abrir a porta. Mas deparou então com uma dificuldade inesperada e singular. A chave não estava no lado de dentro da porta, nem foi possível encontrá-la em lugar algum na sala. Assim, ele saiu novamente pela janela e, depois de ter obtido a ajuda de um policial e de um médico, retornou. A senhora, contra quem pesavam naturalmente as maiores suspeitas, foi removida para seu quarto, ainda desacordada. O corpo do coronel foi então posto sobre o sofá e o cenário da tragédia foi submetido a um cuidadoso exame.



“O cocheiro jogou-se contra a porta.”
[Sidney Paget, *Strand Magazine*]

“Descobriu-se que o ferimento que vitimara o desventurado veterano era um corte denteado de cerca de cinco centímetros na parte de trás da cabeça, causado evidentemente por um violento golpe com uma arma rombuda. Também não foi difícil adivinhar qual teria sido a arma. No chão, perto do corpo, havia um singular bastão de madeira entalhada com um cabo de osso. O coronel

possuía uma variada coleção de armas, trazidas dos diferentes países onde lutara e, segundo as conjecturas da polícia, esse bastão estava entre seus troféus. Os criados negaram tê-lo visto antes, mas entre as numerosas curiosidades da casa é possível que essa tivesse passado despercebida. Nada mais de importância foi descoberto na sala pela polícia, exceto o fato inexplicável de que a chave não pôde ser encontrada nem na posse de Mrs. Barclay, nem na pessoa da vítima ou em qualquer lugar. A porta acabou tendo de ser aberta por um serralheiro de Aldershot.

“Esse era o estado das coisas, Watson, quando, na terça-feira de manhã, a pedido do major Murphy, fui a Aldershot para suplementar os esforços da polícia. Penso que você reconhecerá que o problema já se afigurava de interesse, mas minhas observações logo me fizeram compreender que ele era na verdade muito mais extraordinário do que parecia à primeira vista.

“Antes de examinar a sala, interroguei os criados, mas só consegui trazer à tona os fatos que já narrei. Um outro detalhe de interesse foi lembrado por Jane Stewart, a criada. Você deve se lembrar de que ao ouvir o som da altercação ela desceu e voltou com os outros criados. Ela diz que nessa primeira ocasião, quando estava sozinha, o amo e a ama falavam tão baixo que ela mal podia ouvir alguma coisa, e julgou pelo tom de suas vozes, mais do que por suas palavras, que haviam se desentendido. Quando a pressionei, porém, ela se lembrou de que ouviu a senhora pronunciar duas vezes a palavra ‘Davi’. Este detalhe é da maior importância para nos guiar rumo à razão da briga repentina. O coronel, como você se lembra, chama-se James.

“Havia algo no caso que causara a mais profunda impressão tanto sobre os criados quanto sobre a polícia. Era a contorção do rosto do coronel. Estampava-se nele, segundo o relato de todos, a mais terrível expressão de horror que um semblante humano é capaz de assumir. Mais de uma pessoa desmaiou à simples vista dele, tão pavoroso era o efeito. Não havia dúvida de que ele previra seu destino, e que isso lhe causara o mais profundo horror. Isso, é claro, encaixava-se bastante bem com a teoria da polícia, segundo a qual o coronel poderia ter visto sua mulher desfechando-lhe um ataque assassino. O fato de o ferimento estar na parte de trás da cabeça não era uma objeção fatal a isso, pois ele poderia ter se virado para evitar o golpe. Não era possível obter nenhuma informação da própria senhora, que estava temporariamente insana por força de um ataque agudo de febre cerebral.

“Pela polícia, fiquei sabendo que Miss Morrison, que, você se lembra, saiu naquela noite com Mrs. Barclay, negava qualquer conhecimento do que causara o mau humor com que sua companheira voltara.

“Tendo coligido estes fatos, Watson, fumei vários cachimbos enquanto os remoía, tentando separar os decisivos de outros, meramente incidentais. Não podia haver dúvida de que o ponto mais característico e sugestivo no caso era o

singular desaparecimento da chave da porta. Uma busca extremamente cuidadosa fora incapaz de descobri-la na sala. Portanto, devia ter sido retirada de lá. Mas nem o coronel nem a mulher a poderiam ter levado para fora. Isso era perfeitamente claro. Portanto, uma terceira pessoa devia ter entrado na sala. E essa terceira pessoa só poderia ter entrado pela janela. Pareceu-me que um exame cuidadoso da sala e do gramado poderiam revelar alguns vestígios desse indivíduo misterioso. Você conhece meus métodos, Watson. Não deixei de aplicar um só deles à investigação. E acabei descobrindo vestígios, mas muito diferentes dos que havia esperado. Um homem estivera na sala, e ele cruzara o gramado, vindo da estrada. Consegui obter cinco pegadas muito claras dele: uma na própria pista de rolamento, no ponto em que subira na mureta, duas no gramado, e duas muito apagadas nas tábuas sujas perto da janela por onde entrou. Ao que parece ele atravessara o gramado correndo, porque as marcas dos dedos eram muito mais profundas que as dos calcanhares. Mas não foi o homem que me surpreendeu. Foi seu companheiro.”

“Seu companheiro!”

Holmes tirou do bolso uma grande folha de papel de seda e desdobrou-a cuidadosamente sobre os joelhos.

“O que você deduz disto?”

O papel estava coberto com os sinais das pegadas de um animal pequeno. Tinha cinco dedos bem definidos e indícios de unhas longas, e a marca toda era talvez do tamanho de uma colher de sobremesa.

“É um cachorro”, disse eu.

“Você já viu um cachorro subindo por uma cortina acima? Encontrei indícios claros de que esse animal fez isso.”

“Um macaco, então?”

“Mas esta não é a pegada de um macaco.”

“Que pode ser isso, então?”

“Nem cachorro, nem macaco, nem nenhum animal que nos seja familiar. Tentei reconstruí-lo a partir das medidas. Aqui estão quatro pegadas deixadas pelo animal de pé, parado. Como vê, não há menos de quarenta centímetros das patas dianteiras às traseiras. Acrescente a isso o comprimento do pescoço e da cabeça, e terá um animal com não muito menos que sessenta centímetros — provavelmente mais, se houver uma cauda. Mas agora observe esta outra medida. O animal se moveu, e temos as medidas de suas passadas. Em todos os casos, é de apenas cerca de oito centímetros. Temos aqui uma indicação, como vê, de um corpo comprido e patas muito curtas presas a ele. Ele não foi atencioso o bastante para deixar um fio de seu pelo atrás de si. Mas sua forma geral deve ser a que indiquei; além disso, é capaz de trepar numa cortina e é carnívoro.”

“Como deduz isso?”

“Porque trepou na cortina. Havia uma gaiola de canário pendurada na janela,

e seu objetivo parece ter sido agarrar a ave.”

“Mas então que animal era esse?”

“Ah, se eu pudesse lhe dar um nome teria um bom caminho andado na solução do caso. Pelo aspecto geral, parece ser um animal da família da doninha ou do arminho — mesmo assim, é maior do que qualquer um desses bichos que eu já tenha visto.”

“Mas que teve ele a ver com o crime?”

“Isso também ainda está obscuro. Mas já aprendemos bastante, percebe? Sabemos que um homem postou-se na rua observando a briga entre os Barclay — as persianas estavam erguidas e a sala iluminada. Sabemos também que ele atravessou o gramado correndo, entrou na sala, acompanhado por um animal estranho, e que ou golpeou o coronel ou, o que é igualmente possível, o coronel caiu de puro pavor à vista dele e cortou a cabeça na quina do guarda-fogo. Finalmente, temos o fato curioso de que o intruso, ao partir, levou consigo a chave da sala.”

“Suas descobertas parecem ter deixado o caso mais misterioso do que era antes”, observei.

“Sem dúvida. Elas mostraram que o assunto era muito mais profundo do que se conjecturou de início. Refleti sobre o problema e cheguei à conclusão de que devo abordar o caso a partir de um outro aspecto. Mas realmente, Watson, eu o estou mantendo acordado quando poderia muito bem lhe contar tudo isso quando estivermos a caminho de Aldershot amanhã.”

“Muito obrigado, você foi longe demais para parar.”

“É certo que, ao deixar sua casa às sete e meia, Mrs. Barclay estava em bons termos com o marido. Ela nunca era muito efusiva, como acho que já disse, mas o cocheiro a ouviu conversar com o coronel de maneira amistosa. Ora, é igualmente certo que, ao voltar, ela fora de imediato para a sala onde tinha menor probabilidade de encontrar o marido, pedira um chá no mesmo instante, como faria uma mulher agitada, e, por fim, quando ele foi a seu encontro, lançara-se em violentas recriminações. Portanto, entre sete e meia e nove horas aconteceu alguma coisa que alterara por completo seus sentimentos em relação ao marido. Mas Miss Morrison estivera com ela durante toda essa hora e meia. Portanto, embora o negasse, era absolutamente certo que essa senhora devia saber de alguma coisa sobre o assunto.

“Minha primeira conjectura foi que possivelmente houvera alguns episódios entre essa jovem dama e o velho soldado, que ela havia agora confessado à esposa. Isso explicaria o retorno zangado e também a negação pela jovem de que alguma coisa aconteceu. Isso tampouco seria incompatível com a maioria das palavras ouvidas através da porta. Contra ela, porém, havia a referência a Davi, e havia a conhecida afeição do coronel por sua mulher, para não mencionar a trágica interferência desse outro homem, que podia, é claro, não ter

nenhuma relação com o que se passara antes. Não era fácil escolher uma direção, mas, no fim das contas, fiquei inclinado a descartar a ideia de que houvera alguma coisa entre o coronel e Miss Morrison, porém mais convencido do que nunca de que essa jovem detinha a pista do que despertara raiva do marido em Mrs. Barclay. Assim, tomei o caminho óbvio de visitar Miss M., explicar-lhe que estava plenamente convencido de que ela estava de posse dos fatos e assegurar-lhe que sua amiga Mrs. Barclay poderia se ver no banco dos réus, acusada de um crime capital, a menos que o assunto fosse elucidado.

“Miss Morrison é uma jovem esguia e diáfana, com olhos tímidos e cabelo louro, mas não me pareceu em absoluto carecer de sagacidade e bom-senso. Pensou por algum tempo depois que falei, e em seguida, virando-se para mim com um ar decidido, fez uma declaração extraordinária, que resumirei para você.

“Prometi a minha amiga que nada diria sobre o assunto, e promessa é dívida”, disse; ‘mas se posso realmente ajudá-la quando uma acusação tão grave pesa contra ela, e quando ela mesma, a minha querida, está impedida de falar pela doença, penso que estou dispensada de minha promessa. Vou lhe contar exatamente o que aconteceu segunda-feira à noite.

“Voltávamos da Missão de Watt Street, por volta de um quarto para as nove. Nosso caminho passava pela Hudson Street, uma rua muito sossegada. Nela há apenas um lampião, do lado esquerdo, e quando nos aproximávamos dele vi um homem vindo na nossa direção com as costas muito encurvadas e uma espécie de caixa a tiracolo. Parecia deformado, porque andava com a cabeça baixa e os joelhos dobrados. Quando passávamos por ele, o homem levantou a cabeça para olhar para nós no círculo de luz projetado pelo lampião e, ao fazê-lo, parou e gritou numa voz pavorosa: « Meu Deus, é Nancy!» Mrs. Barclay ficou branca como a morte e teria caído se a medonha criatura não a tivesse segurado. Eu ia chamar a polícia, mas ela, para minha surpresa, falou muito cortesmente com o sujeito.

“« Pensava que estivesse morto há trinta anos, Henry», disse com uma voz trêmula.

“« E estava mesmo», disse ele, num tom horrípilante. Tinha um semblante muito carrancudo, assustador, e um brilho nos olhos que me reaparece em sonhos. Tinha o cabelo e as costeletas grisalhos e o rosto era todo amarfanhado e enrugado como uma maçã murcha.

“« Vá andando um pouco na frente, minha cara», disse Mrs. Barclay. « Quero trocar uma palavra com este homem. Não há nada para se temer.» Tentava falar com segurança, mas continuava extremamente pálida e seus lábios tremiam tanto que mal conseguia articular as palavras.

“Fiz o que ela pedia e eles conversaram por alguns minutos. Depois ela desceu a rua com os olhos chamejando, e vi o infeliz aleijado parado junto ao

lâmpião e sacudindo seus punhos fechados no ar, como se estivesse louco de raiva. Ela não disse uma palavra até que chegamos à minha porta, quando me segurou pela mão e suplicou que não contasse a ninguém o que se passara. «É um velho conhecido meu que perdeu sua posição social», disse. Quando lhe prometi que nada diria, ela me beijou, e desde então nunca mais a vi. Agora lhe contei toda a verdade, e se não a revelei à polícia foi por não compreender o perigo que minha querida amiga corria. Sei que ela só poderá ser beneficiada se tudo for conhecido.’

“Esta foi sua declaração, Watson, e para mim, como pode imaginar, teve o efeito de uma luz numa noite escura. Tudo que parecia incoerente antes começou de repente a assumir o devido lugar, e tive um vago pressentimento de toda a sequência dos fatos. Meu passo seguinte, obviamente, era encontrar o homem que produzira tão marcante impressão em Mrs. Barclay. Se ele ainda estivesse em Aldershot, isso não seria muito difícil. Não há um número tão grande de civis, e um homem deformado certamente teria chamado atenção. Passei um dia procurando e à noite — esta mesma noite, Watson — já o encontrara. O homem se chama Henry Wood e mora na mesma rua em que as damas o encontraram. Faz apenas cinco dias que está no lugar. Disfarçado de agente de registro, tive uma conversa extremamente interessante com a senhoria dele. O homem é mágico e ator por profissão, e depois que anoitece percorre as cantinas militares, fazendo uma pequena encenação em cada uma. Carrega consigo naquela caixa um animal, que parece deixar a senhoria consideravelmente apreensiva, pois nunca vira um bicho como aquele. Informou-me que ele o usa em algumas de suas mágicas. Isso foi o que a mulher pôde me dizer, e também que era espantoso que o homem pudesse viver, vendo-se como era contorcido, e que nas duas últimas noites ela o ouvira gemer e chorar em seu quarto. No que dizia respeito a dinheiro, ele parecia não ter problemas, mas, em seu depósito, dera-lhe o que parecia ser um florim falso. Ela me mostrou a moeda, Watson, e era uma rupia indiana.

“Assim, meu caro companheiro, agora você sabe exatamente a quantas estamos e por que quero sua ajuda. Está perfeitamente claro que, depois que as damas se afastaram dele, esse homem as seguiu a distância, viu a discussão entre marido e mulher pela janela, precipitou-se para dentro da casa e o animal que carregava em sua caixa se soltou. Tudo isto é indubitável. Mas ele é a única pessoa neste mundo que pode nos contar exatamente o que aconteceu naquela sala.”

“E pretende lhe perguntar?”

“Sem dúvida... mas na presença de uma testemunha.”

“E sou eu a testemunha?”

“Se quiser me fazer esse favor. Se ele puder elucidar a questão, muito bem. Caso se recuse, não temos alternativa senão pedir um mandado de prisão.”

“Mas como sabe que ele estará lá quando voltarmos?”

“Pode ficar certo de que tomei algumas precauções. Tenho um dos meus garotos de Baker Street montando guarda; vai se manter grudado nele como carrapicho, aonde quer que vá. Nós o encontraremos em Hudson Street amanhã, Watson; e nesse ínterim eu mesmo seria um criminoso se o mantivesse fora da cama por mais tempo.”

Era meio-dia quando nos encontramos no cenário da tragédia, e, com Holmes como guia, seguimos imediatamente para Hudson Street. Apesar de sua capacidade de ocultar as emoções, eu podia ver facilmente que meu amigo se encontrava num estado de nervosismo contido, enquanto eu mesmo vibrava com aquele prazer semiesportivo, semi-intelectual que experimento invariavelmente quando me associo a ele em suas investigações.

“A rua é esta”, disse, quando entramos numa ruazinha de casas simples de tijolos, de dois andares. “Ah, aí vem Simpson para fazer seu relatório.”

“Tudo bem com ele, Mr. Holmes”, exclamou um moleque, correndo ao nosso encontro.

“Ótimo, Simpson!” disse Holmes, fazendo-lhe um afago na cabeça. “Vamos, Watson. A casa é esta.” Mandou seu cartão de visita, com a mensagem de que ali estava para tratar de um assunto importante, e um instante depois estávamos face a face com o homem que fôramos ver. Apesar do calor, ele estava encurvado sobre uma lareira e o quarto parecia um forno. O homem estava todo torcido e encolhido, de uma maneira que dava uma indescritível impressão de deformidade; mas o rosto que virou para nós, embora maltratado e sombrio, devia ter sido outrora de extraordinária beleza. Olhou desconfiado para nós com seus olhos biliosos injetados de amarelo e, sem falar ou se levantar, apontou-nos duas cadeiras.

“Mr. Henry Wood, recém-chegado da Índia, acredito?” disse Holmes afavelmente. “Venho a propósito desse pequeno incidente da morte do coronel Barclay.”

“Que deveria eu saber sobre isso?”

“É o que quero averiguar. O senhor sabe, eu suponho, que a menos que a questão seja elucidada, Mrs. Barclay, que é uma velha amiga sua, será com toda probabilidade julgada por homicídio.”

O homem teve um sobressalto violento.

“Não sei quem é o senhor”, exclamou, “nem como veio a saber o que sabe; mas pode me jurar que está dizendo a verdade?”

“Ora, estão apenas esperando que ela volte a si para prendê-la.”

“Meu Deus! O senhor também é da polícia?”

“Não.”

“Que tem a ver com esse caso, então?”

“Interessa a todo homem que a justiça seja feita.”

“Eu lhe juro que ela é inocente.”

“Então o senhor é culpado.”

“Não, não sou.”

“Então quem matou o coronel James Barclay?”

“Foi uma justa Providência que o matou. Mas ouça, se eu lhe tivesse rebentado os miolos, como desejava fazer, ele teria recebido exatamente o que merecia de minhas mãos. Se a consciência pesada dele próprio não o tivesse derrubado, é muito provável que eu tivesse seu sangue pesando sobre a minha. Quer que eu lhes conte a história? Bem, não vejo por que não, pois nada há nela de que eu possa me envergonhar.



“Mr. Henry Wood, acredito?”
[Sidney Paget, *Strand Magazine*, 1893]

“Foi assim, senhor. Está me vendo agora com as costas de um camelo e as costelas todas retorcidas, mas houve um tempo em que o cabo Henry Wood era o homem mais garboso do 117º de Infantaria. Estávamos na Índia nessa época, em acantonamentos, num lugar que chamaremos de Bhurtee. Barclay, que

morreu outro dia, era sargento na mesma companhia que eu, e a estrela do regimento — ah, a mais linda moça que jamais existiu — era Nancy Devoy, a filha do *colour-sergeant*. Havia dois homens que a amavam, e um que ela amava; e o senhor sorrirá quando olhar para este pobre traste encolhido diante do fogo e me ouvir dizer que era por minha bela aparência que ela me amava.

“Bem, mas embora eu tivesse o coração de Nancy, o pai dela estava decidido a casá-la com Barclay. Eu era um rapaz irresponsável, imprudente, e ele tivera instrução e estava predestinado ao oficialato. Mas a moça mantinha-se fiel a mim, e parecia que eu a teria, quando o Motim irrompeu e a região virou um inferno.

“Ficamos cercados em Bhurtee, o nosso regimento, com metade de uma bateria de artilharia, uma companhia de siques e um grupo de civis e mulheres. Havia dez mil rebeldes à nossa volta, ávidos como um bando de terriers em torno de uma ratoeira. Mais ou menos na segunda semana de cerco nossa água acabou, e não sabíamos se conseguiríamos nos comunicar com a coluna do general Neill, que se deslocava para o norte do país. Era nossa única chance, pois não podíamos ter esperança de escapar dali com todas aquelas mulheres e crianças, por isso me ofereci para ir advertir o general Neill do perigo que corríamos. Meu oferecimento foi aceito e discuti o assunto com o sargento Barclay; ele, que era tido como o homem que melhor conhecia o terreno, traçou uma rota pela qual eu poderia transpor as linhas rebeldes. Iniciei minha viagem às dez horas da mesma noite. Havia mil vidas a salvar, mas era apenas em uma que eu pensava quando saltei a muralha aquela noite.

“Meu caminho seguia por um curso d’água seco que, segundo esperávamos, me esconderia das sentinelas do inimigo, mas quando fiz uma curva, rastejando, topei direto com seis delas, agachadas ali no escuro à minha espera. No mesmo instante um golpe me fez perder os sentidos e tive as mãos e os pés amarrados. Mas o verdadeiro golpe eu sofri no coração, não na cabeça, pois quando voltei a mim tentei entender o que podia da conversa deles, e ouvi o bastante para ficar sabendo que meu camarada, o próprio homem que indicara o caminho que eu devia seguir, havia me traído por meio de um criado nativo, entregando-me nas mãos do inimigo.

“Bem, não preciso me deter muito nesta parte da história. Já sabem do que James Barclay era capaz. Bhurtee foi resgatado por Neill no dia seguinte, mas os rebeldes me levaram consigo em sua retirada, e muitos anos se passaram antes que eu visse um rosto branco novamente. Fui torturado e tentei fugir, fui capturado e torturado de novo. Os senhores podem ver com seus próprios olhos a que estado fui reduzido. Alguns deles fugiram para o Nepal e me levaram consigo, e posteriormente fomos além de Darjeeling. Ali os montanheses mataram os rebeldes que me mantinham prisioneiro e tornei-me escravo deles durante algum tempo, até que fugi, mas em vez de rumar para o sul, tive de

seguir para o norte, e finalmente me encontrei entre os afegãos. Vaguei ali por muitos anos, e por fim voltei ao Punjab, onde vivi sobretudo entre os nativos, conseguindo subsistir graças a truques de mágica que havia aprendido. De que me adiantaria, um mísero aleijado, voltar à Inglaterra ou me apresentar a meus antigos camaradas? Nem meu desejo de vingança me impeliria a fazer isso. Eu preferia que Nancy e meus velhos companheiros pensassem que Harry Wood morrera com as costas retas a que o vissem vivo e rastejando com uma bengala como um chimpanzé. Eles nunca duvidaram de que eu estava morto, e eu queria que nunca viessem a fazê-lo. Fiquei sabendo que Barclay se casara com Nancy, e que ascendia rapidamente no regimento, mas nem isso me fez falar.



“Topei direto com seis delas.”
[Sidney Paget, *Strand Magazine*, 1893]

“Mas quando envelhecemos temos saudade da nossa terra. Sonhei durante

anos com os campos verdejantes e as sebes da Inglaterra. Por fim decidi vê-los antes de morrer. Economizei o suficiente para a viagem, e então vim para cá onde vivem os soldados, pois conheço a maneira de ser deles e sei como divertilos e assim ganhar o bastante para me manter.”

“Sua narrativa é extremamente interessante”, disse Sherlock Holmes. “Já tive conhecimento do seu encontro com Mrs. Barclay e de seu mútuo reconhecimento. Depois, pelo que entendi, o senhor a seguiu até em casa e viu pela janela uma alteração entre ela e o marido, na qual ela sem dúvida lançou-lhe na cara sua conduta para com o senhor. Vencido por seus próprios sentimentos, o senhor atravessou correndo o gramado e irrompeu entre eles.”

“De fato, senhor, e ao me ver ele me olhou como nunca vi um homem olhar antes, e caiu, batendo a cabeça na guarda-fogo. Mas já estava morto antes de cair. Li a morte no seu rosto tão claramente quanto posso ler aquele texto sobre a lareira. Minha simples aparição foi como um tiro em seu coração culpado.”

“E depois?”

“Depois Nancy desmaiou, e eu tirei a chave da porta de sua mão, pretendendo destrancá-la e ir em busca de socorro. Mas quando ia fazê-lo pareceu-me melhor deixar aquilo como estava e fugir, pois a coisa poderia ficar feia para o meu lado e de todo modo meu segredo seria revelado se eu fosse preso. Na pressa, enfiei a chave no bolso e deixei cair meu bastão enquanto tentava apanhar Teddy, que escapara e subira pela cortina. Quando consegui metê-lo de novo em sua caixa, fugi o mais depressa que pude.”

“Quem é Teddy?” perguntou Holmes.

Inclinando-se, o homem levantou a frente de uma espécie de gaiola que estava num canto. No mesmo instante escapuliu um belo animal de um castanho-avermelhado, esguio e ágil, com as pernas de um arminho, um focinho fino e comprido, e um par dos mais bonitos olhos vermelhos que eu já vira na cabeça de um animal.

“É um mangusto!” exclamei.

“Bem, alguns lhe dão esse nome, outros o chamam de icnêumone”, disse o homem. “Pega-cobras, é como eu o chamo, e Teddy é de uma rapidez espantosa com najas. Tenho uma aqui, sem as presas, e Teddy a pega toda noite para divertir o pessoal na cantina. Algum outro ponto, senhor?”

“Bem, talvez tenhamos de recorrer ao senhor novamente, se Mrs. Barclay vier a se encontrar em séria dificuldade.”

“Nesse caso, é claro, eu me apresentaria.”

“Se isso não ocorrer, porém, não faz sentido trazer à tona esse escândalo contra um homem morto, por mais indecente que tenha sido a conduta dele. O senhor tem pelo menos a satisfação de saber que durante trinta anos a consciência dele o censurou amargamente por sua perversidade. Ah, lá vai o major Murphy do outro lado da rua. Até logo, Wood; quero saber se aconteceu

alguma coisa de ontem para cá.”

Conseguimos alcançar o major antes que ele chegasse à esquina.

“Ah, Holmes”, disse ele, “suponho que ouviu falar que todo esse rebuliço deu em nada?”

“Que quer dizer?”

“O inquérito acaba de ser encerrado. Os dados médicos mostraram conclusivamente que a morte deveu-se a uma apoplexia. Como vê, foi um caso muito simples, afinal de contas.”

“Oh, notavelmente superficial”, disse Holmes, sorrindo. “Vamos, Watson, tenho a impressão de que não precisarão mais de nós em Aldershot.”

“Só não entendo uma coisa”, disse eu, quando caminhávamos para a estação; “se o nome do marido era James e o do outro era Henry, que conversa foi aquela sobre Davi?”

“Essa palavra, meu caro Watson, deveria ter sido suficiente para me revelar toda a história, se eu fosse o pensador lógico ideal que você tanto gosta de retratar. Tratava-se evidentemente de uma expressão de censura.”

“De censura?”

“Sim, Davi saía da linha de vez em quando, você sabe, e certa vez o fez na mesma direção que o sargento James Barclay. Lembra-se do pequeno incidente entre Urias e Bate-Seba? Receio que meu conhecimento bíblico esteja um bocadinho enferrujado, mas você encontrará a história no primeiro ou no segundo livro de Samuel.”

O PACIENTE RESIDENTE

PASSANDO OS OLHOS na série um tanto incoerente de casos com que procurei ilustrar algumas das peculiaridades mentais de meu amigo Sherlock Holmes, impressionou-me a dificuldade que tive em escolher exemplos que atendessem a meu propósito sob todos os aspectos. Pois naqueles casos em que Holmes realizou algum *tour de force* de raciocínio analítico e demonstrou o valor de seus métodos peculiares de investigação, os próprios fatos foram muitas vezes tão insignificantes ou banais que não pude me sentir justificado em expô-los perante o público. Por outro lado, aconteceu muitas vezes de ele ter se envolvido em alguma investigação em que os fatos foram do mais extraordinário e dramático caráter, mas sua própria participação na determinação de suas causas foi menos marcante do que eu, como seu biógrafo, poderia desejar. O pequeno problema que narrei sob o título *Um estudo em vermelho* e aquele posterior relacionado à perda do *Gloria Scott* podem servir de exemplos desse Cila e Caribdes que ameaçam incessantemente seu historiador. Pode ser que, no caso sobre o qual estou agora prestes a escrever, o papel desempenhado por meu amigo não seja suficientemente considerável; apesar disso, todo o encadeamento das circunstâncias é tão extraordinário que não posso me forçar a omiti-lo desta série.

Não posso ter certeza da data precisa, pois algumas de minhas anotações sobre o assunto se perderam, mas deve ter sido perto do final do primeiro ano em que Holmes e eu partilhámos aposentos em Baker Street. Fazia um tempo tempestuoso de outubro e nós dois havíamos passado o dia todo em casa. Eu porque temia expor minha saúde combalida ao vento cortante do outono, ao passo que ele estava mergulhado em alguma daquelas abstrusas investigações químicas que o absorviam por completo enquanto se dedicava a elas. Quando caía a noite, porém, a quebra de um tubo de ensaio encerrou prematuramente sua pesquisa e ele saltou de sua cadeira com uma exclamação de impaciência e a fronte anuviada.

“O trabalho de um dia inteiro arruinado, Watson”, disse, indo até a janela. “Ah! O céu está estrelado e o vento amainou. Que tal dar uma volta por Londres?”

Enfardado de nossa pequena sala de estar, concordei com prazer e agasalhei-me até a altura do nariz contra o ar penetrante da noite. Durante três horas perambulamos juntos, observando o caleidoscópio sempre cambiante da vida em seus fluxos e refluxos por Fleet Street e o Strand. Holmes se livrara de seu mau humor temporário, e sua conversa característica, com sua arguta observação de detalhes e a sutil capacidade de inferência, manteve-me distraído e encantado.

Às dez horas já estávamos de volta a Baker Street. Um *brougham* esperava à nossa porta.

“Hum! De médico... de um clínico geral, pelo que vejo”, disse Holmes. “Não faz muito tempo que está clinicando, mas tem bastante trabalho. Veio nos consultar, imagino! Que sorte termos voltado!”

Eu estava suficientemente familiarizado com os métodos de Holmes para ser capaz de acompanhar seu raciocínio e ver que a natureza e o estado dos vários instrumentos médicos na cesta de vime que pendia da lanterna no interior do *brougham* lhe haviam fornecido os dados para essa rápida dedução. A luz em nossa janela lá em cima mostrava que essa visita tardia era de fato para nós. Com alguma curiosidade quanto ao que nos poderia ter enviado um colega médico a uma hora daquelas, segui Holmes rumo ao nosso santuário.

Um homem pálido, de rosto fino e costeletas ruivas, levantou-se de uma cadeira junto ao fogo quando entramos. Não devia ter mais de trinta e três ou trinta e quatro anos, mas sua expressão abatida e cor enfermiça falavam de uma vida que lhe havia minado a força e roubado a juventude. Suas maneiras eram nervosas e tímidas, como as de um cavalheiro sensível, e a mão magra e branca que pousou no consolo da lareira ao se levantar era a de um artista, não a de um cirurgião. Seus trajes eram discretos e escuros, uma sobrecasaca preta, calça escura e um toque de cor na gravata.

“Boa noite, doutor”, disse Holmes, alegremente. “Estou satisfeito por ver que só esperou uns poucos minutos.”

“Falou com meu cocheiro, então?”

“Não, foi a vela na mesinha que me informou. Por favor, sente-se novamente e deixe-me saber em que lhe posso ser útil.”

“Meu nome é dr. Percy Trevelyan”, disse nosso visitante, “e moro em Brook Street número 403.”

“Não é o autor de uma monografia sobre lesões nervosas obscuras?” perguntei.

Suas faces pálidas ruborizaram-se de prazer ao ouvir que eu conhecia a sua obra.

“Ouço falar desse trabalho tão raramente que pensei que estava inteiramente esquecido”, disse ele. “Meus editores me dão notícias das mais desalentadoras sobre sua venda. O senhor é médico, presumo?”

“Um médico do exército aposentado.”

“Meu hobby sempre foram as doenças nervosas. Teria desejado fazer delas minha especialidade absoluta, mas, é claro, temos de nos contentar com o que se oferece, para começar. Mas isso não vem ao caso, Mr. Sherlock Holmes, e sei perfeitamente o quanto seu tempo é precioso. O fato é que uma sequência de eventos muito singulares ocorreu recentemente em minha casa, em Brook Street, e esta noite eles chegaram a tal ponto que me pareceu impossível esperar mais

uma hora antes de pedir seu conselho e assistência.”

Sherlock Holmes sentou-se e acendeu o cachimbo. “Estou às suas ordens”, disse. “Por favor, faça-me um relato detalhado das circunstâncias que o perturbaram.”

“Uma ou duas delas são tão triviais”, disse o dr. Trevelyan, “que realmente quase me envergonho de mencioná-las. Mas o caso é tão inexplicável, e o rumo que tomou recentemente é tão intrincado, que vou expô-lo todo e o senhor julgará o que é essencial e o que não é.

“Sou obrigado, para começar, a dizer alguma coisa sobre minha própria carreira universitária. Formei-me pela Universidade de Londres, e tenho certeza de que não pensarão que estou me gabando indevidamente se disser que minha carreira estudantil foi considerada muito promissora pelos meus mestres. Depois de me formar continuei a me dedicar à pesquisa, ocupando um cargo pouco importante no King’s College Hospital, e tive a sorte de despertar considerável interesse com minha pesquisa sobre a patologia da catalepsia, e por fim de ganhar o prêmio e a medalha Bruce Pinkerton pela monografia sobre lesões nervosas a que seu amigo acaba de aludir. Não estaria exagerando se dissesse que havia na época uma impressão geral de que eu tinha uma carreira ilustre pela frente.

“O único grande obstáculo consistia em minha falta de capital. Como o senhor compreenderá prontamente, um especialista com ambições elevadas é obrigado a começar numa de uma dúzia de ruas na área de Cavendish Square, que envolvem todas enormes aluguéis e despesas com equipamento. Além dessa despesa inicial, deve estar preparado para se manter durante alguns anos e alugar uma carruagem e um cavalo apresentáveis. Isso estava muito além de minhas possibilidades e tudo que eu podia esperar era, economizando, conseguir amearhar em dez anos o bastante para me permitir abrir meu consultório. De repente, no entanto, um incidente inesperado abriu uma perspectiva inteiramente nova para mim.

“Foi a visita de um cavaleiro chamado Blessington, que me era um completo estranho. Ele foi ao meu quarto um dia e passou imediatamente a tratar de negócios.

“O senhor é o mesmo Percy Trevelyan que teve uma carreira tão eminente e foi agraciado com um grande prêmio recentemente?”

“Assenti.

“Responda-me francamente, pois verá que isso é do seu interesse. O senhor tem toda a inteligência que faz um homem de sucesso. Tem também o tato?”

“Não pude deixar de sorrir diante da intempestividade da pergunta.

“‘Acredito ter uma boa dose.’

“‘Nenhum mau hábito? Não é chegado a um copo, há?’

“‘Francamente, senhor!’

“Tem razão! Está certo! Mas eu tinha de perguntar. Com todas essas qualidades, por que não está clinicando?”

“Sacudi os ombros.

“‘Vamos, vamos!’ disse ele, à sua maneira estabanada. ‘É a velha história. Tem mais nos miolos do que no bolso, não é? Que diria se eu o instalasse em Brook Street?’

“Encarei-o, espantadíssimo.

“‘Oh, faria isso no meu próprio interesse, não no seu’, exclamou ele. ‘Vou ser inteiramente franco com o senhor, e se isso lhe convier, me convirá muito bem. Tenho alguns milhares para investir, entende, e acho que vou aplicá-los no senhor.’

“‘Mas a troco de quê?’ perguntei, ofegante.

“‘Bem, é uma especulação como outra qualquer, e mais segura que a maioria.’

“‘E eu, que devo fazer?’

“‘Eu lhe direi. Vou alugar a casa, mobiliá-la, pagar as criadas e administrar tudo. O senhor terá apenas de usar a cadeira do consultório. Vou lhe dar dinheiro para suas pequenas despesas e tudo de que precisar. Depois o senhor me entregará três quartos do que ganhar e ficará com o outro quarto.’

“Essa foi a estranha proposta, Mr. Holmes, com que esse Blessington se aproximou de mim. Não vou aborrecê-lo com o relato da negociação. O resultado foi que me mudei para a casa no Lady Day, e comecei a clinicar nas condições que ele havia sugerido. Ele tinha um coração fraco, ao que parecia, e precisava de supervisão médica constante. Transformou os dois melhores aposentos do segundo andar em uma sala de estar e um quarto de dormir para si mesmo. Era um homem de hábitos singulares, evitando companhia e saindo muito raramente. Sua vida era irregular, mas sob certo aspecto ele era a própria regularidade. Toda noite à mesma hora entrava no consultório, examinava os livros, separava cinco xelins e três *pence* de cada guinéu que eu tinha ganhado, e levava o resto para o cofre que tinha em seu quarto.

“Posso dizer com certeza que ele nunca teve motivo para se arrepender de sua especulação. Foi um sucesso desde o início. Alguns casos bons e a reputação que eu granjeara no hospital projetaram-me rapidamente e nestes dois últimos anos fiz dele um homem rico.

“É o que tinha a lhe dizer, Mr. Holmes, sobre minha história passada e minhas relações com Mr. Blessington. Agora me resta apenas lhe contar o que ocorreu para me trazer aqui esta noite.

“Algumas semanas atrás Mr. Blessington veio falar comigo no que me pareceu um estado de considerável agitação. Falou de um roubo que teria acontecido, pelo que disse, no West End, e pareceu, lembro-me bem, muito desnecessariamente alvoroçado por causa disso, declarando que naquele dia

mesmo mandaríamos instalar ferrolhos mais fortes em nossas janelas e portas. Durante uma semana ele continuou num peculiar estado de inquietação; estava sempre vigiando pelas janelas e deixou de fazer a rápida caminhada que costumava ser o prelúdio de seu jantar. Suas maneiras deram-me a impressão de que ele estava mortalmente apavorado com alguma coisa ou alguém, mas quando o interroguei a respeito mostrou-se tão agressivo que fui obrigado a desistir. Pouco a pouco, com o passar do tempo, seus medos pareceram desvanecer, e ele retomara seus antigos hábitos, quando um novo fato o reduziu ao deplorável estado de prostração em que se encontra agora.

“O que aconteceu foi o seguinte. Dois dias atrás eu recebi a carta que lerei agora para o senhor. Não tem endereço nem data.

Um nobre russo que reside atualmente na Inglaterra gostaria de recorrer à assistência profissional do dr. Percy Trevelyan. Tem sido vítima há alguns anos de ataques catalépticos, mal no qual o dr. Trevelyan é uma autoridade reconhecida. Pretende visitá-lo amanhã por volta das cinco e quinze da tarde, se for da conveniência do dr. Trevelyan estar em casa.

“Esta carta interessou-me profundamente porque a principal dificuldade no estudo da catalepsia reside na raridade da doença. Não tenha dúvida, portanto, de que eu estava em meu consultório quando, na hora combinada, o mensageiro introduziu o paciente.

“Era um homem idoso, magro, sério e comum — em nada correspondendo à ideia que se tem de um nobre russo. Fiquei muito mais impressionado com a aparência de seu companheiro. Este era um rapaz alto, surpreendentemente bonito, o rosto sombrio, carrancudo e os membros e o peito de um Hércules. Tinha a mão sob o braço do outro quando entraram, e ajudou-o a se sentar com uma delicadeza que dificilmente se teria esperado de alguém com sua aparência.

“‘O senhor vai me desculpar por ter vindo, doutor’, disse-me ele, falando inglês com um ligeiro ceceio. ‘Este é meu pai, e a saúde dele é um assunto da máxima importância para mim.’

“Fiquei tocado por seu zelo filial. ‘Talvez o senhor deseje assistir à consulta’, disse eu.

“‘Por nada neste mundo’, exclamou com um gesto de horror. ‘Isso é mais penoso para mim do que posso expressar. Se tivesse de ver meu pai num desses aflitivos ataques, estou convencido de que não sobreviveria. Meu próprio sistema nervoso é excepcionalmente sensível. Com sua permissão, ficarei na sala de espera enquanto o senhor examina o caso de meu pai.’

“Concordei, é claro, e o rapaz se retirou. O paciente e eu mergulhamos então numa discussão sobre o caso, da qual tomei notas exaustivas. Ele não se distinguiu pela inteligência, e suas respostas eram muitas vezes obscuras, o que atribuí a seu

conhecimento limitado de nossa língua. De repente, porém, enquanto eu escrevia, deixou de dar qualquer resposta às minhas perguntas, e, quando me voltei para ele, fiquei chocado ao ver que estava sentado teso na sua cadeira, fitando-me com um rosto absolutamente inexpressivo e rígido. Estava mais uma vez nas garras de sua misteriosa doença.



“Ajudou-o a se sentar.” [Sidney Paget, *Strand Magazine*, 1893]

“Meu primeiro sentimento, como acabo de dizer, foi de piedade e horror. Mas o segundo, confesso, foi de satisfação profissional. Anotei a pulsação e a temperatura de meu paciente, testei a rigidez de seus músculos e examinei seus reflexos. Não havia nada de acentuadamente anormal em nenhuma dessas condições, o que harmonizava com minhas experiências anteriores. Eu havia

obtido bons resultados, em casos semelhantes, com a inalação de nitrato de amila, e aquela me pareceu excelente oportunidade para pôr as virtudes da substância à prova. Como a garrafa estava em meu laboratório, no térreo, deixei meu paciente sentado em sua cadeira e corri para buscá-la. Demorei um pouco para encontrá-la — cinco minutos, digamos — e voltei. Imagine meu espanto ao encontrar a sala vazia. O paciente fora embora!

“Meu primeiro gesto, naturalmente, foi correr à sala de espera. O filho fora embora também. A porta do vestibulo fora fechada, mas não trancada. Meu mensageiro, que recebe os pacientes, está comigo há pouco tempo e nada tem de rápido. Ele espera lá embaixo e corre para levar os pacientes à porta quando toco a campainha no consultório. Não tinha ouvido nada e o incidente continuou um completo mistério. Pouco depois Mr. Blessington voltou de sua caminhada, mas eu não lhe disse nada sobre o assunto, pois, para falar a verdade, ultimamente vinha me comunicando com ele tão pouco quanto possível.

“Bem, pensei que nunca mais poria os olhos no russo e no filho, e o senhor pode imaginar meu pasmo quando, precisamente na mesma hora, esta tarde, vi os dois entrando pelo meu consultório, exatamente como tinham feito na véspera.

“Sinto que lhe devo muitas desculpas por minha saída abrupta ontem, doutor’, disse meu paciente.

“Confesso que fiquei muito surpreso.’

“Bem, o fato é que quando eu me recobro desses ataques minha mente está sempre muito confusa com relação a tudo que se passou antes. Despertei no que me pareceu uma sala estranha e me dirigi para a rua em meu atordoamento enquanto o senhor estava ausente.’

“E eu’, disse o filho, ‘vendo meu pai sair pela porta da sala de espera, pensei naturalmente que a consulta terminara. Foi só quando chegamos em casa que comecei a compreender o que realmente se passara.’

“Bem’, disse eu, rindo, ‘não houve consequências graves, exceto terem me deixado terrivelmente perplexo; portanto, se o senhor fizer a gentileza de passar à sala de espera, ficarei feliz em continuar nossa consulta, tão abruptamente interrompida.’

“Durante cerca de meia hora discuti com o velho cavalheiro sobre seus sintomas e em seguida, após lhe fazer uma prescrição, vi-o partir no braço do filho.

“Como lhe disse, Mr. Blessington geralmente preferia essa hora do dia para fazer seu exercício. Ele chegou pouco depois e subiu para o segundo andar. Passado um instante, eu o ouvi descer correndo, e logo irrompeu no meu consultório como um homem enlouquecido de pânico.

“Quem entrou em meu quarto?’ gritou.

“Ninguém’, respondi.

“É mentira!’ berrou ele. ‘Suba e veja!’

“Fechei os olhos à grosseria de sua linguagem, pois ele parecia fora de si de tanto medo. Quando subimos, apontou várias pegadas sobre o tapete claro.

“Vai querer dizer que são minhas?” exclamou.

“Eram com certeza muito maiores que quaisquer pegadas que ele poderia ter deixado e, evidentemente, muito recentes. Choveu forte esta tarde, como sabe, e os dois pacientes haviam sido as únicas pessoas que eu recebera. Provavelmente, portanto, o homem que ficara na sala de espera havia, por alguma razão desconhecida, subido ao quarto de meu paciente residente enquanto eu estava ocupado na outra sala. Nada fora tocado ou levado, mas ali estavam as pegadas para provar que a invasão era um fato indubitável.



“Irrompeu no meu consultório.” [Sidney Paget, *Strand Magazine*, 1893]

“Mr. Blessington pareceu mais nervoso com aquilo do que eu teria julgado possível, embora semelhante ocorrência fosse o bastante, é claro, para perturbar a paz de espírito de qualquer um. Na verdade, ele desabou chorando numa poltrona, e só a custo consegui fazê-lo falar coisa com coisa. Foi sugestão dele que eu viesse procurar o senhor, e naturalmente vi de imediato a conveniência

disso, pois sem dúvida é um incidente muito singular, embora ele pareça superestimar enormemente sua importância. Se o senhor pudesse voltar comigo em meu *brougham*, seria pelo menos capaz de acalmá-lo, embora eu não tenha muita esperança de que será capaz de explicar essa inusitada ocorrência.”

Sherlock Holmes ouvira esta longa narrativa com uma atenção que me mostrou que seu interesse estava vivamente despertado. Seu rosto estava impassível como sempre, mas suas pálpebras haviam descaído mais pesadamente sobre seus olhos e seu cachimbo soltara espirais de fumaça mais espessas para enfatizar cada episódio da história do médico. Quando nosso visitante concluiu, Holmes levantou-se sem uma palavra, entregou-me o meu chapéu, pegou o seu na mesa e seguiu o dr. Trevelyan em direção à porta. Dentro de um quarto de hora havíamos saltado à porta da residência do médico em Brook Street, uma daquelas casas sombrias e sem graça, que costumamos associar a um consultório do West End. Um pequeno mensageiro nos recebeu e começamos de imediato a subir uma escada larga, bem-atapetada.

Mas uma singular interrupção nos deteve. A luz lá no alto foi subitamente apagada e da escuridão veio uma voz esganiçada, trêmula.

“Estou com uma pistola”, gritou ela. “Palavra que atiro se chegarem mais perto.”

“Isto realmente chega a ser afrontoso, Mr. Blessington”, exclamou o dr. Trevelyan.

“Ah, então é o senhor, doutor?” disse a voz com um grande arquejo de alívio. “Mas esses outros cavalheiros, são mesmo quem dizem ser?”

Sentimos que estávamos sofrendo um longo escrutínio lá da escuridão.

“Sim, sim, está tudo certo”, disse finalmente a voz. “Podem subir, e lamento se minhas precauções os aborreceram.”

Enquanto falava, acendeu de novo a lâmpada a gás da escada e vimos diante de nós um homem estranho, cuja aparência, bem como a voz, revelavam nervos em mísero estado. Era muito gordo mas em alguma época devia ter sido muito mais gordo ainda, pois a pele se pendurava em seu rosto em bolsas frouxas, como as bochechas de um sabujo. Tinha uma cor doentia, e o cabelo ruivo e ralo parecia arripiado com a intensidade de sua emoção. Empunhava uma pistola, mas enfiou-a no bolso quando avançamos.

“Boa noite, Mr. Holmes”, disse; “com certeza lhe estou muito agradecido por ter vindo. Ninguém nunca precisou mais de seu conselho que eu. Suponho que o dr. Trevelyan lhe falou dessa invasão absolutamente imperdoável de meus aposentos?”

“Perfeitamente”, respondeu Holmes. “Quem são esses dois homens, Mr. Blessington, e por que desejam molestá-lo?”

“Bem, bem”, disse o paciente residente, com nervosismo, “claro que é difícil dizer. O senhor não pode esperar que eu responda a isso, Mr. Holmes.”

“Está querendo dizer que não sabe?”

“Entre aqui, por favor. Faça apenas a gentileza de pisar aqui.”

Conduziu-nos a seu quarto de dormir, que era grande e confortavelmente mobiliado.

“Como pode ver”, disse, apontando uma grande arca preta ao pé da sua cama. “Nunca fui um homem muito rico, Mr. Holmes — fiz um único investimento em minha vida, como o dr. Trevelyan deve ter lhe contado. Mas não acredito em banqueiros. Nunca confiaria num banqueiro, Mr. Holmes. Cá entre nós, todo o pouco que tenho está nesta arca, então o senhor pode entender o que significa para mim ter meu quarto invadido por desconhecidos.”

Holmes olhou para Blessington de sua maneira indagativa e sacudiu a cabeça.

“Não tenho como aconselhá-lo se tenta me enganar.”

“Mas eu lhe contei tudo.”

Holmes deu meia-volta com um gesto de repulsa. “Boa noite, dr. Trevelyan”, disse.

“E nenhum conselho para mim?” exclamou Blessington numa voz rouca.

“O conselho que lhe dou, senhor, é que fale a verdade.”

Um minuto depois estávamos na rua, caminhando para casa. Havíamos cruzado Oxford Street e percorrêramos a metade de Harley Street antes que eu conseguisse arrancar uma palavra de meu companheiro.

“Lamento tê-lo levado para uma missão tão despropositada, Watson”, disse ele por fim. “No fundo, é um caso interessante.”

“Não consigo entender grande coisa”, confessei.

“Bem, é evidente que há dois homens — mais, talvez, mas pelo menos dois — determinados por alguma razão a pôr as mãos nesse sujeito, o Blessington. Não tenho dúvida de que tanto na primeira quanto na segunda ocasião aquele rapaz entrou no quarto, enquanto seu comparsa, por um engenhoso estratagema, impedia o médico de interferir.”

“E a catalepsia?”

“Uma imitação fraudulenta, Watson, embora seja difícil para mim sugerir isso ao nosso especialista. É um estado muito fácil de imitar. Eu mesmo já o fiz.”

“E depois?”

“Por puro acaso, Blessington estava fora nas duas ocasiões. A razão da escolha de hora tão inusitada para uma consulta fora obviamente assegurar que não haveria nenhum outro paciente na sala de espera. Calhou, porém, que essa hora coincidiu com o exercício de Blessington, o que parece mostrar que eles não estavam muito a par da rotina diária dele. É claro que, se estivessem meramente interessados em pilhar, teriam feito ao menos alguma tentativa de se inteirar dela. Além disso, posso ler nos olhos de um homem quando é pela própria pele que teme. É inconcebível que esse sujeito tenha feito dois inimigos tão vingativos, como esses parecem ser, sem ter conhecimento disso. Considero portanto

indubitável que ele sabe quem são esses homens, e tem lá suas razões para ocultar isso. É bem possível que amanhã o encontremos num estado de espírito mais comunicativo.”

“Não haveria uma alternativa”, sugeri eu, “absurdamente improvável, sem dúvida, mas ainda assim concebível? Não poderia toda a história do russo cataléptico e seu filho ser uma invenção do dr. Trevely an, que teria estado, para seus próprios fins, nos aposentos de Blessington?”

Vi à luz do lampião o sorriso divertido de Holmes diante dessa minha brilhante especulação.

“Meu caro companheiro”, respondeu, “essa foi uma das primeiras soluções que me ocorreram, mas logo pude confirmar a história contada pelo médico. Esse rapaz deixou pegadas no tapete da escada que tornam inteiramente supérfluo para mim pedir para ver as que deixou no quarto. Se eu lhe disser que seus sapatos tinham bico quadrado, em vez de serem pontudos como os de Blessington, e eram mais de três centímetros maiores que os do médico, você há de convir que não pode haver dúvida quanto à sua individualidade. Mas podemos deixar o problema de lado por enquanto, pois ficarei surpreso se não tivermos mais notícias de Brook Street pela manhã.”

A profecia de Sherlock Holmes logo se cumpriu, e de maneira dramática. Às sete e meia da manhã seguinte, ao primeiro pálido despontar da aurora, dei com ele de pé junto à minha cama vestido com seu roupão.

“Há um *brougham* à nossa espera, Watson”, disse ele.

“Do que se trata?”

“Do caso de Brook Street.”

“Alguma notícia nova?”

“Trágica, mas ambígua”, disse ele, suspendendo a persiana. “Veja isto — uma folha de agenda com ‘Pelo amor de Deus venha imediatamente. — P.T.’ rabiscado a lápis. Nosso amigo, o médico, estava em apuros quando escreveu isto. Vamos, meu caro companheiro, porque é um chamado urgente.”

Mais ou menos em um quarto de hora estávamos de volta à casa do médico. Ele veio correndo ao nosso encontro com um semblante de horror.

“Oh, que transtorno!” exclamou, as mãos nas têmporas.

“Mas que foi?”

“Blessington cometeu suicídio!”

Holmes deu um assobio.

“Isso mesmo, enforcou-se durante a noite.”

Entramos, e o médico nos conduziu para o que era evidentemente sua sala de espera.

“Realmente mal sei o que estou fazendo”, exclamou. “A policia já está lá em cima. Isso me abalou da maneira mais terrível.”

“Quando ficou sabendo?”

“Ele gosta que lhe levem uma xícara de chá de manhã muito cedo. Quando a criada entrou por volta das sete horas, lá estava o pobre coitado pendurado no meio do quarto. Ele havia amarrado sua corda no gancho de que pendia o pesado lustre, e havia pulado de cima daquela mesma arca que nos mostrara ontem.”

Holmes permaneceu um momento imerso em profunda reflexão.

“Com sua permissão”, disse por fim, “gostaria de subir e examinar as coisas.” Subimos os dois, seguidos pelo médico.

A cena que vimos ao entrar no quarto foi pavorosa. Falei da impressão de flacidez que esse Blessington transmitia. Quando ele pendia do gancho, ela era exagerada e intensificada a tal ponto que sua figura mal parecia humana. O pescoço estava esticado como o de uma galinha depenada, o que fazia o resto dele parecer ainda mais obeso e antinatural pelo contraste. Vestia apenas sua comprida camisola, sob a qual se projetavam, rígidos, os tornozelos inchados e os pés desajeitados. A seu lado estava um inspetor de polícia de fisionomia astuta, tomando notas numa caderneta.

“Ah, Mr. Holmes”, disse ele cordialmente quando meu amigo entrou, “estou encantado em vê-lo.”

“Bom dia, Lanner”, respondeu Holmes, “não me verá como um intrometido, tenho certeza. Soube dos acontecimentos que levaram a esse desfecho?”

“Sim, soube alguma coisa sobre eles.”

“E formou uma opinião?”

“Pelo que posso ver, o homem perdeu a cabeça de tanto pavor. Chegou a dormir na cama, como vê. A marca do seu corpo é bastante profunda. É por volta das cinco da manhã que os suicídios são mais comuns, o senhor sabe. Deve ter sido mais ou menos nessa hora que ele se enforcou. Parece ter sido um gesto muito deliberado.”

“Eu diria que está morto há cerca de três horas, a julgar pela rigidez dos músculos”, disse eu.

“Notou alguma coisa de peculiar no quarto?” perguntou Holmes.

“Encontrei uma chave de parafuso e alguns parafusos na bancada da pia. Além disso, ele parece ter fumado muito durante a noite. Aqui estão quatro pontas de charuto que catei na lareira.”

“Hum!” disse Holmes. “Encontrou a piteira dele?”

“Não, não vi nenhuma.”

“Sua caixa de charutos, então?”

“Encontrei, estava no bolso de seu paletó.”

Holmes abriu-a e cheirou o único charuto que continha.

“Oh, este é um Havana e esses outros são do tipo peculiar que os holandeses importam de suas colônias nas Índias Orientais. Eles costumam ser enrolados em palha, sabe, e são mais finos para seu comprimento que os de qualquer outra marca.” Pegou as quatro pontas e examinou-as com sua lente de bolso.

“Dois destes foram fumados com piteira e dois sem”, disse. “Dois foram cortados com uma faca não muito afiada, e dois tiveram as pontas mordidas por dentes excelentes. Isto não foi nenhum suicídio, Mr. Lanner. Trata-se de um homicídio muito frio e cuidadosamente planejado.”

“Impossível!” exclamou o inspetor.

“Por quê?”

“Por que haveria alguém de assassinar um homem de maneira tão desajeitada, enforcando-o?”

“Isso é o que temos de descobrir.”

“Como conseguiram entrar?”

“Pela porta da frente.”

“Estava trancada de manhã.”

“Então foi trancada depois que entraram.”

“Como sabe?”

“Vi os rastros deles. Dê-me licença por um momento e talvez eu possa lhe dar outras informações a esse respeito.”

Foi até a porta e, girando a fechadura, examinou-a de sua maneira metódica. Depois tirou a chave, que estava do lado de dentro, e a inspecionou também. A cama, o tapete, as cadeiras, o aparador da lareira, o corpo morto foram todos examinados, um de cada vez, até que por fim Holmes se declarou satisfeito e, com minha ajuda e a do inspetor, cortou a corda de que pendia o mísero cadáver, deitou-o reverentemente e o cobriu com um lençol.

“E essa corda?” perguntou.

“Foi cortada desta”, disse o dr. Trevelyan, puxando um grande rolo de debaixo da cama. “Ele tinha um medo mórbido de incêndios, e sempre mantinha isso perto de si para poder escapar pela janela caso as escadas estivessem em chamas.”

“Isso lhes deve ter poupado um bom trabalho”, disse Holmes, pensativo. “Sim, os fatos em si mesmos estão muito claros e ficarei surpreso se até hoje à tarde não puder lhes dar também a razão deles. Levarei esta fotografia de Blessington que vejo sobre o aparador, pois ela pode me ajudar em minhas investigações.”

“Mas o senhor não nos disse nada!” exclamou o médico.

“Oh, não pode haver nenhuma dúvida quanto à sequência dos acontecimentos”, disse Holmes. “Houve três homens envolvidos na história: o rapaz, o velho e um terceiro, de cuja identidade não tenho nenhuma pista. Nem preciso dizer que os dois primeiros são os mesmos que se fizeram passar pelo conde russo e seu filho, de modo que podemos dar uma descrição completa deles. Se posso lhe dar um conselho, inspetor, seria o de prender esse mensageiro, que, pelo que entendo, doutor, está a seu serviço há muito pouco tempo.”

“Não se consegue encontrar o diabinho”, disse o dr. Trevelyan; “a criada e a

cozinha estiveram procurando por ele agora mesmo.”

Holmes deu de ombros.

“Ele desempenhou um papel considerável neste drama. Os três homens subiram a escada na ponta dos pés, o velho na frente, o mais jovem em seguida e o homem desconhecido atrás...”

“Meu caro Holmes!” exclamei.

“Ah, não pode haver nenhuma dúvida quanto à superposição das pegadas. Eu tinha a vantagem de ter ficado sabendo quais eram quais na noite passada. Eles subiram, portanto, ao quarto de Mr. Blessington, cuja porta encontraram trancada. Com a ajuda de um arame, no entanto, conseguiram girar a chave. Mesmo sem as lentes os senhores perceberão, pelos arranhões nestas guardas de fechadura, onde a pressão foi aplicada.

“Ao entrar no quarto, a primeira coisa que fizeram deve ter sido amordaçar Mr. Blessington. Talvez ele estivesse dormindo, ou talvez tenha ficado tão paralisado pelo terror que foi incapaz de gritar. Essas paredes são grossas, e é possível que seu grito, caso tenha tido tempo de soltar um, não tenha sido ouvido.

“Depois que o amarraram, é evidente para mim que alguma espécie de conciliábulo teve lugar. Provavelmente tratou-se de algo da natureza de um julgamento. Deve ter durado algum tempo, pois foi então que os charutos foram fumados. O homem mais velho sentou-se naquela cadeira de vime; foi ele quem usou a piteira. O mais jovem sentou-se ali adiante; ele bateu sua cinza contra a cômoda. O terceiro sujeito andou de um lado para outro. Blessington, acho eu, ficou sentado na cama, mas disso eu não posso ter absoluta certeza.

“Bem, ao fim desse conselho eles agarraram Blessington e o enforcaram. Tudo havia sido tão bem preparado de antemão que acredito que eles trouxeram consigo algum tipo de cepo ou polia que poderia servir de forca. Aquela chave de parafuso e aqueles parafusos destinavam-se, segundo acredito, a fixá-lo. Mas ao ver o gancho, eles naturalmente se pouparam do trabalho. Tendo terminado seu trabalho retiraram-se e a porta da rua foi trancada atrás deles por seu cúmplice.”

Todos nós tínhamos ouvido com o mais profundo interesse essa síntese dos acontecimentos da noite, que Holmes deduzira de sinais tão sutis e diminutos que, mesmo depois que ele os mostrava para nós, dificilmente podíamos acompanhá-lo em seus raciocínios. O inspetor partiu imediatamente a toda pressa para fazer investigações sobre o mensageiro, enquanto Holmes e eu voltamos a Baker Street para o desjejum.

“Estarei de volta às três horas”, disse ele quando terminamos a refeição. “O inspetor e o médico virão me encontrar aqui a essa hora e, a essa altura, espero ter elucidado todas as pequenas obscuridades que o caso ainda apresenta.”

Nossos visitantes chegaram na hora marcada, mas já eram quinze para as quatro quando meu amigo apareceu. Mas, por sua expressão ao entrar, pude ver que tudo corria bem para ele.

“Alguma novidade, inspetor?”

“Descobri o garoto, senhor.”

“Excelente, e eu descobri os homens.”

“Descobriu os homens!” exclamamos, todos os três.

“Bem, pelo menos descobri a identidade deles. Esse chamado Blessington é, como eu esperava, muito conhecido na central de polícia, assim como seus agressores. Eles se chamam Biddle, Hayward e Moffat.

“A quadrilha que assaltou o banco Worthingdon!” exclamou o inspetor.

“Precisamente”, respondeu Holmes.

“Ora, isso deixa tudo claro como cristal”, disse o inspetor. Mas Trevelyan e eu olhamos um para o outro, perplexos.



“Descobriu os homens!” exclamamos.”

“Os senhores certamente se lembram do rumoroso caso do banco Worthingdon”, disse Holmes; “cinco homens participaram — estes quatro e um quinto chamado Cartwright. Tobin, o guarda, foi assassinado e os ladrões escaparam com sete mil libras. Isso foi em 1875. Todos os cinco foram presos, mas as provas contra eles estavam longe de ser conclusivas. Esse Blessington ou Sutton, que era o pior da quadrilha, tornou-se informante. Com seu testemunho, Cartwright foi enforcado e os outros três pegaram quinze anos de prisão cada um. Quando saíram, recentemente, alguns anos antes de completarem a pena, decidiram caçar o traidor e vingar a morte de seu companheiro. Tentaram duas vezes pôr as mãos nele e fracassaram; de uma terceira vez, como veem, conseguiram. Há mais alguma coisa que eu poderia explicar, dr. Trevelyan?”

“Penso que o senhor deixou tudo extraordinariamente claro”, disse o médico. “Sem dúvida o dia em que ele se mostrou tão perturbado foi aquele em que havia lido nos jornais sobre a libertação deles.”

“Certamente. E sua conversa sobre roubo era o mais puro disfarce.”

“Mas por que ele não pôde lhe dizer isso?”

“Bem, meu caro senhor, conhecendo o caráter vingativo de seus ex-associados, ele estava tentando esconder a própria identidade de todo o mundo, enquanto pudesse. Seu segredo era vergonhoso, e ele não podia se forçar a divulgá-lo. No entanto, por mais desgraçado que se sentisse, ainda estava vivendo sob a proteção da lei britânica, e não tenho dúvida, inspetor, de que, embora esse escudo possa deixar de proteger, a espada da justiça continua pronta para vingar.”

Estas foram as singulares circunstâncias associadas ao paciente residente e ao médico de Brook Street. Dessa noite em diante a polícia não teve notícia alguma dos três assassinos e supõe-se na Scotland Yard que estavam entre os passageiros do desditoso *Norah Creina*, um barco a vapor que se perdeu alguns anos atrás com todos os marinheiros na costa portuguesa, algumas léguas ao norte da cidade do Porto. O processo contra o mensageiro foi suspenso por falta de provas, e o Mistério de Brook Street, como veio a ser chamado, nunca foi plenamente relatado em nenhum órgão de imprensa.

O INTÉRPRETE GREGO

DURANTE MEU LONGO e íntimo relacionamento com Mr. Sherlock Holmes eu nunca o ouvira fazer menção a seus parentes e quase nunca a sua infância. Essa reticência de sua parte fazia-me vê-lo ainda mais como uma criatura um tanto desumana, até que passei a encará-lo como um fenômeno isolado, um cérebro sem coração, tão deficiente em comisseração humana quanto bem-dotado de inteligência. Sua aversão às mulheres e indisposição para fazer novas amizades eram ambas típicas de seu temperamento fleumático, mas a completa omissão de qualquer referência à sua própria família era um sinal igualmente revelador. Eu me convencera de que ele era órfão, sem parentes vivos; mas um dia, para minha enorme surpresa, ele começou a me falar sobre o irmão.

Foi depois do chá, numa tarde de verão, e a conversa, que vagara de maneira desconexa, espasmódica, de tacos de golfe à mudança na obliquidade da eclíptica, chegou por fim à questão do atavismo e das aptidões hereditárias. O tópico em discussão era até que ponto um talento singular de um indivíduo é devido à sua ancestralidade e até que ponto à educação recebida na infância.

“Em seu próprio caso”, disse eu, “a partir de tudo que me contou, parece óbvio que sua capacidade de observação e sua facilidade particular para a dedução são devidas à sua instrução sistemática.”

“Em certa medida”, respondeu ele, pensativo. “Meus ancestrais eram fidalgos rurais, que parecem ter levado basicamente a vida natural para a gente de sua classe. No entanto, essas minhas inclinações estão em minhas veias, e talvez tenham vindo de minha avó, que era irmã de Vernet, o artista francês. A arte no sangue está sujeita a assumir as mais estranhas formas.”

“Mas como sabe que são hereditárias?”

“Porque meu irmão Mycroft as possui em grau maior que eu.”

Foi de fato uma completa novidade para mim. Se havia um outro homem com capacidades tão singulares na Inglaterra, como se explicava que nem o público nem a polícia tivessem ouvido falar dele? Fiz a pergunta, com uma insinuação de que era a modéstia de meu companheiro que o levava a considerar o irmão como seu superior. Holmes riu de minha sugestão.

“Meu caro Watson”, disse, “não posso concordar com aqueles que incluem a modéstia entre as virtudes. Para o homem lógico, todas as coisas deveriam ser exatamente como são, e subestimar a si mesmo é trair a verdade tanto quanto exagerar os próprios méritos. Portanto, quando digo que Mycroft tem mais capacidade de observação que eu, fique certo de que estou dizendo a verdade exata e literal.”

“Ele é mais moço que você?”

“Sete anos mais velho.”

“Como se explica que seja desconhecido?”



Mycroft Holmes[Sidney Paget, *Strand Magazine*, 1893]

“Oh, é muito conhecido em seu próprio círculo.”

“Onde, então?”

“Bem, no Diogenes Club, por exemplo.”

Eu nunca ouvira falar dessa agremiação, e minha fisionomia deve ter

proclamado isso, pois Sherlock Holmes tirou o relógio da algibeira.

“O Diogenes Club é o mais estranho clube de Londres, e Mycroft um dos mais estranhos de seus sócios. Ele está sempre lá de quinze para as cinco até vinte para as nove. São seis horas agora, portanto, se lhe agradar a ideia de um pequeno passeio nesta bonita tarde, ficarei muito feliz em apresentá-lo a duas curiosidades.”

Cinco minutos depois estávamos na rua, caminhando rumo ao Regent's Circus.

“Você está admirado”, disse meu companheiro, “por Mycroft não usar seus poderes para o trabalho de detetive. Ele é incapaz disso.”

“Mas pensei que você tinha dito...”

“Disse que ele é superior a mim em observação e dedução. Se a arte do detetive começasse e terminasse no raciocínio realizado numa poltrona, meu irmão seria o maior agente criminal que jamais existiu. Mas ele não tem nenhuma ambição e nenhuma energia. Não se daria ao trabalho de ir verificar suas próprias soluções, e preferiria que o julgassem errado a tomar o trabalho de provar que está certo. Inúmeras vezes levei um problema para ele e recebi uma explicação que mais tarde se provou correta. No entanto, ele seria absolutamente incapaz de resolver as questões práticas que devem ser examinadas antes que um caso possa ser apresentado a um juiz ou a um júri.”

“Então essa não é a profissão dele?”

“De maneira alguma. O que para mim é um meio de vida para ele não passa do mero *hobby* de um diletante. Ele tem uma excelente cabeça para números, e audita os livros de alguns departamentos do governo. Mycroft mora em Pall Mall, toda manhã desce a rua, dobra a esquina para ir a Whitehall e volta toda tarde. Entra ano, sai ano, não pratica nenhum outro exercício e não é visto em nenhum outro lugar, exceto o Diogenes Club, que fica exatamente em frente a seu apartamento.”

“Não consigo me lembrar desse nome.”

“Muito provavelmente não. Sabe, há muitos homens em Londres que, alguns por timidez, outros por misantropia, não sentem nenhum desejo da companhia de seus semelhantes. Não são avessos, porém, a poltronas confortáveis e aos últimos periódicos. É para a conveniência deles que o Diogenes Club foi fundado, e hoje congrega os homens mais insociáveis e menos gregários da cidade. Nenhum membro está autorizado a prestar a menor atenção em outro. Exceto na Sala dos Visitantes, nenhuma conversa é permitida, em nenhuma circunstância, e três infrações a essa regra, se levadas ao conhecimento do comitê, deixam o palrador sujeito a expulsão. Meu irmão foi um dos fundadores, e eu mesmo considero a atmosfera do clube extremamente tranquilizante.”

Enquanto falávamos, havíamos chegado a Pall Mall e a estávamos percorrendo a partir da ponta de St. James's. Holmes parou diante de uma porta a pouca distância do Carlton, e, advertindo-me para não falar, conduziu-me ao

vestíbulo. Pelos painéis de vidro pude vislumbrar uma grande e luxuosa sala, em que havia muitos homens sentados, lendo jornais, cada qual em seu canto. Holmes levou-me a uma saleta que dava para Pall Mall e em seguida, deixando-me por um minuto, voltou com um companheiro que eu sabia só poder ser o seu irmão.

Mycroft Holmes era um homem muito maior e mais robusto que Sherlock. Seu corpo era inquestionavelmente adiposo, mas o rosto, embora grande, havia preservado algo da agudeza de expressão que era tão notável no de seu irmão. Seus olhos, que eram de um cinza aguado peculiarmente claro, pareciam conservar sempre aquele olhar distante, introspectivo que eu só observava em Sherlock quando ele exercia seus plenos poderes.

“É um prazer conhecê-lo, senhor”, disse ele, estendendo uma mão larga e gorda, como a nadadeira de uma foca. “Ouço falar de meu irmão em toda parte desde que o senhor se tornou seu cronista. A propósito, Sherlock, esperei vê-lo por aqui semana passada para me consultar sobre aquele caso de Manor House. Pensei que ele escaparia um pouco a seu alcance.”

“Não, eu o resolvi”, disse meu amigo, sorrindo.

“Foi Adams, é claro.”

“Isso mesmo, foi Adams.”

“Eu tinha certeza disso desde o início.” Os dois sentaram-se juntos na janela projetada do clube. “Para qualquer pessoa que deseje estudar a raça humana, este é o lugar”, disse Mycroft. “Veja que tipos magníficos! Olhe esses dois que vêm vindo na nossa direção, por exemplo.”

“O marcador de bilhar e o outro?”

“Precisamente. Que deduz sobre o outro?”

Os dois homens pararam bem em frente à janela. Algumas marcas de giz no bolso do colete eram os únicos sinais de bilhar que eu podia discernir num deles. O outro era um sujeito bem baixinho, moreno, com o chapéu empurrado para trás e vários pacotes debaixo do braço.

“Percebo que é um veterano”, disse Sherlock.

“Que deu baixa muito recentemente”, observou o irmão.

“Serviu na Índia, pelo que vejo.”

“Oficial subalterno.”

“Artilharia Real, imagino.”

“E viúvo.”

“Mas com filho.”

“Filhos, meu caro rapaz, filhos.”

“Convenhamos”, disse eu, rindo, “isto é um pouco demais.”

“Certamente não é difícil”, respondeu Holmes, “dizer que um homem com aquele porte, expressão de autoridade e pele queimada de sol é um soldado, que é mais do que um soldado raso e que veio da Índia há não muito tempo.”

“Que não faz muito que deixou o serviço é demonstrado pelo fato de ainda estar usando as botas de munição, como são chamadas”, observou Mycroft.

“Não tem a maneira de andar do cavalarião, mas usa o chapéu de lado, como o mostra a pele mais clara daquele lado da testa. Pelo peso, dificilmente seria um batedor. Ele é da artilharia.”

“Além disso, é claro, seu luto fechado mostra que perdeu alguém muito querido. O fato de estar fazendo as próprias compras dá a impressão de que se tratou de sua mulher. Andou comprando coisas para crianças, não vê? Ali está um chocalho, que mostra que uma delas é muito nova. A mulher provavelmente morreu de parto. O fato de levar um livro de figuras sob o braço mostra que tem um outro filho em quem pensar.”

Comecei a compreender o que meu amigo tinha em mente quando dissera que o irmão era ainda mais arguto que ele próprio. Ele me olhou de esguelha e sorriu. Mycroft serviu-se de rapé de uma caixinha de tartaruga e sacudiu os grãos que haviam aderido a seu paletó com um grande lenço vermelho de seda.

“A propósito, Sherlock”, disse ele, “um desses problemas de que você gosta — um caso singularíssimo — foi submetido ao meu julgamento. Realmente não tive energia para acompanhá-lo senão de maneira muito incompleta, mas ele me deu base para algumas especulações muito agradáveis. Se quiser ouvir os fatos...”

“Meu caro Mycroft, eu ficaria encantado.”

O irmão rabiscou um bilhete numa folha de sua agenda, e, tocando a sineta, entregou-a ao garçom.

“Pedí a Mr. Melas para dar um pulo aqui. Ele mora no pavimento acima do meu e temos uma relação superficial, o que o impeliu a recorrer a mim em sua perplexidade. Mr. Melas é de origem grega, pelo que entendo, e é um linguista extraordinário. Ganha a vida em parte como intérprete nos tribunais e em parte servindo de guia para orientais abastados que eventualmente se hospedem nos hotéis da Northumberland Avenue. Penso que vou deixar que ele conte sua estranhíssima experiência à sua própria maneira.”

Alguns minutos mais tarde, juntou-se a nós um homem baixo e robusto, cujo rosto azeitonado e cabelo preto como carvão proclamavam sua origem sulista, embora sua fala fosse a de um inglês culto. Sacudiu vigorosamente a mão de Sherlock Holmes e seus olhos escuros faiscaram de prazer quando compreendeu que o especialista estava ansioso por ouvir sua história.

“Não creio que a polícia me dê crédito — palavra que não”, disse numa voz chorosa. “Só porque nunca ouviram falar disso antes, pensam que uma coisa assim não pode acontecer. Mas sei que nunca terei paz de espírito enquanto não souber o que foi feito do meu pobre homem com o esparadrapo no rosto.”

“Sou todo ouvidos”, disse Sherlock Holmes.

“Estamos na noite de quarta-feira”, disse Mr. Melas. “Bem, foi na noite de segunda-feira — apenas dois dias atrás, entende — que tudo aconteceu. Sou um

intérprete, como talvez meu vizinho tenha lhe contado. Interpreto todas as línguas — ou quase todas —, mas como sou grego de nascimento e tenho um nome grego, é com essa língua em particular que sou principalmente associado. Durante muitos anos fui o principal intérprete de grego em Londres e meu nome é muito conhecido nos hotéis.

“Não é raro que estrangeiros em dificuldade, ou viajantes que chegam tarde e precisam de meus serviços, mandem me buscar em horas estranhas. Assim, não fiquei surpreso quando um tal Mr. Latimer, um rapaz vestido com muita elegância, foi ao meu apartamento e pediu-me que o acompanhasse num carro de aluguel que aguardava à porta. Um amigo grego fora vê-lo para tratar de negócios, disse, e como não falava nada além de sua própria língua os serviços de um intérprete eram indispensáveis. Deu-me a entender que sua casa era um pouco distante, em Kensington, e pareceu estar com muita pressa, enfiando-me rapidamente no carro de aluguel quando chegamos à rua.

“Eu disse carro de aluguel, mas logo comecei a duvidar se não estava numa carruagem. Era certamente um veículo mais espaçoso que os carros de quatro rodas que envergonham Londres, e os estofados, embora puidos, eram luxuosos. Mr. Latimer sentou-se em frente a mim e tomamos a Charing Cross e subimos a Shaftesbury Avenue. Tínhamos ido dar na Oxford Street e eu havia me arriscado a observar que aquele era um caminho muito tortuoso para Kensington, quando a conduta extraordinária de meu companheiro me fez calar.

“Ele começou por tirar do bolso um porrete carregado com chumbo da mais temível aparência e brandi-lo para a frente e para trás diversas vezes, como se quisesse testar seu peso e força. Depois, sem uma palavra, colocou-o no assento a seu lado. Tendo feito isso, subiu as janelas dos dois lados, e descobri para meu assombro que estavam revestidas de papel, de modo a impedir que eu visse através delas.

“‘Lamento tirar-lhe a vista, Mr. Melas’, disse o homem. ‘O fato é que não tenho nenhuma intenção de deixá-lo ver para onde o estamos conduzindo. Poderia ser inconveniente para mim que o senhor conseguisse reencontrar o caminho para lá.’

“Como pode imaginar, essas palavras me deixaram inteiramente pasmo. Meu companheiro era um rapaz forte, de ombros largos e, afora a arma, eu não teria a mais ligeira chance numa luta com ele.

“‘Essa é uma conduta muito estranha, Mr. Latimer’, gaguejei. ‘Deve saber que o que está fazendo é inteiramente ilegal.’

“‘É uma certa liberdade, sem dúvida’, disse ele, ‘mas nós o recompensaremos. Devo adverti-lo, no entanto, Mr. Melas, de que se em algum momento esta noite o senhor tentar dar um alarme ou fazer o que quer que seja contra meu interesse, as consequências serão muito graves. Peço-lhe que se lembre de que ninguém sabe onde o senhor está, e que, quer esteja nesta

carruagem ou em minha casa, está igualmente em meu poder.’

“Suas palavras eram serenas, mas ele tinha uma maneira áspera de dizê-las, que era muito ameaçadora. Fiquei em silêncio, refletindo que diabo de razão poderia ele ter para me sequestrar de maneira tão estranha. Fosse ela qual fosse, estava perfeitamente claro que de nada adiantaria eu resistir e que só me restava esperar para ver o que poderia acontecer.

“Rodamos durante quase duas horas sem que eu tivesse a menor pista de para onde íamos. Por vezes o estrépito das rodas me falava de uma estrada calçada de pedras, outras nosso curso fácil e silencioso sugeria asfalto; mas, salvo por essa variação no som, absolutamente nada podia me ajudar da maneira mais remota a formar uma ideia de onde estávamos. O papel nas duas janelas era impenetrável à luz e uma cortina estava puxada sobre a vidraça da frente. Eram sete e quinze quando saímos de Pall Mall, e meu relógio me mostrava que eram nove e dez quando finalmente paramos. Meu companheiro baixou a janela e vislumbrei uma porta baixa e arqueada sobre a qual ardia uma lâmpada. Quando me tiraram às pressas da carruagem, essa porta se abriu e me encontrei dentro da casa, com a vaga impressão de ter visto um gramado e árvores de um lado e de outro ao entrar. Se era um jardim ou se estávamos de fato no campo, é mais do que eu poderia me arriscar a dizer.

“Dentro havia uma luminária a gás colorida com a chama tão baixa que eu não podia ver quase nada, a não ser que o vestibulo era bastante vasto e havia quadros pendurados nas paredes. À luz tênue, pude perceber que a pessoa que abrira a porta era um homenzinho de meia-idade, de aparência insignificante e ombros caídos. Quando se virou para nós, um reflexo mostrou-me que usava óculos.

“‘Este é Mr. Melas, Harold?’ perguntou.

“‘Ele mesmo.’

“‘Muito bem, muito bem! Espero que não nos leve a mal, Mr. Melas, mas não poderíamos dispensar sua ajuda. Se jogar limpo conosco, não se arrependerá, mas se tentar algum truque, que Deus o ajude!’ Falava nervosamente, aos arrancos e por entre risadinhas, mas de alguma maneira me provocou mais medo que o outro.

“‘Que querem de mim?’ perguntei.

“‘Apenas fazer algumas perguntas a um cavalheiro grego que está nos visitando, e que nos traduza as respostas. Mas não diga mais do que lhe for ordenado, ou’ — nova risadinha nervosa — ‘se arrependerá do dia em que nasceu.’

“Enquanto falava, abriu uma porta e indicou-me o caminho para um aposento que pareceu luxuosamente mobiliado, mas novamente toda a luz era fornecida por uma única lâmpada semiabaixada. O aposento era certamente grande e percebi sua riqueza pelo modo como meus pés afundaram no tapete quando

andei. Vislumbrei poltronas de veludo, um alto aparador de lareira de mármore branco e o que parecia ser uma armadura japonesa a um lado dele. Havia uma cadeira bem debaixo da lâmpada, e, com um gesto, o homem idoso mandou-me sentar ali. O mais jovem nos deixara, mas voltou subitamente por uma outra porta, trazendo consigo um cavalheiro, vestido com uma espécie de roupão frouxo, que se aproximou lentamente de nós. Quando passou pelo débil círculo de luz, o que me permitiu vê-lo mais claramente, fiquei arrepiado de horror com sua aparência. Era mortalmente pálido e muito emaciado, e tinha os olhos saltados e brilhantes de um homem cujo espírito era maior do que suas forças. Mas o que me chocou, mais que qualquer sinal de fraqueza física, foi que ele tinha uma grotesca cruz de esparadrapo sobre o rosto, com uma tira larga tapando-lhe a boca.

“Trouxe a lousa, Harold?” perguntou o homem mais velho, quando essa estranha criatura mais caiu do que se sentou numa cadeira. “As mãos dele estão soltas? Bem, então dê-lhe o lápis. Fará as perguntas, Mr. Melas, e ele escreverá as respostas. Pergunte-lhe em primeiro lugar se está disposto a assinar os documentos.”

“Os olhos do homem faiscaram, furiosos.

“‘Nunca!’ escreveu ele em grego na lousa.

“‘Sob nenhuma condição?’

“‘Só se ela for casada na minha presença por um padre grego que eu conheça.’

“O homem soltou uma de suas risadinhas malévolas.

“‘Sabe o que o espera, então?’

“‘Não me preocupo com o que possa me acontecer.’

“Estas são amostras das perguntas e respostas que compuseram nossa estranha conversa, metade falada, metade escrita. Tive de lhe perguntar inúmeras vezes se cederia e assinaria os documentos. Inúmeras vezes recebi a mesma resposta indignada. Mas logo me ocorreu uma boa ideia, e, a cada pergunta, comecei a acrescentar pequenas frases minhas. No início eram inocentes, para testar se algum de nossos companheiros dava mostras de perceber alguma coisa, e depois, como não mostravam nenhum sinal disso, passei a arriscar-me mais. Nossa conversa passou a ser mais ou menos assim:

“‘Não conseguirá nada com essa obstinação. Quem é o senhor?’

“‘Não me importo. Sou um estrangeiro em Londres.’

“‘Seu destino está em suas mãos. Há quanto tempo está aqui?’

“‘Que seja. Três semanas.’

“‘A propriedade nunca poderá ser sua. Qual é o problema com o senhor?’

“‘Ela não cairá nas mãos de canalhas. Estão me matando de fome.’

“‘Ficará livre se assinar. De quem é esta casa?’

“‘Nunca assinarei. Não sei.’

“Não está ajudando em nada. Qual é seu nome?”

“Quero ouvir isso dela. Kratides.”

“Poderá vê-la, se assinar. De onde vem?”

“Então nunca a verei. Atenas.”

“Mais cinco minutos, Mr. Holmes, e eu teria descoberto a história toda bem no nariz deles. A própria pergunta que eu faria em seguida poderia ter esclarecido tudo, mas nesse instante a porta se abriu e uma mulher entrou na sala. Naquela semiobscuridade, pude ver apenas que era alta e graciosa, tinha cabelo preto e usava uma espécie de camisola branca solta.

“Harold, não pude esperar mais”, disse ela num inglês rudimentar. ‘Sinto-me tão sozinha lá em cima só com... Oh, meu Deus, é Paul!’

“Estas últimas palavras foram ditas em grego, e no mesmo instante o homem, num esforço convulsivo, arrancou o esparadrapo dos lábios e correu para os braços da mulher gritando ‘Sophy! Sophy!’. Mas seu abraço só durou um segundo, porque o homem mais moço agarrou a mulher e a empurrou para fora da sala, enquanto o mais velho dominou facilmente sua vítima emaciada e o arrastou pela outra porta. Por um momento fiquei sozinho na sala, e levantei-me, com a vaga ideia de que poderia de algum modo obter uma pista de que casa era aquela em que me encontrava. Felizmente, contudo, não cheguei a dar nenhum passo, pois ao levantar os olhos vi que o homem mais velho estava parado à porta com os olhos fixos em mim.



“Sophy! Sophy!”[Sidney Paget, *Strand Magazine*, 1893]

“Foi o bastante, Mr. Melas’, disse. ‘Como vê, confiamos no senhor com relação a um negócio extremamente privado. Sentimos tê-lo perturbado, mas nosso amigo que fala grego e que começou as negociações foi obrigado a voltar para o Leste. Fomos obrigados a encontrar alguém para substituí-lo, e por sorte ouvimos falar nos seus talentos.’

“Fiz uma vênia.

“Aqui estão cinco soberanos’, disse ele, aproximando-se de mim, ‘que serão, espero, uma remuneração suficiente. Mas lembre-se’, acrescentou, dando-me

um tapinha de leve no peito e soltando uma risadinha, ‘se falar com alguém sobre isto — seja quem for, entende? —, bem, que Deus tenha misericórdia de sua alma!’

“Não posso lhe descrever a repulsa e o horror que esse homem de aparência insignificante me inspirou. Eu podia vê-lo melhor agora que a luz da lâmpada incidia sobre ele. Tinha um aspecto doentio e amarelado e sua barbinha pontuda era rala e mirrada. Empurrava o rosto para a frente enquanto falava e seus lábios e pálpebras contraíam-se continuamente, como se sofresse de coreia. Não pude deixar de pensar que sua risadinha estranha, intermitente, era também um sintoma de alguma doença nervosa. Mas o terror de seu rosto estava nos seus olhos cor de aço, que cintilavam friamente com uma expressão de maligna e inexorável crueldade.

“Ficaremos sabendo se falar sobre isto”, disse ele. “Temos nossos próprios meios de informação. Agora encontrará a carruagem à sua espera; meu amigo o acompanhará.”

“Fui conduzido a toda pressa pelo vestibulo e enfiado no veículo, e pude novamente entrever árvores e um jardim. Mr. Latimer saiu rente a mim e instalou-se na minha frente sem abrir a boca. Novamente, percorremos em silêncio uma distância interminável com as janelas erguidas, até que finalmente, pouco depois da meia-noite, a carruagem parou.

“Descerá aqui, Mr. Melas,” disse meu companheiro. “Lamento deixá-lo tão longe de sua casa, mas não há alternativa. Qualquer tentativa da sua parte de seguir a carruagem só poderá terminar em prejuízo para o senhor.”

“Enquanto falava, ele abriu a porta e mal tive tempo de saltar quando o cocheiro chicoteou o cavalo e a carruagem partiu. Olhei à minha volta, espantado. Eu estava num vasto terreno coberto por um mato baixo, com moitas escuras de tojo. À distância estendia-se uma fileira de casas, com uma luz aqui e outra acolá nas janelas do segundo andar. Do outro lado vi as sinaleiras vermelhas de uma estrada de ferro.

“A carruagem que me trouxera já desaparecera. Fiquei olhando à minha volta, tentando descobrir onde poderia estar, quando vi alguém vindo na minha direção no escuro. Quando se aproximou, percebi que era um carregador da estação.

“Pode me dizer que lugar é este?” perguntei.

“Wandsworth Common”, respondeu ele.

“Posso pegar um trem para a cidade?”

“Se andar cerca de uma milha, chegará ao Entroncamento de Clapham a tempo de pegar o último trem para Victoria.”

“Esse foi o fim da minha aventura, Mr. Holmes. Não sei onde estive, nem com quem falei, nem coisa alguma além do que lhe contei. Mas sei que há uma patifaria acontecendo, e, se puder, quero ajudar aquele infeliz. Conte a história

toda a Mr. Mycroft na manhã seguinte e mais tarde à polícia.”

Depois de ouvir esta extraordinária narrativa, permanecemos todos em silêncio por um breve tempo. Em seguida Sherlock olhou para o irmão.

“Tomou alguma medida?” perguntou.

Mycroft pegou o *Daily News* que estava numa mesinha.

Quem fornecer alguma informação sobre o paradeiro de um cavalheiro grego chamado Paul Kratides, de Atenas, que não fala inglês, será recompensado. Uma recompensa semelhante será paga a quem informar sobre uma senhora grega cujo primeiro nome é Sophy. X 2473

“Isso saiu em todos os jornais diários. Nenhuma resposta.”

“Que dizem na legação da Grécia?”

“Perguntei. Não sabem de nada.”

“Um telegrama para o chefe da polícia de Atenas, então?”

“Sherlock tem toda a energia da família”, disse Mycroft, virando-se para mim. “Bem, é claro que você assumirá o caso; conte-me se conseguir descobrir alguma coisa.”

“Certamente”, respondeu meu amigo, levantando-se. “Eu lhe direi, e a Mr. Melas também. Nesse ínterim, Mr. Melas, no seu lugar eu ficaria alerta, porque evidentemente eles devem ter visto por esses anúncios que o senhor os traiu.”

Quando caminhávamos juntos para casa, Holmes parou num telégrafo e enviou vários telegramas.

“Você vê, Watson”, ele observou, “nossa noite não foi de modo nenhum desperdiçada. Alguns de meus casos mais interessantes vieram assim, por meio de Mycroft. O problema que acabamos de ouvir, embora só possa admitir uma explicação, tem ainda assim algumas características singulares.”

“Tem esperança de resolvê-lo?”

“Bem, sabendo tanto quanto sabemos, seria realmente estranho que não conseguíssemos descobrir o resto. Você mesmo deve ter formado alguma teoria que explique os fatos que ouvimos.”

“De uma maneira vaga, sim.”

“Qual é a sua ideia, então?”

“Pareceu-me óbvio que essa moça grega havia sido sequestrada pelo rapaz inglês chamado Harold Latimer.”

“Sequestrada de onde?”

“De Atenas, talvez.”

Sherlock Holmes sacudiu a cabeça. “Esse rapaz não sabia falar uma palavra de grego. A senhora falava um inglês razoavelmente bom. Inferência: ela está na Inglaterra há algum tempo, mas ele não esteve na Grécia.”

“Bem, nesse caso vamos presumir que ela tenha vindo uma vez numa visita à

Inglaterra e que esse Harold a tenha convencido a fugir com ele.”

“Isso é mais provável.”

“Depois o irmão — porque deve ser esta, imagino, a relação — vem da Grécia para interferir. Imprudentemente, ele se põe nas mãos do rapaz e de seu associado mais velho. Eles o capturam e usam de violência contra ele para fazê-lo assinar alguns papéis que transferem a fortuna da moça — da qual ele talvez seja o curador — para eles. Ele se recusa a isso. Para negociar com ele precisam de um intérprete, e se lançam sobre esse Mr. Melas, depois de terem usado um outro antes. A moça não é informada da chegada do irmão e descobre que ele está lá por mero acidente.”

“Excelente, Watson!” exclamou Holmes. “Penso realmente que não está longe da verdade. Como vê, temos todas as cartas nas mãos e só precisamos ter algum ato de violência repentino da parte deles.”

“Mas como descobrir onde fica essa casa?”

“Bem, se nossa conjectura estiver correta, e o nome da moça é ou foi Sophy Katrides, provavelmente não teremos dificuldade em encontrá-la. Essa deve ser nossa maior esperança, porque o irmão, naturalmente, é um completo estranho. Está claro que algum tempo se passou desde que Harold estabeleceu essas relações com a moça — algumas semanas, pelo menos —, já que o irmão na Grécia teve tempo de saber delas e vir para cá. Se moraram nesse mesmo lugar durante esse intervalo, é provável que tenhamos alguma resposta para o anúncio de Mycroft.”

Enquanto conversávamos, havíamos chegado à nossa casa em Baker Street. Holmes subiu a escada na minha frente, e quando abriu a porta teve um sobressalto de surpresa. Olhando sobre seu ombro, fiquei igualmente espantado. Lá estava seu irmão Mycroft, sentado na poltrona, fumando.

“Entre, Sherlock! Entre, senhor”, disse ele afavelmente, sorrindo de nossos semblantes surpresos. “Não esperava tamanha energia de mim, não é, Sherlock? Mas de alguma maneira esse caso me atrai.”

“Como chegou aqui?”

“Passei por vocês num *hansom*.”

“Houve algum fato novo?”

“Recebi uma resposta para meu anúncio.”

“Ah!”

“Sim, chegou minutos depois que vocês saíram.”

“E diz o quê?”

Mycroft Holmes pegou uma folha de papel.

“Aqui está”, disse, “escrito com uma pena J em papel creme real por um homem de meia-idade de constituição fraca.

Senhor,

Em resposta a seu anúncio de hoje, venho informar-lhe que conheço muito bem a jovem senhora em questão. Se vier visitar-me, poderei fornecer-lhe alguns detalhes de sua penosa história. Ela reside neste momento em The Myrtles, em Beckenham.

Atenciosamente,
J. DAVENPORT

“Ele escreve de Lower Brixton”, disse Mycroft Holmes. “Não acha que poderíamos ir até lá agora, Sherlock, e apurar esses detalhes?”

“Meu caro Mycroft, a vida do irmão é mais valiosa do que a história da irmã. Penso que deveríamos procurar o inspetor Gregson na Scotland Yard e seguir direto para Beckenham. Sabemos que um homem está correndo risco de vida, e cada hora pode ser decisiva.”

“Melhor pegar Mr. Melas a caminho”, sugeriu. “Podemos precisar de um intérprete.”

“Excelente”, disse Sherlock Holmes. “Mande o garoto chamar um *four-wheeler* e partiremos imediatamente.” Enquanto falava abriu a gaveta da mesa e viu que enfiava seu revólver no bolso. “Sim”, disse, em resposta a meu olhar, “pelo que ouvimos, eu diria que estamos lidando com uma quadrilha particularmente perigosa.”

Já estava quase escuro quando nos vimos em Pall Mall, no apartamento de Mr. Melas. Um cavalheiro acabara de passar à sua procura, e ele saíra.

“Pode me dizer aonde foi?” perguntou Mycroft Holmes.

“Não sei, senhor”, respondeu a mulher que abria a porta; “só sei que ele partiu com o cavalheiro numa carruagem.”

“O cavalheiro deu um nome?”

“Não, senhor.”

“Não era um rapaz alto e moreno, muito bem-apeçoado?”

“Oh, não, senhor. Era um cavalheiro pequeno, de óculos, rosto fino, mas de maneiras muito agradáveis, pois ria o tempo todo enquanto falava.”

“Vamos embora!” exclamou Sherlock Holmes abruptamente. “Isto está ficando sério”, ele observou, quando seguíamos para a Scotland Yard. “Esses homens pegaram Melas de novo. Ele é um homem sem nenhuma coragem física, como sabem muito bem pela experiência da outra noite. Esse bandido conseguiu aterrorizá-lo com sua simples presença. Sem dúvida querem seus serviços profissionais, mas, depois de usá-lo, podem estar inclinados a puni-lo pelo que verão como sua traição.”

Nossa esperança era que, tomando o trem, pudéssemos chegar a Beckenham ao mesmo tempo ou mais cedo que a carruagem. Ao chegar à Scotland Yard, contudo, levamos mais de uma hora para conseguir a companhia do inspetor Gregson e satisfazer as formalidades legais que nos permitiriam entrar na casa.

Passava de um quarto para as dez quando chegamos a London Bridge e de dez e meia quando nós quatro saltamos na plataforma de Beckenham. Meia hora de carro nos levou a The Myrtles — uma casa grande e escura, afastada da estrada, num vasto terreno. Ali dispensamos nosso carro de aluguel e fomos andando juntos pela entrada para veículos.

“As janelas estão todas escuras”, comentou o inspetor. “A casa parece deserta.”

“Nossas aves bateram asas e o ninho está vazio”, disse Holmes.

“Por que diz isso?”

“Uma carruagem com bagagem muito pesada passou por aqui durante a última hora.”

O inspetor sorriu. “Vi as marcas de rodas à luz da lâmpada do portão, mas como a bagagem entra na história?”

“Talvez tenha observado as mesmas marcas de roda indo na direção oposta. Mas as que saíram foram muito mais profundas — tanto que podemos dizer com certeza que havia um peso muito considerável na carruagem.”

“Nessa o senhor me pegou”, disse o inspetor, dando de ombros. “Essa não será uma porta fácil de arrombar, mas vamos tentar se não conseguirmos que alguém nos ouça.”

Bateu ruidosamente a aldrava e tocou a campainha, mas sem nenhum sucesso. Holmes havia se afastado, mas voltou minutos depois.

“Abri uma janela”, disse ele.

“É uma bênção que esteja do lado da polícia, e não contra ela, Mr. Holmes”, observou o inspetor quando notou a maneira engenhosa como meu amigo havia forçado o trinco. “Bem, penso que nestas circunstâncias podemos entrar sem convite.”

Um após o outro, penetramos num amplo aposento, que era evidentemente aquele em que Mr. Melas se encontrara. O inspetor acendeu uma lanterna e à sua luz pudemos ver as duas portas, a cortina, a lâmpada e a cota de malha japonesa, como ele as descrevera. Sobre a mesa havia dois copos, uma garrafa de conhaque vazia e os restos de uma refeição.

“Que é isto?” perguntou Holmes de repente.

Ficamos todos imóveis e ouvimos. Um débil gemido vinha de algum lugar sobre nossas cabeças. Holmes correu para a porta e entrou no vestibulo. O lúgubre ruído vinha do pavimento superior. Ele subiu correndo, o inspetor e eu nos seus calcanhares, enquanto seu irmão Mycroft nos acompanhava o mais depressa que sua corpulência permitia.

Vimo-nos diante de três portas no segundo andar, e era da central que aqueles sons sinistros estavam saindo, reduzindo-se por vezes a um murmúrio surdo e elevando-se de novo num queixume agudo. Estava trancada, mas a chave fora deixada do lado de fora. Holmes abriu-a e entrou correndo, mas saiu de novo

num instante, a mão na garganta.

“É carvão!” gritou. “Esperemos um pouco. Vai se dissipar.”

Olhando lá dentro, podíamos ver que a única luz no cômodo vinha de uma chama fosca que bruxuleava sobre um pequeno tripé de latão no centro. Ela projetava um círculo lívido e lúgubre no piso, enquanto nas sombras adiante vimos dois vultos indistintos agachados contra a parede. Pela porta aberta escapava uma horrível exalação venenosa que nos fazia arfar e tossir. Holmes correu ao topo da escada para inspirar ar fresco; em seguida, entrou correndo no quarto, escancarou a janela e arremessou o tripé de latão no jardim.

“Dentro de um minuto poderemos entrar”, disse, arfante, ao sair correndo do quarto. “Onde há uma vela? Duvido que possamos riscar um fósforo nessa atmosfera. Segure a lanterna junto à porta, Mycroft, e nós os tiraremos. Agora!”

Agarramos correndo os homens envenenados e os arrastamos para o vestibulo bem iluminado. Ambos estavam desacordados, com lábios roxos, faces inchadas e congestionadas e olhos esbugalhados. De fato, seus traços estavam tão distorcidos que, exceto pela barba preta e a corpulência, poderíamos não ter reconhecido um deles como o intérprete grego que se afastara de nós apenas poucas horas antes no Diogenes Club. Ele tinha as mãos e os pés firmemente amarrados juntos e exibia sobre um olho as marcas de um golpe violento. O outro, amarrado de maneira semelhante, era um homem alto no mais extremo grau de emagrecimento, com várias tiras de esparadrapo pregadas no rosto de maneira grotesca. Havia cessado de gemer quando o depositamos no chão, e um rápido olhar mostrou-me que, pelo menos para ele, nossa ajuda havia chegado tarde demais. Mr. Melas, no entanto, ainda vivia, e em menos de uma hora, com o auxílio de amoníaco e conhaque, tive a satisfação de vê-lo abrir os olhos e saber que minha mão o trouxera de volta daquele escuro vale em que todos os caminhos se encontram.



“‘É carvão!’ gritou.”[Sidney Paget, *Strand Magazine*, 1893]

Era simples a história que ele tinha para contar, e apenas confirmou nossas deduções. Seu visitante, ao entrar em seu apartamento, havia sacado o porrete de ponta chumbada da manga e ele tivera tanto medo da morte imediata e inevitável que se deixara sequestrar pela segunda vez. De fato, o efeito que aquele bandido sorridente havia produzido sobre o infeliz linguista era quase hipnótico, pois só de falar dele ficava com as mãos trêmulas e as faces lívidas. Havia sido levado rapidamente para Beckenham e atuara como intérprete numa

segunda entrevista, mais dramática ainda que a primeira, em que os dois ingleses haviam ameaçado seu prisioneiro de morte imediata se não acedesse a suas exigências. Finalmente, vendo que o homem resistia a todas as ameaças, haviam-no lançado de volta em sua prisão, e depois de censurar Melas por sua traição, que se revelara pelo anúncio nos jornais, haviam-lhe dado uma porretada que o fizera perder os sentidos, e ele não se lembrava de mais nada antes de nos ver debruçados sobre si.

Esse foi o singular caso do Intérprete Grego, cuja explicação encontra-se até hoje envolvida em certo mistério. Conseguimos descobrir, entrando em contato com o cavalheiro que havia respondido ao anúncio, que a infeliz jovem, que pertencia a uma abastada família grega, estivera visitando alguns amigos na Inglaterra. Nesse período, conheceu um rapaz chamado Harold Latimer, que adquirira grande ascendência sobre ela e finalmente a convencera a fugir em sua companhia. Os amigos da jovem, chocados com o fato, haviam se contentado em informar o irmão dela em Atenas e depois lavaram as mãos. O irmão, ao chegar à Inglaterra, pusera-se imprudentemente no poder de Latimer e seu cúmplice, cujo nome era Wilson Kemp — homem com os piores antecedentes. Esses dois, ao constatar que, em razão de sua ignorância da língua, o homem estava indefeso em suas mãos, o haviam mantido prisioneiro e haviam tentado, submetendo-o a crueldades e à fome, obrigá-lo a assinar papéis transmitindo-lhes seus próprios bens e os da irmã. Mantinham-no na casa sem o conhecimento da moça, e o esparadrapo no rosto tinha a finalidade de dificultar sua identificação caso ela chegasse a entrevistá-lo. Mas sua percepção feminina o reconheceu imediatamente através do disfarce quando, por ocasião da visita do intérprete, ela o viu pela primeira vez. A pobre moça, no entanto, estava ela mesma prisioneira, pois não havia ninguém na casa a não ser o homem que trabalhava como cocheiro e sua mulher, ambos instrumentos dos conspiradores. Ao ver que seu segredo fora revelado, e que seu prisioneiro não se deixaria coagir, os dois patifes haviam fugido poucas horas depois, levando a moça, da casa mobiliada que tinham alugado, tendo primeiro, conforme pensavam, se vingado do homem que os desafiara e daquele que os traía.

Meses mais tarde, chegou-nos um curioso recorte de jornal vindo de Budapeste. Contava o trágico fim encontrado por dois ingleses que viajavam com uma mulher. Ambos haviam sido apunhalados, ao que parecia, e a polícia húngara era da opinião de que tinham brigado e se infligido ferimentos mortais um ao outro. Acho, contudo, que Holmes tem um modo de pensar diferente; até hoje ele sustenta que, se a moça grega fosse encontrada, seria possível saber como os agravos sofridos por ela própria e pelo irmão vieram a ser vingados.

O TRATADO NAVAL

TRÊS CASOS DE GRANDE INTERESSE, em que tive o privilégio de estar associado a Sherlock Holmes e de estudar seus métodos, tornaram memorável o mês de julho que se seguiu imediatamente ao meu casamento. Encontro-os registrados em minhas anotações sob os títulos “A segunda mancha”, “O tratado naval” e “O capitão cansado”. O primeiro deles, contudo, lida com interesses de tamanha importância e envolve tantas das famílias mais importantes do reino que por muitos anos será impossível torná-lo público. Nenhum caso em que Holmes esteve envolvido, porém, ilustrou o valor de seus métodos analíticos tão claramente, ou impressionou de maneira tão profunda os que estiveram associados a ele. Ainda conservo um relato quase *ipsis litteris* da entrevista em que ele demonstrou os verdadeiros fatos para Monsieur Dubuque da polícia de Paris e Fritz von Waldbaum, o famoso especialista de Dantzig, que desperdiçaram ambos suas energias no que se provaram ser questões secundárias. O novo século terá chegado, porém, antes que essa história possa ser contada com segurança. Enquanto isso, passo à segunda de minha lista, que também prometeu em certa época ser de importância nacional e foi marcada por vários incidentes que lhe conferem um caráter singular.

No meu tempo de escola eu tivera uma relação muito estreita com um rapaz chamado Percy Phelps, que tinha praticamente a mesma idade que eu, embora estivesse duas séries à minha frente. Era um menino muito brilhante e arrebatava todos os prêmios que a escola tinha para oferecer, e concluiu suas proezas ganhando uma bolsa de estudos que lhe permitiu continuar sua brilhante carreira em Cambridge. Ele era, eu me lembro, extremamente bem-relacionado, e mesmo quando éramos todos meninos pequenos sabíamos que sua mãe era irmã do notável político conservador Lord Holdhurst. Esse brilhante parentesco de pouco lhe adiantava na escola. Ao contrário, parecia-nos algo bastante malicioso persegui-lo pelo pátio e atingi-lo nas canelas com uma baliza. Mas as coisas mudaram muito quando ele ingressou na sociedade. Ouvi falar vagamente que sua capacidade e influência lhe haviam valido uma boa posição no Ministério das Relações Exteriores, depois ele saiu por completo de minha mente até que a seguinte carta me fez lembrar sua existência:

Briarbrae, Woking

MEU CARO WATSON,

Não tenho dúvida de que se lembra de “Tadpole” Phelps, que estava na quinta série quando você estava na terceira. É possível até que tenha sabido que,

através da influência de meu tio, obtive um bom cargo no Ministério das Relações Exteriores e ocupei uma posição de responsabilidade e honra até que um terrível infortúnio veio subitamente arruinar minha carreira.

É inútil descrever aqui os detalhes do horrível acontecimento. Caso atenda ao meu pedido é provável que eu tenha de narrá-los para você. Acabo de me recobrar de nove semanas de febre cerebral e ainda estou extremamente fraco. Pensa que poderia trazer seu amigo Mr. Holmes para me ver? Eu gostaria de ter a opinião dele sobre o caso, embora as autoridades me assegurem que nada mais pode ser feito. Tente trazê-lo o mais depressa possível. Cada minuto parece uma hora enquanto vivo neste estado de pavoroso suspense. Assevere-lhe que, se não pedi seu conselho mais cedo, não foi por não apreciar seus talentos, mas porque estive fora de mim desde que o golpe me atingiu. Agora estou lúcido novamente, embora não ouse confiar muito nisto por medo de uma recaída. Ainda estou tão combalido que tenho de escrever, como vê, ditando. Por favor, tente trazê-lo,

seu velho colega de escola,
PERCY PHELPS

Alguma coisa me tocou quando li essa carta, havia algo de patético nos apelos reiterados para levar-lhe Holmes. Fiquei tão comovido que, mesmo que isso fosse difícil, teria tentado, mas naturalmente sabia que Holmes amava sua arte, estando portanto sempre pronto a levar sua ajuda a qualquer cliente que dela precisasse. Minha mulher concordou comigo que eu não deveria perder um minuto antes de lhe expor a questão, e assim menos de uma hora após meu desjejum vi-me mais uma vez de volta aos antigos aposentos de Baker Street.

Encontrei Holmes sentado a uma mesa, vestindo seu roupão e trabalhando com afinco numa investigação química. Uma grande retorta curva fervia furiosamente à chama azulada de um bico de Bunsen, e as gotas destiladas condensavam-se numa medida de dois litros. Meu amigo mal olhou para mim quando entrei, e eu, vendo que sua investigação devia ser importante, sentei-me numa poltrona e esperei. Ele mergulhava uma pipeta de vidro nesta ou naquela garrafa, extraindo algumas gotas de cada uma, e finalmente levou para a mesa um tubo de ensaio contendo uma solução. Na mão direita segurava uma tira de papel de tornassol.

“Você chegou num momento crítico, Watson”, disse ele. “Se este papel ficar azul, está tudo bem. Se ficar vermelho, isso significa a vida de um homem.” Mergulhou-o no tubo de ensaio e ele corou imediatamente, ficando de um rubro fosco, sujo. “Hum! É o que pensei!” exclamou. “Estarei às suas ordens num instante, Watson. Encontrará tabaco no chinelo persa.” Voltou-se para sua escrivaninha e escreveu às pressas vários telegramas, que foram entregues ao mensageiro. Em seguida jogou-se na poltrona em frente e puxou os joelhos até

seus dedos cingirem suas canelas compridas e finas.

“Um pequeno assassinato dos mais banais. Você tem coisa melhor, imagino. Você é o andorinhão-das-tormentas do crime, Watson. Qual é desta vez?”

Entreguei-lhe a carta, que ele leu com a mais concentrada atenção.

“Não nos diz muita coisa, não é?” observou ao devolvê-la.

“Praticamente nada.”

“Apesar disso, a letra é interessante.”

“Mas a letra não é dele.”

“Precisamente. É de uma mulher.”

“De um homem, com certeza”, exclamei.

“Não, é de uma mulher, e uma mulher de caráter raro. Veja, no início de uma investigação já é alguma coisa saber que seu cliente está em estreito contato com alguém que, para bem ou para mal, tem uma natureza excepcional. Meu interesse pelo caso já está despertado. Se você estiver pronto, partiremos imediatamente para Woking e veremos esse diplomata que está em tamanho apuro e a dama a quem dita suas cartas.”

Tivemos a sorte de pegar logo um trem em Waterloo e em pouco menos de uma hora encontramos em meio às matas de abetos e urzes de Woking. Briarbrae revelou-se uma casa grande, isolada num vasto terreno, a alguns minutos de caminhada da estação. Após enviar nossos cartões, fomos introduzidos numa sala de visitas elegantemente mobiliada, onde, passados alguns minutos, veio ao nosso encontro um homem bastante gordo que nos recebeu com muita hospitalidade. Devia estar mais perto dos quarenta que dos trinta anos, mas as faces eram tão coradas e os olhos tão joviais que ainda dava a impressão de um garoto gorducho e travesso.

“Estou tão feliz por terem vindo”, disse, sacudindo nossas mãos com efusão. “Percy passou a manhã toda perguntando pelos senhores. Ah, o pobre rapaz, ele se agarra a qualquer esperança! Os pais dele me pediram para recebê-los, porque a mera menção do assunto lhes é muito penosa.”

“Ainda não temos nenhum detalhe”, observou Holmes. “Pelo que entendo, o senhor mesmo não é um membro da família.”

Nosso interlocutor pareceu surpreso e em seguida, olhando para baixo, começou a rir.

“Claro, o senhor viu o monograma J.H. em meu medalhão”, disse ele. “Por um momento pensei que tinha feito algo de sagaz. Joseph Harrison é meu nome, e, como Percy deverá se casar com minha irmã Annie, serei pelo menos um parente por afinidade. Encontrarão minha irmã no quarto dele, pois ela tem cuidado incansavelmente do rapaz nestes últimos dois meses. Talvez o melhor seja avançarmos já, pois sei como ele é impaciente.”

O aposento para o qual fomos levados ficava no mesmo piso que a sala de visitas. Estava mobiliado em parte como sala de estar e em parte como quarto de

dormir, com flores caprichosamente arranjadas em todos os cantos. Vimos um rapaz muito pálido e abatido deitado num sofá perto da janela aberta, pela qual entrava o perfume insinuante do jardim e o ar balsâmico do verão. Junto dele sentava-se uma mulher, que se levantou quando entramos.

“Devo sair, Percy?” perguntou ela.

Ele lhe agarrou a mão para detê-la. “Como vai, Watson?” perguntou cordialmente. “Eu nunca o teria reconhecido com esse bigode, e aposto que você não poria a mão no fogo por minha identidade. Este, presumo, é seu célebre amigo, Mr. Sherlock Holmes?”

Apresentei-o em poucas palavras, e ambos nos sentamos. O homem corpulento nos deixara, mas sua irmã ficou, com a mão na do doente. Era uma mulher de aparência impressionante; um pouco baixa e cheia, não exibia belas proporções, mas tinha uma bonita pele azeitonada, grandes e escuros olhos italianos e basta cabeleira negra. Em contraste com seu colorido intenso, a face branca do seu companheiro parecia ainda mais abatida e pálida.

“Não o farei perder tempo”, disse ele, soerguendo-se no sofá. “Irei direto ao assunto sem mais preâmbulos. Eu era um homem feliz e bem-sucedido, Mr. Holmes, e estava às vésperas do meu casamento, quando um súbito e pavoroso infortúnio arruinou todas as minhas perspectivas na vida.

“Eu trabalhava, como Watson deve ter lhe contado, no Ministério das Relações Exteriores, e graças à influência de meu tio, Lord Holdhurst, ascendi rapidamente a uma posição de responsabilidade. Quando meu tio se tornou ministro das Relações Exteriores nesta administração, deu-me várias missões de confiança, e como sempre as levei a bom termo ele passou por fim a depositar a maior confiança em minha capacidade e tato.

“Quase dez semanas atrás — para ser mais preciso, no dia 23 de maio — ele me chamou a seu gabinete privado e, após me cumprimentar pelo bom trabalho que fizera, me informou de que tinha uma nova incumbência de confiança para me dar.

“‘Este’, disse, pegando um rolo de papel cinza de sua escrivaninha, ‘é o original daquele tratado secreto entre a Inglaterra e a Itália acerca do qual, lamento dizer, alguns rumores já chegaram à imprensa pública. É de capital importância que nada mais vazze. A embaixada da França ou a da Rússia pagaria uma soma imensa para saber do conteúdo destes papéis. Eles não deveriam deixar meu gabinete, não fosse absolutamente necessário copiá-los. Tem uma escrivaninha em seu escritório?”

“Tenho, senhor.”

“Então leve o tratado e tranque-o nela. Darei ordens para que lhe seja permitido permanecer hoje no Ministério depois da saída dos outros, de modo que possa fazer a cópia tranquilamente, sem medo de ser visto. Quando tiver terminado, volte a trancar tanto o original quanto a cópia na escrivaninha para

devolvê-los a mim pessoalmente amanhã cedo.’

“Peguei os papéis e...”

“Desculpe-me um instante”, disse Holmes. “Os senhores estavam a sós durante essa conversa?”

“Sem dúvida nenhuma.”

“Numa sala grande?”

“Nove por nove metros.”

“No centro?”

“Sim, aproximadamente.”

“E falando baixo?”

“A voz de meu tio é sempre notavelmente baixa. Eu mal disse alguma coisa.”

“Muito obrigado”, disse Holmes, fechando os olhos; “por favor, continue.”

“Fiz exatamente o que ele mandou e esperei que os demais funcionários saíssem. Como um dos que trabalham na minha sala, Charles Gorot, tinha um serviço atrasado para terminar, deixei-o lá e saí para jantar. Quando voltei, ele já saíra. Eu estava ansioso para apressar o meu trabalho, pois sabia que Joseph — Mr. Harrison, que os senhores acabaram de conhecer — estava na cidade e pegaria o trem das onze para Woking, e eu esperava poder alcançá-lo.

“Quando pude examinar o tratado, vi de imediato que era de tal importância que meu tio não fora culpado de nenhum exagero em suas palavras. Sem entrar em detalhes, posso dizer que ele definia a posição da Grã-Bretanha em relação à Triplíce Aliança e prenunciava a política que este país adotaria caso a frota francesa dominasse por completo a da Itália no Mediterrâneo. As questões tratadas nele eram puramente navais. No final, viam-se as assinaturas dos altos dignitários que o haviam pactuado. Passei uma vista-d’olhos no texto e instalei-me para fazer a minha cópia.



“Então leve o tratado.”[Sidney Paget, *Strand Magazine*, 1893]

“Era um documento longo, escrito em francês, com vinte e seis diferentes artigos. Copiei-os tão depressa quanto pude, mas às nove horas só terminara nove artigos e, pelo que parecia, não me restava nenhuma esperança de pegar meu trem. Estava me sentindo sonolento e lerdo, em parte por causa do meu jantar e também em consequência de um longo dia de trabalho. Uma xícara de café desanuviaria a minha mente. Um contínuo passa a noite toda num cubículo ao pé da escada e costuma fazer café em sua espreiteira para os funcionários que

venham a fazer serão. Assim, toquei a campainha para chamá-lo.

“Para minha surpresa, foi uma mulher que atendeu ao chamado, uma mulher idosa, grande, de traços grosseiros, usando avental. Ela explicou que era a mulher do contínuo, que fazia a faxina, e eu lhe pedi o café.

“Copiei mais dois artigos e depois, sentindo-me mais sonolento que nunca, levantei-me e pus-me a caminhar de um lado para outro da sala para esticar as pernas. Meu café ainda não chegara, e perguntei a mim mesmo qual poderia ser a causa daquela demora. Abrindo a porta, saí pelo corredor para descobrir. Havia um corredor reto, mal-iluminado, que era a única saída da sala em que eu estivera trabalhando. Ele terminava numa escada curva, com o cubículo do contínuo no corredor do térreo. Na metade dessa escada havia um pequeno patamar, com outro corredor dando para ela em ângulo reto. Este segundo corredor levava, por meio de uma segunda escadinha, a uma porta lateral, usada pelos serventes, e também, como um atalho, pelos funcionários que vinham de Charles Street. Aqui está um mapa rudimentar do lugar.”

“Muito obrigado. Acho que o entendo perfeitamente”, disse Sherlock Holmes.

“É da máxima importância que o senhor registre este detalhe. Quando desci a escada e cheguei ao vestibulo, dei com o contínuo dormindo profundamente em seu cubículo, com a chaleira fervendo a todo vapor sobre a espiriteira. Peguei a chaleira e apaguei a lamparina, porque a água estava jorrando no chão. Em seguida estendi a mão e estava prestes a sacudir o homem, que continuava num sono pesado, quando uma sineta sobre a cabeça dele soou fortemente e ele acordou, sobressaltado.

“Mr. Phelps!” disse, olhando-me atônito.

“Desci para ver se meu café estava pronto.”

“Estava fervendo a água quando caí no sono, senhor.” Olhou para mim e depois levantou os olhos para a sineta que ainda oscilava, com uma expressão cada vez mais espantada.

“Se o senhor está aqui, então quem tocou a campainha?” perguntou.

“A campainha!” exclamei. “Que sineta é essa?”

“É a sineta da sala em que o senhor estava trabalhando.”

“Senti uma mão gelada apertando-me o coração. Havia alguém naquela sala, portanto, com meu precioso tratado aberto sobre a mesa. Voei escada acima e ao longo do corredor. Não havia ninguém no caminho, Mr. Holmes. Não havia ninguém na sala. Tudo estava exatamente como eu deixara, salvo que os papéis que me haviam sido confiados já não estavam sobre a escrivaninha onde eu os deixara. A cópia estava lá, mas o original desaparecera.”

Holmes sentou-se em sua cadeira e esfregou as mãos. Pude ver que estava fascinado pelo problema. “Diga-me, que fez então?” murmurou.

“Reconheci num átimo que o ladrão devia ter chegado à escada pela porta lateral. Se tivesse tomado algum outro caminho eu o teria encontrado.”

“Tem certeza de que ele não poderia ter estado escondido na sua sala o tempo todo, ou no corredor, que acaba de descrever como mal-iluminado?”

“É absolutamente impossível. Um rato não teria podido se esconder nem na sala, nem no corredor. Não há nada atrás do que se ocultar.”

“Obrigado. Por favor, prossiga.”

“O contínuo, vendo pelo meu rosto lívido que havia alguma coisa a temer, acompanhara-me até em cima. Nesse momento, nós dois saímos desabalados pelo corredor e descemos os íngremes degraus da escada que levava a Charles Street. A porta lá embaixo estava fechada, mas destrancada. Nós a abrimos e saímos correndo. Posso me lembrar nitidamente de que ao sairmos ouvíram-se três repiques dos sinos de uma igreja vizinha. Era um quarto para as dez.”

“Isso é de enorme importância”, disse Holmes, tomando nota no punho da camisa.

“A noite estava muito escura e caía uma chuva fina e morna. Não havia vitalma em Charles Street, mas, como sempre, um tráfego intenso fluía em Whitehall, na extremidade. Corremos pela calçada, sem chapéu, e na esquina mais distante encontramos um guarda.

“Um roubo foi cometido”, disse eu, ofegante. “Um documento de imenso valor foi furtado do Ministério das Relações Exteriores. Alguém passou por aqui?”

“Estou parado aqui há um quarto de hora, senhor”, respondeu ele, “uma única pessoa passou durante esse tempo — uma mulher, alta e idosa, com um xale de *paisley*.”

“Ah, foi apenas a minha mulher”, exclamou o contínuo; “não passou mais ninguém?”

“Ninguém.”

“Então o ladrão deve ter tomado a direção contrária”, exclamou o sujeito, puxando minha manga.

“Mas eu não estava inteiramente convencido, e as tentativas que ele fez de me arrastar aumentaram minhas desconfianças.

“Que caminho a mulher tomou?” perguntei.

“Não sei, senhor. Vi-a passar, mas não tinha motivo especial para observá-la. Parecia estar com pressa.”

“Há quanto tempo foi isso?”

“Oh, não faz muitos minutos.”

“Menos de cinco?”

“Bem, não poderia ter sido mais de cinco.”

“Está só perdendo tempo, senhor, e cada minuto agora é importante”, exclamou o contínuo; “acredite em mim, minha velha mulher nada tem a ver com isso, vamos para a outra ponta da rua. Bem, se o senhor não for, eu vou.” E com essas palavras saiu às pressas na outra direção.

“Mas num instante saí atrás dele e agarrei-o pela manga.

“Onde mora?” perguntei.

“Em Ivy Lane nº 15, Brixton”, respondeu. “Mas não se deixe levar por uma pista falsa, Mr. Phelps. Vamos à outra ponta da rua e vejamos se é possível descobrir alguma coisa.”

“Não se perderia nada seguindo seu conselho. Lá fomos os dois, acompanhados pelo guarda, mas o que vimos foi uma rua movimentada, com muita gente indo e vindo, todas ansiosas por chegar a um abrigo numa noite tão chuvosa. Não havia nenhum ocioso parado por ali para nos dizer quem havia passado.

“Voltamos então ao escritório e revistamos a escada e o corredor sem nenhum resultado. O corredor que leva à sala é forrado com um tipo de linóleo creme que fica marcado muito facilmente. Nós o examinamos com todo o cuidado, mas não encontramos nenhuma pegada.”

“Estivera chovendo a noite toda?”

“Desde as sete horas, aproximadamente.”

“Como se explica, então, que a mulher que entrou na sala por volta das nove não tenha deixado nenhum vestígio com suas botas enlameadas?”

“Alegra-me que tenha levantado esse ponto. Ocorreu-me na ocasião. As faxineiras têm o costume de tirar as botas no cubículo do contínuo e calçar pantufas.”

“Isso está muito claro. Portanto não havia marcas, embora a noite fosse chuvosa? A cadeia de eventos é certamente de extraordinário interesse. Que fez em seguida?”

“Examinamos a sala também. Não há nenhuma possibilidade de haver uma porta secreta e as janelas ficam a bons nove metros do piso. Ambas estavam trancadas por dentro. O tapete elimina qualquer possibilidade de um alçapão e o teto é do tipo comum, caiado. Juro pela minha vida que a pessoa que roubou meus papéis só pode ter passado pela porta.”

“Que diz da lareira?”

“Não há nenhuma, e sim uma estufa. A corda da campainha pende do fio exatamente à direita de minha escrivaninha. Quem a tocou deve ter chegado bem rente a ela. Mas por que um criminoso desejaria tocar a campainha? É um mistério absolutamente insolúvel.”

“Sem dúvida é um incidente inusitado. Quais foram suas medidas seguintes? Examinou a sala, presumo, para ver se o invasor havia deixado algum traço — alguma ponta de charuto, luva caída, grampo de cabelo ou outra bagatela?”

“Não havia nada dessa espécie.”

“Nenhum cheiro?”

“Bem, isso nunca nos ocorreu.”

“Ah, um odor de tabaco teria sido de grande valor para nós numa investigação como essa.”

“Como eu mesmo nunca fumo, acho que teria notado se houvesse algum cheiro de tabaco. Não havia absolutamente nenhum indício de nenhum tipo. O único fato tangível era que a mulher do contínuo — Mrs. Tangey, é o nome dela — havia saído às pressas do lugar. Ele não pôde dar nenhuma explicação, a não ser que era sua hora habitual de ir para casa. O guarda e eu concordamos que o melhor plano seria pegar a mulher antes que ela pudesse se livrar dos papéis, presumindo estivessem com ela.

“A essa altura o alarme chegara à Scotland Yard, e Mr. Forbes, o detetive, foi até lá imediatamente e assumiu o caso com muita energia. Alugou um *hansom* e em meia hora estávamos no endereço que nos fora dado. A porta foi aberta por uma jovem que vinha a ser a filha mais velha de Mrs. Tangey. Sua mãe ainda não chegara e ela nos levou à sala da frente para esperar.

“Cerca de dez minutos depois ouvimos uma batida à porta, e ali cometemos o único erro sério, pelo qual me culpo. Em vez de abrir a porta nós mesmos, deixamos que a moça o fizesse. Ouvimos suas palavras: ‘Mãe, há dois homens aqui à sua espera’, e, um instante depois, passos apressados pelo corredor. Forbes abriu a porta, e corremos ambos para o cômodo dos fundos ou cozinha, mas a mulher chegara lá antes de nós. Encarou-nos com olhos desafiadores e depois, reconhecendo-me subitamente, assumiu uma expressão de espanto absoluto.

“‘Meu Deus, não é Mr. Phelps, do escritório?’ exclamou.

“‘Ora, ora, quem pensou que éramos quando correu de nós?’ perguntou meu companheiro.

“‘Pensei que eram os cobradores, tivemos alguns problemas com um comerciante.’

“‘Essa explicação não é lá muito convincente’, respondeu Forbes. ‘Temos razão para acreditar que a senhora tirou um papel importante do Ministério das Relações Exteriores e correu para cá para se desfazer dele. Deve voltar conosco para a Scotland Yard para ser revistada.’

“Foi em vão que ela protestou e resistiu. Um *four-wheeler* foi levado e nós três voltamos nele. Antes havíamos dado uma busca na cozinha, especialmente no fogão, para ver se ela poderia ter se desvencilhado dos papéis no instante em que ficou sozinha. Mas não havia quaisquer sinais de cinzas ou pedaços de papel. Quando chegamos à Scotland Yard ela foi imediatamente confiada à policial encarregada das revistas. Esperei em afritivo suspense até que ela voltou com o relatório. Não havia nenhum sinal dos papéis.



“Meu Deus, não é Mr. Phelps?”
[Sidney Paget, *Strand Magazine*, 1893]

“Foi então que, pela primeira vez, dei-me conta do horror de minha situação em toda a sua plenitude. Até então estivera agindo, e a ação entorpecera o pensamento. Estivera tão confiante de que logo recuperaria o tratado que não ousara pensar nas consequências caso isso não ocorresse. Mas agora não havia mais nada a fazer, e tive tempo para compreender minha posição. Ela era horrível. Watson pode lhe contar que, na escola, eu era um menino sensível, nervoso. É minha natureza. Pensei em meu tio e em seus colegas no Gabinete, na vergonha que lançaria sobre ele, sobre mim, sobre todas as pessoas ligadas a mim. Que importava que eu fosse a vítima de um acidente extraordinário? Quando há interesses diplomáticos em jogo, não se admitem acidentes. Eu estava arruinado, vergonhosa, irremediavelmente arruinado. Não sei o que fiz. Devo ter feito uma cena. Tenho uma vaga lembrança de um grupo de oficiais à minha volta, tentando me acalmar. Um deles tomou um carro comigo até Waterloo e me pôs no trem para Woking. Acredito que teria feito toda a viagem comigo se o dr. Ferrier, que mora perto de mim, não fosse tomar aquele mesmo trem. Muito bondosamente, o médico encarregou-se de mim e isso foi uma sorte, porque tive um ataque na estação e antes que chegássemos em casa tornara-me

praticamente um maniaco frenético.

“Pode imaginar o alvoroço das pessoas aqui quando foram tiradas da cama pelos toques de campainha do médico e me encontraram nesse estado. A pobre Annie e minha mãe ficaram desoladas. O dr. Ferrier ouvira o bastante do detetive na estação para ser capaz de dar uma ideia do que acontecera, e sua história não melhorou a situação. Era evidente para todos que eu sofreria uma longa doença, de modo que Joseph foi despejado deste alegre quarto, que foi transformado num quarto de enfermo para mim. Aqui passei nove semanas, Mr. Holmes, inconsciente e delirante com febre cerebral. Não tivessem sido Miss Harrison aqui e os cuidados do médico, não estaria conversando com o senhor agora. Ela cuidava de mim durante o dia e uma enfermeira contratada o fazia durante a noite, pois em meus acessos de loucura eu era capaz de qualquer coisa. Lentamente fui recobrando a razão, mas foi apenas nestes últimos três dias que recuperei por completo a memória. Teria sido melhor, talvez, que isso nunca tivesse acontecido. A primeira coisa que fiz foi telegrafar para Mr. Forbes, em cujas mãos estava o caso. Ele veio aqui e assegurou-me que, embora tudo tivesse sido feito, nenhuma pista fora descoberta. O contínuo e sua mulher haviam sido examinados de todas as maneiras sem que luz alguma fosse lançada sobre o assunto. As suspeitas da polícia transferiram-se então para o jovem Gorot, que, como talvez se lembre, ficou até mais tarde no escritório naquela noite. O fato de ele ter permanecido mais tempo na sala e seu nome francês eram de fato os dois únicos pontos que podiam dar margem a suspeita; na verdade, porém, eu só comecei a trabalhar depois que ele foi embora, e sua família é de origem huguenote, mas tão inglesa em lealdade e tradição quanto o senhor e eu. Não se encontrou nada que pudesse incriminá-lo de maneira alguma, e o caso ficou parado aí. Recorro aos seus préstimos, Mr. Holmes, como absolutamente minha última esperança. Se o senhor me falhar, tanto minha honra quanto minha posição estarão perdidas para sempre.”

O doente recostou-se nas almofadas, exaurido por sua longa narração, enquanto a enfermeira lhe servia um medicamento estimulante num copo. Holmes permaneceu em silêncio, a cabeça jogada para trás e os olhos fechados, numa atitude que poderia parecer indiferente para um estranho, mas que eu sabia indicar a mais intensa concentração.

“Seu relato foi tão explícito”, disse ele por fim, “que me restaram realmente muito poucas perguntas a fazer. Há uma, no entanto, da máxima importância. Contou a alguém que tinha uma missão especial a realizar?”

“Ninguém.”

“Nem para Miss Harrison aqui, por exemplo?”

“Não. Eu não voltara a Woking entre o momento em que recebi a ordem e aquele em que comecei a cumpri-la.”

“E ninguém da sua família apareceu por acaso para visitá-lo?”

“Ninguém.”

“Alguém parente seu conhecia a localização do escritório?”

“Oh, sim, eu mostrara o lugar para todos eles.”

“De todo modo, é claro, se o senhor não disse nada a ninguém sobre o tratado, estas indagações são irrelevantes.”

“Não disse nada.”

“Sabe alguma coisa sobre o contínuo?”

“Nada, exceto que é um antigo soldado.”

“Que regimento?”

“Ah, ouvi falar — Coldstream Guards.”

“Obrigado. Não tenho dúvida de que poderei obter detalhes de Forbes. As autoridades são excelentes em acumular dados, embora nem sempre os usem de maneira proveitosa. Que coisa encantadora é uma rosa!”

Passou pelo sofá em direção à janela aberta e segurou a haste curva de uma rosa musgosa, olhando a mescla caprichosa de rubro e verde. Era uma nova faceta de sua personalidade para mim, pois nunca o vira demonstrar maior interesse em objetos naturais.

“Não há nada em que a dedução seja tão necessária quanto na religião”, disse ele, recostando-se na folha da janela. “Ela pode ser desenvolvida como uma ciência exata pelo homem lógico. Nossa suprema garantia da bondade da Providência parece-me residir nas flores. Todas as outras coisas, nossos poderes, nossos desejos, nosso alimento, todas elas são basicamente necessárias à nossa existência. Mas uma rosa é supérflua. Seu aroma e sua cor são um ornamento da vida, não uma condição dela. Somente a bondade fornece supérfluos, e por isso repito que temos muito a esperar das flores.”

Percy Phelps e sua enfermeira fitaram Holmes durante essa demonstração com surpresa e uma boa dose de decepção estampadas em suas faces. Ele caíra num devaneio, com a rosa musgosa entre os dedos. Aquilo durava havia alguns minutos quando a jovem o interrompeu.

“Vê alguma possibilidade de resolver esse mistério, Mr. Holmes?” perguntou, com um toque de aspereza na voz.

“Oh, o mistério!” respondeu ele, retornando com um sobressalto às realidades da vida. “Bem, seria absurdo negar que se trata de um caso abstruso e complicado, mas posso lhe prometer que investigarei o assunto e lhe comunicarei todos os pontos que venham a me chamar a atenção.”

“Vê alguma pista?”

“Os senhores me forneceram sete, mas é claro que devo testá-las antes de poder me pronunciar sobre seu valor.”

“Suspeita de alguém?”

“De mim mesmo.”

“Como?”

“De chegar a conclusões rapidamente demais.”

“Então vá para Londres e teste suas conclusões.”

“Seu conselho é excelente, Miss Harrison”, disse Holmes, levantando-se. “Penso, Watson, que não temos coisa melhor a fazer. Não se permita acalentar falsas esperanças, Mr. Phelps, este é um caso muito emaranhado.”

“Estarei aflito até vê-lo novamente”, exclamou o diplomata.

“Bem, virei amanhã pelo mesmo trem, embora seja mais do que provável que terei relatório negativo a fazer.”

“Deus o abençoe por prometer vir”, disse nosso cliente. “Ganho vida nova ao saber que alguma coisa está sendo feita. A propósito, recebi uma carta de Lord Holdhurst.”

“Ah! Que diz ele?”

“Foi frio, mas não ríspido; graças à minha doença grave, acredito. Repetiu que o assunto era da máxima importância e acrescentou que nenhuma medida seria tomada com relação a meu futuro — querendo se referir, é claro, à minha demissão — até que minha saúde estivesse restabelecida e eu tivesse uma oportunidade de reparar meu infortúnio.”

“Bem, mostrou sensatez e consideração”, disse Holmes. “Vamos, Watson, pois temos um dia inteiro de trabalho à nossa espera na cidade.”

Mr. Joseph Harrison conduziu-nos à estação, e logo avançávamos velozmente num trem de Portsmouth. Holmes mergulhou em profundos pensamentos e mal abriu a boca até que passamos o Entroncamento de Clapham.

“Uma coisa que me alegra muito quando chego a Londres por qualquer destas linhas elevadas é poder ver as casas lá embaixo, assim.”

Pensei que ele estava brincando, porque a vista era das mais sórdidas, mas ele logo se explicou.

“Veja aqueles aglomerados grandes e isolados de prédios erguendo-se acima das telhas de ardósia, como ilhas de tijolos num mar cor de chumbo.”

“As escolas do conselho.”

“Faróis, meu rapaz! Sinaleiras do futuro! Cápsulas com centenas de sementinhas luminosas, das quais brotará a Inglaterra mais sábia e melhor do futuro. Parece que esse homem, o Phelps, não bebe, não é?”

“Acredito que não.”

“Eu também, mas temos de levar em conta todas as possibilidades. O pobre coitado sem dúvida se meteu em grave enrascada, e resta saber se algum dia seremos capazes de tirá-lo desta. Que pensa de Miss Harrison?”

“Uma moça de forte personalidade.”

“Sim, mas, ou muito me engano, ou tem bom caráter. Ela e o irmão são os dois únicos filhos do dono de uma fundição em algum lugar de Northumberland. Ele ficou noivo dela quando viajava no inverno passado, e ela veio para cá para ser apresentada à família dele com o irmão como acompanhante. Então

aconteceu o desastre, e ela ficou para cuidar do noivo, enquanto o irmão Joseph, achando-se muito confortavelmente instalado, ficou também. Andei fazendo algumas investigações independentes, sabe. Mas hoje deverá ser um dia de pesquisas.”

“Minha clientela...”, comecei.

“Oh, se acha seus casos mais interessantes que os meus...”, atalhou Holmes com certa aspereza.



“A vista era das mais sórdidas.”
[Sidney Paget, *Strand Magazine*, 1893]

“Ia dizer que meus clientes podem muito bem passar um ou dois dias sem mim, pois esta é a época menos movimentada do ano.”

“Excelente”, disse ele, recobrando o bom humor. “Então examinaremos essa questão juntos. Penso que deveríamos começar visitando Forbes. Provavelmente ele pode nos contar todos os detalhes de que precisamos para decidir de que

ângulo este caso deve ser abordado.”

“Você disse que tinha uma pista, não?”

“Bem, temos várias, mas só podemos testar seu valor com maior investigação. O crime mais difícil de desvendar é aquele sem finalidade. Mas este tem um fim. Quem é favorecido por ele? O embaixador francês, ou o russo, ou alguém que pudesse vendê-lo a um ou a outro. Ou Lord Holdhurst.”

“Lord Holdhurst?”

“Bem, não é impossível que um estadista se veja numa posição em que não lamentaria ver um documento como esse acidentalmente destruído.”

“Não um estadista com o honroso histórico de Lord Holdhurst!”

“É uma possibilidade, e não podemos nos dar ao luxo de negligenciá-la. Visitaremos o nobre senhor hoje mesmo e veremos se pode nos contar alguma coisa. Nesse meio-tempo, já tenho algumas investigações em andamento.”

“Já?”

“Sim. Enviei telegramas da estação de Woking para todos os jornais vespertinos de Londres. Este anúncio aparecerá em cada um.”

Passou-me uma folha rasgada de uma agenda. Nela estava escrito a lápis:

Prêmio de 10£. O número do carro de aluguel que deixou um passageiro na porta do Ministério das Relações Exteriores, ou em suas proximidades, em Charles Street, a um quarto para as nove na noite de 23 de maio. Apresentar-se em Baker Street, 221B.

“Tem certeza de que o ladrão veio num carro de aluguel?”

“Se não, nada temos a perder. Mas como Mr. Phelps tem razão ao afirmar que não há nenhum esconderijo nem na sala nem nos corredores, a pessoa só pode ter vindo de fora. Se veio de fora numa noite tão chuvosa, e apesar disso não deixou nenhum traço de umidade no linóleo, que foi examinado minutos após sua passagem, torna-se extremamente provável que tenha vindo num carro de aluguel. Sim, penso que podemos deduzir com segurança um carro.”

“Soa plausível.”

“Essa é uma das pistas de que falei. Ela pode nos levar a alguma coisa. Depois, é claro, há a campanha — o elemento mais característico do caso. Por que a campanha teria soado? Foi o ladrão que a tocou, por bravata? Ou foi alguém que estava com o ladrão, com a intenção de impedir o crime? Ou foi um acidente? Ou foi...?” Voltou a mergulhar no estado de intensa e silenciosa reflexão de que emergira; mas tive a impressão, acostumado como estava com todos os seus estados de espírito, de que entrevira subitamente uma nova possibilidade.

Eram três e vinte quando chegamos à nossa estação terminal, e após um almoço apressado no bufê partimos imediatamente para a Scotland Yard.

Holmes já havia enviado um telegrama para Forbes, e o encontramos à nossa espera — um homenzinho com cara de raposa, parecendo esperto mas sem sombra de amabilidade. Foi claramente frio em suas maneiras para conosco, em especial quando soube do assunto de que fôramos tratar.

“Já ouvi falar dos seus métodos, Mr. Holmes”, disse com azedume. “O senhor não hesita em usar toda a informação que a polícia pode pôr à sua disposição, e depois tenta encerrar o caso o senhor mesmo e lançar descrédito sobre nós.”

“Ao contrário”, disse Holmes, “nos meus últimos cinquenta e três casos meu nome só apareceu em quatro, e a polícia recebeu todo o mérito em quarenta e nove. Não o censuro por não saber disto, porque é jovem e inexperiente, mas se desejar progredir em suas novas funções, trabalhará comigo e não contra mim.”

“Aceitaria com prazer uma ou duas sugestões”, disse o detetive, mudando de tom. “Certamente até agora o caso não me valeu nenhum crédito.”

“Que medidas tomou?”

“Tangey, o contínuo, foi seguido de perto. Deixou o Guards com boa reputação e não pudemos encontrar nada contra ele. Mas sua mulher não é flor que se cheire. Acredito que ela sabe mais sobre isso do que parece.”

“Mandou segui-la?”

“Pusemos uma de nossas mulheres no seu rastro. Mrs. Tangey bebe, e a policial conversou com ela duas vezes quando estava bêbada, mas não conseguiu lhe arrancar nada.”

“Parece que tiveram cobradores na casa?”

“Sim, mas liquidaram a dívida.”

“De onde veio o dinheiro?”

“Nada de errado. Ele deve ter recebido a aposentadoria. Não deram nenhum sinal de estar com dinheiro sobrando.”

“Que explicação ela deu para ter atendido à campanha quando Mr. Phelps tocou para pedir café?”

“Disse que o marido estava muito cansado e quis poupá-lo.”

“Bem, certamente isso é compatível com o fato de ele ter sido encontrado um pouco mais tarde dormindo em sua cadeira. Então não há nada contra eles, exceto o caráter da mulher. Perguntou-lhe por que saiu tão afobada aquela noite? Sua pressa chamou a atenção do guarda.”

“Já passou da sua hora usual de sair e queria chegar em casa.”

“Comentou com ela que, tendo saído com Mr. Phelps pelo menos vinte minutos depois, chegou à sua casa antes dela?”

“Ela explica isso pela diferença entre um ônibus e um *hansom*.”

“Conseguiu explicar por que, ao chegar em casa, correu para a cozinha?”

“Disse que lá estava o dinheiro com que pagar aos oficiais de justiça.”

“Ela parece ter ao menos uma resposta para tudo. Perguntou-lhe se, ao sair, encontrou ou viu alguém flinando por Charles Street?”

“Não viu ninguém além do guarda.”

“Bem, parece tê-la submetido a um interrogatório em regra. Que fez além disso?”

“O funcionário Gorot foi seguido durante todas estas nove semanas, mas sem resultado. Nada podemos alegar contra ele.”

“Mais alguma coisa?”

“Não temos mais nada por onde começar — nenhum indício de qualquer tipo.”

“Formou alguma teoria sobre como aquela campanha tocou?”

“Bem, devo confessar que isso me deixa perplexo. Quem quer que tenha sido, foi muito peito dar o alarme daquela maneira.”

“De fato, foi uma coisa esquisita. Sou-lhe muito agradecido por tudo que me contou. Se eu conseguir pôr o homem nas suas mãos, terá notícias minhas. Vamos embora, Watson.”

“Para onde vamos agora?” perguntei quando saímos da Scotland Yard.

“Agora vamos entrevistar Lord Holdhurst, o ministro do Gabinete e futuro premiê da Inglaterra.”

Para nossa sorte, constatamos que Lord Holdhurst ainda estava em seu gabinete em Downing Street, e depois que Holmes enviou seu cartão fomos introduzidos imediatamente. O estadista recebeu-nos com aquela cortesia à moda antiga pela qual se distingue e nos fez sentar nas duas confortáveis poltronas dos dois lados da lareira. De pé no tapete entre nós, com sua silhueta delgada e alta, seus traços bem marcados, semblante reflexivo e cabelo anelado prematuramente grisalho, parecia representar um tipo nada comum — um nobre verdadeiramente nobre.

“Seu nome me é muito conhecido, Mr. Holmes”, disse, sorrindo. “É é claro que não posso fingir ignorar o objetivo de sua visita. Houve apenas uma ocorrência neste Ministério que poderia requerer sua atenção. Posso lhe perguntar no interesse de quem está agindo?”

“No de Mr. Percy Phelps”, respondeu Holmes.

“Ah, meu infeliz sobrinho! Pode compreender que nosso parentesco torna-me ainda mais impossível acobertá-lo de algum modo. Temo que o incidente tenha um efeito muito prejudicial sobre sua carreira.”

“Mas e se o documento for encontrado?”

“Ah, nesse caso, é claro, seria diferente.”

“Gostaria de lhe fazer uma ou duas perguntas, Lord Holdhurst.”

“Ficarei feliz em lhe dar qualquer informação que possua.”

“Foi nesta sala que o senhor lhe deu suas instruções acerca da cópia do documento?”

“Foi.”

“Então dificilmente alguém os tenha escutado?”

“Isso está fora de cogitação.”

“Alguma vez mencionou para alguém que era sua intenção mandar que o tratado fosse copiado?”

“Nunca.”

“Tem certeza.”

“Absoluta.”

“Bem, como o senhor nunca falou disso, Mr. Phelps nunca falou disso, e ninguém mais sabia coisa alguma sobre o assunto, a presença do ladrão na sala foi puramente accidental. Ele viu uma chance e aproveitou-a.”

O estadista sorriu. “Isso já está fora da minha alçada”, disse.

Holmes refletiu por um momento. “Há um outro ponto muito importante que desejo discutir com o senhor”, disse. “Pelo que entendi, o senhor teme consequências muito graves caso os detalhes desse tratado se tornassem conhecidos.”

Uma sombra perpassou pelo rosto expressivo do estadista. “Realmente, consequências muito graves.”

“E elas se produziram?”

“Ainda não.”

“Se o tratado tivesse chegado, digamos, ao Ministério das Relações Exteriores da França ou da Rússia, acredita que teria ficado sabendo?”

“Teria”, disse Lord Holdhurst com uma careta.

“Portanto, como quase dez semanas se passaram e nada se ouviu falar, não é insensato supor que, por alguma razão, o tratado não chegou a eles.”

Lord Holdhurst deu de ombros.

“É difícil admitir, Mr. Holmes, que o ladrão se apossou do tratado para emoldurá-lo e pendurá-lo na parede.”

“Talvez esteja esperando por um preço melhor.”

“Se esperar um pouco mais, não conseguirá preço nenhum. O tratado deixará de ser secreto dentro de alguns meses.”

“Isso é de extrema importância”, disse Holmes. “É possível supor, é claro, que o ladrão teve uma doença repentina...”

“Um ataque de febre cerebral, por exemplo?” perguntou o estadista, lançando-lhe uma rápida olhadela.

“Não disse isso”, contestou Holmes, imperturbável. “Agora, Lord Holdhurst, já tomamos demais do seu precioso tempo e vamos lhe desejar um bom dia.”

“Desejo-lhe muito sucesso em sua investigação, seja quem for o criminoso”, respondeu o nobre, despedindo-se com uma vênia junto à porta.

“Ele é um sujeito excelente”, disse Holmes quando desembocamos em Whitehall. “Mas tem de lutar para manter sua posição. Está longe de ser um homem rico e recebe muitos convites. Você reparou, é claro, que suas botas levaram meia-sola. Agora, Watson, não vou mais roubá-lo de seu legítimo

trabalho. Não farei mais nada hoje, a menos que receba uma resposta a meu anúncio sobre o carro de aluguel. Mas eu lhe ficaria extremamente grato se pudesse ir comigo a Woking amanhã pelo mesmo trem que tomamos hoje.”

Assim, encontrei-me com ele na manhã seguinte e viajamos juntos para Woking. Ele me disse que não recebera nenhuma resposta a seu anúncio e nenhuma nova luz fora lançada sobre o caso. Holmes possuía, quando assim o desejava, a absoluta imobilidade fisionômica de um pele-vermelha, e não pude inferir da sua aparência se estava satisfeito ou não com o andamento do caso. Sua conversa, eu me lembro, girou sobre o sistema de medidas Bertillon, tendo ele expressado sua entusiástica admiração pelo cientista francês.

Encontramos nosso cliente ainda sob os cuidados de sua devotada enfermeira, mas parecendo consideravelmente melhor que antes. Levantou-se do sofá e nos cumprimentou sem dificuldade quando entramos.

“Alguma notícia?” perguntou, ansioso.

“Meu relatório, como eu esperava, é negativo”, disse Holmes. “Estive com Forbes, conversei com seu tio e iniciei uma ou duas linhas de investigação que talvez levem a alguma coisa.”

“Então não perdeu o ânimo?”

“De maneira alguma.”

“Deus o abençoe por dizer isto!” exclamou Miss Harrison. “Se mantivermos nossa coragem e nossa paciência, a verdade virá à luz.”

“Temos mais para lhe contar do que o senhor a nós”, disse Phelps, voltando a se sentar no sofá.

“Eu tinha esperança de que tivesse alguma coisa.”

“Sim, tivemos uma aventura durante a noite, que aliás poderia ter sido bastante séria.” Falou com uma expressão muito grave e algo semelhante a medo brotou em seus olhos. “Sabe”, continuou, “começo a acreditar que, à minha revelia, sou o centro de uma conspiração monstruosa e que minha vida está ameaçada, tanto quanto a minha honra.”

“Ah!” exclamou Holmes.

“Isso me parece incrível, pois, até onde sei, não tenho um inimigo no mundo. No entanto, pela experiência da última noite, não posso chegar a nenhuma outra conclusão.”

“Por favor, conte-me o que houve.”

“Preciso lhe dizer que a noite passada foi a primeira que dormi sem uma enfermeira no quarto. Estava tão melhor que pensei que podia dispensá-la. Mas mantive uma lamparina acesa. Bem, por volta de duas da manhã eu caíra num sono leve quando fui subitamente despertado por um ligeiro ruído. Parecia o som de um camundongo roendo uma tábua; fiquei escutando aquilo por algum tempo, com a impressão de que essa era a causa. Depois ele ficou mais alto, e de repente entrou pela janela um nítido som metálico. Sentei-me, espantado. Não

podia mais haver dúvida de que sons eram aqueles. Os primeiros haviam sido causados por alguém tentando inserir um instrumento entre os caixilhos, e o segundo pelo trinco sendo forçado.

“Em seguida houve uma pausa de uns dez minutos, como se a pessoa estivesse esperando para ver se o barulho me despertara. Então ouvi um leve rangido enquanto a janela era lentamente aberta. Não pude mais suportar aquilo, pois meus nervos já não são os de antes. Pulei da cama e abri a persiana. Havia um homem agachado na janela. Mal pude vê-lo, porque fugiu como um raio. Estava enrolado numa espécie de capa que lhe cobria a parte inferior do rosto. Só estou certo de uma coisa — ele tinha uma arma na mão. Tive a impressão de que era uma faca comprida. Vi nitidamente seu lampejo quando ele se virou para sair correndo.”

“Isso é extremamente interessante”, disse Holmes. “Por favor, que fez o senhor em seguida?”

“Teria saltado a janela para persegui-lo, se estivesse mais forte. Mas não pude fazer mais que tocar a campainha e acordar a casa inteira. Demorou um pouquinho, porque a campainha toca na cozinha e todos os criados dormem no andar de cima. Mas eu gritei, e isso fez Joseph descer e ele acordou os outros. Joseph e o cavaliário encontraram pegadas no canteiro junto à janela, mas o tempo tem andado tão seco ultimamente que lhes pareceu inútil tentar seguir a trilha pelo gramado. Pelo que me dizem, há um lugar, na cerca de madeira que margeia a estrada, que mostra sinais, como se alguém a tivesse quebrado ao saltá-la. Ainda não comuniquei nada à polícia local, pois me pareceu melhor ouvir primeiro a sua opinião.”

Essa narrativa de nosso cliente pareceu ter um efeito extraordinário sobre Sherlock Holmes. Levantando-se, pôs-se a andar pelo quarto em incontrolável nervosismo.

“Desgraças nunca vêm desacompanhadas”, disse Phelps, sorrindo, embora fosse evidente que sua aventura o tinha abalado.

“O senhor certamente teve a sua cota”, disse Holmes. “Acha que poderia andar em volta da casa comigo?”

“Ah, sim. Será bom tomar um pouco de sol. Joseph irá conosco.”

“E eu também”, disse Miss Harrison.

“Lamento, mas não será possível”, disse Holmes, sacudindo a cabeça. “Devo lhe pedir que permaneça exatamente onde está.”

A jovem retornou à sua cadeira com uma expressão de desagrado. Seu irmão, contudo, havia se juntado a nós e saímos os quatro. Contornamos o gramado até chegar junto da janela do jovem diplomata. Havia, como ele dissera, marcas no canteiro, mas eram lamentavelmente apagadas e indistintas demais. Holmes inclinou-se sobre elas por um instante e ergueu-se sacudindo os ombros.

“Não me parece que se possa deduzir muita coisa disto”, disse. “Vamos

rodear a casa e ver por que este quarto particular foi escolhido pelo ladrão. Eu teria pensado que aquelas janelas maiores do salão e da sala de jantar lhe pareceriam mais atraentes.”

“Elas são mais visíveis da estrada”, sugeriu Mr. Joseph Harrison.

“Ah, sim, é claro. Há uma porta ali que ele poderia ter tentado. Para que serve?”

“É a entrada lateral para entregadores. Fica trancada à noite, naturalmente.”

“Já passaram por algum susto como este antes?”

“Nunca”, disse nosso cliente.

“Têm prataria na casa, ou alguma coisa que possa atrair ladrões?”

“Nada de valor.”

Holmes passeou em volta da casa com as mãos nos bolsos e um ar negligente bastante inusitado nele.

“A propósito”, disse ele para Joseph Harrison, “pelo que entendi, o senhor achou um lugar em que o sujeito teria escalado a cerca. Vamos dar uma olhada nisso!”

O jovem gorducho levou-nos ao ponto onde o topo de uma das estacas de madeira estava quebrado. Um pequeno fragmento da madeira estava pendurado. Holmes arrancou-o e examinou-o meticulosamente.

“Pensa que isto foi feito a noite passada? Parece bastante antigo, não?”

“Bem, é possível.”

“Não há nenhuma marca de alguém pulando no chão do outro lado. Não, acredito que não encontraremos nada que nos ajude aqui. Vamos voltar para o quarto e discutir o problema.”

Percy Phelps estava andando muito devagar, apoiando-se no braço do futuro cunhado. Holmes cruzou rapidamente o gramado e chegamos junto à janela aberta do quarto muito antes dos outros.

“Miss Harrison”, disse Holmes, falando com grande ênfase, “a senhora deve permanecer onde está o dia inteiro. Que nada a impeça de ficar onde está o dia inteiro. Isso é da mais extrema importância.”

“Certamente, se assim desejar, Mr. Holmes”, disse a moça, espantadíssima.

“Quando for se deitar, tranque a porta desse quarto por fora e fique com a chave. Prometa que fará isso.”

“Mas, e Percy?”

“Ele irá para Londres conosco.”

“E eu devo ficar aqui?”

“É pelo bem dele. A senhora lhe fará um benefício. Depressa! Prometa!”

Ela assentiu com um rápido movimento de cabeça, exatamente no instante em que os outros dois chegaram.

“Por que está sentada aí nesse desânimo, Annie?” exclamou seu irmão. “Venha para o sol!”

“Não, obrigada, Joseph. Estou com uma leve dor de cabeça e este quarto está deliciosamente fresco e tranquilo.”

“Que propõe agora, Mr. Holmes?” perguntou nosso cliente.

“Bem, ao tentar desvendar este caso insignificante não devemos perder de vista nossa investigação principal. Seria de grande ajuda para mim se o senhor pudesse ir para Londres conosco.”

“Agora mesmo?”

“Bem, tão logo puder. Digamos em uma hora.”

“Já me sinto bastante forte, se realmente posso ser de alguma ajuda.”

“A maior possível.”

“Talvez queira que eu passe esta noite lá?”

“Ia propor exatamente isso.”

“Nesse caso, se meu amigo da noite repetir a visita, encontrará o ninho vazio. Estamos todos em suas mãos, Mr. Holmes, e o senhor deve nos dizer exatamente o que gostaria que seja feito. Talvez prefira que Joseph vá conosco para cuidar de mim?”

“Oh, não, meu amigo Watson é médico e cuidará do senhor. Almoçaremos aqui, se nos permitir, e em seguida partiremos os três para a cidade.”

Tudo foi feito como Holmes sugeriu, e Miss Harrison, segundo ele lhe recomendara, desculpou-se por não poder deixar o quarto. Eu não conseguia imaginar qual era o objetivo das manobras de meu amigo, a menos que fosse manter a jovem afastada de Phelps, que, feliz por estar recobrando a saúde e pela perspectiva de ação, almoçou conosco na sala de jantar. Mas Holmes nos reservava uma surpresa ainda maior, pois, após nos acompanhar à estação e nos instalar em nosso vagão, anunciou calmamente que não tinha intenção de deixar Woking.

“Há um ou dois detalhes que eu gostaria de elucidar antes de partir”, disse. “Sua ausência, Mr. Phelps, de certo modo me ajudará. Watson, quando chegarem a Londres queira por favor seguir de imediato para Baker Street com nosso amigo aqui, e permanecer com ele até a minha volta. É uma sorte que sejam ex-colegas de escola, tendo portanto muito que conversar. Mr. Phelps pode ficar no quarto de hóspedes esta noite, e eu estarei em casa antes do desjejum, pois há um trem que me levará a Waterloo às oito.”

“Mas e quanto à nossa investigação em Londres?” perguntou Phelps, pesaroso.

“Podemos fazer isso amanhã. Creio que no momento posso ser mais útil aqui.”

“Por favor, diga-lhes em Briarbrae que espero estar de volta amanhã à noite”, exclamou Phelps, quando o trem começou a se afastar da plataforma.

“Não pretendo voltar para Briarbrae”, respondeu Holmes, e acenou alegremente para nós enquanto nos precipitávamos para fora da estação.

Phelps e eu conversamos sobre isso durante a viagem, mas nenhum dos dois

conseguiu conceber uma explicação satisfatória para esse novo desdobramento.

“Suponho que ele quer encontrar pistas do roubo de ontem à noite, se é que foi um ladrão. De minha parte, não acredito que era um gatuno comum.”

“Qual é sua ideia, então?”

“Palavra, você pode atribuir isso aos meus nervos abalados, mas acredito que há uma intriga política complexa se desenrolando em torno de mim, e que por algum motivo que está acima de meu entendimento os conspiradores querem me matar. Isso soa excessivamente trágico e absurdo, mas considere os fatos! Por que haveria um ladrão de tentar forçar a janela de um quarto em que não havia nada para roubar, e por que haveria de vir com uma faca na mão?”

“Tem certeza de que não era um pé de cabra?”

“Oh, não, era uma faca. Vi o brilho da lâmina muito nitidamente.”

“Mas por que diabos você seria perseguido com tanta animosidade?”

“Ah, essa é a questão.”

“Bem, se Holmes for da mesma opinião, isso explicaria o comportamento dele, não? Presumindo que sua teoria está correta, se ele puder pôr as mãos no homem que o ameaçou na noite passada, terá dado passos decisivos para a recuperação do tratado naval. É absurdo supor que você tem dois inimigos, um que o rouba e outro que lhe ameaça a vida.”

“Mas Holmes disse que não iria a Briarbrae.”

“Conheço-o há algum tempo”, disse eu, “e até hoje nunca o vi fazer nada sem uma excelente razão”, e com isso nossa conversa derivou para outros tópicos.

Mas foi um dia cansativo para mim. Phelps ainda estava fraco após sua longa enfermidade, e seus infortúnios o tornavam irritado e nervoso. Tentei em vão interessá-lo pelo Afeganistão, pela Índia, por questões sociais, por alguma coisa que pudesse distraí-lo. Ele retornava sempre a seu tratado perdido, remoendo, imaginando, conjecturando sobre o que Holmes estaria fazendo, que medidas Lord Holdhurst estaria tomando, que novidades teríamos na manhã seguinte. Com o avançar da noite seu nervosismo tornou-se muito penoso.

“Tem confiança inabalável em Holmes?” perguntou.

“Já o vi fazer algumas coisas notáveis.”

“Mas alguma vez ele elucidou um caso tão obscuro como este?”

“Ah, sim. Já o vi resolver questões que apresentavam menos pistas que a sua.”

“Mas não casos em que havia interesses tão grandes em jogo, não é?”

“Não posso dizer isso. Ao que eu saiba, ele atuou no interesse de três casas reinantes da Europa em assuntos dos mais vitais.”

“Mas você o conhece bem, Watson. Ele é um sujeito tão impenetrável que nunca sei muito bem como interpretá-lo. Pensa que ele tem esperança? Que espera se sair bem desta?”

“Ele não disse nada.”

“Isso é um mau sinal.”

“Ao contrário. Noto que quando ele está desorientado, geralmente o confessa. É quando está numa pista e ainda não tem certeza de que é a certa que se mostra mais taciturno. Agora, meu caro, como nosso nervosismo não resolve nada, deixe-me implorar-lhe que vá se deitar; espero que acorde bem-disposto para tudo que pode estar à nossa espera amanhã.”

Por fim consegui convencer meu companheiro a seguir meu conselho, embora soubesse, por suas maneiras alvoroçadas, que era pouco provável que dormisse. De fato, seu estado de espírito era contagiante, porque eu mesmo passei metade da noite virando-me na cama, ruminando aquele estranho problema e inventando uma centena de teorias, cada qual mais impossível que a outra. Por que Holmes ficara em Woking? Por que pedira a Miss Harrison que permanecesse o dia todo no quarto do doente? Por que tomara tanto cuidado em não informar às pessoas em Briarbrae que pretendia continuar nas proximidades? Até adormecer, dei tratos à bola na tentativa de encontrar alguma explicação que desse conta de todos esses fatos.

Eram sete horas quando acordei; fui imediatamente ao quarto de Phelps e encontrei-o abatido e exausto após uma noite insone. Sua primeira pergunta foi se Holmes já havia chegado.

“Estará aqui quando prometeu”, respondi. “Nem um instante mais cedo nem mais tarde.”

Minhas palavras se confirmaram, pois pouco depois das oito um *hansom* estacou diante da porta e nosso amigo saltou. De pé junto à janela, vimos que ele tinha a mão esquerda enrolada por uma bandagem e o rosto fechado e pálido. Entrou na casa, mas demorou algum tempo a subir a escada.

“Parece um homem derrotado”, exclamou Phelps.

Fui forçado a confessar que ele estava certo. “Afinal”, disse eu, “a pista do caso provavelmente está aqui na cidade.”

Phelps soltou um gemido.

“Não sei por quê”, disse ele, “mas esperava tanto de seu retorno. Com certeza não tinha a mão enfaixada assim ontem. Que terá acontecido?”

“Você está ferido, Holmes?” perguntei quando meu amigo entrou na sala.

“Nada, é só um arranhão, fruto de minha própria falta de jeito”, respondeu, dando-nos bom dia com a cabeça. “Esse seu caso, Mr. Phelps, é sem dúvida um dos mais obscuros que já investiguei.”

“Temia que estivesse além de sua capacidade.”

“Foi uma experiência das mais extraordinárias.”

“Essa bandagem nos fala de aventuras”, disse eu. “Não vai nos contar o que aconteceu?”

“Depois do desjejum, meu caro Watson. Lembre-se que respirei cinquenta quilômetros do ar de Surrey esta manhã. Suponho que não houve nenhuma resposta do meu anúncio para os cocheiros? Bem, bem, não se pode esperar

acertar sempre.”

A mesa estava posta, e no instante em que eu ia tocar a campainha Mrs. Hudson entrou com o chá e o café. Minutos depois ela trouxe três travessas cobertas e todos nos aproximamos da mesa. Holmes faminto, eu curioso, e Phelps no mais sombrio estado de depressão.

“Mrs. Hudson mostrou-se à altura da ocasião”, disse Holmes, destampando um prato de galinha ao curry. “A culinária dela é um pouco limitada, mas, como escocesa, tem uma boa ideia de desjejum. Que tem você aí, Watson?”

“Ovos com presunto”, respondi.

“Bom! Que deseja, Mr. Phelps — galinha ao curry ou ovos, ou prefere se servir?”

“Obrigado. Não posso comer nada”, respondeu Phelps.

“Oh, vamos! Experimente o prato que está na sua frente.”

“Obrigado, realmente prefiro não comer.”

“Bem, nesse caso”, disse Holmes com uma piscadela maliciosa, “suponho que não faz objeção a servir-me?”

Phelps ergueu a tampa e, instantaneamente, deu um grito e ficou ali sentado, com o rosto tão branco como a travessa que fitava. No meio dela estava um pequeno cilindro de papel cinza-azulado. Pegou-o, devorou-o com os olhos e pôs-se a dançar pela sala como um louco, apertando-o no peito e soltando gritos de alegria. Depois caiu numa poltrona, tão bambo e exausto com suas próprias emoções que tivemos de lhe derramar conhaque pela garganta abaixo para impedir que desmaiasse.

“Pronto! Pronto!” disse Holmes, dando-lhe palmadinhas no ombro para acalmá-lo. “Foi maldade fazê-lo aparecer assim diante do senhor, mas Watson pode lhe contar que nunca consigo resistir a um toque de dramaticidade.”

Phelps agarrou-lhe a mão e beijou-a. “Que Deus o abençoe!” exclamou. “O senhor salvou minha honra.”

“Bem, a minha própria estava em jogo, o senhor sabe”, disse Holmes. “Eu lhe asseguro que é tão odioso para mim falhar num caso quanto para o senhor cometer um erro numa missão.”

Phelps guardou o precioso documento no bolso mais interno do paletó.

“Não ouse continuar interrompendo seu desjejum, mas estou morrendo de curiosidade para saber como o conseguiu e onde estava.”

Sherlock Holmes tomou uma xícara de café e voltou sua atenção para os ovos com presunto. Em seguida levantou-se, acendeu o cachimbo e instalou-se em sua poltrona.

“Primeiro vou lhe contar o que fiz; depois conto como vim a fazê-lo”, disse. “Depois de deixá-los na estação, fui dar uma encantadora caminhada por um admirável cenário de Surrey até uma linda aldeiazinha chamada Ripley, onde tomei meu chá numa estalagem e tive a precaução de encher meu frasco e pôr

no bolso uns sanduíches embrulhados em papel. Fiquei ali até o entardecer, quando parti novamente para Woking. Pouco depois do pôr do sol encontrei-me na estrada principal junto de Briarbrae.

“Bem, esperei até que a estrada ficasse vazia — ela nunca é movimentada em momento algum, acredito — e escalei a cerca para entrar no terreno.”

“Certamente o portão estava aberto!” exclamou Phelps.

“Sim, mas tenho um gosto peculiar nessas matérias. Escolhi o lugar onde crescem os três abetos e, protegido por eles, atravessei sem que houvesse a menor chance de alguém na casa me ver. Agachei-me entre os arbustos do outro lado e rastejei de um para outro — prova disso é o estado deplorável dos joelhos da minha calça — até chegar à moita de rododendros bem em frente à janela do seu quarto. Agachado ali, guardei os acontecimentos.

“A persiana do seu quarto não estava abaixada, e pude ver Miss Harrison sentada lá, lendo junto à mesa. Eram dez e quinze quando ela fechou seu livro, cerrou a persiana e se retirou. Ouvi-a trancando a porta e tive certeza de que girara a chave na fechadura.”

“A chave!” exclamou Phelps.

“Sim, eu dera a Miss Harrison instruções para trancar a porta por fora e levar a chave consigo quando fosse se deitar. Ela cumpriu todas as minhas ordens ao pé da letra e certamente sem sua cooperação o senhor não teria esse papel no bolso do paletó. Ela saiu, as luzes se apagaram e eu lá fiquei, agachado na moita de rododendros.

“Era uma bela noite, mesmo assim a vigília foi muito cansativa. Havia, é claro, o tipo de ansiedade que o caçador sente quando fica à beira do curso d’água à espera da caça graúda. Mas foi uma noite longa — quase tão longa, Watson, quanto aquela em que você e eu esperamos naquele quarto mortífero quando investigávamos o probleminha da Banda Malhada. Um relógio de igreja em Woking batia os quartos de hora, e mais de uma vez pensei que ele tivesse parado. Por fim, por volta das duas da manhã, ouvi de repente o som suave de um ferrolho sendo empurrado e o rangido de uma chave. Um instante depois a porta de serviço foi aberta e Mr. Joseph Harrison saiu ao luar.”

“Joseph!” exclamou Phelps.

“Estava sem chapéu, mas tinha uma capa preta jogada sobre os ombros, de modo a poder esconder o rosto num instante se houvesse algum alarme. Caminhou na ponta dos pés à sombra da parede, e quando chegou à janela enfiou uma faca de lâmina comprida entre os caixilhos e empurrou o trinco. Escancarou a janela e, enfiando a faca nas fissuras da persiana, ergueu a tranca e abriu-a.

“De onde estava, tive uma visão perfeita do interior do quarto e de cada um de seus movimentos. Ele acendeu as duas velas que se encontravam sobre o aparador da lareira e em seguida passou a levantar o canto do tapete nas

proximidades da porta. Logo se inclinou e retirou um quadrado de tábua, como os que costumam ser deixados para dar aos bombeiros acesso às juntas dos canos de gás. Este cobria, de fato, a junta em T de que sai o cano que abastece a cozinha, situada embaixo. Desse esconderijo ele retirou aquele pequeno cilindro de papel, empurrou a tábua para o lugar, arrumou de novo o tapete, apagou as velas e caminhou diretamente para os meus braços, pois eu estava à sua espera junto da janela.

“Bem, o homem é muito mais perverso do que eu imaginava. Avançou sobre mim com sua faca e tive de derrubá-lo duas vezes, e levei um corte nos nós dos dedos, antes de conseguir dominá-lo. Quando terminamos, ele me lançava olhares assassinos com o único olho com que podia enxergar, mas ouviu a voz da razão e entregou-me os papéis. De posse deles, deixei o sujeito escapar, mas telegrafei para Forbes esta manhã dando-lhe todos os detalhes. Se ele for rápido o bastante para agarrar a sua presa, muito bem. Mas se, como desconfio profundamente, encontrar o ninho vazio quando chegar lá, tanto melhor para o governo. Imagino que tanto Lord Holdhurst quanto Mr. Phelps ficariam muito mais satisfeitos se este caso nunca chegasse a um tribunal.”



“Joseph Harrison saiu.”
[Sidney Paget, *Strand Magazine*, 1893]

“Meu Deus!” disse nosso cliente, num arquejo. “Está me dizendo que durante estas longas dez semanas de agonia os papéis roubados estavam, o tempo todo, dentro daquele mesmo quarto comigo?”

“Exatamente.”

“E Joseph! Joseph é um bandido, um ladrão!”

“Hum! Suspeito que o caráter de Joseph seja profundo e perigoso demais para que o julgemos pelas aparências. Pelo que fiquei sabendo esta manhã, entendi que ele perdeu muito especulando com ações, e está disposto a fazer qualquer coisa para melhorar sua situação. Sendo um homem absolutamente egoísta, quando uma oportunidade se apresentou não permitiu que a felicidade da irmã ou a reputação do senhor lhe detivessem a mão.”

Percy Phelps afundou-se em sua poltrona.

“Minha cabeça está rodando”, disse. “Suas palavras me deixaram zozzo.”

“A principal dificuldade no seu caso”, observou Holmes em sua maneira didática, “residia no fato de haver indícios demais. Os dados vitais estavam encobertos e escondidos pelos irrelevantes. Entre todos os fatos que se apresentavam a nós, era preciso selecionar os que considerávamos essenciais e depois reuni-los na devida ordem, de modo a reconstruir essa tão extraordinária cadeia de eventos. Eu já começara a desconfiar de Joseph quando o senhor me disse que pretendia viajar com ele aquela noite. Era portanto muito provável que, em seu caminho, ele passasse em seu escritório para pegá-lo, já que conhecia bem o Ministério. Quando soube que alguém estivera tão aflito para entrar no seu quarto, em que ninguém além de Joseph teria podido esconder alguma coisa — o senhor nos contou em sua narrativa como o desalojara ao chegar com o médico —, todas as minhas desconfianças se transformaram em certezas, em especial porque a tentativa foi feita na primeira noite em que a enfermeira estava ausente, mostrando que o invasor estava bem a par do que se passava na casa.”

“Como fui cego!”

“Os fatos do caso, até onde pude deduzi-los, são os seguintes: esse Joseph Harrison entrou no Ministério pela porta de Charles Street, e, conhecendo o caminho, foi direto ao seu escritório assim que o senhor saiu. Não encontrando ninguém, prontamente tocou a campainha, e no instante em que o fez seus olhos deram com o papel sobre a mesa. Uma vista-d’olhos mostrou-lhe que o acaso pusera em seu caminho um documento de Estado de imenso valor, e num piscar de olhos ele o enfiou no bolso e partiu. Passaram-se alguns minutos, como o senhor se lembra, antes que o sonolento contínuo lhe chamasse a atenção para a campainha — foi tempo bastante para o ladrão escapar.

“Ele partiu para Woking no primeiro trem e, tendo examinado seu butim e se convencido de que tinha realmente imenso valor, escondeu-o no que julgou ser um lugar muito seguro, com a intenção de retirá-lo dali dentro de um ou dois dias e levá-lo para a embaixada francesa, ou para onde quer que lhe parecesse que obteria um bom preço. Sobreveio então seu súbito retorno. Quando menos esperava, foi despejado de seu quarto e, desse momento em diante, houve sempre pelo menos duas pessoas lá para impedi-lo de recuperar seu tesouro. A situação para ele deve ter sido de enlouquecer. Mas finalmente ele pensou ter

encontrado sua chance. Tentou introduzir-se no seu quarto, mas o senhor estava acordado e frustrou-o. Talvez se lembre de que não tomou seu remédio usual aquela noite.”

“Lembro-me.”

“Imagino que ele havia tomado providências para tornar o medicamento eficaz e estava bastante seguro de encontrá-lo inconsciente. Compreendi, é claro, que repetiria a tentativa assim que pudesse fazê-lo com segurança. Deixando o quarto, o senhor lhe deu a oportunidade que queria. Mantive Miss Harrison lá o dia inteiro para que ele não pudesse se antecipar a nós. Depois, tendo lhe dado a ideia de que o terreno estava livre, montei guarda como descrevi. Já sabia que os papéis deviam estar no quarto, mas não tinha nenhum desejo de rebentar todo o assoalho e os rodapés à procura deles. Assim, deixei que ele os retirasse do esconderijo, poupando-me uma infinidade de trabalho. Há algum outro ponto que eu possa esclarecer?”

“Por que ele tentou a janela na primeira ocasião”, perguntei, “quando poderia ter entrado pela porta?”

“Para chegar à porta ele teria de passar por sete quartos. Por outro lado, podia chegar facilmente ao gramado. Mais alguma coisa?”

“Não lhe parece”, perguntou Phelps, “que ele não tinha nenhuma intenção homicida? A faca foi usada apenas como uma ferramenta.”

“É possível”, respondeu Holmes, dando de ombros. “Só posso dizer com certeza que Mr. Joseph Harrison é um cavalheiro em cuja misericórdia eu relutaria extremamente em confiar.”

O PROBLEMA FINAL

É CONSTERNADO QUE PEGO da pena para escrever estas últimas palavras com que registrarei os singulares talentos pelos quais meu amigo Mr. Sherlock Holmes se distinguiu. De maneira desordenada e, sinto-o profundamente, de todo imprópria, esforcei-me por relatar de algum modo as estranhas experiências que tive em sua companhia, desde o acaso que nos uniu no período de *Um estudo em vermelho* até o momento de sua interferência na questão do “Tratado naval” — interferência que teve o efeito inquestionável de evitar grave complicação internacional. Era minha intenção parar ali e nada dizer do evento que gerou em minha vida um vazio que o transcurso de dois anos pouco fez para preencher. Minha mão foi forçada, no entanto, pelas cartas recentes em que o coronel James Moriarty defende a memória do irmão, e não tenho escolha senão expor os fatos diante do público exatamente como aconteceram. Somente eu conheço a verdade absoluta no assunto e estou convencido de que silenciá-la não servirá mais a nenhum bom propósito. Que eu saiba, só houve três relatos na imprensa: aquele publicado no *Journal de Genève* em 6 de maio de 1891, o comunicado da Reuter’s nos jornais ingleses em 7 de maio e, por fim, as cartas recentes a que aludi. O primeiro e o segundo foram extremamente condensados, ao passo que as últimas são, como mostrarei agora, uma perversão absoluta dos fatos. Cabe a mim contar pela primeira vez o que realmente aconteceu entre o professor Moriarty e Mr. Sherlock Holmes.

Talvez o leitor se lembre de que após meu casamento e meu subsequente início na clínica privada, as relações muito íntimas que existiam entre mim e Holmes foram em certa medida modificadas. Ele ainda recorria a mim vez por outra, quando desejava uma companhia em suas investigações, mas essas ocasiões foram se tornando cada vez mais raras, de tal modo que constato que, no ano de 1890, só houve três casos de que conservo algum registro. Durante o inverno daquele ano e o início da primavera de 1891, li nos jornais que ele fora contratado pelo governo francês em razão de um assunto de suma importância, e recebi dois bilhetes seus enviados de Narbonne e Nîmes que me deram a entender que sua estada na França seria longa. Foi com alguma surpresa, portanto, que o vi adentrar meu consultório na tarde de 24 de abril. Tive a impressão de que estava mais pálido e magro que de costume.

“É verdade, tenho me esfaldado além da conta”, ele observou em resposta a meu olhar e não às minhas palavras; “estive um pouco pressionado ultimamente. Tem alguma objeção a que eu feche a persiana?”

A única luz na sala vinha da lâmpada sobre a mesa a que eu estivera lendo. Holmes avançou grudado à parede e, após cerrar a persiana, aferrolhou-a

firmemente.

“Está com medo de alguma coisa?” perguntei.

“Bem, estou.”

“Do quê?”

“De pistolas de ar comprimido.”

“Meu caro Holmes, que quer dizer?”

“Acho que você me conhece bastante bem, Watson, para compreender que não sou de maneira alguma um homem nervoso. Ao mesmo tempo, é tolice, e não coragem, recusar-se a reconhecer o perigo quando ele está ao nosso lado. Poderia me ceder um fósforo?” Tragou a fumaça do cigarro como se a influência calmante lhe fosse agradável.

“Devo lhe pedir desculpas por vir tão tarde”, disse ele, “e além disso lhe peço para quebrar as convenções a ponto de me deixar sair de sua casa daqui a pouco pulando o muro do seu quintal.”

“Mas que significa tudo isso?”

Ele estendeu a mão e vi à luz da lâmpada que tinha os nós de dois dedos escoriados e sangrando.

“Como vê, não é uma etérea ilusão”, disse, sorrindo. “Ao contrário, é algo sólido o bastante para arrebentar a mão de um homem. Mrs. Watson está em casa?”

“Está fora, fazendo uma visita.”

“É mesmo? Está sozinho?”

“Inteira.”

“Isso torna mais fácil para mim propor-lhe que vá passar uma semana no Continente comigo.”

“Onde?”

“Oh, em qualquer lugar. Para mim, dá no mesmo.”

Havia algo de muito estranho naquilo tudo. Não era da natureza de Holmes tirar férias sem quê nem pra quê, e alguma coisa no seu semblante pálido, abatido, me dizia que seus nervos estavam no mais alto grau de tensão. Ele leu a pergunta em meus olhos e, unindo as pontas dos dedos, os cotovelos nos joelhos, explicou a situação.

“Provavelmente nunca ouviu falar do professor Moriarty, não é?” perguntou.

“Nunca.”

“Veja só! Ai está a genialidade e o prodígio da coisa!” exclamou ele. “O homem permeia Londres e ninguém jamais ouviu falar dele. É isso que o põe num pináculo nos anais do crime. Eu lhe digo com toda a seriedade, Watson, que, se pudesse derrotar esse homem, se pudesse livrar a sociedade dele, a meus próprios olhos minha carreira teria atingido seu apogeu e eu me disporia a adotar um sistema de vida mais plácido. Cá entre nós, os casos recentes em que pude ser de algum auxílio à família real da Escandinávia e à república francesa

deixaram-me em condições tais que eu poderia continuar vivendo da maneira sossegada que me é mais agradável e concentrar a atenção nas minhas pesquisas químicas. Mas não conseguiria descansar, Watson, não seria capaz de ficar sentado tranquilamente na minha cadeira, sabendo que um homem como o professor Moriarty anda impunemente pelas ruas de Londres.”

“Mas que fez ele?”

“Sua carreira foi extraordinária. É um homem bem-nascido e de excelente formação intelectual, dotado pela natureza com fenomenal talento matemático. Aos vinte e um anos escreveu um tratado sobre o Teorema Binomial que fez furor na Europa. Graças a ele, ganhou a cátedra de matemática em uma de nossas universidades menores, e, ao que tudo indicava, tinha uma carreira das mais brilhantes diante de si. Mas o homem apresentava tendências hereditárias da espécie mais diabólica. Corria-lhe no sangue uma tara criminal que, em vez de ser modificada, foi aumentada e tornada infinitamente mais perigosa por sua capacidade mental. Rumores soturnos passaram a circular em torno dele na cidade universitária, e ele acabou sendo compelido a renunciar à sua cátedra e a vir para Londres, onde se estabeleceu como professor particular para os exames de ingresso no corpo de oficiais do Exército. Até aí, sua história é bem conhecida, mas o que vou lhe contar agora é o que eu mesmo descobri.

“Como você sabe, Watson, não há quem conheça os círculos criminosos mais elevados de Londres tão bem como eu. Durante anos a fio percebi constantemente um poder por trás do malfeitor, uma grande capacidade organizadora que se interpõe sempre no caminho da lei e acoberta o bandido. Vezes sem conta, em casos dos mais variados tipos — falsificação, roubos, homicídios —, senti a presença dessa força e deduzi sua ação em muitos daqueles crimes não desvendados em que não fui pessoalmente consultado. Durante anos tentei romper o véu que a encobria, e por fim chegou o momento em que descobri o fio da meada e o segui, até que ele me levou, após mil voltas arduas, ao ex-professor Moriarty, o célebre matemático.

“Ele é o Napoleão do crime, Watson. É o organizador de metade do que se faz de errado e de quase tudo que passa despercebido nesta grande cidade. É um gênio, um pensador abstrato. Tem um cérebro de primeira ordem. Permanece estático, como uma aranha no centro de sua rede, mas essa rede tem mil radiações, e ele conhece cada palpitação de cada uma delas. Ele mesmo não faz muita coisa. Apenas planeja. Mas seus agentes são numerosos e esplendidamente organizados. Se há um crime a ser cometido, um documento a ser subtraído, digamos, uma casa a ser roubada, um homem a ser sequestrado — a informação é levada ao professor, o assunto é organizado e levado a cabo. O agente pode ser apanhado. Nesse caso encontra-se dinheiro para sua fiança ou sua defesa. Mas o poder central que usa o agente nunca é apanhado — nunca é sequer suspeitado. Essa foi a organização que eu deduzi, Watson, e a cujo desmascaramento e

dissolução dediquei toda a minha energia.

“Mas o professor estava protegido por salvaguardas tão arditamente concebidas que, não importa o que eu fizesse, parecia impossível reunir provas capazes de condená-lo num tribunal. Você conhece meus poderes, Watson, e a despeito deles, ao cabo de três meses fui obrigado a confessar que encontrara por fim um antagonista que era, intelectualmente, meu igual. Meu horror diante de seus crimes empalideceu diante de minha admiração por sua perícia. Mas finalmente ele cometeu um erro — um errinho de nada, mas foi mais do que teria podido ousar quando eu estava tão próximo de agarrá-lo. Tive minha chance e, a partir desse ponto, teci minha rede em torno dele até que agora ela está prestes a se fechar. Em três dias — isto é, na próxima segunda-feira — as coisas estarão maduras, e o professor, como todos os principais membros de sua quadrilha, estará nas mãos da polícia. Depois virá o maior julgamento criminal do século, a elucidação de mais de quarenta mistérios e a força para todos eles; mas se fizermos um movimento que seja prematuramente, você compreende, eles podem escapular de nossas mãos até no último instante.

“Agora, se eu pudesse ter feito isso sem o conhecimento do professor Moriarty, não teria havido problema. Mas ele era astuto demais para isso. Viu cada passo que dei para cercá-lo. Inúmeras vezes tentou escapular, mas eu sempre antecipava suas ações. Eu lhe digo, meu amigo, que se um relato detalhado dessa luta silenciosa fosse escrito, granjearia seu lugar como o mais brilhante duelo na história da detecção. Nunca fui tão competente, e nunca fui tão duramente pressionado por um adversário. Seus golpes foram mortais, mas consegui revidá-los. Esta manhã foram dados os últimos passos, e somente três dias seriam necessários para que o assunto fosse encerrado. Eu estava em minha sala refletindo sobre a questão quando a porta se abriu e vi o professor Moriarty diante de mim.

“Tenho nervos bastante resistentes, Watson, mas devo confessar que estremeci ao ver o homem que tanto ocupava meus pensamentos ali de pé, em pessoa, na soleira de minha sala. Sua aparência me era bastante familiar. Ele é extremamente alto e magro, a testa branca é protuberante e os olhos são profundamente encravados na cabeça. Escanhado, pálido e de aparência ascética, conserva alguma coisa do professor em seus traços. Os ombros são descaídos por força de muito estudo e o rosto, projetado para a frente, não para de oscilar lentamente de um lado para outro de uma maneira curiosa, lembrando um réptil. Examinou-me com grande curiosidade em seus olhos franzidos.



“Vi o professor Moriarty diante de mim.”
[Sidney Paget, *Strand Magazine*, 1893]

“Tem menos desenvolvimento frontal do que eu teria esperado”, ele disse por fim. ‘É um hábito perigoso manusear armas de fogo carregadas no bolso do roupão.’

“O fato é que, à sua entrada, eu reconhecera instantaneamente a situação de extremo perigo em que me encontrava. A única escapatória concebível para ele

consistia em me silenciar. Num instante eu transferira o revólver da gaveta para o meu bolso e apontava para ele através do tecido. Diante de sua observação, tirei a arma do bolso e deposei-a engatilhada sobre a mesa. Ele continuou a sorrir e a piscar, mas alguma coisa em seus olhos me deixou feliz por ter a arma ali.

“O senhor evidentemente não me conhece”, disse ele.

“Pelo contrário”, respondi, ‘julgo ser bastante evidente que conheço. Por favor, queira se sentar. Posso ceder-lhe cinco minutos, se tem algo a dizer.’

“Tudo que tenho a dizer já lhe cruzou a mente”, disse ele.

“Nesse caso, minha resposta já cruzou a sua”, respondi.

“Não vai ceder?”

“Em absoluto.”

“Ele enfiou a mão no bolso e eu peguei a pistola na mesa. Mas ele apenas tirou uma agenda em que escrevera algumas datas.

“O senhor cruzou meu caminho no dia 4 de janeiro” disse. ‘No dia 23 incomodou-me; em meados de fevereiro fui seriamente importunado pelo senhor; no fim de março fui completamente estorvado em meus planos; e agora, no final de abril, sua constante perseguição me põe sob o risco real de perder minha liberdade. A situação está se tornando insustentável.’

“Tem alguma sugestão a fazer?”

“O senhor deve desistir, Mr. Holmes”, disse ele, balançando a cabeça. ‘Realmente deve, o senhor sabe.’

“Depois de segunda-feira”, disse eu.

“Ora, ora! Tenho certeza de que um homem com a sua inteligência verá que este negócio só pode ter um desfecho. O senhor tem de recuar. Tem agido de tal maneira que só me resta um recurso. Foi um prazer intelectual para mim ver o modo como enfrentou esta questão, e digo-lhe sinceramente que lamentaria ser forçado a tomar uma medida extrema. O senhor sorri, mas lhe asseguro de que realmente o faria.’

“O perigo é parte do meu ofício”, observei.

“Isso não é perigo”, respondeu ele. ‘É destruição inevitável. O senhor está atrapalhando não apenas um indivíduo, mas uma organização poderosa, cuja plena magnitude, apesar de toda a sua esperteza, não foi capaz de compreender. Deve sair do caminho, Mr. Holmes, ou será pisoteado.’

“Receio”, disse eu, levantando-me, ‘que no prazer desta conversa eu esteja negligenciando um negócio importante que me espera em outro lugar.’

“Ele também se levantou e contemplou-me em silêncio, sacudindo a cabeça tristemente.

“Bem, bem”, disse por fim. ‘Parece uma pena, mas fiz o que podia. Conheço cada movimento de seu jogo. O senhor nada pode fazer antes de segunda-feira. Espera me levar ao banco dos réus. Garanto-lhe que nunca me sentirei ali.

Espera me derrotar. Garanto-lhe que nunca me derrotará. Se for esperto o bastante para me destruir, fique certo de que retribuirei na mesma moeda.’

“Fez-me vários elogios, Mr. Moriarty”, respondi. ‘Deixe-me fazer-lhe um em retribuição, dizendo-lhe que se tivesse certeza de destruí-lo, aceitaria alegremente ser destruído em benefício público.’

“Posso lhe prometer uma coisa, mas não a outra”, rosnou ele, e com essas palavras deu-me as costas encurvadas e saiu da sala, apertando os olhos e piscando.

“Essa foi a minha singular entrevista com o professor Moriarty. Confesso que ela causou efeito desagradável sobre mim. Sua maneira de falar suave e precisa dá uma impressão de sinceridade que um mero valentão não conseguiria produzir. Você dirá, é claro: ‘Por que não tomar precauções policiais contra ele?’ A razão é que estou inteiramente convencido de que o golpe seria desferido por seus agentes. Tive a melhor das provas de que seria assim.”

“Já foi atacado?”

“Meu caro Watson, o professor Moriarty não é homem de procrastinar. Sai por volta do meio-dia para tratar de alguns negócios em Oxford Street. Quando passei pela esquina de Bentinck Street com Welbeck Street, um carroção com dois cavalos desembestados passou zunindo por mim. Saltei para o passeio e me salvei por uma fração de segundo. O carroção tomou Marylebone Lane e desapareceu num instante. Depois disso, mantive-me na calçada, Watson, mas quando descia Vere Street um tijolo caiu do telhado de uma casa e se estilhaçou a meus pés. Chamei a polícia e o lugar foi examinado. Havia lajes e tijolos empilhados no telhado para reparos que seriam feitos, e quiseram me convencer de que o vento derrubara um deles. Claro que não acreditei, mas não pude provar nada. Depois disso tomei um carro de aluguel até o apartamento do meu irmão em Pall Mall, onde passei o dia. Agora vim vê-lo, e no caminho fui atacado por um sujeito com um cacete. Derrubei-o e a polícia o deteve; mas posso lhe afirmar com a mais absoluta certeza que nenhuma conexão jamais será encontrada entre o cavalheiro em cujos dentes da frente esfolei os nós dos meus dedos e o professor de matemática aposentado, que, aposto, está resolvendo problemas num quadro-negro a quinze quilômetros daqui. Você não se espantará, Watson, de que meu primeiro ato ao entrar em sua casa tenha sido fechar a persiana, e de que eu tenha sido obrigado a lhe pedir permissão para deixar sua casa por uma saída um pouco mais discreta que a porta da frente.”

Muitas vezes admirei a coragem de meu amigo, mas nunca mais que naquele momento, quando ele desfiou tranquilamente uma série de incidentes que deviam ter se combinado para compor um dia de horror.

“Passará a noite aqui?” perguntei.

“Não, meu amigo, você poderia me julgar um hóspede perigoso. Tenho meus planos, e tudo correrá bem. As coisas foram tão longe que podem se mover sem

a minha ajuda no que diz respeito à prisão dele, embora minha presença vá ser necessária para uma condenação. É óbvio, portanto, que o melhor que tenho a fazer é me ausentar pelos dias que restam antes que a polícia esteja livre para agir. Assim, seria um grande prazer para mim se você pudesse ir para o Continente comigo.”

“A clínica está calma”, respondi, “e tenho um vizinho prestativo. Gostaria de ir.”

“E partir amanhã de manhã?”

“Se necessário.”

“Oh, sim, é extremamente necessário. Portanto estas são as suas instruções e eu lhe peço, meu caro Watson, que as obedeça literalmente, pois agora você está jogando em parceria comigo contra o mais esperto trapaceiro e a mais poderosa associação criminosa da Europa. Agora ouça! Você despachará para Victoria toda a bagagem que pretenda levar, por um mensageiro de confiança, sem endereço. De manhã mandará chamar um *hansom*, mas instruirá seu criado a não tomar nem o primeiro nem o segundo que se apresentem. Saltará nesse *hansom* e seguirá para a extremidade de Lowther Arcade contígua ao Strand, entregando o endereço ao cocheiro numa tira de papel, com um pedido de que ele não a jogue fora. Tenha pronto o dinheiro para pagar a corrida, e no instante em que seu carro parar, saia correndo pela Arcade, regulando o tempo de modo a chegar do outro lado às nove e um quarto. Encontrará um pequeno *brougham* esperando junto ao meio-fio, dirigido por um sujeito com uma grossa capa preta com um debrum vermelho na gola. Entre nele e chegará a Victoria a tempo de tomar o Expresso Continental.”

“Onde o encontrarei?”

“Na estação. O segundo vagão de primeira classe a partir da frente estará reservado para nós.”

“Então nós nos encontraremos no vagão?”

“Isso mesmo.”

Foi em vão que pedi a Holmes que pernoitasse em minha casa. Ficou evidente para mim que ele pensava que poderia atrair problemas para o teto que o abrigasse, e que esse foi o motivo que o impeliu a partir. Com algumas palavras apressadas relativas aos nossos planos para o dia seguinte, ele se levantou e saiu comigo para o quintal. Pulou o muro que dá para Mortimer Street e assobiou imediatamente para um *hansom* em que o ouvi se afastar.

De manhã, obedeci às injunções de Holmes ao pé da letra. Um *hansom* foi chamado com as precauções que impediriam que parecesse estar nos esperando, e segui logo após o desjejum para Lowther Arcade, que atravessei correndo tão depressa quanto pude. Um *brougham* esperava com um cocheiro corpulento enrolado numa capa escura; assim que embarquei, chicoteou o cavalo e disparou a toda para a estação Victoria. Quando lá apeei ele virou a carruagem e partiu de

novo sem sequer olhar na minha direção.

Até aí tudo havia caminhado admiravelmente. Minha bagagem esperava por mim e não tive dificuldade em encontrar o vagão que Holmes indicara, tanto mais que era o único no trem com a tabuleta “Reservado”. Minha única fonte de ansiedade foi o não aparecimento de Holmes. Segundo o relógio da estação, faltavam apenas sete minutos para partirmos. Procurei em vão a figura esguia do meu amigo entre os grupos de viajantes e os que faziam seu bota-fora. Não havia sinal dele. Passei alguns minutos observando um venerável padre italiano que tentava fazer um carregador entender, com seu inglês estropiado, que sua bagagem devia ser despachada para Paris. Depois, tendo dado mais uma olhada à minha volta, retornei ao meu vagão, onde vi que o carregador, apesar da indicação, dera-me meu decrépito amigo italiano como companheiro de viagem. Como era inútil explicar-lhe que sua presença era uma invasão, porque meu italiano era ainda mais limitado que o inglês dele, dei de ombros resignadamente e continuei a olhar para fora com ansiedade, à procura do meu amigo. Fui tomado por um calafrio à ideia de que a ausência dele podia significar que sofrera algum golpe durante a noite. As portas já haviam sido fechadas e o apito soara quando...

“Meu caro Watson”, disse uma voz, “você não se dignou sequer a me dar bom dia.”

Virei-me em incontável espanto. O idoso eclesiástico voltara o rosto para mim. Num instante as rugas alisaram-se, o nariz afastou-se do queixo, o lábio inferior deixou de pender e a boca de resmungar, os olhos opacos recobriram seu fogo, a figura encurvada se expandiu. Um segundo depois toda a armação desabou de novo, e Holmes desapareceu tão rapidamente como surgira.

“Deus do céu!” exclamei. “Que susto você me deu!”

“Todas as precauções continuam sendo necessárias”, sussurrou ele. “Tenho razões para pensar que estão na nossa pista. Ah, lá vem o próprio Moriarty.”

O trem já começara a se mover. Olhando para trás, vi um homem alto tentando abrir caminho furiosamente em meio à multidão e acenando a mão, como se desejasse fazer o trem parar. Mas era tarde demais, pois estávamos ganhando ímpeto rapidamente e, um instante depois, deixamos a estação para trás.

“Com todas as nossas precauções, você vê que escapamos por um triz”, disse Holmes, rindo. Levantou-se e, tirando a batina preta e o chapéu que haviam composto seu disfarce, guardou-os numa maleta de mão.

“Vi o jornal da manhã, Watson?”

“Não.”

“Então não soube do que houve em Baker Street?”

“Baker Street?”

“Puseram fogo no nosso apartamento a noite passada. Não houve grandes

prejuízos.”

“Céus, Holmes, isso é intolerável!”

“Devem ter perdido minha pista por completo depois que o homem do cacete foi preso. De outro modo, não poderiam ter imaginado que eu voltara para os meus aposentos. Evidentemente tomaram a precaução de vigiá-lo, e foi isso que trouxe Moriarty a Victoria. Você não teria cometido algum deslize na vinda?”

“Fiz exatamente o que você aconselhou.”

“Encontrou seu *brougham*?”

“Encontrei, estava à espera.”

“Não reconheceu seu cocheiro?”

“Não.”

“Era meu irmão Mycroft. Num caso como este, é uma vantagem movimentar-se sem precisar confiar num mercenário. Mas agora precisamos planejar o que faremos com Moriarty.”

“Como este é um trem expresso e o barco viaja em conexão com ele, eu diria que nos livramos dele de maneira muito eficaz.”

“Meu caro Watson, é evidente que você não compreendeu quando eu disse que esse homem pode ser situado no mesmo plano intelectual que eu. Fosse eu o perseguidor, você imagina que iria me deixar desconcertar por obstáculo tão insignificante? Por que, então, o depreciaria tanto?”

“Que fará ele?”

“O que eu faria.”

“E o que você faria?”

“Usaria um especial.”

“Mas ele chegará atrasado.”

“De maneira alguma. Este trem para em Canterbury; e o barco sempre sai com pelo menos um quarto de hora de atraso. Ele nos alcançará lá.”

“Parece que nós é que somos os criminosos. Providenciemos para que seja preso ao chegar.”

“Seria estragar o trabalho de três meses. Pegaríamos o peixe grande, mas os menores escapariam da rede por todos os lados. Na segunda-feira, prenderíamos todos eles. Não, uma detenção é inadmissível.”

“Que fazer então?”

“Desceremos em Canterbury.”

“E depois?”

“Bem, faremos uma viagem através do país até Newhaven e de lá seguiremos para Dieppe. Mais uma vez, Moriarty fará o que eu faria. Ele irá para Paris, localizará nossa bagagem e esperará por nós durante dois dias na estação. Nesse meio-tempo nós nos presentearmos com um par de malas de mão, estimularemos a indústria dos países por onde viajarmos e seguiremos tranquilamente para a Suíça, passando por Luxemburgo e Basileia.”

Sou um viajante muito calejado para me permitir ficar seriamente incomodado pela perda de minha bagagem, mas confesso que fiquei aborrecido à ideia de ser obrigado a me esquivar e me esconder de um homem cuja ficha registrava infâmias indizíveis. Era patente, contudo, que Holmes compreendia a situação com mais clareza que eu. Assim, descemos em Canterbury, para descobrir que teríamos de esperar uma hora antes de poder pegar um trem para Newhaven.

Eu ainda olhava, cheio de pesar, para o vagão bagageiro que desaparecia rapidamente levando meu guarda-roupa, quando Holmes puxou-me pela manga e apontou para os trilhos.

“Como vê, já está por aqui.”

À distância, entre as matas de Kent subia uma nuvenzinha de fumaça. Um minuto depois um vagão com locomotiva pôde ser visto voando pela curva aberta que leva à estação. Mal tivemos tempo de tomar nosso lugar atrás de uma pilha de bagagem quando ele passou com estrépito e um rugido, jogando-nos um jato de ar quente no rosto.

“Lá vai ele”, disse Holmes, enquanto víamos o vagão sacudir sobre os trilhos. “Como vê, há limites para a inteligência dele. Teria sido um *coup de maître*^a se ele tivesse deduzido o que eu deduziria e agido de acordo.”

“Que teria ele feito se nos alcançasse?”

“Não pode haver a menor dúvida de que me faria um ataque homicida. Este é, no entanto, um jogo para dois. A questão agora é se devemos almoçar antes da hora aqui ou correr o risco de passar fome até chegarmos ao bufê de Newhaven.”

Conseguimos chegar a Bruxelas aquela noite e passamos dois dias lá, viajando no terceiro para Estrasburgo. Na segunda-feira de manhã Holmes telegrafou para a polícia de Londres e à noite encontramos uma resposta à nossa espera no hotel. Holmes rasgou o envelope e, soltando uma praga, jogou-o na lareira.

“Eu devia ter adivinhado!” gemeu. “Ele fugiu!”

“Moriarty?”

“Detiveram a quadrilha inteira com exceção dele. Ele lhes escapou. É claro que, tendo eu deixado o país, não havia ninguém para enfrentá-lo. Mas achei que havia posto o jogo nas mãos deles. Penso que seria melhor você voltar para a Inglaterra, Watson.”

“Por quê?”

“Porque passarei a ser uma companhia perigosa. Esse homem não tem mais ocupação. Se voltar a Londres, está perdido. Se conheço bem o caráter dele, dedicará todas as suas energias a se vingar de mim. Disse isso em nossa breve entrevista e acho que falava sério. Eu certamente lhe recomendaria voltar para a sua clientela.”

Esse apelo tinha poucas chances de sucesso junto a um velho companheiro,

além de velho amigo. Passamos meia hora na *salle à manger*^b de Estrasburgo discutindo a questão, mas na mesma noite recomeçáramos nossa viagem e estávamos a caminho de Genebra.

Durante uma semana encantadora perambulamos pelo vale do Ródano e depois, desviando-nos em Leuk, transpusemos o passo Gemmi, ainda coberto por espessa camada de neve, e assim, passando por Interlaken, chegamos a Meiringen. Foi uma viagem agradabilíssima, o delicioso verde da primavera embaixo, a neve virginal do inverno no alto; mas estava claro para mim que nunca, nem por um instante, Holmes esquecia a sombra que pairava sobre ele. Nas singelas aldeias alpinas ou nos desfiladeiros solitários das montanhas, eu sabia pela rapidez dos seus olhares e seu atento escrutínio de cada rosto que passava por nós que ele estava plenamente convencido de que, aonde quer que fôssemos, não podíamos nos livrar do perigo que nos perseguia.

Uma vez, eu me lembro, quando passávamos pelo Gemmi e caminhávamos pela margem do melancólico Daubensee, uma grande pedra que se deslocara do penhasco à nossa direita caiu com estrondo e rolou para o lago atrás de nós. Num instante Holmes escalou correndo o penhasco e, de pé sobre um pináculo elevado, virou o pescoço em todas as direções. Foi em vão que nosso guia lhe assegurou que a queda de pedras era um fato corriqueiro naquele ponto durante a primavera. Ele nada disse, mas sorriu para mim com a expressão de um homem que vê se cumprirem todas as suas expectativas.

Apesar de sua vigilância, contudo, ele nunca se mostrava deprimido. Ao contrário. Não me lembro de tê-lo visto em tão exuberante bom humor. Reiterou inúmeras vezes que, se pudesse ter certeza de que a sociedade ficaria livre do professor Moriarty, poria fim à sua própria carreira alegremente.

“Parece-me, Watson, que posso mesmo dizer que não vivi inteiramente em vão”, comentou. “Se minha folha de serviço fosse encerrada esta noite, eu ainda poderia examiná-la com equanimidade. O ar de Londres ficou mais puro graças à minha presença. Em mais de mil casos tenho consciência de que jamais usei meus talentos do lado errado. Ultimamente venho me sentindo tentado a considerar os problemas fornecidos pela natureza, em vez daqueles mais superficiais pelos quais nossa sociedade artificial é responsável. Suas memórias serão concluídas, Watson, no dia em que eu coroar minha carreira com a captura ou a eliminação do mais perigoso e capaz criminoso da Europa.”

Serei breve, mas ainda assim exato, no pouco que ainda tenho para contar. Não é um assunto em que me alongaria de bom grado, mas tenho consciência de estar no dever de não omitir nenhum detalhe.

Foi no dia 3 de maio que chegamos ao vilarejo de Meiringen, onde nos instalamos no Englisher Hof, então dirigido por Peter Steiler, o velho. Nosso anfitrião era um homem inteligente e falava um excelente inglês, tendo trabalhado por três anos como garçom no Grosvenor Hotel em Londres. A

conselho dele, na tarde do dia 4 partimos juntos com a intenção de cruzar os morros e passar a noite na aldeola de Rosenlauri. Recebemos injeções estritas, contudo, para não passar de maneira alguma pela catarata de Reichenbach, que fica a meio caminho sobre os morros, sem fazer um pequeno desvio para vê-la.

Na verdade, é um lugar assustador. A torrente, engrossada pela neve derretida, arremete num abismo tremendo, do qual o borrifo se eleva enroscando-se, como a fumaça de uma casa em chamas. O poço em que o rio se lança é uma cavidade imensa, cercada por pedras cintilantes, negras como carvão, que se estreitam num buraco espumante, fervente, de profundidade incalculável, que transborda e projeta a torrente por sobre seus lábios dentados. O bramido do longo e perene jorro de água verde e o silvo da trêmula e espessa cortina de borrifo que se levanta deixam um homem zozzo com seu constante turbilhão e clamor. Postamo-nos perto da borda, contemplando a cintilação da água que desabava, muito abaixo de nós, contra as pedras negras, e ouvindo o grito semi-humano que subia do abismo com o borrifo.

Uma trilha contorna a catarata até a metade, para permitir uma vista completa, mas termina abruptamente e o viajante tem de voltar por onde veio. Havíamos nos virado para fazê-lo, quando vimos um garoto suíço chegar correndo por ela com uma carta na mão. Ela tinha o timbre do hotel que acabáramos de deixar e era endereçada a mim pelo hoteleiro. Dizia que, minutos após a nossa partida, chegara uma senhora inglesa nos últimos estágios da consumpção. Ela passara o inverno em Davos Platz e agora viajava para se encontrar com amigos em Lucerna quando uma súbita hemorragia a surpreendera. Pensava-se que dificilmente viveria mais do que algumas horas, mas seria um grande consolo para ela ver um médico inglês, e se eu tivesse a bondade de retornar etc. O bom Steiler me garantia num pós-escrito que ele mesmo veria minha aquiescência como um grande favor, pois a dama se recusava terminantemente a ser atendida por um médico suíço e ele se sentia sob grande responsabilidade.

Um apelo como aquele não podia ser desprezado. Era impossível não atender ao chamado de uma compatriota que morria numa terra estrangeira. Tive escrúpulos, porém, quanto a deixar Holmes. Finalmente concordamos, no entanto, que ele conservaria o mensageiro suíço a seu lado como guia e companheiro enquanto eu retornava a Meiringen. Meu amigo ficaria por mais um tempinho na catarata, disse ele, e depois transporia devagar o morro até Rosenlauri, onde eu me encontraria com ele à tarde. Virando-me, vi Holmes encostado numa pedra, os braços cruzados, contemplando o ímpeto das águas. Era a última visão que eu teria dele neste mundo.

Quando me encontrava quase no fim da descida, olhei para trás. Era impossível, daquela posição, ver a catarata, mas divisei a estradinha sinuosa que contorna os ombros do morro e leva até ela. Nela, eu me lembro, avistei um

homem andando muito depressa.

Pude ver sua figura negra claramente delineada contra o verde atrás dele. Notei-o, e a energia com que andava, mas na pressa de chegar tirei-o da cabeça.

Devia passar um pouco de uma hora quando cheguei a Meiringen. O velho Steiler estava na varanda de seu hotel.

“Bem”, disse eu, chegando afobado, “espero que ela não tenha piorado.”

Um olhar de surpresa perpassou seu rosto, e ao primeiro estremecimento de suas sobrancelhas meu coração virou chumbo em meu peito.

“Não escreveu isto?” perguntei, puxando a carta do bolso. “Não há nenhuma inglesa doente no hotel?”

“É claro que não!” exclamou ele. “Mas o papel tem nosso timbre! Ah, isso deve ter sido escrito por aquele inglês alto que esteve aqui depois que os senhores partiram. Ele disse...”

Mas não esperei nenhuma explicação do hoteleiro. Apavorado, já corria pela rua do vilarejo e tomava o caminho que trilhara havia tão pouco tempo. Eu levava uma hora para descer. Apesar de todos os meus esforços, mais duas se passaram antes que eu me visse de novo na catarata de Reichenbach. Lá estava o bastão de alpinista de Holmes, ainda apoiado contra a rocha junto à qual eu o deixara. Mas não havia sinal dele e foi em vão que gritei. A única resposta que obtive foi minha própria voz reverberando num eco ribombante dos penhascos à minha volta.

Foi a visão daquele bastão que me deixou gélido e nauseado. Então ele não fora para Rosenlaui. Permanecera naquela trilha de noventa centímetros de largura, com uma rocha a prumo de um lado e o abismo a prumo de outro, até ser alcançando pelo inimigo. O jovem suíço também desaparecera. Provavelmente fora pago por Moriarty e deixara os dois homens juntos. Mas o que teria acontecido depois? Quem poderia nos dizer o que acontecera depois?

Fiquei tão aturdido com o horror daquilo que demorei um ou dois minutos para me controlar. Em seguida comecei a pensar nos métodos do próprio Holmes e a tentar aplicá-los na interpretação de sua tragédia. Mas, ai de mim, isso foi fácil demais! Durante nossa conversa não havíamos ido até o fim da trilha, e o bastão marcava o ponto em que ficáramos parados. A terra negra está sempre mole graças aos borrifos incessantes, até um passarinho deixaria seus passos sobre ela. Duas linhas de pegadas estavam claramente delineadas ao longo da extremidade final da trilha, ambas afastando-se de mim. A poucos metros do fim, o solo estava todo pisoteado num trecho de lama, e as sarças e samambaias que margeavam o abismo, quebradas e enlameadas. Deitei-me de bruços, tentando espreitar por entre os borrifos que me envolviam. Escurecera desde que eu saíra e agora eu só conseguia perceber aqui e ali a cintilação da umidade nas pedras negras, e lá embaixo, no fim do poço, o brilho da água agitada. Gritei; mas só aquele mesmo grito semi-humano da catarata me chegou de volta aos ouvidos.



“Um quadradinho de papel voou até o chão.”
[Sidney Paget, *Strand Magazine*, 1893]

Quis o destino, porém, que eu recebesse, afinal de contas, uma última palavra de saudação de meu amigo e camarada. Eu disse que seu bastão de alpinista fora deixado contra um rochedo que se projetava na trilha. Do alto desse penedo o lampejo de alguma coisa atraiu-me os olhos, e levantando a mão descobri que ele vinha da cigarreira de prata que Holmes costumava levar consigo. Quando a

peguei, um quadradinho de papel sobre o qual estivera pousada voou até o chão. Desdobrando-o, constatei que consistia de três folhas arrancadas de sua caderneta e dirigidas a mim. Era típico do homem que o endereço fosse tão preciso, e a letra tão firme e clara, como se tivessem sido escritos em seu gabinete.

MEU CARO WATSON,

Escrevo-lhe estas poucas linhas graças à cortesia de Mr. Moriarty, que espera que eu esteja pronto para a discussão final das questões que se interpõem entre nós. Ele acaba de me dar um resumo dos métodos pelos quais evitou a polícia inglesa e se manteve a par de nossos movimentos. Eles sem dúvida confirmam a elevada opinião que eu formara de suas capacidades. É um prazer pensar que serei capaz de livrar a sociedade de quaisquer efeitos ulteriores de sua presença, embora tema que isso vá custar o sofrimento de meus amigos, especialmente o seu, meu caro Watson. Já lhe expliquei, contudo, que minha carreira atingiu de todo modo um ponto crítico, e nenhuma conclusão possível para ela me poderia ser mais agradável que esta. Na verdade, para ser inteiramente franco com você, eu tinha certeza de que a carta de Meiringen era um embuste, e permiti que partisse convencido de que algum desdobramento deste tipo se seguiria. Diga ao inspetor Patterson que os papéis de que ele precisa para condenar a quadrilha estão no escaninho M., num envelope azul em que se lê “Moriarty”. Dispus de todos os meus bens em testamento antes de deixar a Inglaterra e entreguei-o a meu irmão Mycroft. Por favor apresente meus cumprimentos a Mrs. Watson e creia-me, meu caro companheiro,

sinceramente seu,
SHERLOCK HOLMES

Algumas palavras talvez bastem para contar o pouco que resta. Um exame levado a cabo por peritos deixa pouca dúvida de que uma luta física entre os dois homens terminou, como era praticamente inevitável naquela situação, na queda de ambos, agarrados um ao outro. Qualquer tentativa de encontrar os corpos seria absolutamente inútil, e lá, no fundo daquele medonho caldeirão de água em torvelinho e espuma fervilhante, haverão de jazer para sempre o mais perigoso criminoso e o mais eminente defensor da lei em sua geração. O rapaz suíço nunca mais foi encontrado e não pode haver dúvida de que era um dos numerosos agentes que Moriarty mantinha a seu serviço. Quanto à quadrilha, o público certamente se lembra de como as provas que Holmes acumulara desmascararam por completo sua organização e de com que intensidade a mão do morto pesou sobre eles. Sobre seu terrível chefe, poucos detalhes emergiram ao longo do processo, e, se fui compelido agora a fazer um claro balanço de sua

carreira, isso se deveu àqueles defensores imprudentes que tentaram limpar sua memória lançando ataques sobre quem sempre verei como o melhor e o mais sábio homem que conheci.



A morte de Sherlock Holmes
[Sidney Paget, *Strand Magazine*, 1893]

^a Em francês no original: “golpe de mestre”. (N.T.)

^b Em francês no original: a sala de jantar do hotel. (N.T.)